



Ajalon

É se o tempo parasse para você?

Uma noiva sem memória.
Um tempo perdido.
E Ajalon, um lugar de restauração.



Gardenia Yud



AJALON

Gardenia Yud

Blaze Editorial

2015

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma ou por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocopiagem, impressão, gravação ou por nenhum sistema de armazenamento de informação, sem a permissão por escrito da autora.

ISBN : 978-85-5776-001-1

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es),
proprietário(s) do Direito Autoral.

Ao meu AMADO,
que em sua Multiforme Sabedoria

abriu meus olhos

para a iridescência de seu Livro Sagrado.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - MERGULHO

CAPÍTULO II - NOVOS SABORES

CAPÍTULO III - SE VOCÊ PEDIR PÃO

CAPÍTULO IV - TEMPO DE COLHER MAÇÃS

CAPÍTULO V - SOMBRAS

CAPÍTULO VI - O SÉTIMO DIA

CAPÍTULO VII - DEUS SABE O FIM DESDE O PRINCÍPIO

EPÍLOGO

Deus colocou a eternidade no coração do homem.

Eclesiastes 3:11

INTRODUÇÃO

Aquela era minha regênese.

Era ser criado.

A sensação de conforto inefável e de segurança, fez com que me acomodasse ainda mais naquele espaço ínfimo e absoluto de amor, que rodeava minhas células e preenchia meus espaços vazios. Estava encapsulada e contida por sensações de uma beleza inexplicável. Jamais conheci momentos de tanta plenitude, pois não havia um *antes*. Havia, apenas, aquele instante único e sublime. A invocação de luz sobre as minhas trevas. Meu *Princípio*.

Eu pairava sobre um tempo infinito. Uma pausa. Estava num longo silêncio de *stasis*. Sem memória, sem palavras. Apenas o ressoar do Verbo em minha alma. O suficiente para mim. Meu ser envolto pelo mistério etéreo que presenteia leveza, completude e glória. Pelo sagrado.

Uma rede de fios harmoniosos e bem intrincados arquitetava a trama do abrigo prateado que me rodeava. Então, uma urgência inexplicável me envolveu. Um aperto em meu âmago deu-me a certeza de que era *o momento*. Senti-me impelida a avançar pela metamorfose que se operava em mim e me dava novos contornos. Meus olhos se abriram e contemplaram a luz irresistível que se formava e expandia diante do portão. Era persuasiva e me convidava a mergulhar. Recomeçar.

Não hesitei.

Então os fios, um a um, foram se afrouxando e rompendo, até restar somente um, tão fino e translúcido, que tornou-se, apenas em uma constrição, invisível aos meus olhos, mas forte o bastante para sustentar-me através de minha transição, e ir além, até onde estavam meus marcos. Envolveria meu corpo em seu centro, e estava enraizado à minha segunda pele. Tão intenso foi seu aperto, que me fez gritar e ansiar por algo, que, até então, era-me totalmente dispensável: ar.

Deixei-me conduzir através daquele nascimento sobrenatural. Sem choro e sem dor. Havia apenas uma certeza em mim: o tempo havia chegado.

Estiquei todo o meu corpo no novo espaço que havia surgido ao meu redor, desvendando sua novidade em meus movimentos e respirando o ar que expandia meus pulmões, forçando nova vida dentro de mim. Em minha exploração, meu pé direito roçou outra pele. Fria. Senti o contorno do tornozelo. O osso lateral, o calcanhar. Rolei para o lado e estendi minha mão alcançando o dorso sólido. Um novo limite.

Não estava mais só. Minha eternidade havia alcançado fronteiras.

Um longo suspiro saiu de meus lábios, estava desperta de meu profundo sono. Abri meus olhos, piscando-os algumas vezes, tentando acostumar-me àquela nova luz. Ergui-me lentamente, pois meu corpo reaprendia seu curso, como um rio que volta a correr em seu leito depois de uma longa estiagem, e enquanto atravessa seu percurso *sabe-se* rio.

Virei meu rosto, e o vi deitado. De costas para mim. Usava um jeans e camisa azul. Tinha apenas os pés nus, aqueles que eu acabara de tocar. Os cabelos eram castanhos e estavam desalinhados.

A pergunta inevitável surgiu: quem era aquele que havia invadido meu casulo, e me atraído para o portal da existência? Que havia forçado o meu retorno aquele espaço estarrecedor e material?

Tateei as paredes de minha memória e uma questão ainda mais intimidadora surgiu: Quem sou eu?

Durante a noite, busquei o amado
de minha alma.

Busquei-o e não o encontrei.

Cantares 3:1

CAPÍTULO I

MERGULHO

Joshua colocou as provisões na caminhonete, e antes de entrar, levantou os olhos e deu uma última checada no céu. O espesso cobertor acinzentado encobria o azul celeste, e assim seria por um bom tempo. Aquela não era sua época preferida do ano. Olhou para o velho relógio da praça — uma referência para os moradores da cidade, presenteado por seu fundador —, e depois para o seu. Surpreendentemente, havia sincronia entre eles, até mesmo nos segundos. Parecia estar, finalmente, fazendo as pazes com o tempo.

Sorriu para si mesmo por seu pensamento ingênuo. Mas nos últimos anos, estar na cadência da vida era-lhe tão incomum, que o fez refletir: não precisar ajustar seus ponteiros sempre que olhava para um relógio era uma novidade. Não sabia como conseguia manter seus compromissos em dia.

O vento começou a soprar mais forte e ele se apressou.

— Josh, a previsão do tempo é péssima. Não teme ficar isolado naquela cabana no meio do nada, sem saber quanto tempo a nevasca vai durar? — abordou Baptiste com seu inconfundível sotaque francês.

— Não se preocupe. Sinto-me confortável em minha “cabana no meio do nada”.

— Eu não tenho nada contra sua vida de recluso, mas pelo menos durante essa época você poderia ficar na cidade. Ao menos, mais próximo. Essas estradas são muito traiçoeiras, e mais ainda, durante tempestades.

— Conheço bem esta estrada e consigo chegar em casa antes que a nevasca comece. Se o celular não funcionar, ainda tenho o rádio. *Au revoir!* — sorriu e tocou levemente a testa com o indicador em uma despedida.

Baptiste ficou olhando até a caminhonete virar na direção oeste da estrada Mount Zion. Então, também foi para casa a fim de abrigar-se do frio intenso.

Josh pensava nas planilhas que ainda teria que imprimir e analisar. Orçamentos que precisavam ser revistos e pessoal novo que tinha que contratar. Os trabalhadores do ramo da construção eram

constituídos por uma população bastante flutuante. Alguns funcionários, que haviam trabalhado com ele em seu último projeto haviam pedido demissão e precisava encontrar outros o quanto antes, para que não houvesse percalços na nova obra que começaria em algumas semanas. Tinha muito trabalho para aqueles dias, e sabia, que, se a meteorologia estivesse correta, provavelmente os ventos acabariam com a rede elétrica. Até que iniciassem os reparos, ele já teria perdido um bom tempo. A dependência da tecnologia tinha suas desvantagens e ele esperava chegar em casa logo e prevenir-se.

Ligou o rádio.

O Departamento de Trânsito da Geórgia informou que algumas vias secundárias da I-75 foram interditadas, em virtude de Projetos em andamento, tais como restauração de pontes e nova sinalização. E devido a uma previsão de nevasca que afetará a Interestadual nas próximas 48 h, é importante que seja evitada...

Aqueles que já estão na estrada devem ficar atentos...

... principalmente as vias que levam ao norte do Estado...

Seria um longo inverno, pensou.

Voos foram cancelados...

A neve começou a cair, porém, o que mais o preocupava eram os ventos. Rajadas de alta velocidade não eram incomuns com aquele tempo. Não queria ser atingido por nenhuma árvore ou mesmo ter seu carro arrojado pelo ar como se fosse um brinquedo. Devia ter aceitado o conselho de Baptiste, pensou arrependido.

A voz do locutor começou a ser interrompida por chiados. Ele tentou sintonizar em outra estação, mas só conseguiu um ruído agudo de estática, então o desligou. Estava, agora, a dez minutos de sua cabana. Era um tempo relativamente longo para quem encontrava-se na iminência de uma nevasca. Ao entrar na região de Ajalon, os ventos tornaram-se mais furiosos.

Ouviu um estalido e ao olhar pelo retrovisor, viu uma árvore bloqueando a estrada. *Por um triz*, pensou. Ficou inquieto.

Então, após uma curva bastante acentuada, ele o viu.

Um veículo havia derrapado, rodado e batido em uma árvore, bloqueando um terço da estrada a sua frente.

Reduziu a velocidade e parou seu carro. Ficou observando a cena por um instante.

Há muito tempo, havia superado o passado, mas por uma razão que não pode compreender seu

coração se contorceu em angústia. Apertou o volante com força e manteve os olhos bem abertos, pois se os fechasse teria visões que não queria lembrar. Respirou fundo e controlou-se.

Pegou a lanterna no porta-luvas. Puxou a gola da blusa de lã sobre o nariz, o capuz de sua *parka* sobre a cabeça e saiu do carro rapidamente.

A rajada de vento cru o atingiu em cheio, fazendo-o enrijecer os músculos da mandíbula, e sua alta velocidade se opunha a que ele cobrisse a pequena distância entre os carros. Joshua baixou a cabeça forçando o corpo para frente até que chegou a porta do condutor. Limpou a superfície do vidro velada pela neve com a blusa e ligou a lanterna. Havia uma pessoa com a cabeça pendida sobre o volante.

O vidro da janela do passageiro havia quebrado com a colisão. Dependendo do tempo em que estivesse ali, já poderia ter desenvolvido uma hipotermia, além do trauma sofrido, ponderou preocupado.

Abriu a porta, e percebeu que era uma mulher, a condutora do carro. Apoiou a cabeça dela no encosto do banco e colocou parte de seu corpo para dentro do carro, esticando a mão para acionar o botão vermelho que desafivelava o cinto. Pegou o corpo imóvel, e carregou-o até a caminhonete, deitando-a sobre o banco traseiro. Entrou no carro, e certificou-se que respirava. Ficou aliviado ao perceber o movimento leve do seu peito. Sem perder mais tempo, partiu, antes que a neve o atolasse, irremediavelmente.

Ao mesmo tempo em que dirigia, tentava entrar em contato com o Resgate por telefone. Sem sucesso. Pegou o *two way* radio VHF e chamou por Baptiste.

‘Baptiste, Josh falando, copia? ’

Esperou.

Repetiu a tentativa de contato por mais duas vezes sem êxito, e concluiu que ele deveria ter largado o rádio em algum lugar.

Olhou pelo espelho retrovisor e tentou enxergar na mulher alguma reação. Um sinal de vida. Percebeu, então, a imprudência de sua atitude, — completamente arriscada. Focou na estrada. Ao chegar em casa, tomaria as atitudes necessárias.

Deus, permita que eu chegue sem mais incidentes. Ajude-a a resistir.

Quando viu a estreita entrada à esquerda da estrada, que levava em direção a sua cabana, sentiu alívio.

A fumaça ainda saía da chaminé. Ele havia alimentado o fogão à lenha, pela manhã, antes de sair de casa.

Parou o carro, removeu a mulher e levou-a para dentro.

Dispôs suavemente o corpo imóvel sobre a cama. Tirou as luvas, e colocou os dedos sobre a pele clara do pescoço dela buscando pulsação. Encontrou um ritmo tímido, quase imperceptível sobre

seus dedos. Estava fria, os lábios azulados e seu casaco úmido. Se já não estivesse hipotérmica, estava próxima disso. Levantou-se, e alimentou o fogão com mais lenha, e só então, começou a remover o casaco que ela vestia.

Perplexo, percebeu que por baixo do casaco, ela usava um vestido de noiva. Encontrava-se precariamente vestida para enfrentar aquele tempo. Ele puxou-lhe as botas pesadas e só então, removeu seu próprio casaco, botas e enfiou-se debaixo do cobertor, abraçando a desconhecida. Esfregou seus braços por alguns instantes e esperou que aquilo ajudasse pelo menos um pouco.

Um sopro sutilmente doce e balsâmico envolveu seus sentidos. Canela. Era a fragrância que ela exalava. Ficou imóvel por um instante apenas sentindo. Ela respirava suavemente. Seu peito subia e descia. Sentiu alívio. Então, observou o perfil branco e suave e viu o inchaço na testa.

Ela pode ter tido uma concussão, preocupou-se

Saiu de debaixo do cobertor e pegou o celular.

O sinal continuava ruim. Não conseguia completar a ligação.

Vestiu novamente seu casaco e foi até o quarto do andar superior. Abriu uma janela e foi golpeado violentamente por uma lufada de vento gélido. Seu rosto ardeu e ele escondeu-se um pouco para bloquear a massa uivante que o atingiu frontalmente, então fez a ligação. Fez algumas tentativas, mas ou o sinal era fraco ou ausente e não completava sua ligação. O rádio tampouco funcionou.

Tentou lembrar-se de alguma recomendação de primeiros socorros sobre traumas na cabeça. Alguma manobra amadora, que pudesse salvar a vida de alguém em perigo, em um momento desses.

‘Ridículo. Ele não era médico’, racionalizou para lidar com a ansiedade que se avolumava e turbava sua percepção. Precisava esperar até que pudesse realizar algum contato com o resgate ou com Baptiste. Ela tinha pulso e respirava. Esperava que isso, por si só, fosse um bom sinal. Não acreditava que a nevasca duraria mais de 24 horas. Quando os ventos diminuíssem, ele tentaria contato novamente. Até lá, oraria para que ficasse viva. Não queria passar pela traumática experiência de lidar com a morte de alguém que estava tão perto de si. Não, de novo.

Voltou para o térreo e contemplou o embrulho humano embaixo de seus cobertores. Uma curiosidade imensa cresceu dentro dele. Teria ela fugido do próprio casamento? Tinha escolhido uma péssima data para se casar. A previsão do tempo para toda aquela semana era desencorajadora. Mas, de uma coisa estava certo, não fora o clima, que a havia impedido de ir adiante com a cerimônia.

Sabia que era de Atlanta, ou pelo menos, vivia lá. Viu a placa do carro. Sua fuga — era essa sua primeira teoria —, trouxe-a longe. Seu descaso em vestir roupas mais adequadas demonstrava a urgência em deixar para trás seus planos. Ou será que havia sido abandonada e esquivava-se da vergonha e da dor?

Voltou para debaixo do cobertor e abraçou-a novamente. A pele estava morna. Compreendeu que ela não corria mais perigo de ficar hipotérmica. Afastou-se e rompeu o contato, que, de repente, pareceu-lhe íntimo demais. Deu-lhe as costas e focou-se nos elementos que se debatiam furiosamente fora da cabana, e, que por um instante, haviam convergido para colocá-lo ao lado daquela mulher: no vento

que bramava assustadoramente, na neve. No carro de Atlanta... ou era Flórida? O acidente...

Sua respiração foi ficando mais regular e profunda, até que adormeceu.

Sirenes. Luzes vermelhas. Virou de leve a cabeça. Sangue! A quem pertencia aquele sangue espalhado sobre o asfalto? Deborah... Ele a viu. Seu peito subia e descia, profunda e rapidamente. Desesperado, numa busca por vida. Pessoas se debruçavam sobre ela, tentando ajudá-la. Luzes ofuscaram seus olhos, e ele não a viu mais.

— Deborah! — ele gritou, levantando-se abruptamente, com o coração aos pulos. A angústia, sua velha conhecida, voltou!

Sua respiração ofegava, e ele tentou controlar as emoções perturbadoras.

Foi então, que sentiu a presença dela. Não a de Deborah, e sim outra.

Sentada, a mulher que havia resgatado do acidente na estrada, olhava para ele. Os olhos estavam assustados. Úmidos. Olhos cor de avelã. Desconcertantes.

— Deborah, sou eu?

Ele apenas a encarou, ainda confuso, — pelo sonho, por ela e pelo momento.

— É esse o meu nome?

Joshua estava sem palavras. Recuperava-se devagar e aquela nova presença exigia um rearranjo. Lentamente, foi relaxando, mas a tensão persistia na atmosfera.

Ela não lembrava o próprio nome?

— Não... quero dizer. Não sei. Você não se lembra? — perguntou suavemente.

Ela assombrou-se com a pergunta.

Eram iridescentes os seus olhos. Percebeu alguns poucos reflexos dourados espalhando-se na superfície brilhante e circular em ondas tumultuadas, à medida, que suas emoções afluíam.

— Como assim? Você não sabe meu nome?

Joshua entendeu seu conflito e angústia. Havia levado uma pancada na cabeça e acabara de acordar ao lado de um desconhecido, e talvez, imaginasse que tivessem algum tipo de vínculo. Esperava respostas dele.

— Não, mas... — ele a tocou de leve no braço, numa tentativa de transmitir-lhe conforto, mas ela afastou-se.

Ela passou a analisar atentamente o ambiente, numa tentativa de reconhecer algo. Olhou para si mesma, notando o vestido de renda e cetim, e por fim, voltou o olhar para ele, o homem que

presenciara seu irromper naquelas águas desconhecidas, em um *nascimento* espantoso. Sem perceber, sua respiração estava suspensa — numa apneia —, enquanto fazia seu mergulho de reconhecimento. Quem era? O que fazia ali? E quem era ele? Entreabriu os lábios e respirou profundamente. A única coisa, que sabia nesse instante de descobertas e imprecisão, era que, ele havia se tornado o elo, que a amarrava àquela nova realidade. O problema, refletiu, era que parecia tão perdido quanto ela própria.

— Você sofreu um acidente. Eu a resgatei... mas como estamos em meio a uma nevasca não houve como transportá-la para o hospital — Joshua explicou, tentando ser o mais compreensível e breve possível para não confundi-la ainda mais.

Ela mastigou suas palavras. Então, instintivamente levou a mão à cabeça, tocando o inchaço, e fez uma careta. O homem afastou sua mão da testa com gentileza.

— Melhor não tocar isso. Dói muito?

Ela acenou.

Ele levantou-se da cama e voltou-se para ela. Pegou o travesseiro que havia usado e colocou sobre o dela, para que se recostasse.

— É melhor que descanse. Quer beber alguma coisa. Um chá? — de repente, se deu conta que poderia não ser uma boa ideia que ingerisse ou comesse qualquer coisa naquele estado.

Ao invés de responder, ela perguntou:

— Quem é você?

— Joshua. Joshua Ketch. Agora descanse.

Joshua aproximou-se da cama e viu que ela dormia. Estava preocupado com o rumo dos eventos. Esperava, realmente, que seu esquecimento fosse algo transitório.

Lembrou-se de um amigo no colégio que jogava futebol e ao colidir de cabeça com outro jogador ficou confuso e perdeu a memória por algumas horas, mas foi, gradualmente, voltando ao normal. Na época, ele foi assistido por especialistas. Mas, confinados ali, havia pouco que pudesse fazer por ela.

Quando conseguisse chamar o resgate, iria até o carro procurar por identificações, assim poderia entrar em contato com sua família.

Foi até a cozinha e mastigou um pedaço de pão, enquanto escolhia que sopa faria para tomarem e espantar um pouco o frio. Por um instante, ficou em dúvida diante da escolha: aspargos ou batata? Rasgou o envelope de aspargos. Depois que se alimentou, despejou o líquido em uma tigela e levou-a até a sala. Faria com que ela se alimentasse um pouco, afinal já havia dormido bastante e sabia que não era bom deixar pessoas que haviam sofrido concussões dormirem demais.

Colocou a tigela sobre o criado-mudo e depois tocou-a no braço.

— Moça, acorde — chamou.

Como ela não respondeu, pressionou seu ombro, sacudindo-a de leve.

Os cílios tremeram. Ela deu um longo suspiro e abriu os olhos.

Ele tinha um sorriso vacilante.

— Está melhor?

Ela não sabia o que dizer. Se sentir-se melhor era saber quem era, não estava melhor.

— Não estou mais zozona.

— Isso parece bom.

— Mas minha cabeça ainda dói um pouco.

— Tenho alguns analgésicos que podem ajudar. Mas... você se lembra de algo, tipo... seu nome?

Tarde demais, ele percebeu que havia feito a pergunta errada. Notou a inquietação voltar ao seu rosto.

— Não tem pressa — sentou-se na beira da cama. — Já vi vários casos parecidos com o seu — exagerou. — Em um ou dois dias tudo vai voltar ao normal.

Pegou a tigela e ofereceu-lhe.

— Não sou nenhum Jamie Oliver na cozinha, mas sei fazer sopa instantânea de aspargos.

— Jamie Oliver? — ela franziu a testa lisa.

Ele suspirou. Percebeu que estava complicando as coisas para ela.

— É um cozinheiro famoso, mas... experimente.

Entregou a colher para ela e ficou observando.

Ela levou o caldo verde e viscoso à boca. Engoliu e depois tomou mais uma colherada.

— Se não fez careta é porque está bom.

Os lábios cheios se curvaram em um sorriso tímido.

— Você não vai se alimentar também? — perguntou.

— Eu já comi um pouco, enquanto você dormia.

O líquido salgado e quente serviu para esquentar, mas não tinha aroma ou sabor especial, ponderou crítica. No mesmo instante, sentiu-se culpada pelo pensamento ingrato.

— Obrigada... senhor Ketch.

Ele sorriu.

— Pode me chamar de Joshua. Assim que o tempo melhorar, vou pedir para rebocarem seu carro. Parece que não teve muitas avarias.

Quando terminou, ela quis alcançar o criado-mudo para depositar a tigela sobre ele, mas Joshua foi mais rápido e tomou-a de suas mãos. Foi até a pilha de lenha e acrescentou mais algumas ao fogão. Ela observava suas costas largas e movimentos, enquanto colocava um bule de ferro sobre as chamas do fogão à lenha. Recostou-se novamente nos travesseiros e ficou analisando cada ação, cada passo dele dentro da cabana rústica.

Sua mente focou-se nos gestos simples e regrados, tentando encontrar neles alguma familiaridade, que pudesse ser, para ela, um ponto de partida.

Ele sentiu-se observado. Esperou que ela falasse algo. Perguntasse alguma coisa, que o ajudasse a orientá-la, mas ela não disse nada. Também não sabia se era saudável que se engajassem em alguma conversa, então, ficou em silêncio e seguiu com sua rotina.

Sentia-se cansado, mas não queria simplesmente deitar-se ao lado dela, como se aquele fosse seu lugar. Esperou que ela adormecesse. Quando isso aconteceu, ele aproximou-se, deitou cuidadosamente para não acordá-la e caiu em um sono pesado.

Suas mãos empurravam as paredes elásticas que queriam se fundir aos contornos de seu corpo. Espremiam-na, sufocando-a. Ela esticou a perna com violência, tentando romper a membrana com os pés, pois suas mãos eram fracas demais para tal. Foi então, que mãos fortes a resgataram de seu conflito.

Ela abriu os olhos e saiu da escuridão.

Joshua estava ao seu lado ajoelhado sobre o cobertor. Uma mão sobre seu ombro e a outra apoiava sua face de lado sobre o colchão. Ao perceber, que o corpo não se debatia mais em convulsões, que ela havia aberto os olhos, e estava consciente, ele perguntou.

— Você está bem?

Ela colocou a mão sobre o peito num gesto de desalento. *O que havia com aquele corpo? A quem ele pertencia?* Sua cabeça estava dolorida e uma angústia eclodiu em seu peito. Quis fugir, sem saber exatamente de quê. Em vez disso, colocou as mãos sobre o rosto, angustiada.

— Você vai ficar bem — disse ele assustado. *Ela precisava ser levada a um médico o mais rápido possível.*

— Baptiste, aqui é Josh, copia?

Esperou pelo que parecia uma eternidade, então ouviu a voz entrecortada do outro lado.

— Josh, aqui é Baptiste, copia.

Finalmente.

— Baptiste, estou numa situação de emergência, copiou?

— Josh, vou enviar resgate. Alguém ferido?

— Baptiste, há uma pessoa ferida. Copiou?

Não houve resposta imediatamente. Apenas, chiados.

— Baptiste, há uma pessoa ferida, copiou? — repetiu.

— Josh, copieei.

— Baptiste, há uma árvore bloqueando o caminho.

— Josh, não se preocupe. Estamos chegando.

Quase 52 h de espera. Mas, eles, enfim, chegaram.

— Não há nenhuma identificação dentro do carro, Josh. Parece que a mulher misteriosa que você encontrou, dirige sem carteira de habilitação ou documentos de carro. Talvez, ela até tenha roubado esse veículo — cutucou Baptiste com um olhar intrigado.

— Ela não me parece uma ladra — falou Josh exasperado com o comentário do amigo.

— Por enquanto, não sabemos nada sobre ela. Apenas que, talvez... seja uma noiva. Uma noiva ladra. Quem sabe?

— Vou até a cidade — Joshua esquivou-se aborrecido dos comentários do francês.

Entrou na caminhonete 4x4, e dirigiu-se para o hospital de Terra Nova. Baptiste o seguiu em seu carro, mas ao chegarem à entrada da cidade, ele prosseguiu para sua casa.

A cidade adormecia debaixo da neve.

Josh desceu do carro, apressou-se até a recepção e perguntou a atendente sobre a moça que havia dado entrada, devido a um acidente na estrada de Mount Zion.

— Nome, por favor.

— Ela não tem nome... quero dizer ela não se lembra.

— Ah... ela está na enfermaria 3. Vá até o final do corredor, vire à direita e verá a sinalização.

O hospital estava praticamente vazio. Ele percorreu impaciente a distância até a enfermaria indicada

e parou diante do posto de enfermagem. Um atendente de aspecto cansado levantou os olhos de alguns papéis a sua frente e os fixou em Josh.

— A moça acidentada e sem memória que deu entrada há pouco... gostaria de vê-la.

— Quinto leito — respondeu lacônico e voltou sua atenção para a atividade que realizava antes da chegada de Josh.

Ele caminhou pelo corredor, passando por camas vazias, e ao chegar à divisória do leito onde ela estava, viu pelas brechas da cortina que resguardava frouxamente sua privacidade, que estava sendo examinada por um médico. Dr. Michael Brown era um velho conhecido seu e um dos mais antigos médicos da cidade. Joshua não trocava sua sabedoria e experiência pela de nenhum outro médico mais jovem. Ele havia sido médico de seu pai, salvando sua vida quando teve seu primeiro infarto, mas infelizmente, durante uma viagem a trabalho, teve um ataque fulminante, vindo a falecer.

Ao perceber, que ela olhava por cima de seu ombro e sorria, o médico virou-se para ver de quem se tratava.

— Ei, Joshua, você por aqui?

— Olá, Dr. Brown. Vim saber notícias de sua paciente.

— Oh, então, foi você quem a encontrou?

— Sim. Eu queria tê-la trazido antes, mas foi praticamente impossível por causa da neve e condições da estrada.

— O clima está muito ruim, mesmo. Mas, quanto a ela, aparentemente não há nada grave. Vou pedir para que seja realizada uma tomografia e deixá-la em observação, para ter uma ideia de como evoluirá, e depois... — ia dizer, ela poderá ir para casa. — Ela poderá deixar o hospital.

O médico dirigiu-se até o posto de enfermagem e Joshua o seguiu.

— Dr. Brown, ela vai recuperar a memória, logo?

O outro olhou-o sério.

— Espero, que sim. Geralmente quando a perda de memória ocorre por causa de pancadas e o trauma não é tão grave, a recuperação não é longa. Vamos esperar. O retorno deve ser gradual. Minha preocupação é que não há familiares. Ela não tem identificação nenhuma. Isso pode dificultar um pouco o retorno da memória, pela falta de elementos comuns a ela. Entende?

— Sim, claro.

— Temos que identificá-la de alguma forma, eh... Não sei como chamá-la, mas temo que qualquer componente novo e diferente prejudique a recuperação de sua memória antiga e a confunda. Precisamos esperar, até que a polícia encontre alguma pista sobre quem ela é.

— Entendo. E até lá. O que faremos?

— Bem, ela não pode ficar aqui no hospital indefinidamente — e olhou para ele significativamente. —

Você é o que ela tem de mais próximo, ao que podemos chamar de... familiar. Ou melhor, confiável. Ela me pareceu sentir-se confortável com você. Escute, Josh... não quero que sintasse pressionado, e tentaremos fazer arranjos, mas não podemos abandonar essa moça a própria sorte.

— Jamais pensaria em fazer isso — disse diante da insinuação do médico. — Mas conhece o lugar em que vivo. E eu trabalho o dia todo. Bem, não sei, eu... eh... quem sabe tia Charlotte. Posso falar com ela. Não é, que eu não a queira comigo, só não sei, se é apropriado. Eu não sei como agir com ela.

Dr. Brown sorriu indulgente para ele e deu-lhe uma tapinha nas costas.

—Você aprende. Tenho que ir agora. Você será avisado quando ela tiver alta, então, poderá vir buscá-la — o médico afastou-se, deixando para trás um homem preocupado.

O atendente levantou o olhar para Joshua e sorriu condescendente. — É nisso que dá ser bom samaritano — concluiu entredentes.

— Meu filho, eu não saberia o que fazer com essa moça em minha casa — Joshua ouviu a tia dizer ao telefone. — Ela precisa de algum cuidado especial? Esse seu pedido é bastante incomum. O Bistrô não funcionará durante essa semana, mas assim que todo esse caos provocado pela neve passar, tenho que me reorganizar. Ela não tem parentes ou familiares conhecidos? É preciso colocar a polícia para investigar a vida dela. Qual é o tempo de recuperação dessa enfermidade?

A tia falava sem parar e demonstrava não estar muito disposta a aceitar seu pedido.

— Está bem, tia. Eu compreendo. Ela poderá ficar comigo esses dias, mas depois, se eu precisar de ajuda... Olha, ela não é uma pessoa incapaz, nem sei se podemos chamar de *enfermidade* o que ela tem. Ela só está sem memória.

— Claro, meu querido. Se você precisar de ajuda, verei como posso ajudá-lo. Um abraço.

Ele despediu-se.

A tia sorriu ao desligar o telefone. Pareceu a ela que nem toda a inconveniência que a presença da jovem gerava o fazia esquivar-se da responsabilidade. Talvez, pensou ela, fosse um bom sinal.

— O ermitão está descendo a montanha — disse à amiga que tomava chá em sua casa.

Ela vestia roupas mais apropriadas para o frio. Seu semblante estava mais relaxado, mas a expressão de incerteza em seu olhar ainda estava presente. Ao ver o rosto conhecido, sorriu. Ele se aproximou dela com as mãos nos bolsos:

— Espero que eu não tenha demorado muito.

— Você chegou bem na hora. Desculpe-me por estar sendo imposta a você dessa forma — acrescentou constrangida.

— Não... — ele removeu as mãos do bolso, mas parecia não saber o que fazer com elas. — Você não vai atrapalhar em nada, só sinto que não possa oferecê-la nenhum conforto em minha casa. Quero dizer, na cabana onde moro. Dizem por aí, que sou o homem da caverna.

— Você não parece com um. Mas, obrigada, por me receber, Joshua.

Ele sorriu.

— Vamos?

Ele caminhou ao seu lado até o carro e abriu a porta para ela, depois rodeou o veículo, e entrou.

Não ligou o som do carro. Colocou as mãos sobre a direção e tamborilou-a com os dedos. Mas não ligou o carro. Queria perguntá-la algo, mas estava um pouco constrangido. Demorou um pouco, mas tomou coragem

— Eu estava pensando. Como vou chamá-la? Dr. Brown acha que dar uma identificação nova a você pode atrapalhá-la, mas... eu preciso chamar você por algum nome.

— Como você gostaria de me chamar?

Ele olhou para ela surpreso e intimidado pela missão, — pode me dar sugestões, disse ele.

— Será que eu sou a primeira pessoa no mundo que vai escolher o próprio nome? — ela sorriu.

— A primeira, não. Muita gente muda de nome. A maioria das celebridades, hoje em dia escolhe um nome novo.

— Mas meu caso é um pouco diferente. Eu não me lembro do meu nome antigo.

— Que tal o nome de uma flor?

Ela sorriu.

— Acho que você já tem algo em mente, não é? Qual é sua flor favorita, Josh?

— Lírios.

— Então, eu vou ser Lily. Em sua homenagem — ela sorriu para ele.

— Obrigada, Lily. Fico muito feliz com sua homenagem. — sorriu para ela, mas um sentimento desconfortável se alojou nele. Por sê-lo desconhecido, ele não soube identificar, mas decidiu por encobri-lo da forma mais polida que conhecia, até que ela recuperasse a memória ou encontrasse outro lugar para se abrigar. Olhou pelo retrovisor do carro, manobrou-o e dirigiu-se para Ajalon.

A não ser pelas roupas que vestia, cedidas no hospital por uma das enfermeiras, e pelo enigmático vestido de noiva, Lily não tinha outros pertences. Josh se pegou imaginando como suas roupas caberiam em alguém que tinha dimensões tão menores que a dele. Então, resolveu o impasse abrindo o guarda-roupa que ficava no quarto do piso superior diante dela:

— Se achar algo que lhe sirva pode vestir.

Por um momento ela o encarou de forma estranha, deixando-o constrangido. *Será que tinha feito algo errado?*, pensou ele.

Lily não tinha recordação de seus relacionamentos passados, mas perguntava-se, se as pessoas eram sempre generosas como Joshua, ou atenciosos como os que ela havia encontrado no hospital. Embora Terra Nova fosse um lugar desconhecido, não se sentia ameaçada, como quando ‘despertou’ naquele lugar.

— Obrigada.

— Eu vou dormir aqui em cima. A sala é mais aquecida por causa do fogão.

— Isso não é justo. Posso ficar aqui.

Ele respondeu lacônico:

— Não, não pode.

— Não há necessidade de você sair de seu lugar por minha causa. Estou acostumada ao frio.

Ele enrugou a testa, achando suas palavras estranhas.

— Já está decidido, Lily.

Eles desceram a escada e ela olhou ao redor, analisando o que antes lhe havia escapado.

Havia um único e amplo cômodo no térreo que era dividido em sala e cozinha. Uma bancada retangular delimitava a cozinha da sala, e três armários cobriam a parede. A sala era, também, o quarto de Josh. Havia uma cama *king size* com um criado-mudo ao lado, e, de frente para ela, e bem no ângulo da parede estava instalado um fogão à lenha de ferro fundido. Uma escrivaninha de madeira grande e retangular do outro lado da sala estava coberta por papéis e por um computador. Na lateral da cozinha estava a escada que tinham acabado de descer e levava ao piso superior, onde havia um único quarto e banheiro.

Tudo muito rústico e espartano. A única mobília, que parecia um pouco mais sofisticada era uma poltrona reclinável em couro verde escuro, que ficava próxima à cama.

A cabana anunciava que ali vivia um homem só. E sentia-se confortável desta forma.

Lily, de repente, sentiu-se incomodada.

— Estou invadindo sua privacidade.

Uma urgência em descobrir-se, brotou em seu peito. Era uma intrusa, necessitando da boa vontade de

um desconhecido. Um sentimento de orgulho, surgido, não sabia de onde, emergiu. Sentimento esse, bastante inadequado, dada a condição na qual a vida a tinha lançado. Sua atual indignação era um fato. Teria que viver do favor de alguém, até que descobrisse quem era.

— Não tem problema. Será apenas por uns dias — disse ele honestamente. — Olhe, faça de conta que a casa é sua.

As palavras dele não a fizeram sentir-se melhor. Mas ali, ela pressentiu, era o melhor lugar para estar, então engoliu o orgulho.

Ele foi à cozinha e começou a remover ingredientes e panelas do lugar.

— Vou preparar alguma coisa para comermos.

Ela se aproximou ansiosa.

— Acho que posso fazer isso.

— Você quer cozinhar? — ele expressou o remedo de um sorriso.

— Sim, claro. Todo mundo sabe cozinhar. Posso?

Ele ia dizer que nem todo mundo sabia cozinhar, em vez disso, saiu do caminho e disse:

— Fique à vontade.

Essa ele queria ver, pensou.

Notara que ela sentia-se aturdida. Deslocada. Não só em sua casa, mas dentro dela mesma. Então, estava decidida a ser útil cozinhando para ele. Tinha plena consciência que seus conhecimentos culinários se reduziam a coar café, passar manteiga no pão, comidas congeladas e sopas instantâneas. Ia sobrevivendo. Mas imaginava se ela, naquele estado de confusão em que se encontrava, saberia a diferença entre sal e açúcar.

Ele estava apoiado na bancada, de braços cruzados, olhando para ela.

Lily percebeu. Foi até ele, pegou-o pelo braço e gentilmente começou a empurrá-lo para fora da cozinha.

— Não posso fazer isso com você me olhando. Procure o que fazer e esqueça que estou aqui.

— Você quer ser independente. Entendi — provocou ele.

Lily voltou à cozinha e começou a abrir armários. Tirou caixas, identificou ingredientes e, para sua felicidade, percebeu que sabia ler. Cheirou uma coisa e outra. Experimentou e reconheceu sabores.

— Quero café. Vou aí fazer — disse ele, morrendo de curiosidade e querendo entrar na cozinha para ver o que ela fazia.

— Pode deixar que faço.

Ele começou a se perguntar, se seria obrigado a tomar o café dela todo dia, para ser educado. Queria

inclusive saber, se ela saberia o que era café. Ficou atento para a necessidade de ele precisar apagar algum incêndio. Como iria explicar a ela que não achava seguro que ela brincasse na cozinha dele. Aproximou-se e viu quando ela colocou os grãos na máquina. Suspirou com alívio. Parecia que ele a estava subestimando.

— Já pensou em ter cebola e alho em sua cozinha? — ela perguntou casualmente.

Ele a olhou com estranheza e depois disse:

— Eu tenho.

Abriu uma das portas do armário e de lá tirou um pacote com flocos brancos, misturados a folhinhas verdes escuras e secas.

Leu o rótulo para ela:

— ‘Alho, cebola e salsa.’

Ela pegou o pacote das mãos dele e olhou-o divertida.

— Eu acabo de me lembrar...

Ele ficou atento à revelação que ela faria.

— Seus aspargos também vem em envelopes. Você não compra nada fresco?

— Pra quê? O gosto não é o mesmo?

Josh notou que ela se lembrava de algo. Sua memória não estava completamente perdida: ela gostava de ironias e já estava fazendo uso delas.

— Parece que você se lembra de algumas coisas. Dr. Brown vai gostar de saber disso — deixou a cozinha e voltou a sua escrivaninha.

Lily ouviu a frase como se fosse uma previsão otimista de Joshua. Em breve, se lembraria de tudo. ‘De tudo’. Então, uma angústia repentina eclodiu dentro dela. Uma tristeza tão grande, que parecia querer engolfá-la. Ela levou a mão ao peito, e respirou profundamente. Ficou de costas para ele, pois não queria que percebesse seu estado. Subitamente uma nuvem escura pairou sobre sua cabeça. Apoiou-se sobre o balcão por alguns segundos, e fechou os olhos. Viu os abismos desconhecidos de sua mente se movendo diante dela, imobilizando-a. Um suor frio espalhou-se sobre a palma de sua mão. Ela obrigou-se a abrir os olhos para contemplar sua atual realidade, afastando desta forma as imagens turvas e desconexas, e sons e palavras sem sentido, que ameaçavam engoli-la. Refez-se e voltou à pequena tarefa que organizava seus pensamentos. Concluiu, em alguns minutos, a pequena refeição.

Dispôs duas tigelas sobre a bancada e despejou o líquido fumegante, cremoso e amarelado dentro delas. Removeu as torradas do forno. E o cheiro de manteiga e orégano espalhou-se pela cozinha, atraindo-o.

Ele sentiu água na boca. Mas foi cauteloso. Não sabia o que ia engolir. Ela colocou a tigela diante

dele e ficou esperando ele experimentar, ansiosa por sua opinião. *Não havia como esquivar-se daquele momento*, pensou ele. Suspirou e levou uma colherada do líquido a boca, e para sua surpresa e deleite, constatou que não era uma mistura grosseira e repugnante de ingredientes, e sim um creme de milho — que ele nem lembrava que tinha em seu armário —, com queijo, harmonicamente temperado. Simples e delicioso. Dificilmente desagradaria o paladar de alguém. Uma receita que deixaria tia Charlotte morta de inveja. E ela, praticamente, usara apenas seus *pozinhos* mágicos para conseguir aquela iguaria. Nada fresco. Ficou imaginando o que conseguiria com comida de verdade. Satisfeito, percebeu que não teria que fingir.

— Isto está realmente delicioso.

Os olhos dela brilharam de prazer.

— Fico feliz que tenha gostado.

Despejou o café na caneca dele e depois se serviu.

Comeram em silêncio.

Os olhos dela passaram discretamente sobre as mãos fortes e pela palma espatulada. Ele pegou uma torrada e a partiu, fazendo-a estalar, espalhando pequenas migalhas sobre a superfície de madeira. Mergulhou um pedaço no creme e colocou-o na boca. Ao terminar, calmamente, esticou o braço para pegar a tigela vazia dela e roçou-lhe a mão.

— Depois deste banquete, eu limpo.

— Quer vir comigo a cidade? — perguntou Josh. — Vou buscar suprimentos.

— Se importa se eu ficar?

— Claro, que não?

Lily ouviu quando Joshua deu a partida no carro e saiu.

Bebericou seu café, enquanto olhava a paisagem branca através da janela. Árvores nuas e dispersas se levantavam ao redor da cabana. Lanternas de ferro a gás penduradas em três postes de madeira, dispostos ao longo do caminho, sinalizavam a entrada, refletindo a luz opaca na atmosfera levemente enevoada.

Viu um movimento sutil entre as árvores.

Subindo o terreno inclinado, vinha um animal de corpo elegante, cabeça delicada e graciosa, e pernas longas e garbosas. Sua visão a fez segurar o ar nos pulmões, como se estivesse vislumbrando um arauto do outro mundo. O animal solitário caminhava lentamente em direção a cabana. Mesmo sabendo que era observado, não se esquivou. Prosseguiu até estar diante do alpendre. A luz de seus grandes e meigos olhos atingiu os dela, como se estivesse a iluminar sua alma. Um doce enlevo a inspirou. Da mesma forma como chegou, partiu. Discretamente.

Lily deixou a janela e voltou sua atenção para o interior da cabana.

Havia um agasalho de Josh em cima da poltrona. Ela o recolheu e subiu as escadas. Contemplou através da porta de vidro da varanda, a paisagem que dava para uma ravina, onde um grupo de velhos cedros brancos e altaneiros, — testemunhas de tantas histórias passadas —, se destacavam no cenário. Virou-se e viu uma camisa solta sobre a cama estreita onde ele dormia. Dobrou as duas peças de roupa e as dispôs sobre o colchão. Caminhou até o guarda-roupa, e ao abrir a porta foi, imediatamente, atingida pela imagem de uma mulher. Ela a encarava em espanto, com uma mão pousada levemente sobre o peito. Lentamente, foi absorvendo aquele reflexo desconhecido. O seu.

Tocou as bochechas. A face lisa e pálida. *O que estava escondido embaixo de sua pele?* Olhou dentro dos próprios olhos, tentando reconhecer a si mesma. Rastreou a superfície brilhante e clara, tateando por uma memória. Um pequeno fragmento que lhe direcionasse. O seu mundo vivido havia se desintegrado, sem deixar vestígios, a não ser, é claro, por seu vestido e carro.

Continuou o exame minucioso daquela imagem. As sobrancelhas sutilmente arqueadas. O cabelo solto, levemente ondulado e que lhe chegava aos ombros estavam desalinhados. Inseriu os dedos delgados e longos entre os fios tentando arranjá-los. Uma tentativa de deixar a imagem menos assustadiça e mais atraente.

Avaliou-se por inteiro. Seus olhos não conseguiam negar. Estava perdida.

Devagar, ela foi removendo cada peça de roupa até ficar apenas com a camiseta branca, roupa íntima e meias. A silhueta levemente voluptuosa não dizia nada. Em um gesto instintivo, inclinou-se e deslizou a mão sobre a meia direita, empurrando-a para baixo até encontrar uma pinta na face lateral externa de seu tornozelo. Marrom, alongada e com uma leve ondulação, tinha a forma de uma pequena chama de vela ao vento.

Um sinal. Talvez, mais que isso: uma revelação.

Absorveu a descoberta e então, recolocou suas roupas. Depois, pegou o agasalho e camiseta dobrados e os colocou sobre o topo da pilha de roupas na prateleira.

Voltou ao andar inferior e buscou algo que fazer *em sua* cozinha.

Joshua estacionou em frente à delegacia de Terra Nova.

Ao entrar, viu um policial lendo um jornal. Assim que pôs os olhos em Joshua, ele levantou-se:

— Em que posso ajudá-lo?

— Bom dia. Sou Joshua Ketch e fiz o resgate da mulher acidentada na estrada de Mount Zion, na região de Ajalon. Gostaria de saber se já possui alguma informação a respeito de sua identidade. Ela teve alta do hospital, mas está apresentando amnésia.

— Oh...como vai, Sr. Ketch?

— Bem, obrigado.

Ele pegou um caderno de anotações e tirou uma caneta do bolso da camisa e voltou-se para Josh.

— A verdade é que não demos início a nenhuma investigação sobre ela. Não acreditávamos que era algo que necessitava de uma sondagem. Quando foi internada, já consciente, pensamos que sairia logo e bem. O fato que o senhor está apresentando para nós, é novo. Deixe ver. O senhor afirma que ela não se lembra de nada?

Joshua escondeu a impaciência.

— Exato. Ela não se lembra de nada. Está sendo acompanhada pelo Dr. Michael Brown.

— Ela ainda está internada?

— Não — disse ele um tanto constrangido. — Está hospedada em minha casa.

Percebeu quando o policial levantou uma sobrancelha.

— O médico acredita que é melhor para a recuperação dela — comentou, sentindo raiva de si mesmo por estar se explicando.

— Está bem, Sr. Ketch. Deixe seus contatos. Se tivermos qualquer informação sobre sua amiga, ligaremos para o senhor.

— Obrigado, policial...

— Cartwright. Policial Cartwright.

— Vejamos o que há aqui.

Removeu o conteúdo dos pacotes que trouxe, espalhando-os sobre a mesa. Cebolas, alho, batatas e algumas hastes de couve-de-bruxelas eram uma tentativa de suprir a carência de sua cozinha em alimentos frescos.

— Achei que você ia gostar desses repolhinhos verdes.

— Couve-de-bruxelas — corrigiu ela. — Gosto, sim.

Ele ficou intrigado. Por que não se lembrava de seu nome com a mesma facilidade? Em que compartimento de sua memória estava trancado?

Ela o ajudou a armazenar as compras e começou a tirar do armário as panelas que ia usar.

Joshua pegou um café e foi sentar-se diante de seu notebook.

Quando acabou, voltou à cozinha para deixar a caneca e ficou surpreso diante do quadro que se desenrolava a sua frente.

Lily fazia movimentos metódicos e rápidos ao picar a cebola. Desbastava, de um lado e outro. Escolhia posições geométricas precisas onde a faca descia e subia em um ritmo quase extasiado. O único cuidado que viu, foi o de apoiar as pontas do dedo sobre o bulbo a fim de evitar cortar-se no movimento. Aquela arte era-lhe completamente natural. Estava alojada em seu âmago. A couve-de-bruxelas teve o mesmo destino que a cebola.

Concentrada no que fazia, quase hipnotizada, realizava a tarefa sem perceber sua presença.

Pegou uma frigideira onde espalhou alguns pedaços bem pequenos de bacon, e esperou, até ser o momento exato de adicionar os outros ingredientes para que o aroma se expandisse pela cozinha. Ele teve certeza. Era uma *expert*.

Ela notou a presença dele e sorriu.

— Já pensou em ter azeite na sua cozinha? — perguntou ela casualmente.

— Prometo que vou considerar sua sugestão. Mas, por que? Não tem manteiga? — atçou a fagulha que podia desencadear lampejos em sua memória.

Ela franziu o cenho.

— Azeite é fundamental. Eu sempre...

— Você sempre...

— Eu gosto.

Uma mordida na alma. O apelo do enigma, sua solidão e a mulher que transitava em sua casa, o envolveram em uma teia de fios invisíveis. Suaves a ponto de ele poder romper em um instante, mas, misteriosamente irresistíveis para persuadi-lo a permanecer rodeado por seu fascínio. Foram tecidos de forma tão surpreendente, que ele não desejava se desvencilhar. Havia algo que seus sentidos naturais não conseguiam ainda captar, mas que flutuava de forma insuportavelmente provocante, diante de seus olhos. Imaterial e carregado de significado, que o instigava a querer descobrir o que havia no fundo da história de Lily.

Baptiste preocupou-se ao ver o olhar distante do homem a sua frente.

— Não diga nada para tia Charlotte, mas ela cozinha com arte. Nunca experimentei nada igual — os olhos apertaram-se, formando rugas de expressão enquanto ele sorria. Então, tomou um gole de café.

O homem de cabelos grisalhos, faces redondas e rosadas, inclinou-se um pouco sobre a mesa do *Café* onde estavam, e falou de forma cautelosa, para que, apenas Joshua ouvisse.

— Ela estava fugindo de algo. E não sabemos de quê — enquanto falava batia com o dedo indicador sobre a mesa de madeira. — Não precisa ser muito esperto para perceber isso. É só prestar atenção em todo o cenário. E, se for assim, ela pode ser perigosa.

— Você desconfiou de Lily desde a primeira vez em que a viu. Não consigo entender. Para mim, ela é completamente inofensiva.

— Lily!? É um belo nome. Quem foi que escolheu? — o homem mais velho balançou a cabeça de um lado para outro, e tinha um olhar irônico. *Realmente, seu amigo estava em apuros.* — Sou um homem vivido, Josh. Não é porque ela não tem memória, que é uma princesa pura de contos de fadas. Lily! — repetiu com deboche. — Até a uns dias atrás, você era um homem enfiado em uma caverna e agora resolveu agir como um adolescente? Seu caso é grave! Já pensou em se tratar?

— Não, não é nada disso, que você está imaginando — justificou-se, embora traindo uma ponta de emoção na voz. — Ela precisou de ajuda e eu estava lá. Não vou lançar uma pessoa sem memória e só, na rua. Ela não tem mais ninguém! Sabe o significado da palavra compaixão?

— Sei... mas, dependendo da situação, ela pode adquirir diferentes significados.

Joshua olhou através da janela. Depois, voltou-se para o amigo.

— Eu sei que a situação, vista de fora, desperta *curiosidade*. Às vezes, me pego tão intrigado quanto você, mas acho que... é uma mudança em minha rotina. Quem sabe um marco — ele sorriu. — É só conversar com você, que começo a falar bobagens. O fato é que ela vai recuperar a memória e vai partir. Fico imaginando esse dia, se ela vai ter um clique e outra mulher aparecerá em seu lugar. De qualquer forma, vai ser uma experiência.

Baptiste o olhava reflexivo. Estava cético diante daquelas palavras. Era óbvio que o surgimento daquela desconhecida havia revolvido seus sentidos. Ele havia ficado muito tempo contido em uma reclusão depressiva, e de repente, em um impulso, zarpava por águas escuras, através de uma névoa densa. Sem bússola. À deriva. Era óbvio que não ia acabar bem.

Em seu íntimo, Joshua se perguntava por qual motivo o destino havia deixado um mistério na soleira de sua porta. Uma presença vaporosa, tão pouco definida de sua própria identidade, mas que invadira sua intimidade e reordenava sua vida. Nem que quisesse poderia virar as costas e se afastar. Não conseguia explicar os detalhes daquela metafísica, mas para ele, bastava admiti-lo.

Despediu-se de Baptiste, pagou a conta e saiu. Atravessou a rua em direção a sua caminhonete e no momento em que ia entrar, ouviu o som de fogos de artifícios. Primeiro um, depois outro. *Mas não era dia, nem hora para celebrações.* Elaborou melhor, alguém caçava. Quando pensou em erguer a cabeça, para ver de onde vinha o som dos tiros de espingarda, sentiu uma dor lancinante em seu braço. Sim, eram tiros. E o alvo, era ele.

Arrastou-se para baixo da caminhonete a fim de se proteger. Alguns minutos depois, percebeu que pessoas corriam em direção ao seu veículo e uma delas era Baptiste. Ele agachou-se preocupado, buscando-o debaixo do veículo.

— Você está bem?

— Eu fui atingido — falou com dificuldades, devido à dor.

— Venha, saia daí.

Haviam dois homens ao lado de Baptiste, eles o ajudaram a chegar até o *Café*, e depois entraram em contato com a ambulância e a polícia.

Joshua só percebeu que havia levado um tiro na cabeça, quando o sangue começou a escorrer sobre seu olho direito. Ficou tonto, e acreditou que perderia os sentidos rapidamente. Teve medo. Quando a ambulância chegou, perceberam que o tiro havia apenas passado de raspão, e o segundo, transfixado seu ombro. Enquanto era levado ao hospital, pensou em Lily sozinha na cabana, e se preocupou.

Ao chegar à Emergência do hospital, Charlotte estava transtornada.

— Oh, meu Deus, Josh. Você está bem?

— Estou sim, mas foi por pouco.

Charlotte se perguntava quando o sobrinho teria paz novamente. Já havia sugerido que partisse, se escondesse em algum lugar. Mudasse de identidade. Muitas haviam sido as ameaças. Ele rira de todas elas, ‘são apenas bravatas, não as leve a sério’. Charlotte, às vezes, suspeitava que aquela atitude descuidada dele, era uma tentativa de acalmá-la, mas ela sabia do que seu perseguidor era capaz. Ele acabara de demonstrar que não esquecera que Joshua, um dia, fizera parte de sua vida, e deixara uma marca indesejável.

Baptiste chegou e cumprimentou Charlotte, depois voltou-se para Joshua:

— Ainda bem que não foi grave.

Charlotte balançou a cabeça nervosa e com lágrimas nos olhos.

— Ele deve ir embora daqui. Diga isso a ele, Baptiste — ela segurou o braço do homem, como que lhe implorando sua ajuda para convencer Josh.

O homem a olhou preocupado e segurou sua mão, tentando confortá-la.

— Acalme-se, tia. Não há necessidade disso.

— Ora, como não! Ele finalmente cumpriu a promessa que fez.

— Baptiste, faça-me um favor. Lily está só, ela precisa ser avisada de que não voltarei hoje — ignorou as palavras da tia.

— Não é melhor trazê-la para a cidade? Pode ser perigoso para ela ficar por lá.

— Não. Ele não irá incomodá-la. Não tem como entrar em Ajalon.

Baptiste ouviu aquelas palavras entre incrédulo e aturdido. Seus pensamentos queriam saltar de sua boca, mas ele os refreou por causa de Charlotte. Em algumas conversas que tivera com Joshua, compreendeu com inquietação, que ele atribuíra aquele lugar onde vivia uma aura mística.

Região fronteira com Terra Nova, Ajalon era rodeada por uma flora exuberante, fauna bela e selvagem, e correntes de águas límpidas e terapêuticas. Esses elementos, quase intocados pela mão do homem, mais sua localização, inspirava algumas pessoas, principalmente as de mentalidade mais arcaica — na opinião do velho francês —, a acreditarem que era povoada ou visitada por seres

celestiais, e era por isso, terreno superior, demarcado pelo divino.

Fábulas podem superar a realidade. Porém, nada havia de concreto para que aquelas crenças fossem levadas a sério. Nenhuma manifestação no mundo real, apenas, um estado de reverência que o lugar inspirava nas pessoas por sua beleza, espantosamente etérea. Era uma catedral sem paredes, sem teto, onde o alcance do Criador ia da mais minúscula criatura, que se confundia com a vegetação, tornando-se invisível aos olhos, até o céu que se aprofundava no universo, e tocava o infinito. Ajalon não inspirava limites, mas eternidade. Algo que abismava. Era compreensível que a beleza tocasse profundamente as pessoas, mas acreditar que aquele fosse um lugar com degraus para um domínio superior, ou era abusar da infantilidade ou loucura.

Para ele, fronteiras e limiares, tanto geográficos, como da alma, levavam algumas pessoas a alucinarem — faziam-nas acreditar no absurdo —, ouviam ou viam coisas e acreditavam que Deus falava a elas, principalmente, quando, como Josh, optavam pela solidão. Além de crédulo, não percebia quão perigosa eram suas convicções. Ainda mais agora, que seu inimigo demonstrava intenções firmes de vê-lo morto. Não eram mais meras palavras. Ele o perseguia como um predador. Nada o impediria. Não haviam escudos protetores invisíveis em Ajalon! Quando Joshua cairia na real? Acreditava que os grandes embaraços em sua vida deviam-se ao fato de que, uma vez que embarcava numa fantasia, ninguém mais conseguia alcançá-lo. Era verdade, que até aquele dia, Ajalon o protegera. Ele desaparecia naquelas matas sem temer, o que achava insanidade, mas agora era hora de despertar. Os acontecimentos que se desenrolaram naquele dia, comprovavam que ele estava vulnerável.

Concordava com Charlotte. Decididamente, Joshua devia sumir no mundo. Terra Nova, não era mais — por hora —, o seu lugar. Contudo, não queria alimentar mais ainda aquela fogueira. Agora, precisava inspirar confiança, para não deixar Charlotte mais nervosa, pois a situação, já era, por si só, muito tensa. Depois, prometeu a si mesmo, abordaria o assunto com ele e tentaria convencê-lo a ir embora dali.

— Joshua! Ajalon é tão perigoso para ela quanto o é para você. Chega disso! — Charlotte deu voz aos pensamentos de Baptiste.

— Tia, sei que a cabana não tem o conforto ao qual está acostumada, mas vá para lá e fique com Lily, até eu poder ir ter com vocês. Estará mais segura — falou calmamente como se não a tivesse ouvido.

— Não! Vou passar a noite aqui com você! E não pense que vou te deixar em paz, enquanto não te convencer a fazer as malas e partir.

A polícia chegou ao hospital para interrogar a Joshua a respeito de potenciais inimigos, e ele expôs suas suspeitas. Foi aconselhado a prestar queixas formais e esperar pela investigação do caso. Charlotte indignou-se. Achou a conduta policial muito vaga e a situação era urgente: Joshua havia sofrido um atentado no centro de Terra Nova, e tudo o que eles ouviam é que era necessária uma investigação? E que não sabiam por quanto tempo poderia se arrastar? — Quero proteção para meu sobrinho, agora! E se o agressor ainda estiver à espreita?

A despeito dos argumentos de Charlotte, de que não havia evidência maior que a agressão que o sobrinho havia sofrido para a necessidade de proteção, eles não cederam a seus apelos emocionados.

— Sinto muito, uma ordem judicial é necessária para que um policial permaneça aqui e ela só vem depois que a investigação estiver em andamento. Mas, se virem ou perceberem algo suspeito pode nos acionar, que viremos, imediatamente.

Não obstante à declaração dos policiais, um carro da polícia permaneceu do outro lado da rua, em frente ao hospital, — não oficialmente —, apenas para garantir que a ordem seria mantida. Terra Nova não tinha tantas ocorrências. Na verdade, crimes eram bastante raros na cidadezinha. A não ser por alguns incidentes casuais, geralmente envolvendo brigas em bares ou rusgas domésticas, a polícia tinha muito pouco ou nada a fazer.

As últimas semanas haviam sido de acontecimentos excepcionais, movimentando a polícia e causando uma excitação incomum entre os moradores. E, em todos esses eventos, Joshua havia sido o foco, despertando curiosidade em uns e desconfiança em outros.

Baptiste virou-se para Charlotte e declarou que iria até a cabana e depois voltaria, para permanecer com Joshua, então, ela também poderia ir para casa descansar um pouco. Inconformada como estava, e do auge de seu zelo materno — ainda que fosse apenas sua tia — declarou que montaria guarda na porta da enfermaria durante toda a noite, com ele ou sem ele. O francês deu de ombros, mas disse que voltaria.

Foi até a cabana e falou a Lily exatamente o que Joshua o havia pedido, evitando explicações específicas.

—Ele vai precisar ficar fora por uns dois dias, mas não se preocupe, está tudo bem — deixou um celular e orientou-a a ligar, se precisasse de algo.

Passivamente, Lily recebeu a informação, para manter a distância, que a situação incomum entre ela e Joshua exigia. Não iria usurpar uma posição que não lhe pertencia, exigindo mais explicações — não era sua mulher —, mas não digeriu a explicação artificial daquele homem carrancudo, e genuíno demais para saber mentir. Não questionou as palavras que saiam de sua boca numa casualidade, que seus olhos deixavam claro, não existir. Quando já estava sozinha a inquietação surgiu. Tomou conta dela. Não havia pedido o número do celular de Joshua por puro constrangimento, só tinha o de Baptiste, e para ele não ligaria mesmo! Nem se precisasse. Só esperava ver Joshua novamente. E logo, para poder sossegar.

Após sua alta, Joshua começou a se debater com um grande dilema: deixar Terra Nova ou não. Sua tia era contundente em sua opinião. Mas ele tinha motivos bastante convincentes para querer ficar, e o mais forte de todos era que aquela, era sua terra. Onde havia nascido. Era feito e moldado por aquele elemento. Não merecia maior exílio do que o que já se impunha.

Em seu coração tomou a decisão de ficar. Não aceitaria ser lançado para fora dali, sem rumo, e sem direção como se fosse um andarilho. Não meteria seu rabo entre as pernas e fugiria como um covarde. Já havia perdido muito. Bastava! A morte já havia se aproximado dele tantas vezes, que não a achava mais assustadora. Só era doloroso, quando ela arrebatava as pessoas que ele amava. Muitas

vezes quis trocar de lugar com elas, mas, não cabia a ele, a escolha.

Mal estacionou o carro, e Lily abriu a porta. A luz do interior da cabana refletiu sobre o chão da varanda.

Preparou-se para as perguntas que ela iria fazer ao vê-lo enfaixado e com curativos.

Removeu um pacote do carro com o braço sadio e percebeu os olhos inquisidores dela sobre ele, quando se aproximou.

— Trouxe seus repolhinhos verdes — disse ele, como se aquela fosse a informação mais importante que ele tinha a dar. — Aqueles, dos quais você gosta.

Passou por ela com a maior naturalidade e ouviu quando fechou a porta, e veio atrás dele.

— Você está ferido. O que aconteceu?

— Isso aqui foi um pequeno inconveniente. Um acidente.

Ele respondeu, sem dar muita importância, pois não queria discutir o assunto longamente com ela.

— Mas como?

Ela foi em sua direção para enxergar os curativos com mais clareza, e ouvir as explicações que tinha a dar, mas ele se afastou dela azedo.

— Por favor, Lily. Não foi nada grave, está bem? Vou tomar um banho e descansar um pouco.

Deu-lhe as costas e subiu as escadas.

Ela recuou magoada por ele excluí-la daquela forma de seus problemas, afinal, ele vivia os dela. Mas então, uma vozinha interior confrontou-a: *quem pensa que é?*. Ela já se intrometia o bastante. Invadiu sua casa e pairava de forma incômoda nos cantos de sua vida. Ele tinha direito a sua vida privada. Ela apenas passava, e logo deveria ir embora.

Jantaram em um silêncio constrangedor, até que, antes de ele se recolher, ela disse:

— Não precisa me dizer nada, mas se precisar de ajuda com os curativos pode pedir.

Ele se perguntou por que ela estava duvidando de sua palavra. Será que seus problemas eram tão gritantes assim?

— Obrigado.

Ele se levantou, desejou-lhe boa noite e sem mais nada a dizer, se recolheu.

Há tempo de plantar e de se arrancar o que foi plantado.

Eclesiastes 3:2

CAPÍTULO II

NOVOS SABORES

Além do vidro da janela retangular, ornamentada interiormente por cortinas curtas e franzidas de cetim caramelo, percebia-se profundidade no estabelecimento de medidas estreitas.

Sobre o vidro, lia-se em letras retrô dispostas em um leve arco: *Bistrot Nouvelle Saveurs*.

Uma porta alta e dupla de mogno com entalhes florais convidava a entrar. As tonalidades marfim, caramelo e canela que se combinavam nas paredes, toalhas de mesa e cortinas criavam um ambiente aconchegante e remetiam a um cardápio de sabores requintados.

Três candelabros suspensos em alturas diferentes davam um toque de sofisticação à iluminação, mas não arrebatavam a informalidade do ambiente, firmada por vigas de madeira aparente que cruzavam o teto alto e desciam pelas laterais das paredes. Pequenos castiçais de vidro âmbar estavam dispostos no centro de mesas quadradas, que se dispunham ancoradas em ‘L’ ao longo da parede. Três delas ficavam defronte à vidraça da fachada do restaurante, e as outras estendiam-se à margem mais longa até um biombo ao fundo, — onde estava pintada uma paisagem outonal com pássaros, galhos, ramos e folhas —, que delimitava graciosamente o espaço da cozinha.

O mobiliário era mínimo devido às proporções do local. Havia uma cristaleira em estilo rococó, do lado oposto às mesas, — onde era mantido um conjunto de porcelana inglesa com 223 peças e alguns poucos bibelôs —, e um balcão, cuja base feita de tijolos aparentes em marfim sustentava um *buffet* de madeira envernizada, onde pousava uma cafeteira italiana.

Fotos novas e antigas cobriam as paredes, completando assim, a decoração do bistrô de Charlotte.

Em uma noite fria, ao passar diante do restaurante, o transeunte era convidado pela luz bruxuleante das velas e pelo clima acolhedor.

Josh e Lily entraram no restaurante ainda fechado para os clientes:

— Tia Charlotte! — chamou Josh.

Uma mulher roliça, sorridente e com uma energia calorosa surgiu de detrás do biombo. Usava um suéter vermelhoescuro e calça bege. Óculos pequenos e retangulares descansavam sobre o nariz.

reto. Os cabelos tingidos de loiro escuro puxados em um coque e os grandes olhos azuis evocavam uma beleza clássica.

— Finalmente, vou conhecer Lily! — disse a mulher.

— Essa é tia Charlotte, Lily!

— Olá.

A moça tentou não parecer nervosa, mas estava. Era a tia de Josh, e sabia que seria submetida a escrutínio.

Charlotte percebeu seu desconforto e tomou-lhe as mãos de forma gentil.

— Seja bem-vinda, querida! Venha, quero te mostrar meu mundo de sabores.

Vagarosamente, guiou Lily até a cozinha, permitindo que ela olhasse cada canto do restaurante do qual tinha tanto orgulho.

Atravessaram o biombo e uma profusão de cores e cheiros atingiram Lily.

Havia temperos de todas as cores expostos em uma longa prateleira fixa a parede. Feixes de pimentões vermelhos amarrados e pendurados como um brinco na parede, e ervas frescas plantadas em pequenos vasos compunham a ornamentação. Alecrim, salsa, hortelã, majoricão e tomilho formavam um jardim na cozinha do bistrô.

Um aroma delicioso era liberado de uma panela, onde havia caldo de carne e verduras, já sendo preparado para a criação dos pratos, logo mais à noite.

O olhar de Lily foi atraído para um pequeno recipiente de vidro cheio de pequenas sementes. Instintivamente, aproximou-se e tocou-o. Fez menção de tomá-lo nas mãos, mas desistiu.

— Mostarda — Charlotte identificou-as para Lily, incerta sobre se ela as conhecia.

— Perfeito! — exclamou ela com uma expressão de deslumbramento. — Seu restaurante é simplesmente perfeito, senhora.

— Charlotte, querida. Pode me chamar de Charlotte. Realmente, eu me sinto feliz aqui. Faço o que amo. Sente-se. Vou fazer um chá para nós. Você tem alguma preferência?

— Hibiscos com limão — foi a resposta automática.

Joshua olhou para Charlotte significativamente.

— Que mistura especial! Deixe ver. Ah...hibiscos com limão. E você Josh, querido.

— Café para mim, tia.

— Você é impossível!

Enquanto preparava as bebidas, conversava com Lily.

— Vi esse menino crescer e desde bebê, em vez de uma mamadeira com leite, bebia café.

Todos riram do exagero.

A conversa girou entre as receitas de Charlotte, seu restaurante e Josh. Era uma tortura para a mulher acostumada a tirar informações das pessoas rapidamente, se conter diante da estranha.

Joshua, que conhecia a tia bem demais, a advertiu que o Dr. Brown recomendara que não forçassem o acesso às memórias de Lily, pois isso poderia desencadear uma ansiedade descontrolada nela, surtindo um efeito indesejado. Deveriam apresentar elementos que lhe trouxessem familiaridade, discretamente. E, principalmente, ele pediu, ‘não comente com ela o incidente que ocorreu na semana anterior’. Ela acreditava que seus ferimentos haviam sido causados por uma queda, enquanto fazia a inspeção de uma obra.

— Você ficou bem assim, Josh — a tia sorriu com os olhos brilhando. — Quase não o reconheci quando vi.

Joshua passou a mão pela face lisa e escanhoadada.

Lily sorriu.

— É verdade, quando acordei essa manhã mal o reconheci.

— Nem me lembrava mais de seu rosto. Parecia um urso debaixo de todo aquele pelo.

— Ora tia, não tem porquê exagerar.

— É verdade, Lily. Ele tem usado barba pelos últimos cinco anos. Não me leve a mal, querido, mas você parecia bem mais velho do que é. Agora rejuvenesceu quase 10 anos. É um menino de novo.

Lily olhou para Josh.

Apesar de apresentar fios prateados nas têmporas que se misturavam a massa de cabelos castanhos, era bastante jovial e atraente. Era verdade, que ao remover a barba identificara traços que antes não podia, como o maxilar forte, uma leve covinha que se formava apenas do lado direito de seu rosto quando sorria. Mas não achava que a barba desmerecia sua aparência de forma alguma. Era atraente de qualquer jeito.

Charlotte e Joshua perceberam que Lily o examinava longamente, sem nenhum acanhamento. Ele ficou sem graça e a tia sentiu-se vitoriosa. Calmamente, Lily bebericou seu chá e voltou-se para Charlotte sem se dar conta do que acabara de fazer.

— Minha querida, quero que venha mais ao meu restaurante. Se quiser, pode vir um dia me ajudar. Ver como funciona.

— Isso vai me dar muita satisfação — seus olhos brilhavam.

— Josh, quero que traga Lily à minha casa segunda à tarde. Tenho umas coisinhas para ela está bem?

Se despediram e deixaram o restaurante.

Durante o trajeto, Josh sentiu que Lily o fitava novamente. Sentia sua pele transfixada por seus olhos. Talvez, pensou ele, quisesse memorizar seu rosto sem a barba. Se havia ficado tão diferente, seu cérebro devia estar com dificuldades de se adaptar a seus traços. Olhava pelo espelho retrovisor externo para disfarçar o desconforto que o estava causando. Mas, em um dado momento, o apelo foi tão forte que ele não suportou e olhou para o lado vendo seu olhar pousado nele. Sentiu uma sensação morna e terna a envolvê-lo.

Então, a pergunta que veio a seguir, esfriou seu ser até a alma, quebrando todo o encantamento.

— Quem é Deborah?

Seu semblante, antes descontraído, ficou tenso. Um silêncio pesado roubou sua voz, que ele só reencontrou num infinito de segundos depois.

— É minha esposa.

Lily ficou processando aquela informação, que deslizava pelas reentrâncias mais profundas de seu cérebro, levando circuitos adormecidos a aflorarem. Um processo elétrico que desencadeou sentimentos que ela não se lembrava que existiam. Sentiu-se desconfortável. Seu coração contraiu pesaroso. Arrependeu-se por ter feito a pergunta. Desatou um laço e abriu uma caixa, libertando um espectro. Deu-lhe corpo, nome e possessão.

É minha esposa... A mulher que ele amava e por quem chamava em seus sonhos. Ele não usava nenhuma aliança e ela havia acreditado que ele era solteiro. Nunca viu nenhum indício na cabana de uma presença feminina. Ainda que tivesse partido em uma viagem, uma mulher sempre deixa um rastro. Será que o havia abandonado? E se voltasse e a encontrasse na cabana? Teria que deixar aquele lugar o quanto antes.

O silêncio os acompanhou até chegarem à cabana. Josh pegou seu notebook, levou para o andar de cima e pela primeira vez, fechou a porta que ficava entre ele e Lily.

Desde que se entendia por gente em sua nova vida, ela sentiu-se só.

Ele contemplou o círculo prateado ao redor da lua.

Era um homem satisfeito e realizado, mas uma súbita sensação de solidão ameaçou engolfá-lo. Voltou para o lado da mulher, a quem dera seu coração, sua palavra. Sua aliança. Ela dormia placidamente debaixo dos lençóis. Ao vê-la entrar resplandecente na igreja, com seu magnetismo e um sorriso radiante nos lábios sedutores, quase perdera o fôlego. Era um homem de sorte.

Estavam protegidos da temperatura fria, que embaçava o vidro do quarto luxuoso do sexto andar do hotel, onde estavam hospedados para a lua de mel. Contudo, ele a abraçou, buscando nela conforto contra o sentimento gélido, que percorria seu corpo e pela ausência que havia se instalado dentro de si. Ela acordou e aconchegou-se a ele, que a beijou enfatuado.

A casa de Charlotte era adorável e acolhedora, assim como sua personalidade. Com uma fachada branca, janelas de madeira verde provençal e teto tipo catedral, ela chamava atenção na silenciosa e pitoresca vizinhança.

Ela e Joshua subiram os degraus da varanda e esperaram até Charlotte vir abrir a porta.

— Entrem! Como tem passado, Lily?

— Bem, obrigada.

Ela os fez sentar, mas Joshua não ficou por muito tempo.

— Tenho que ir, tia. À tarde passo para buscá-la.

— Não, não venha. Lily irá me acompanhar até o bistrô, não é querida? Pode buscá-la à noite — virou-se para Lily. — Vai ver como é maravilhoso o movimento no restaurante. E quem sabe, não me mostra o que sabe fazer?

— Não vejo a hora de irmos.

Joshua deixou-as e Charlotte convidou-a até a cozinha para tomarem chá.

A casa não era grande, mas bem compartimentada, ideal para alguém que vivia só. Lily ficou a imaginar se Charlotte nunca havia casado, mas não teve coragem de perguntar. Olhou através da janela da cozinha e viu que a propriedade se voltava para uma área sem cercas e arborizada. Entre as árvores, avistou uma ponte branca sobre um lago.

— Quando Joshua era criança vinha para cá, brincar com os primos e amigos. Eu imaginava que um dia traria os filhos dele. Mas eu estava errada. Os tempos de festa dessa casa ficaram para trás. De vez em quando, algumas amigas do círculo do livro se reúnem aqui. Tomamos chá, jogamos conversa fora, e depois, o silêncio retorna.

Lily ficou desconcertada por ela estar compartilhando informações tão íntimas com ela. Mas, depois, percebeu que Charlotte era daquele jeito. Com ela não haviam segredos nem dissimulações.

— Ele perdeu os pais e depois ficou viúvo.

Viúvo?

— A vida foi dura com ele. Quase nove anos e parece que não consegue superar. Consagrou-se a uma vida isolada — ela suspirou.

— Eu sinto ouvir isso.

— Mas sempre há uma esperança, não é verdade?

— Claro — respondeu sem muita convicção. Será que a tia sabia que ele ainda estava profundamente *ligado* a falecida esposa?

— Venha, quero que veja umas coisas.

E guiou a moça até um dos quartos da casa. Sobre a cama estavam espalhadas diversas roupas femininas.

— Percebi que seu guarda-roupa é bem limitado. — sorriu. — Você não tem meu manequim, mas consegui algumas roupas com minhas amigas.

Lily olhou para ela, em espanto:

— São para mim?

— Claro! As que lhe servir.

— Eu não sei como agradecer o que vocês tem feito por mim, Charlotte — havia gratidão e melancolia em seu olhar. — Não sei por quanto tempo *essa situação* vai durar, mas quero... não... preciso encontrar uma forma de agradecer.

— Ora, que bobagem, não tem que se angustiar com isso. Vai perceber que as pessoas de Terra Nova sentem prazer em cuidar uns dos outros. E, depois, estou feliz que você tenha aparecido. Acredite, você trouxe um novo tempero a essa cidade.

Havia um burburinho entre os moradores, sobre quem poderia ser a estranha sem memória, hospedada na cabana em Ajalon. Às quintas à tarde, quando as amigas de Charlotte se reuniam em sua casa, recomendar livros e ler poesias haviam se tornado secundário à especulação sobre quem poderia ser Lily. Ela havia se tornado objeto da bisbilhotice das mulheres.

— Nunca, na história de Terra Nova, algo desse tipo aconteceu, moro aqui há anos... — dizia uma.

— Está enganada, Sarah. Não se lembra de Tom? Uns 20 anos atrás, mais ou menos? Desapareceu de casa com quatorze anos e reapareceu dez anos depois, dizendo que não se lembrava de nada. Marta, a mãe dele, dizia que coisas estranhas aconteciam nos arredores de Terra Nova.

— Ah... Aquela família, para mim, sempre foi um tanto excêntrica. Nunca vi nada de errado em nossa cidade. Tom fugiu de casa e quando percebeu que não tinha capacidade para ir longe sem assistência, voltou com essa história esquisita.

— Será que essa Lily tem um passado muito obscuro?

— Espero que não seja nenhuma bandida procurada pela polícia — comentou a mais desconfiada.

— E o que ela roubou? Um vestido de noiva ou aquele carro velho? — zombou a outra.

A cidade estava completamente envolta pelo *mistério da noiva sem memória*. As especulações corriam soltas: das mais românticas, às mais bizarras e horrendas. O desfecho era tão ansiado, quanto o final de um romance policial.

Mas para Charlotte, ela estava ali com um propósito especial. E já podia ver sinais de que o estava cumprindo. Suas amigas sabiam o que se passava em sua mente. Sem ao menos conhecer a moça direito, urdira uma trama em que a envolvia com Joshua, acreditando cegamente em um final feliz.

‘Meu sobrinho merece que algo bom lhe aconteça.’

— Você não tem medo, Charlotte? — perguntou uma de suas amigas. — Pode estar colocando ele em sérios problemas.

— Eu acho que é reposta para minhas orações.

— Espero que sim, pois do contrário isso pode terminar muito mal.

— É... e depois que ela chegou, Joshua, até já sofreu um atentado. Suas orações não parecem estar ajudando muito.

Charlotte calou-se. Não gostou do rumo que a conversa tomava. Sabia quem era o responsável pelo atentado contra Joshua. Mas isso era algo que não compartilharia com elas. Esperava dessa forma, enterrar de vez aquela história de guerras e perdas. Uma história, que não devia ter acontecido e por isso não merecia ser contada.

Charlotte estava certa.

Os aromas, as luzes das velas sobre as mesas, a atmosfera romântica, e, sobretudo, o movimento constante de pessoas, tiveram um efeito benéfico sobre Lily, despertando sua verve culinária.

Em sua primeira noite no restaurante, ela ajudou com o corte de verduras, e na elaboração de receitas mais simples, às quais, adicionou seu toque especial. Charlotte ficou impressionada ao perceber que ela não era nenhuma amadora. Tinha um conhecimento especial para misturar temperos, adicionar doce ao salgado, e salpicar o picante de forma a aguçar, e não, deflagrar chamas ao paladar, suprimindo os outros sabores. Tudo na exata proporção para alcançar os matizes que desejava. Usava ervas mais amargas, sem, contudo, tornar a receita desagradável. Criou algumas combinações que, a princípio, Charlotte achou, demasiadamente ousadas e incomuns, mas que, ao experimentar, aprovou. Lily era dona de um paladar sensível e refinado, um tanto exótico, mas bastante atraente para os sentidos.

Quando aproximou-se a hora de fecharem o restaurante, a moça tirou o avental e abraçou a tia de Joshua, que não esperava aquele tipo de reação.

— Obrigada, Charlotte.

— Ora, o que é isso tudo? Está começando a me deixar sem graça.

— Deixe que eu venha ajudá-la, daqui em diante?

— Era exatamente essa a minha intenção: pedir que seja minha nova assistente. Mas, vou avisando, não posso pagar muito.

— Pagar? Nem pense nisso! Não, depois de tudo o que você e Joshua tem feito por mim. Essa será a minha forma de retribuir, combinado?

Os olhos de Charlotte sorriam por trás das lentes.

— Acordo fechado!

Lily sentia um íntimo contentamento, por estar em suas mãos, oferecer algo em troca, pelo cuidado daquelas pessoas. A condição de mulher incapaz permeava sua falta de memória, e era bastante incômoda. Sentia que podia evocar lembranças naquele caminho, onde era útil e sentia-se segura, se não imediatamente, mas com o decorrer do tempo.

Deixou a cozinha e foi até o salão, onde Joshua a esperava sentado a uma mesa. Ele abriu um sorriso ao vê-la e ela retribuiu.

Charlotte havia acrescentado cor a Lily. Estava vestida com um casaco branco sobre uma blusa azul. Tinha um colorido rosado nas maçãs do rosto e nos lábios. Seus cabelos foram arranjados em ondas leves e sedutoras. Mas acima de tudo, ele percebeu nela uma leveza, que não estava lá, antes, o que o deixou um pouco enciumado, pois queria ter sido o responsável por aquele componente novo que a envolvia. Porém, compreendia o que havia operado nela. Estava em seu elemento. Ainda era a mulher com amnésia que havia encontrado, mas agora, não estava mais tão perdida. Era como um marinheiro de volta ao mar.

— Nossa! Vou levar uma mulher nova para casa.

O rosto dela ruborizou com as palavras dele, então ele se deu conta do que acabara de falar e ficou constrangido.

Charlotte veio até eles com um sorriso e disse:

— Você tinha razão. Ela é uma profissional.

— Profissional? — Lily franziu a testa.

— Você cozinha como uma profissional, Lily. Foi isso que quis dizer.

— Fico feliz de ter agradado, Charlotte. Virei amanhã, então.

Suas fronteiras estavam dentro dos limites de Ajalon, mas eram infinitas em suas possibilidades, pois não tinham amarras anteriores. As janelas de sua mente estavam fechadas para seu passado. Não havia nem frestas. Sua familiaridade com sabores, temperos e aromas não lhe dizia nada sobre quem havia sido, apenas sobre o que sabia fazer, e, dava lastro a seu presente.

Devagar, ela foi estabelecendo uma rotina, adquirindo conhecimentos e vendo laços afetivos surgirem com as pessoas daquela comunidade. Sentia como se toda sua essência estivesse congregada ali, em seu presente, naquela cidade que a acolhera. Aquela vida lhe bastava. E ela se perguntava se não seria possível vivê-la plenamente sem um passado. Afinal, tinha perdido a memória, não a si mesma. O fogo de sua alma queimava, seu eu estava lá. Se fosse possível esquecer as convenções humanas e da natureza viveria num estado de presente permanente.

Abriu um dos armários da cozinha e pegou as sementes marrons que havia comprado no dia anterior, despejou-as no almofariz e começou a moê-las. Assim como ela, Joshua gostava de mostarda, então decidiu preparar um molho caseiro para que provasse. Ao pensar nele, um sentimento agri-doce a envolveu. Lembrou-se, de quando foi buscá-la no hospital e de sua abertura ao recebê-la em sua casa. Ela era uma estranha, e ele demonstrava generosidade e benevolência, mesmo depois que ela tocou, — inadvertidamente —, em um assunto tão delicado de sua vida. Mas, também, havia enfatizado a transitoriedade do arranjo: ‘*será apenas por uns dias.*’ O pensamento a trouxe de volta aos fatos indiscutíveis.

Tudo era incerto, ponderou, pisando com os dois pés no chão de sua instável realidade. Sem passado, seu presente pendia sobre o fio da incompletude. A frustração entrou em seu coração e achou lugar. Não podia viver de quimeras. Acrescentou água e vinagre aos grãos moídos e misturou-os, lentamente.

Ela se movia, existia e sentia, perfeitamente, sem suas antigas memórias, mas *não podia*. Não lhe era permitido viver sem referências passadas. Sem fotos, datas, nomes em certidões, sem genealogias. Apenas com um buraco negro, separando-a de suas raízes, que ela não sabia, se eram boas ou más. Seria aceitável, se as conhecendo, decidisse superá-las, dando as costas, propositalmente, a seu passado. Mas, da forma como estava, com o passado escondido em seu inconsciente, era um verdadeiro perigo. Ele estava ali, à espreita, nas sombras, apenas esperando o momento certo para desmontar a vida que começava a amar e tornar seu presente ilegítimo, como vingança por ignorá-lo.

Todavia, não podia negar: era tentadora a ideia de ser Lily para sempre.

Pegou o vidro que continha o doce néctar dourado da natureza, abriu-o e as pontas de seus dedos ficaram besuntadas. Ela os levou, instintivamente, a boca, enquanto lia o rótulo: mel orgânico de dente-de-leão. Derramou uma quantidade generosa sobre a pasta marrom.

Joshua não era exatamente o tipo de pessoa, que por iniciativa própria, provava novos sabores. Quando ia ao restaurante da tia, não poucas vezes, o vira colocar o *menu* de lado, com um olhar que alguns cozinheiros não considerariam muito lisonjeiro, ir até a cozinha e preparar seu próprio sanduíche de queijo e tomate, para a afronta de Charlotte. Olhava para ela sentindo-se um pouco culpado e acrescentava alguns pozinhos, que era como ele chamava os temperos, para deixar seu sanduíche *mais gourmet*: à altura do restaurante da tia.

Certa vez, Lily foi ao banco realizar um depósito para Charlotte e ao passar em frente a uma lanchonete o viu devorando um super hambúrguer com batatas fritas e refrigerante. Para ela, não havia nada de errado, se sua dieta não fosse, basicamente, esta. Ela entrou na lanchonete e sentou-se diante dele, para sua surpresa. *Traidor*, sussurrou ela, *te peguei não foi?* Quase sentiu remorso do que fez ao ver seu rosto ruborizar.

Ele limpou os cantos da boca com o guardanapo e disse:

— Você descobriu meu segredinho sujo.

— Prometo que não vou contar para sua tia — observando o guardanapo branco com manchas de gordura.

Não era exatamente um segredo, ela quis dizer. Percebera que ele era o *expert* dos congelados, enlatados e '*apenas acrescente água fervida*'. Ficava se perguntando, se ele tinha mesmo aversão a um sabor diferente e mais saudável ou se estava apenas acostumado à praticidade do *fast food*, devido ao seu tempo escasso.

Já lera algo sobre pessoas geneticamente predispostas a gostar ou não de determinados alimentos. Esperava que Joshua não tivesse herdado o gene menos favorável da família no que se referia à nutrição. Não se achava a tirana da alimentação saudável, mas acreditava que com o tempo, aqueles hábitos não seriam muito bons para ele. E não havia nada tão bom como uma comidinha feita na hora, do princípio ao fim.

— Eu não fui sempre assim sabe? — ele disse sorrindo, como se tivesse adivinhado seus pensamentos. — Mas depois que a gente se acostuma à uma má alimentação...Você sabe, velhos hábitos são difíceis de abandonar.

Aos poucos, ela foi levando novos temperos para a cabana, e fazia receitas diferentes das que ele estava acostumado. Nada exótico, para não chocar seu paladar. Satisfeita, observou o resultado positivo, quando as caixas de congelados deixaram de se acumular no congelador.

Se pega um homem pelo estômago, não é?

A frase, subitamente, pipocou em sua mente, e ela sentiu-se desconfortável. Abandonou o que estava fazendo e saiu da cabana para tomar ar fresco.

Não podia mesmo continuar sem conhecer seus caminhos antigos, pensou. Memórias esquecidas, não são memórias perdidas. Era imperativo que reconhecesse seu passado, mesmo que, já estivesse apodrecido. Precisava encontrá-lo, e, quem sabe, deitá-lo fora, pois, aquelas faíscas não a faziam sentir-se bem. Ela não sabia de onde vinham e dessa forma, não conseguia lidar com elas de forma apropriada. Com o tempo, minariam sua vida emocional. Mesmo correndo o risco de perder tudo o que Lily lhe proporcionava, tinha que buscar sua antiga identidade.

Elevou uma oração a Deus: Eu preciso de luz, mostra-me a verdade.

— O inconsciente é um oceano profundo e seus mistérios, pouco conhecidos — disse o Dr. Brown para Joshua. — Nem sempre podemos recuperar o que queremos quando o desejamos, assim como o mar, apenas revela seus tesouros e naufrágios quando quer. Muitas vezes, durante uma tempestade. Ou então, em um mergulho arriscado aonde a pessoa vai coletando elos, um a um e juntando-os em uma conta.

— Eu acreditava que ela se lembraria... gradualmente, mas se lembraria. Porém, até agora, nem um nome.

— Eu suspeito, que ela não queira se lembrar — disse o medico enfático. — Talvez, a amnésia dela não tenha sido causada pela pancada do acidente, e sim, por algum evento, emocionalmente

traumático.

O médico havia ido ao Bistrô na noite anterior, e, ao saber que ela estava ajudando a preparar os pratos, pediu que elaborasse o seu. Fez questão de pedir algo sofisticado, que fosse necessário os sentidos apurados e a experiência de um *chef*. A princípio, preparou-se para uma decepção. Surpreendentemente, a harmonia dos temperos e o conhecimento gastronômico que ela demonstrava o deixaram perplexo. Ele não estava diante de um caso comum de amnésia.

Conversou em particular com Lily, e sugeriu sessões de terapia, que a ajudariam a romper de forma segura o que quer que a estava bloqueando. Não haviam profissionais especializados naquele distúrbio, ali em Terra Nova, mas ele pesquisaria alguns nomes em Atlanta e depois passaria para Josh.

Lily, inicialmente, não se opôs a ideia, mas quando ele mencionou que o tratamento seria em Atlanta, e não em Terra Nova, um sentimento de repulsa se insinuou. Ela baixou os olhos numa tentativa de esconder o desagrado para si mesma, mas depois explicou a Joshua: não queria sair de Terra Nova.

Queria se lembrar do passado, e não voltar para ele.

Encontraram-me os guardas
que rondavam pela cidade;
espancaram-me, feriram-me;
tiraram-me o manto os guardas dos muros.

Cantares 5:7

CAPÍTULO III

SE VOCÊ PEDIR PÃO...

*O*s galhos das árvores, revestidos de cristais de gelo, começaram a receber os tímidos raios do sol. A primavera já estava despontando. Lentamente, a paisagem ao redor foi mudando.

Joshua estacionou a caminhonete em frente à cabana com o propósito de deixar algumas compras e voltar para a cidade. Quando estava na iminência de subir o primeiro degrau, pisou em algo, atolando-o mais fundo na terra úmida.

Hesitou um pouco, pois estava com pressa, mas então, resolveu baixar-se e mergulhar os dedos na terra para saber do que se tratava. Puxou um pequeno livro de capa de couro preta. Uma Bíblia pequena que cabia na palma de sua mão. Devido ao ambiente em que estava, suas páginas estavam úmidas, mas nada que uma boa secagem não resolvesse.

Na primeira página havia uma dedicatória em tinta preta, quase toda borrada. Apenas algumas frases eram legíveis.

'Se LHE pedirmos pão, Ele não nos dá...'

E bem no final, ele viu a assinatura: Clara.

Olhou para a cabana e pensou em Lily. Aquela Bíblia não poderia pertencer a outra pessoa, senão a ela. Sua Bíblia era bem maior. A que estava em sua mão agora, provavelmente, havia caído de algum bolso dela, quando ele a carregara para a cabana no dia do acidente e ele não percebera.

'Clara'. Será que aquele nome fazia sentido para ela?'

Ele entrou na cabana e a encontrou folheando uma revista sobre Construção. Ela não tinha muito com que se distrair .

— Olá Lily.

— Olá.

Ele deixou as compras sobre a mesa, puxou uma cadeira e sentou-se diante dela. Segurou a Bíblia e passou o polegar rapidamente sobre as páginas, com o livro fechado, fazendo um ruído semelhante a

um ruflar de asas.

— Eu acho que isso lhe pertence.

Ela fixou o olhar no livro.

Ele abriu na primeira página que continha a dedicatória, e passou para ela ler.

Os dedos dela deslizaram sobre a página como se quisesse utilizar outro sentido para fazer o reconhecimento.

— Clara? Acha que esse é meu nome?

— Acho que não, mas acredito que você conheça alguma Clara. E ela parecia se importar bastante com você.

— Você sabe o que quer dizer esta dedicatória? — perguntou ela a Joshua.

— É um versículo bíblico. Deixe ver se consigo achar...

Ela ficou olhando ele ir de um lado para o outro. Enrugar a testa.

— Eu já soube manusear melhor — riu sem graça de sua falta de habilidade. — É... parece que não me lembro mais onde este se encontra.

— Se você LHE pedir pão, Ele não lhe dará pedra — ela disse.

Ele a olhou surpreso.

— É isso! Lembra onde é que está escrito?

— Não. Só me lembro desta parte. Mas, também... a frase está quase completa — falou desmerecendo seu pequeno êxito.

— Mas é um progresso.

— E o que quer dizer? — perguntou ela querendo estender a conversa. — Para você, eu digo.

Ele riu.

— Não sou pregador.

— Ora vamos. Uma simples interpretação sua. É só o que quero — provocou ela.

— Bem... me parece que algumas vezes temos desejos... eh... fome de algo, que pode ser material ou não, e esperamos que Deus a sacie de uma forma que pode nos prejudicar.

Lily sorriu.

— Tem certeza que não é pregador? — provocou ela.

— Você acha que tenho potencial?

Ela acenou.

Ele levantou-se e disse.

— Bem, espero que faça bom proveito do seu presente.

A pupila dela dilatou e o coração acelerou ao som da palavra 'presente'.

Ela mexeu-se desconfortável na cadeira. Todas as vezes que ouvia ou via algo significativo, dito de uma certa forma, o cérebro dela se retorcia, deixando-a nervosa.

— Alguma coisa errada?

— Não — disse ela tentando disfarçar.

Levantou-se e foi em direção a cozinha.

— Quer que faça algo para você comer antes de ir? — perguntou ela.

— Não. Não precisa. Você vai para o restaurante essa noite?

— Sua tia pediu para que eu ficasse em casa hoje. Folga. Na verdade, não preciso de folga. Eu gosto de lá.

— Ela sabe o que faz.

Antes de sair, olhou para Lily de um jeito penetrante.

— Precisa de alguma coisa? — ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Nos vemos mais tarde, Lily.

Quando chegou ao pequeno escritório onde funcionava sua empresa, viu um Sedan Mercedes preto, de placa ISH3160, estacionado bem em frente. Ele abriu a porta, entrou e foi seguido pela moça loira de olhos azuis, que saiu do carro quando ele chegou.

— Olá Jules! À que devo a honra de sua visita? — ele perguntou já sabendo o motivo.

Ela abriu um largo sorriso para ele.

— Já faz um tempo que não o vejo.

— Ando bem ocupado.

— Com aquela hóspede-paciente? Parece que ela vai acabar morando lá, não é mesmo?

O rancor não passou despercebido a Joshua. Mas, ele estava certo que jamais havia encorajado aquela atitude nela.

Havia levado a ex-miss Terra Nova para jantar uma única vez, por insistência da tia. Baptiste

também o provocara em um de seus arroubos de humor cáustico: 'quando é que vai deixar seu monastério e voltar a ver a luz?'

Todos eles eram bem intencionados. E ela, realmente, era um raio de sol. Esfuziante. Mas ofuscava demais seus olhos, e o levava a ter visões de outra vida. De outra viagem que ele havia feito e outra paisagem que já havia visto e não tinha a mínima intenção de revisitar. Apenas uma única vez e teve certeza de deixar claro, quando a deixara em casa, que poderiam ser 'apenas bons amigos'.

Ela, porém, era insistente e perdia a noção de limites.

— Ela vai ficar até se recuperar.

— Nossa que conveniente! Se eu soubesse que isso te sensibilizava tanto, tinha perdido a memória — estocou com petulância.

Ele ignorou o comentário e olhou-a com frieza.

— Eu preciso trabalhar.

— Quando vamos nos ver de novo?

— Eu pensei que já tivéssemos conversado sobre isso.

— Meu pai vai dar um jantar no sábado para os amigos do clube de golfe, por que não vem?

Ele quis dizer que não jogava golfe e se sentiria desconfortável. Mas teve uma ideia melhor.

— Posso levar a Lily?

O rosto dela ficou ruborizado, e ele esperou pela explosão. Mas, em vez disso, ela deu as costas para ele e saiu. Ele suspirou aliviado, mas percebeu que a tensão o havia deixado cedo demais. Ela voltou.

— Você está pensando em ter um caso com uma mulher com amnésia? Ela pode ser casada. Ter filhos. Você não sabe nada sobre ela.

'Mas sei tudo sobre você', pensou. Não rebateu a bola que ela jogou para ele, sentindo-se impaciente para aquele tipo de conversa.

— Jules, eu sinto muito que não tenha dado certo para a gente. Eu só queria que você entendesse isso. Nós somos incompatíveis, mas metade dos homens desta cidade dariam tudo para ficar com você.

— Você é um arrogante, sabia?

Então, ela saiu e não voltou mais.

Aquela mulher tinha vindo ali apenas para atormentá-lo.

'Lily não era casada. Não podia ser. Não tinha aliança no dedo. Talvez, estivesse para casar, mas não tinha casado, por isso usava um vestido de noiva. Se tivesse um marido ou um noivo que realmente se importava com ela, ele já teria colocado anúncios nos jornais. Investigadores. A polícia já estaria

em seu encalço. Mas já estava ali a mais de dois meses e nunca, ninguém havia procurado por alguém parecido com ela. '

Joshua começou a divagar e uma inquietação se apossou dele. Não conseguiu mais trabalhar. Abriu o notebook e começou a procurar por nomes e rostos na lista de desaparecidos da Geórgia. Pesquisou, incansavelmente, durante todo aquele dia por alguma combinação de elementos que se aproximasse de alguém semelhante a Lily, que tivesse desaparecido durante a nevasca daquele ano.

Porém não encontrou nada. Nenhuma evidência sequer.

Então, apenas por curiosidade digitou na Internet: ' Se pedirmos pão Ele não nos dará uma pedra.'

'Mateus 7: 9.'

Ele leu todo o capítulo.

'Deus, me ajude a compreender essa situação em que estou metido. Será que ela tinha alguém em sua vida?'

Ficou com raiva de si mesmo. Por que estava perguntando o óbvio a Deus? Mas, é claro, que ela tinha. Como não? Jules estava certa! Ele precisava seguir com sua vida. Só precisava descobrir a direção.

— Lily, eu dei uma olhada em sites de pessoas desaparecidas na Internet. Tentei encontrar alguém que se parecesse com você e estivesse sendo procurada. Mas não encontrei.

Lily não disse nada. Ele notou que ela ficou entristecida. Estava desmemoriada, não tinha para onde ir e ninguém procurava por ela.

— Não quero atrapalhar sua vida, Joshua. Eu acho que devo ir para a cidade. — *Era um completo estorvo. O que faria de sua vida, se não sabia nem o próprio nome?*

— Não está atrapalhando minha vida, Lily. Não! Você não entendeu, não fiz isso por minha causa, mas por você.

Só queria dizer a verdade, mas não podia, pois ela confiava nele. 'Você está muito perto de mim e eu queria poder dizer o que sinto. Tocar você. E isso está me torturando. Se eu pudesse ao menos fazê-la entender. '

Ele olhou para ela e forçou um sorriso:

— Você é uma boa companhia. E eu não preciso mais tomar sopa instantânea.

— Sua tia disse, que se eu quisesse ficar um tempo com ela, ela me receberia. Não sei... De repente... eh... eu posso melhorar mais rápido — foi o que conseguiu dizer diante das palavras dele. Sabia que estava invadindo o seu espaço e tirando sua privacidade. Ele nunca se queixaria abertamente. Mas estava óbvio que era isso.

— Você acha que eu sou um obstáculo para sua recuperação? — *Por que não aceitava e a deixava ir? Seria melhor para ele. Vá Lily! Era tudo o que tinha de dizer.*

— Não, claro que não — disse enfática. *Talvez, os pensamentos voaram atrás de suas palavras. — Você me faz querer ser Lily. Como vou me reencontrar?*

— Então... acho que você deve ficar. Você já está acostumada aqui.

Ela ouviu o ruído de folhas sendo pisadas.

Não ouviu o carro de Joshua chegar. Então, foi repentinamente atingida por um odor adocicado e irresistível que a atraiu até a janela.

Lá estava ele. Belo e altivo diante da varanda. Real e ao mesmo tempo fantástico. Telúrico e celeste. Possuía uma mistura de elementos que faziam dele um vínculo entre a terra e o céu. E inspirava sentimentos inauditos. Espirituais. Suas orelhas tremeram como se estivessem captando algo, e assumiu uma postura vigilante ao mirar através da janela. Fixou os olhos nela.

Lily, lentamente, caminhou até a porta e abriu-a.

Ficou a imaginar, se o animal não se recolheria para a clausura das folhas e árvores, que eram seu esconderijo, ao vê-la aproximar-se. Mas não o fez. Olhou para o lado e depois novamente para ela, como se a chamasse para segui-lo e aventurar-se no desconhecido. Lily arriscou-se, descendo os degraus. A fragrância almiscarada foi ficando mais intensa, à medida que, se aproximava do animal.

Ambos compartilhavam o mesmo olhar fascinado, encontravam-se sob o mesmo encanto, na iminência de ultrapassar fronteiras perigosas; ele, as humanas, e ela, as da fantasia. Então, ele desviou o olhar, virou-se e começou a andar em direção à floresta. Não em fuga. Voltou-se para ela novamente, como que para certificar-se de que era acompanhado. Cativou-a com seu olhar, caminhar suave e fragrância penetrante, instando-a para que a deixasse conduzi-la pelo caminho.

As sombras do crepúsculo começavam a tingir o céu, mas como a lua estava radiante, ela enxergava a trilha por onde passava. Acompanhou-o como se estivesse buscando uma dádiva. Seguiu o eflúvio que emanava do rastro do animal em silêncio, suspeitando que no final daquele dia teria alcançado uma experiência marcante.

Percebeu que ele a conduzia por uma trilha, que a guiava para o interior da floresta. Os cones azulados que pendiam das folhas agulhadas dos juníperos roçaram o topo de sua cabeça, fazendo alguns fios de cabelo saírem do lugar. As pequenas trombetas amarelas penduradas em seus ramos anunciavam que os ciclos determinados pela natureza avançavam. O dossel das árvores acordava sob os sussurros da primavera, manifestando cores vibrantes. Cachos de azaléas leitosas e selvagens floresciam e salpicavam as folhagens verdes e os aglomerados densos de estrelas azuis do oriente recebiam, em suas pétalas pálidas, a luz prateada do luar. Adentrava um santuário e assumiu uma postura solene. A eternidade impregnava o ar de Ajalon.

Seus pés começaram a tomar um rumo descendente na trajetória que enlaçava árvores e arbustos, até que viu a corça parar à margem de um rio. Baixou a cabeça e tocou com o focinho macio a flor da água, depois começou a beber dela, sofregamente.

Lily não queria interferir naquele momento. Invadir um cenário tão arrebatador.

O animal levantou a cabeça e laçou-a com seus olhos misteriosos, cheios de sabedoria. Era como se soubesse algo sobre ela. Um segredo. E estava ansioso por revelar-lhe. Lily foi se aproximando, cautelosamente, ainda com medo, que aquele estado de graça que havia tomado seus sentidos se dissolvesse como um sonho. Caminhou até o rio e seus pés afundaram na areia fofa, deixando pegadas profundas, até que chegou à beira, e a água fria inundou seu tênis, causando um impacto em sua pele que acordou todos os seus sentidos.

Ao contemplar a superfície do rio, viu sua face refletida na superfície das águas, onduladas pelo toque da corça. Seu rosto flutuava ao lado do semblante terno do animal. Curvou-se e estendeu sua mão, tocando as águas misteriosas, e foi como se tivessem se transformado na folha de um livro. Uma nova imagem apareceu, despertando as asas de sua alma.

Não era mais, apenas, seu reflexo, a lua também flutuava acima de sua cabeça, plena, rodeada por um anel prateado, que foi se espalhando por todo o lago. Até, que ficou diante não mais de um rio, mas de um espelho, onde uma mulher admirava a si mesma. Seus cabelos escuros voavam para trás — formando um chicote em sua extremidade —, frente ao vento tempestuoso, que saía da superfície refletora e vinha de encontro à sua face.

Lily desejou poder ver seu rosto completamente, e como que atendendo a seu desejo, a mulher virou-se e a encarou. Seu rosto era indistinguível. Uma imagem desfocada e obscura, não obstante, seus olhos eram visíveis. Lágrimas fluíam deles. Era um olhar tão perturbador e emocional que o espelho espatifou-se e os fragmentos espalharam-se em diferentes direções, sobrando apenas seu reflexo e o da corça.

Fechou os olhos e levou as mãos as laterais de sua cabeça, como se estivesse a ponto de explodir. Estrelas colidiam em sua mente.

Afastou-se do rio tomada por repentina agitação e um sentimento de urgência a fez querer fugir. Olhou à sua volta em confusão.

A escuridão, a floresta, e a falta de um caminho claro deixaram-na apavorada. Buscou os olhos que a haviam guiado até ali, e os encontrou ferozes e persuasivos. Pareciam duas chamas. Não eram mais ternos, como no princípio, quando a haviam atraído para aquele lugar. Ela compreendeu — ressentida com a revelação —, que desejavam remover o véu de seu esquecimento. Empurravam-na para a verdade. Ela resistiu a confrontação e mergulhou na escuridão.

Joshua não conseguia encontrar Lily.

Ligou para Charlotte acreditando que ela poderia ter levado Lily para a cidade e esquecido de avisá-lo.

— Claro, que não! Hoje ela não trabalha. O que pode ter acontecido? — perguntou inquieta.

— Não sei, tia. Vou procurá-la novamente e ligo depois.

Foi tomado por profunda apreensão, pois não era nada sensato deixar a cabana à pé para ir à cidade, a não ser que ela tivesse ficado desorientada e saído a andar à esmo, ou ainda, poderia ter ficado chateada com a conversa que haviam tido e simplesmente decidiu ir embora. Será que teve coragem de pedir carona na estrada? Não era possível que ela fosse tão sensível daquele jeito, pensou.

Foi até o carro e quando ia entrar para percorrer a estrada, viu uma corça parada na lateral da cabana.

Ajalon estava repleto delas. Sempre via uma ou outra se alimentando por ali. Quando o viam, saltavam para longe. Eram tímidas e arredias à sua presença.

Ele entrou no carro e o ligou.

O animal passeou diante do veículo e depois baixou a cabeça como se buscasse gramíneas. Joshua estranhou. Pensou em buzinar, para que saísse da frente. Estava com pressa. Não estava para estabelecer boas relações naquele momento. Logo, a noite iria alta e ficaria muito perigoso para Lily. Começou a dar sinal de luz. O animal levantou a cabeça, e cravejou nele os olhos, que mais pareciam pedras preciosas de primeira água.

Aquele comportamento não era natural. Seu sexto sentido começou a trabalhar. Desligou a chave da ignição, pegou a lanterna e saiu do carro. A corça começou a andar até os fundos da cabana, parou e olhou para Josh. Ele a seguiu.

Ao colocá-lo na trilha, se afastou de Josh e desapareceu no meio da vegetação. Ele continuou e seguiu aquela trajetória.

— Lily! — chamou ele.

Começou a descer em direção ao rio e ao aproximar-se viu o corpo no chão.

Ele se aproximou dela e tentou acordá-la. Não conseguiu, então a ergueu e levou-a para a cabana.

— Lily.

Ela abriu os olhos.

— Joshua.

— Ei, o que aconteceu?

— Joshua, onde está a outra mulher?

— O quê?

— Havia uma outra mulher no carro. Eu me lembrei... o que aconteceu a ela?

Ele foi pego de surpresa com a pergunta.

— Não, Lily. Não havia mais ninguém no carro, só você — seu tom calmo tentava esconder a súbita preocupação diante de pergunta tão bizarra. Tentou não alimentar o pensamento, de que Lily, provavelmente estivesse mergulhando em um estado de confusão, de onde não pudesse ser alcançada.

— Mas... eu a vi.

— Lily, só havia você. Só havia você.

— O cérebro é um território fantástico, mas ainda misterioso. Ele tem uma relativa elasticidade, uma área pode compensar a falta de outra, em caso de enfermidade ou trauma. Há algumas décadas atrás, começou uma corrida científica para explorar este *universo desconhecido*. São muitos os cientistas que querem fincar sua bandeira em alguma descoberta verdadeiramente impressionante, que seja um divisor de águas. Mas mesmo fatiando-o em finas camadas, é impossível compreender as ações e percepções humanas abordando-as apenas do ponto de vista orgânico. Mesmo quando reunimos a psicologia, medicina e filosofia, ainda assim há um grande desafio pela frente — em minha opinião, uma lacuna —, se não considerarmos o invisível: a alma e o espírito. O cérebro de Lily está intacto. Não há nada de errado com ele. Compreender a razão de ela acreditar que havia mais alguém com ela? Algo está subindo a superfície. Provavelmente ela se lembraria mais rápido se fizesse terapia, mas está resistente. Mais um motivo para que eu acredite que há coisas das quais ela *não queira* lembrar.

— Ela não está resistente em fazer terapia, mas em ir até Atlanta para fazê-la.

— Humm... o problema dela está em Atlanta, então, provavelmente lá, encontre-se sua cura.

— Eu não sou muito a favor de tratamentos de choque, Dr. Brown.

— Joshua, até quando? Até quando você vai puxar o freio da recuperação dela?

Aquela acusação o ofendeu. Era seu desejo, ver Lily recuperada, mas queria que ela cooperasse com o tratamento por livre e espontânea vontade, e não, que fosse persuadida a vestir uma camisa de forças, que decerto causaria mais traumas.

— Se pequenas reações do cérebro dela a certos estímulos a fazem desmaiar, já pensou o que pode acontecer se ela der de cara com o passado de uma vez só? Não, Dr. Brown, isso não pode ser benéfico.

— O pior que pode acontecer é ela se lembrar da identidade que ficou para trás, dentro daquele carro. Só isso.

Joshua não estava convencido. Dr. Brown podia ter conhecimento profissional, mas ele acreditava

em sua voz interior, que o próprio médico acabara de confirmar com suas palavras e conhecimento científico, que eram essenciais para captar as lições da vida e guiar em território desconhecido. Sua alma sussurrava que deveriam avançar devagar e deixar Lily ir em seu ritmo.

— Dr. Brown, o senhor a confiou a mim, por algum motivo. E, provavelmente, estava certo. Peço que continue acreditando, pois eu também desejo sua recuperação.

O médico olhou para ele sério.

— Está bem. Eu não duvido que seja um homem de caráter, embora suas emoções estejam profundamente envolvidas neste caso. Vamos esperar que ela desperte quando desejar. Só espero, Joshua, que isso não venha a prejudicá-lo, mais tarde.

Era verdade, tinha que admitir, ainda que, apenas para si mesmo, que ele não compartilhava da ânsia de todos, que Lily recuperasse a memória, ainda que a quisesse curada, inteira. E o paradoxo de seus sentimentos repousava na possibilidade de que suas velhas memórias o excluíssem daquela bem engendrada equação, onde até o momento, ele era atuante e decisivo. Tinha medo, que ao lembrar-se de quem era, ela o esquecesse. Do seu presente. Ou talvez, que se tornasse menos relevante para ela. Às vezes, se perguntava tolamente, *‘era o passado tão importante assim?’*. Sabia a resposta e esbofeteava-se mentalmente por seu egoísmo.

Fora genuíno com Dr. Brown ao dizer que não simpatizava com métodos agressivos. Acreditava que muitos deles, eram realizados, tendo o paciente como uma cobaia, um laboratório. Se as práticas utilizadas alcançavam êxito, os louros iam para os especialistas, e se não, as cicatrizes pertenciam apenas ao paciente. Era como um jogo de dados. Nem sempre, todos saiam ganhando. Não queria isso para ela, pois os danos poderiam ser irreversíveis.

Ele não compreendia dos meandros da mente. Nos últimos anos, buscara entender mais de sua própria alma. E sentia como se Lily se encaixasse perfeitamente em suas ausências. Era algo imaterial, mas ao mesmo tempo, tão certo como um cálculo exato. Sentia-se responsável por ela, de certa forma, aquele que *a ajudaria* a tomar decisões.

O destino a colocara em seu caminho, e agora Joshua estava lutando com ele, tentando controlá-lo. Queria obter um único resultado, mas não sabia como consegui-lo naquelas circunstâncias. O desconhecido não provê mapas.

Lily sentia o olhar de Joshua sobre ela a cada movimento que fazia. Era um vigiar quase obsessivo. Como uma sentinela, ele não falava, apenas olhava. Começou a acreditar que ele esperava pelo dia e hora, que ela se lembrasse, e sumisse de sua casa.

Ele saía bem cedo, passava na cabana apenas para buscá-la e levá-la ao restaurante, mas falava apenas o necessário. A tensão era desagradável. Lily não deixava de se culpar por ter tocado em um assunto tão delicado como sua mulher. Fora intrometida. Insensível. Algumas pessoas mantinham certas lembranças apenas para si mesmas, como se fossem um tesouro sagrado, e não aceitavam

invasões. Ela havia violado uma memória dele, e não sabia como corrigir o erro. Mas, não era apenas isso. Ela estava em todos os espaços, por mais que não quisesse. Então, ele a trancara fora de seus sentidos. A mensagem estava evidente e a adoecia aos poucos.

Certa manhã, por não conseguir dormir direito, levantou-se antes do sol para preparar o café. Estava diante do fogão quando sentiu um braço, rodeando sua cintura. Um pavor repentino se abateu sobre ela e ela perdeu os sentidos.

Quando acordou, estava sobre a cama com Joshua sentado de costas para ela. O corpo dele estava inclinado para frente e a cabeça apoiada sobre as duas mãos.

Ela se levantou, e o tocou nas costas:

__ O que aconteceu?

Ele olhou para ela. Sua aparência era horrível.

— Eu... toquei em você e...você apagou. Eu sinto muito...

— Oh... — ela não sabia o que dizer. — Eu não sei o que aconteceu comigo para eu reagir daquela forma. Foi...

— Não posso mais continuar assim, Lily — ele a interrompeu. — Você consegue compreender isso? Eu sinto muito. Nós nos tornamos íntimos demais. Compartilhamos o pão, o ar dessa cabana apertada. Você cozinha para mim, dorme na minha cama, e eu passo o dia olhando pra você... quero tocar e abraçar você e não posso. Eu não sou de ferro.

Levantou-se da cama e continuou:

— Um dia você vai se lembrar... ou alguém vai chegar aqui e dizer quem você é de verdade. Você vai embora. E eu?

— Quem eu sou de verdade? — havia confusão em seu olhar. — Não me lembro de meu passado, mas sou real. Eu posso vir a me lembrar do que falta, mas isso não quer dizer que eu vá embora — disse ela, ainda com dificuldade de acreditar que estavam tendo aquela conversa. Que ele havia acabado de dizer que a queria a seu lado, independentemente de sua necessidade por ele, ter sido, inicialmente, apenas um arranjo conveniente para ela e uma boa ação para ele. Deborah ou seu passado, não eram um empecilho para ele — Não vou abdicar do que se tornou essencial para mim, Josh.

— Você está ouvindo o que está me dizendo? — perguntou suavemente.

— Eu estou dizendo, que não importa o que eu me lembre do meu passado, o que eu venha a saber. Eu quero ficar com você. Mas, eu tenho medo... — sussurrou a última sentença, com o desejo envergado sobre o paradoxo de suas circunstâncias.

Ele se aproximou dela, a abraçou e beijou. O primeiro beijo de Lily. Doce e urgente. A primeira vez que ela amava e sentia-se amada.

Ele levantou a cabeça e os olhos dela estavam fechados. As mãos dele tocaram seu rosto. E depois

ele beijou-lhe a face, a testa. Então, ela abriu os olhos.

— Joshua...

— O que é?

— Eu preciso me mudar para a casa de Charlotte.

— O que?!

— Agora, mais do que antes, eu preciso descobrir...

Ele beijou-a novamente.

— Fica aqui, você não tem que ir.

— Você sabe que eu tenho que ir... Por favor. Se quisermos, que esse relacionamento tenha alguma chance temos que começá-lo corretamente.

Ela o afastou...

— Por favor! — implorou, chamando-o a realidade.

— Está bem.

O tempo tem um jeito peculiar de mudar a perspectiva das pessoas.

O que em um momento parecia perfeito e oportuno, de repente, tornou-se uma música com notas dissonantes, ruído que arranhava os sentidos e arrebatava o ritmo do passo.

A vida de Joshua acelerava dentro de um turbilhão. Caótica. Um abismo após o outro.

A Construtora que começara de forma tímida no mercado fervilhante da Flórida, havia se tornado em uma empresa sólida, atingido um nível de crescimento estável e contínuo, levando-o a acreditar que estava no caminho certo. Era um empreendimento respeitado. Trabalhava em vários projetos simultâneos.

Até que em um determinado momento, no ápice de um projeto particularmente importante, começou a ter problemas no maquinário, e embaraços com alguns subcontratos, o que marcou o início de uma sucessão de eventos confusos que atravancaram o bom andamento de seu trabalho. Durante uma fiscalização foram achadas irregularidades, que ele acreditava que não seriam encontradas em nenhuma obra sua. Era um encadeamento de erros tão sistemáticos, sucessivos e ao mesmo tempo, inconsistentes com seu modo de operar, que ele começou a suspeitar que estava sendo sabotado. Farejava raposas, mas ainda não sabia quem eram.

O relacionamento com seus clientes tornou-se desgastante e ameaçou sua credibilidade no mercado. Perdeu contratos, atrasou pagamento de fornecedores e teve que demitir funcionários, cuja competência seria difícil substituir. E apesar de nunca haver trabalhado e se dedicado tanto na vida,

a concorrência parecia estar sempre um passo adiante dele. Seus frequentes problemas estavam lhe carcomendo o ânimo.

Parou o carro em frente à sua casa, e entrou quase voando.

A esposa o esperava com um sorriso nos lábios.

— Debbie, o que aconteceu? Você me assustou.

Ela veio até ele, passou os braços ao redor de seu pescoço e disse:

— Você vai ser papai!

Com a respiração suspensa, o silêncio o tomou por um instante, enquanto ele absorvia a informação. Então, suspirou. Boas notícias! Sentiu o coração explodir de alegria.

Ele a levantou e girou-a pela sala.

— Meu amor, isso é maravilhoso! Por que não me falou que suspeitava estar grávida?

— Queria primeiro ter certeza.

E estendeu o resultado do exame para ele.

Joshua pegou o papel das mãos dela, e passou os olhos rapidamente por ele. Finalmente, um sinal de que sua sorte estava mudando. Era o elo comum que ele e a esposa precisavam para enraizar o relacionamento e desenvolverem a intimidade que faltava — o olho no olho que dispensa palavras. Ele se permitiu um raro instante de esperança.

Joshua e Deborah estavam casados há dois anos e ela sempre fora relutante com relação à ideia de engravidar. Ele, por sua vez, pensara em filhos, desde a primeira vez em que pusera os olhos nela. Disse a si mesmo, que era a mulher com quem iria formar uma família e envelhecer junto.

Conheceram-se em uma degustação de vinhos que arrecadava fundos para pesquisa de tratamento e combate ao câncer, para a qual o pai dela, Juiz Raphael Reding fora convidado. A atração de Joshua por ela foi instantânea. Sua energia borbulhante combinada aos cabelos ruivos e olhos verdes fazia dela uma força da natureza. Tinha a aparência e atitude de uma mulher, que não pode, jamais, ser ignorada. A atração foi recíproca. Depois de relancear os olhos sobre ele, ela surgiu a seu lado com duas taças e uma garrafa de vinho branco, que havia ganhado em uma rifa. A partir dali, começaram um relacionamento apaixonado.

Deborah era uma filha do sol, não era delicada, e sim, régia. Estava sempre um tom acima dos que a rodeavam, emanava uma sinfonia forte e dinâmica, em um *crescendo* rumo ao êxtase. Dava a impressão, que os problemas mesquinhos que assolavam o resto da humanidade não a tocavam. Quando exibia seu sorriso cativante para Joshua, tudo ficava bem.

Ele vinha de uma longa noite sem estrelas, e ela era o que precisava para levantar seu espírito. Encontrá-la, foi como atravessar uma passagem para um dia iluminado. E a intensidade com que se entregaram a paixão foi arrebatadora.

Entrementes, certos rasgos de impulsividade mais duvidosos, e, por vezes, funestos, o deixavam desconfiado, às vezes, arredio. Fazia sugestões que o faziam puxar o freio e lembrar-se de quem era e o que queria para si. Se, se deixasse levar pelos arroubos da paixão, se tornaria em um demente nas mãos dela. Então, recuperava o bom senso e o fôlego, ainda que temporariamente.

Deborah, porém, não era do tipo que recuava, ela o aticava: ‘abra sua mente’. Ele, sim, retrocedia, para não acabar se perdendo em meio aquele furacão passional. Nesses raros instantes, ficava a imaginar se aquele vínculo tinha chances de tornar-se em um relacionamento duradouro e forte. Não foram poucas as vezes em que entraram em atrito. Ela estava acostumada a ter as coisas a seu modo.

As diferenças entre eles, que no princípio, o haviam cativado e atraído, passaram assustá-lo, e às vezes, o repeliam, quase que violentamente. E pela sua inabilidade em lidar com elas, tornava-se distante por um tempo. Todavia, ela sabia abater toda e qualquer defesa que ele tivesse com um sorriso. Um único afago, e lá estava ele, a seus pés. Ele tentava. Mas, ela vencida. Sabia persuadi-lo. Ele não conseguia mais desaprender aquela órbita. Precisava de sua proximidade e gravitava adormecido sob seu encanto. Complacente.

Seu relacionamento com ela era um jogo, perigoso e excitante, mas que ele acreditava que podia controlar. Consolava-se com a ideia de que ela amadureceria com a idade, bem como o que sentiam um pelo outro.

Foram muitas as idas e vindas, até que no dia 2 de Janeiro de 1999, eles se casaram.

Não demorou muito para compreender que fora ingênuo, ao acreditar que ela mudaria, porém, foi aterrador perceber como seu temperamento se mostrava cada vez mais intratável. Era lógico pensar, que todo furacão em um dado momento perderia sua força, e havia sido este, o raciocínio que usara para com ela, mas agora, sabia que era impossível saber ao certo para que lado inclinava-se a natureza humana. Era um mistério. Para Joshua, foi um golpe quando recebeu um telefonema do pai dela, logo no início do casamento, oferecendo-lhe dinheiro.

— Você sabe, criei minha filha em um nível bastante elevado e fico preocupado quando ela reclama que você não consegue mantê-lo.

Alguns dias antes, Joshua havia conversado com Deborah sobre gastos que ele considerava desnecessários. Ajustes normais entre qualquer casal. *Você correu para reclamar com seu pai?* Joshua ficou furioso.

Ele e o Juiz Raphael Reding estavam separados por um abismo de discordâncias irreconciliáveis, e aquela deslealdade por parte dela o deixara humilhado. Ela soube desde o início com quem havia se casado. Conhecia suas limitações, o que ela podia e o que não podia ter ao seu lado.

— Ora Josh! Não seja tão sensível — disse ela minimizando a situação quando ele a confrontou. — E depois, o que você *ainda* não pode, vai mudar, meu amor. Você é um homem cheio de potencial. Eu sei disso!

Porém, as diferenças foram tornando-se cada vez mais profundas. Ela queria ir a festas, ele queria chegar em casa, colocar a cabeça no lugar e descansar. Ele queria filhos, uma família, ela fazia

careta para ele e perguntava: *Você não quer esse corpinho aqui deformado, não é?*

Quando ele começou a ver sua Construtora em apuros, ela piorou ainda mais. *Você não me dá mais atenção*, reclamava.

— Estou enfrentando um momento muito difícil, Debbie — confidenciou, apoiando-se no balcão da cozinha.

— É só aceitar o dinheiro que meu pai te ofereceu. Simples assim.

A última coisa que ele queria era ficar amarrado financeiramente ao sogro, um homem colérico, dominador e de ideias megalomaniacas.

— Nós podemos superar essa situação sem a ajuda de seu pai, só precisamos de tempo e paciência. Se, às vezes, pareço um pouco distante com você é porque estou cheio de problemas para resolver. Mas, você sabe o quanto te amo — aproximou-se dela e a abraçou.

— É, eu sei. Mas não tem que me fazer sofrer porque não sabe lidar com seus negócios — desferiu contra ele mostrando-se magoada.

Ele sentiu-se frustrado em sua tentativa de fazê-la entender e afastou-se. Foi até a geladeira, retirou a lasanha do congelador e colocou-a no micro-ondas.

Desde o momento em que viu Joshua, Deborah soube que ele lhe pertencia. Ela reconheceu a determinação e vitalidade em seu olhar. Era quase tangível. Ele era confiante, e sabia o que queria. Sua força a atraiu como um ímã. Mas, ao longo do relacionamento, ela passou a desdenhar de suas atitudes *justas* demais e vazias de ambição. Dava duro na vida sem saber jogar o grande jogo. Seu pai a havia ensinado a mover as peças de forma a extrair das situações aquilo que desejava, guiando-a por caminhos e propósitos elevados no tabuleiro dos homens. Ela não fora criada para ser mero peão. Não aceitava passivamente aquela condição de subserviência a ‘honra’, que o marido tentava lhe impor. Não estava em seu cerne. *Quem quer vencer, tem que aprender as regras, para depois quebrá-las*, era seu mote.

Joshua tinha a força para se elevar acima dos demais, ela podia reconhecer. Desde criança, percebia que de seu pai emanava uma autoridade e controle, que não via em outros homens, e de certa forma, ela absorveu aquele poder em si. Dominava qualquer ambiente. Atraía as pessoas. Pensou que ela e o marido fariam uma grande parceria, mas decepcionou-se. Ele não sabia insuflar o balão. Era inábil em usar sua força e seus talentos.

—Por que não para de digladiar com meu pai e o aceita como mentor? Ele é um homem experiente.

Ele olhava para ela e ria com sarcasmo de seus conselhos: *pura pretensão de uma garota mimada*. Crescera num lar onde as pessoas davam duro sem manipular ninguém.

Não conseguiam chegar a um ponto comum.

A resistência que ele apresentava aos métodos do sogro irritava Deborah. *O tempo e a história já demonstraram que eles são eficazes, meu querido. Meu pai sabe o que faz* — argumentava.

De uma coisa ela tinha plena confiança em relação a Joshua: do fascínio que exercia sobre ele. Era apenas uma questão de tempo e ela o conduziria para onde desejasse.

Inesperadamente, uma velha amiga de Joshua, e que se tornara de sua esposa pela proximidade, reapareceu na vida deles. Visita, considerada por Deborah, oportuna, para aliviar o tédio. Elas tinham muitas afinidades, e logo, estavam com a agenda cheia de compromissos com a noite.

Joshua chegava em casa e não as encontrava. 'Por que não te vejo mais?', perguntou ele, numa madrugada, em que a esperou acordado.

—Amor... —ela falou de um jeito manhoso — Qual é o problema? Não estou saindo só. Você *a* conhece por mais tempo que eu. Não confia em mim? E depois, você vive entulhado de trabalho. Eu preciso ver gente, me divertir de vez em quando. O mundo está girando e eu não vou ficar parada.

Ele aquiesceu.

Mas, uma tensão insuportável pairava sobre eles. Sua dedicação ao trabalho o deixava com pouco tempo para estar com a esposa, mas ultimamente, só a via pela manhã, ainda dormindo, pouco antes de sair. Sua amiga tornou-se uma hóspede indesejável e ele desejou fervorosamente que partisse.

Certa manhã, ao descer apressado para ir ao trabalho, *ela* estava na cozinha.

— Imaginei que Deborah não fosse acordar e que você ia precisar de uma xícara de café. Fiz torradas.

Ele olhou para a xícara sobre o balcão da cozinha e deu um sorriso cortês.

— Obrigado, mas estou com pressa.

Virou-lhe as costas e saiu.

Ao chegar em casa no fim do dia, descobriu que *ela* havia partido. Sentiu-se um pouco culpado por sua conduta fria naquela manhã, eram amigos desde a adolescência e não queria que surgisse um mal-estar. Mas, ao mesmo tempo, não podia negar o alívio.

No final de semana, quando ele e Deborah conseguiram, finalmente, estar juntos e a sós, ela olhou-o de forma sagaz.

— Sabe, nós duas temos muito em comum? E a principal delas, é você. Eu percebi a ‘quedinha’ dela pelo *meu* marido — sorriu maliciosa, e o cutucou no abdômen para provocar-lhe cócegas. — Fala a verdade, você nunca deu nem um beijinho *nela*, quando passava as férias em sua cidade? Porque naquele fim de mundo, não tem nada de interessante para fazer, não é mesmo? Eu tenho certeza que o passatempo preferido *dela* era se jogar para cima de você. Eu vi os olhinhos brilhantes dela te devorando. Se eu não tivesse por perto, ela era capaz de te atacar.

— Isso nunca aconteceu — disse lacônico.

Ele olhou para o relógio, fiel ao hábito, mesmo quando desnecessário, e percebeu novamente os ponteiros parados. Exasperou-se. Já trocara de relógio algumas vezes. E aquela era a terceira bateria daquele relógio, que lhe custara bem caro por sua marca. *Será que não fabricavam mais relógios*

como antigamente?

— Também não importa. Eu venci. Levei o troféu! — ela declarou vitoriosa.

Ele achou o rumo daquela conversa, um absurdo, e não deu corda, ou se tornaria em um constrangimento depois. Suspeitas arruinavam um relacionamento aos poucos. Durante anos de amizade, nunca havia surgido nenhuma mínima fagulha de atração entre sua amiga e ele. Para Deborah, a vida era uma grande competição. Um perde-ganha. Os provérbios sobre sucesso do Juiz Reding reverberavam pela casa através dos lábios dela.

E a última coisa que queria, era perder tempo precioso em assuntos sem importância, então, enlaçou-a pela cintura e a puxou para si. Soltoou a massa de cabelos vermelhos que caíram em cascata e mergulhou os dedos entre eles. Beijou-a, até que ela esquecesse quem quer que fosse, exceto ele. Passaram o dia juntos, e Joshua compreendeu o porquê de estar com Deborah. Ela o fazia esquecer o passado, — o que havia perdido.

No fim do dia, sob os lençóis e com a cabeça recostada ao peito dele, ela desenhava pequenos círculos com a ponta do dedo sobre o peito dele.

— Ah! Parece que seu primo está em apuros — Deborah comentou casualmente. — A ex-noiva dele desapareceu há uns dois anos atrás e a tia dessa moça decidiu implicá-lo no desaparecimento. Parece que era uma louca. Sumiu no mundo, e a família quer culpar alguém — desdenhou. — Arruma um tempinho e liga para ele, amor. Ele está precisando de uma força.

Joshua a olhou preocupado.

— Pobre mulher. A família deve estar desesperada, sem saber por onde ela anda.

—Hã! — levantou-se abruptamente, levando o lençol junto. — Pobre do seu primo! Isso sim! — contrapôs, indignada diante da empatia do marido por uma estranha, em vez de demonstrá-la por seu próprio sangue. — Algumas pessoas não tem competência para vencer no caminho que escolheram, então decidem pelo caminho mais fácil: fugir.

— Você fala como se a conhecesse — ele enrugou a testa.

— Conheço pessoas como ela, e, depois que conhece uma, é fácil identificá-las na vida pelo *modus operandi* — arremeteu insolente.

Joshua balançou a cabeça de um lado para o outro, afetado pela forma simplista e convicta com a qual ela pensava. Não acreditava que o primo fosse capaz de nenhum ato de covardia, mas entendia o desespero da família em obter informações a qualquer custo.

— Ele vai acabar provando que é inocente. A polícia sempre investiga primeiro os que estão mais próximos da vítima. É um procedimento normal. Mas, e a moça que desapareceu? O que terá sido dela? Na maior parte das vezes esses casos de desaparecimento jamais são solucionados. É uma ausência que se torna em uma ferida sem cura.

— Sua empatia com desconhecidos é tocante. Mas, talvez, as coisas não sejam como você imagina.

— É, talvez não — então implorou, estendendo a mão para a esposa ao perceber que a afastava dele com seu posicionamento. —Vamos deixar a história deles para lá? Depois, eu ligo para ele. Volta para a cama.

— Josh — disse sedutoramente, entrelaçando seu tórax por trás com os braços. — Por favor, vai ser divertido — implorou Deborah aninhando seu rosto no pescoço dele.

Joshua sentia-se sufocado pelas exigências dela. Cedia, na maior parte das vezes, para evitar discussões, mas estava ficando cada vez mais frustrado. Quando encontrava tempo para ficarem a sós, queria ela apenas para ele. Ela, por sua vez, queria rodeá-los de pessoas.

— Amanhã preciso estar bem cedo na empresa para receber um material. Eles estão me pressionando para o término deste projeto e estou atrasado para o prazo de entrega por causa do guindaste que quebrou.

Deborah suspirou exasperada.

— Você nunca se diverte — acusou, cheia de ressentimento. — Quando é que vai tornar-se mais sociável, ao invés de ser este eterno caipira? Ir a essa festa vai ajudar a expandir seus negócios. Quantas vezes tenho que te repetir isso? Lá, você vai poder fazer conexões importantes.

A insistência, e não seus argumentos, o venceram. Porém, estava ficando cada vez mais frustrado por sua inabilidade de dizer ‘não’ a ela. Quando encontrava tempo para ficarem a sós, a queria apenas para si. Ela, por sua vez, queria rodeá-los de pessoas, e o afastava cada vez mais. A sensação de que se tornavam desconhecidos, à medida que o tempo passava foi se intensificando. Sua esperança era que o bebê lhes trouxesse familiaridade. Quem sabe até, reconhecença.

Eles chegaram a uma mansão sofisticada, que ficava em uma vizinhança opulenta do subúrbio, cerca de dez horas da noite. Os anfitriões eram desconhecidos de Joshua. Mas nessas festas, isto não importava, desde que se conhecesse ‘alguém que conhecia alguém, que conhecia o dono da noite.’ No entanto, à medida que a festa transcorria, ouviu dos convidados o seu nome: Tammuz. Sua aparição era ansiosamente esperada. Parecia ser de seu hábito surgir de forma triunfal. *Ele é um acontecimento*, exclamou um dos convidados a sua acompanhante, incitando a curiosidade de Joshua que ouvia a conversa.

Deborah usava um sedutor vestido preto, que deixava suas costas nuas. Ela deslizava pelos cômodos da casa como uma felina. Pegou duas taças de prosecco e entregou uma para o marido. Distribuía sorrisos, conversava com um e outro, atraindo as pessoas com sua maneira carismática, ao contrário de Joshua, cujo humor foi azedando cada vez mais, por não ver nem um rosto conhecido e sentir-se completamente fora de seu ambiente. Em dado momento, ele olhou para os lados e não a viu mais.

Dispôs a taça, ainda cheia sobre uma mesinha e foi de um cômodo a outro procurando-a. Esbarrava em uma pessoa ou outra nos corredores, era paquerado, e até, acariciado de forma despudorada. Começou a sentir-se cada vez mais por fora entre aquelas pessoas, cuja urgência por novas

sensações disfarçava a falta de alegria. Deleitavam-se com um êxtase dolorosamente artificial. Falso. Se tivesse trazido a taça nas mãos, poderia, ao menos, fingir que estava acompanhado, pensou. ‘Fingir’. Ele estava aprendendo. Será que conseguia resistir? Até quando? Sua necessidade por Deborah era quase dolorosa.

Viu seu reflexo em um dos muitos espelhos da casa. Estranho. Quase não se reconheceu naquelas roupas que ela havia escolhido para ele. Tossiu. Subitamente, a casa passou a perspirar uma atmosfera fria. Ouviu um som de festivo, celebração. Assobios. O anfitrião havia chegado. *Onde estaria Deborah?* O barulho havia se tornado ensurdecedor dentro da casa.

Foi até a área da piscina e não encontrou a mulher. Uma brisa morna tocou seu rosto e ele ficou ali por um instante, desfrutando da visão das luzes da cidade ao longe, até que percebeu-se peça ímpar em um momento de flagrante intimidade. Em uma penumbra, um casal se entregava a instantes fortuitos de prazer. Afastou-se e entrou na casa. *Fria*. Levado pelo movimento das pessoas, chegou à escada que levava ao primeiro andar. Subiu-a.

Ao passar por uma sala onde a porta estava entreaberta, ele a viu.

—Isso mesmo, querida! — disse um homem com a voz excitada para Deborah, enquanto ela cheirava uma carreira de cocaína.

O impacto da visão chocou-o.

Ela levantou a cabeça, jogou-se vulgarmente no sofá ao lado do homem que a encorajava e começou a rir. Seus cabelos longos e vermelhos captaram a luz do abajur, — única luz no ambiente. Os reflexos flamejantes dos cabelos que ele amava eram frios e feriram sua retina. Teve certeza que jamais se esqueceria deles naquele instante, os de uma sereia, atraindo-o para rochedos escarpados, ou talvez, os de uma Circe que o havia aprisionado em um encanto sedutor.

O homem o viu. Estalou a língua e deu um meio sorriso.

—Junte-se a nós — convidou.

Foi então, que ela viu o marido lá. Estático. Olhando-a, com uma expressão indecifrável.

Não perdeu tempo. Levantou-se animada, pegou-o pelo braço e se dirigiu a ele com voz alterada, para competir com o som da música alta.

—Venha, querido! Se anime um pouquinho. Você vai gostar!

Ele soltou-se dela com agressividade, assustando-a. Agarrou-a pelo braço e começou a arrastá-la para fora.

—O que está fazendo? Pare já! — gritou ela.

Ele desceu as escadas, que ela acompanhou a contra gosto, quase caindo, tão grande era sua pressa em sair dali. Ao deixarem a casa, ele a tomou bruscamente pelos ombros e inquiriu?

—Quem era aquele cara?

Ela se desvencilhou dele com desgosto.

—Não te devo satisfação! — rosnou. Sua respiração ofegava.

Ele a olhou em confusão e procurou conter a ira.

—Debbie, você está fora de si. Esqueceu nosso bebê? Você não percebe o que está fazendo?

Um traço de remorso apareceu nos olhos dela. Virou de costas para ele e colocou as mãos no rosto, parecia em desespero. Então, voltou-se novamente para ele.

—Eu só quero me divertir um pouco. Você não se importa comigo. Não aguento mais viver prisioneira daquela casa.

A repetição daquela conversa familiar o fez acreditar que ela já havia voltado a seu estado normal.

—Conversaremos em casa.

Ele começou a caminhar em direção ao carro. Mas, ao virar-se, ela não estava ao seu lado, em vez disso, voltava a festa.

—O que está fazendo? Vamos embora! — foi até ela e pegou-a pelo braço.

Mas ela o puxou bruscamente.

—Não!

Joshua perdeu a paciência, jogou-a sobre o ombro e a colocou dentro do carro de bruços. Depois, entrou e fechou a porta. Ela sentou-se e vociferou na cara dele:

—Você não tem esse direito! — tentou abrir a porta do carro, mas ele a havia travado.

Demonstrando indiferença ao comportamento dela, afivelou seu cinto, ligou o carro e dirigiu-se à rodovia. Ao contrário do que esperava, o efeito da droga não estava cedendo. Ela erupcionou em ondas de raiva. Esperneava e chutava o painel anterior do carro.

—Eu te odeio, Bruce.

As palavras o atingiram com a força de um golpe atroz em suas entranhas e ele agonizou diante de seu significado.

—Quero que morra!

Joshua estremeceu diante do descontrole da mulher, e do desmoronamento de sua vida, que de repente, lhe pareceu iminente. Não sabia mais o que fazer. Estava acostumado a seu comportamento passional e birrento. Mas, naquele momento, parecia haver se transformado em outra pessoa. Gritava, agredia-o com palavras e chamava-o por outro nome. Num ataque feroz o esmurrou. Então, ele tirou uma das mãos do volante e tentou segurar as dela, mas sua energia e frustração pareciam intermináveis.

—Agora chega! Está ouvindo? Chega! — ele gritou. E ao encará-la observou com perplexidade o

desafio estampado em seu olhar, que chamuscava em fúria.

Por apenas um instante, ela se aquietou, e Joshua voltou sua atenção para a estrada. Mas como se estivesse numa missão da qual não desistiria, ela removeu o cinto de segurança. Joshua viu sua paciência evaporar. Teve vontade de parar o carro no estacionamento, amarrá-la com o cinto e jogá-la no banco de trás. Por anos, se recriminaria por não tê-lo feito. Em vez disso, esticou o braço esquerdo para puxar de volta o dispositivo de segurança. Foi quando sentiu os dentes da esposa cravados em seu braço. Ele assustou-se diante da agressão e soltou a direção do carro.

Em um tempo incontável de tão ínfimo, o carro ficou desgovernado e acelerou na direção da via contrária. Ele ainda segurou o volante, e para desviar do veículo que vinha à sua frente, jogou o carro no acostamento contrário, colidindo violentamente contra um poste à margem da pista.

Joshua mergulhou na mais profunda escuridão, e não viu quando seu carro voou, capotou três vezes seguida, e ao perder potência na terceira, arrastou-se pelo asfalto com os pneus voltados para cima.

Vidros estilhaçados, metal retorcido, óleo e sangue espalharam-se pela pista em fragmentos imperfeitos, que demandariam um longo tempo para serem enfim, reparados. Um rastro de horror que mudaria em definitivo o rumo de sua vida.

Ele acordou no leito do hospital. Não se lembrava de muita coisa, apenas alguns flashes assomavam-lhe a mente de forma desconexa. O corpo e a cabeça estavam doloridos, o braço direito em uma tala. Mas ao colocar os olhos nas marcas evidentes em seu antebraço esquerdo, a evocação imediata da memória de sua mulher o inquietou.

Deborah. Onde estaria? Ao lado de seu leito, uma enfermeira com semblante fechado mudava o soro e afastou-se, rapidamente, ao vê-lo acordar, não se importando em dar qualquer orientação ou reafirmação.

À sua frente, pode ver que havia um policial de pé, com olhar indiferente, conversando com uma terceira pessoa: seu sogro.

—Minha mulher... Onde está minha mulher? — perguntou com dificuldade, pois seus lábios estavam inchados e feridos.

O homem corpulento e de olhar implacável virou-se para seu leito e aproximou-se dele. Seu sogro sempre teve o rosto ruborizado, mas naquele momento parecia estar em chamas.

—Minha filha, meu neto... —eles ainda não sabiam o sexo do bebê, mas o Juiz insistia em dizer que era um menino. —Você os matou, desgraçado! Você os matou!

—Não! Isso não é verdade! Onde está Debbie? —Joshua ignorou os ferimentos, levantou-se do leito e puxou o braço do soro, fazendo a agulha saltar para fora de sua veia. O sangue espirrava pelo chão e as gotas o seguiram pelo hospital. —Enfermeira! Alguém me diga onde eu posso encontrar minha esposa! —Viu pessoas em roupas azuis e dirigiu-se a elas. —Minha mulher! — suplicou ele. — Onde ela está?

Um deles aproximou-se calmamente, tomando-o pelos ombros, dando-lhe apoio, sabendo o que viria

depois.

—Sinto muito!

Ele caiu para frente encontrando o corpo do homem que tentava ampará-lo. Mas escorregou até ficar de joelhos.

—Oh Deus, não! Debbie! — ele chorou e soluçou de dor.

—Pare já com isso, seu farsante! Você a matou, e não sairá impune. Assim como fez a minha família, farei com você. Eu vou destruí-lo!

Joshua foi indiciado pela polícia e processado pelo Juiz Raphael Reding por homicídio culposo.

O motorista do carro, que quase foi atingido por ele, foi localizado pelo Juiz, e testemunhou contra Joshua, afirmando que ele havia invadido a pista contrária em alta velocidade. Contudo, não foi encontrado nenhum traço de álcool ou qualquer outra droga em seu exame de sangue.

O advogado de Joshua Ketch alegou que sua esposa sentiu um mal súbito, e ao tentar ajudá-la, ele perdeu o controle do carro. Ao perceber, que invadira a pista contrária, desviou para o acostamento a tempo, evitando dessa forma uma colisão frontal com o veículo e um desastre maior. Não havia intenção perniciososa e proposital em provocar um acidente. Ele sempre fora homem ciente de seus deveres e sem antecedentes criminais. Nunca havia recebido uma multa de trânsito sequer. Algumas pessoas próximas a Joshua, que o conheciam há algum tempo e concordaram em depor a seu favor, o descreveram como um homem equilibrado, com uma conduta honesta. Deborah, jamais, fizera queixas dele de qualquer natureza: ele jamais colocaria a vida da família em risco.

Foi uma longa e árdua batalha para Joshua. O temor de que outra ação judicial que havia contra ele, — e transcorria paralelamente àquela —, pesasse negativamente naquele processo era uma constante. O Juiz Reding tentou usar de sua influência para prejudicá-lo, perseguindo-o e vilipendiando sua moral. Declarou a seus advogados que ele não ia bem nos negócios, e haviam reclamações entre seus clientes de sua falta de profissionalismo e ética. Fabulou que a filha já reclamara dele, e havia, inclusive, mencionado com o pai, o desejo de pedir o divórcio por apresentarem incompatibilidades irreconciliáveis. *Sua instabilidade a assustava*, declarou o sogro.

A acusação apresentou uma medonha tese de tentativa de assassinato seguida de suicídio, já que, Joshua encontrava-se em uma encruzilhada financeira da qual não via saída e a esposa queria o divórcio, por sentir-se acuada em uma relação insatisfatória com um homem fracassado.

Contudo, nada do que foi apresentado contra Joshua no tribunal, serviu como evidência de que ele havia, intencionalmente, provocado o acidente ou mesmo sido imprudente ao dirigir.

O veredicto foi que ele era inocente da acusação de homicídio culposo. O acidente foi considerado uma terrível fatalidade.

Após o término do processo, Joshua ficou desorientado, sem saber o que fazer da vida. Tentou, inutilmente, salvar o que havia restado de sua empresa, mas era como nadar em areia movediça. Seu nome estava desgastado no mercado, tinha dívidas e ele próprio não encontrava o ânimo necessário para ir adiante naquele projeto. Não havia mais motivo para continuar naquele caminho após a morte de Deborah. Pediu falência e um ano após o término de seu julgamento na Flórida, decidiu colocar-se na estrada que o levava de volta para a Geórgia, onde ficava sua cidade natal. Precisava de um pouco de paz. Reencontrar suas raízes. Talvez, recomeçar.

Era madrugada, quando ele colocou a última bagagem em seu carro. Os poucos pertences que lhe restavam couberam em duas malas. Quando começou a mover o carro da garagem, viu dois faróis ofuscando-lhe a visão. De início, não distinguiu quem era. Mas, ao ver a figura alta deixar o carro e vir em sua direção, logo reconheceu o andar — Juiz Reding.

Uma segunda pessoa o acompanhava. Ele não soube o que fazer, mas sentiu que o perigo se aproximava. Sabia do que aquele homem irascível era capaz de fazer, só não tinha a capacidade de prever, naquele momento, o que ele tinha em mente.

Há muito tempo, não elevava a Deus uma oração, mas naquele instante rogou por proteção. Ninguém poderia impedi-lo de matar Joshua. Raphael Reding não temia a justiça, pois sabia como manipulá-la. Talvez, não por um longo tempo, mas por tempo suficiente para esgotar as forças do mais obstinado dos homens, e acabar com a esperança até do mais justo e inocente.

Havia visto e sentido sua influência maléfica. Mentiras, falsas testemunhas, ameaças, perseguições, emboscadas. Flechas o atingiam, vindas de todos os lados, sem que ele soubesse mais de onde ou de quem partiria a próxima. Desconhecidos haviam recebido suborno e comparecido ao tribunal para testemunhar contra ele. Havia sido ultrajado quase todos os dias, e tivera de manter-se calado. Não sabia como havia suportado toda a pressão a que fora submetido. Ainda estava maravilhado de ter saído livre.

Seu advogado, além de possuir a agressividade profissional necessária para o caso, havia provado ser um homem do mais alto caráter, por não ter cedido as retaliações, que havia sofrido durante o processo por defendê-lo. Raphael ainda tentou, como sua última carta na manga, aliciá-lo com altas somas de dinheiro, mas foi inútil. O homem defendeu-o bravamente até o fim, demonstrando que era excelente esgrimidor com a espada da lei.

Mas o ex-sogro ainda não havia desistido de atingi-lo.

Bateu, furiosamente, sobre o vidro de seu veículo com o punho fechado.

Joshua não podia remover o carro. Baixar o vidro foi a única alternativa, ou ele o quebraria. Ficou surpreso de ele não ter atirado, então, esperou para saber o que viria a seguir.

Sentiu o bafo furioso em seu rosto.

—Não pense que está se safando — rosnou ele. —Você é um assassino, não pense que sairá impune. Vou deixar a poeira baixar, e então vou lá te encontrar. Sei em que buraco você vai se esconder. Seu caso para mim é este: fostes pesado e achado em falta.

Mal terminou e esmurrou-o, acertando seu ouvido esquerdo. Joshua sentiu uma dor aguda e ao levar a mão sobre o lado esquerdo de sua face, percebeu que sangrava. O guarda-costas esperou que o juiz entrasse no carro, para então, dirigir-se para o lado do motorista e entrar no veículo.

Ainda que estivesse ferido e estupefato, baixou a cabeça e agradeceu a Deus por ainda estar vivo. Então, dirigiu até o hospital.

Tímpano perfurado, foi o diagnóstico médico. *Mas não se preocupe*, ele disse, *no máximo em dois meses, você estará recuperado*. Joshua permaneceria com a audição do lado esquerdo reduzida por um tempo e precisaria tomar alguns cuidados. Se não a recuperasse completamente ou surgisse alguma outra complicação, deveria procurar um médico em sua cidade. Foi medicado e liberado.

Caminhou para fora do hospital e sentiu os raios do sol refletirem sob as lentes de seus óculos escuros. Mas sentia como se nuvens escuras tivessem encoberto seu céu. Tinha a impressão que havia tombado em um campo de batalha e que ainda permanecia de joelhos. Estava vivo! Vivo e derrotado, ponderava com sua razão. Vivo e sem rumo. Havia fracassado. Estava só, e tinha apenas a angústia como companheira. Fora absolvido, mas sentia-se um réu confesso.

Olhou ao seu redor, sentindo-se desgovernado e perdido. Procurou seu veículo e encaminhou-se para lá.

Retornou mentalmente ao projeto que dera início naquela madrugada, quando foi brutalmente interrompido por Raphael. Juntou os farrapos de si mesmo e deu seu primeiro passo de volta para casa. De volta ao começo.

O tráfego para o norte da Geórgia estava fluido.

Quando alcançou a estrada estreita e alta margeada pelo mosaico colorido de árvores que levava a Terra Nova, lembrou-se do dia em que havia deixado sua cidade, devastado pela perda de seu pai. E agora, outras perdas o traziam de volta.

Um raio de sol vespertino trespassou obliquamente a estrada, varrendo-a com cores resplandecentes e invadindo o interior da floresta luxuriante. Viajar por aquele caminho sempre dava-lhe a impressão de estar resvalando em um cenário de fábula. Um senso de intemporalidade permeava a atmosfera. Pairava sobre ele a expectativa, de que, a qualquer momento, pudesse ser assaltado pela visão de algo insólito, porém, ao percorrer mais um pouco a estrada, foi o passado que acenou para ele.

A entrada afunilada que serpenteava para o interior da margem da estrada, seria invisível para um viajante mais distraído, não para ele. Embora não fosse seu plano, deu seta e entrou.

Quase pode vislumbrar a figura esguia e sorridente da mãe segurando sua mão, para dar-lhe mais

segurança no caminho, que ela chamava de *trilha para o tesouro*. Joshua a seguia entusiasmado para as brincadeiras que inventava para distraí-lo.

Parou diante da cabana aninhada no limite da floresta, e se deixou inundar pelas lembranças do que havia vivido ali. Foram muitos, os finais de semana com seus pais, dentro das fronteiras daquela terra, antes que, um a um, eles fossem arrebatados de sua vida. Ainda lembrava-se, de como aos oito anos, o pai entusiasmado, abrira diante dele um mapa e contornara com o dedo linhas imaginárias, mostrando a Joshua os limites da propriedade que havia comprado e onde construiria uma cabana.

Sua família apreciava a natureza, e após alguns anos de economia, conseguiram adquirir aquele pedaço de terra, em uma área privilegiada pela natureza. Ali, podiam penetrar no esconderijo formado pelas árvores, e caminhar através de trilhas que davam em rios e cachoeiras de águas cristalinas. Foram anos de sonho e serenidade.

Ainda meio vacilante, desceu do carro e parou por um instante diante das escadas que o levariam a varanda. Ervas e arbustos cresciam rente ao primeiro degrau de pedra. Ele subiu e parou diante da janela, e ao tentar olhar através do vidro manchado, descobriu que estava tapada interiormente por tábuas. Mesmo sabendo, que a encontraria fechada, instintivamente girou a maçaneta da porta principal. Trancada.

Rodeou o pórtico até a entrada dos fundos e ao tentar abri-la, surpreendentemente, descobriu-a destrancada. A porta velha rangeu. As dobradiças enferrujadas pelo tempo, já não proviam a sustentação necessária. Entrou, cuidadosamente, atento ao que poderia encontrar.

A luz rarefeita da tarde entrava através da janela basculante da cozinha, facilitando seu exame curioso. O chão estava sujo e com alguns insetos mortos. A não ser por um armário antigo, precariamente suspenso à parede, a poltrona de couro verde que pertencera ao pai, e um fogão à lenha, não havia nenhuma outra mobília ali. Caminhou até a escada, e para sua irritação algumas madeiras rangiam, à medida que ele as pisava e subia ao andar superior. Como havia chegado a esse ponto de desmazelo? — o pensamento o atingiu. Mas como não? Uma vizinha o acusou. A cabana dos pais havia sido abandonada há anos — por ele mesmo. Como único herdeiro, jamais se importou de checar seu estado e se havia necessidade de reparos. Simplesmente, não havia lugar para ela na vida que levava. Seu ritmo de vida era outro, suas necessidades também. E tinha que ser honesto, ainda que aquilo pesasse contra ele: se não tivesse enfrentado todos os reveses do último ano, provavelmente não estaria ali, naquele momento, pois quando deixara Ajalon e Terra Nova para trás, havia sido em definitivo. Queria outra vida. Uma nova história.

Abriu a porta do único quarto da cabana. Algumas teias de aranha pendiam do teto. A porta para o alpendre estava fechada e também tapada com tábuas. O guarda-roupa de cedro de sua mãe ainda estava lá, empoeirado, mas intacto. As chaves de bronze com o desenho de uma roseta na extremidade, ainda na fechadura.

Ao girar uma delas e abrir a porta, foi envolvido pela sutil fragrância de sândalo. Ao abrir a outra, encontrou um único objeto sobre uma das prateleiras, logo no nível de seus olhos: a Bíblia de seu pai. Era parte de uma coleção de memórias tão preciosas, — e até então esquecidas —, que temeu tocá-la e vê-la desvanecer-se diante de seus olhos. Mas o anseio por aquele contato tão evocativo,

de momentos, inexoravelmente, perdidos no tempo, o fez estender a mão.

O marcador de cetim escuro revelava um brilho esmeráldico, à medida que recebia reflexos de luz, e apontava para a última leitura feita naquele livro. Ele abriu bem ali, curioso para saber o que encontraria. Quem sabe, os últimos momentos de reflexão de seu pai tivessem pousado bem ali — e permanecido. Correu os olhos por ambas as páginas e percebeu um versículo marcado à lápis. O coração baqueou ao lê-lo. Foi como ouvir sua voz possante e firme novamente: 'Retornai à fortaleza, prisioneiros da esperança; hoje também anuncio que te recompensarei em dobro. ' Era como encontrar um tesouro, uma voz que ecoava do passado e que, coincidentemente, acertara o alvo. Ficou trêmulo, seus olhos não conseguiram se desviar da página de folhas finas e sedosas.

Sentou-se no chão e deixou-se ficar, reflexivo, como talvez, seu pai estivera quando passou o lápis sobre aquele versículo. Talvez, planejando voltar a ele mais alguma vez. O dia já estava se pondo e ele percebeu que sem luz não poderia permanecer ali. Iria até a cidade, passaria a noite e voltaria no outro dia.

Deixou a cabana sem vontade e levou consigo a Bíblia do pai. Voltarei amanhã, pensou ele. E então, num novo olhar disse a si mesmo: estou de volta.

Charlotte parou seu carro diante da velha cabana que havia pertencido aos pais de Joshua. Sombreou os olhos com as mãos, para evitar o reflexo do brilho do sol em seus olhos e avistou-o sobre o telhado, com um martelo em uma mão e um prego entre os dentes.

Ele começou a descer assim que a viu.

— Quando ia me avisar que havia chegado? Soube da notícia por Steve, da loja de ferragens. Não imaginava que havia perdido a consideração por mim.

Ele beijou-lhe a testa, ignorando suas palavras.

— Ia avisá-la. Mas foram tantas providências a tomar, que acabei adiando. Desculpe.

— Você passou a noite aqui?

— Não, na pousada.

— Por que não foi até minha casa?

— Era tarde, não queria importuná-la.

— Meu Deus, por que isso agora? — apontou para todo o material empilhado diante da cabana.

— Vou viver aqui.

Charlotte estava perplexa com aquela decisão. Soube uns meses antes, que ele planejava voltar para a cidade. Havia ligado para ela quando ainda estava em meio ao processo judicial que o sogro movera contra ele. Ela nunca entendeu como aquele homem pode ser tão duro com Joshua, que sofria

tanto ou mais que ele com a morte da esposa. Ele acumulava perdas.

Antes mesmo do acidente, Charlotte descobriu, através de jornais e revistas, um pouco sobre a natureza do Juiz Raphael Reding, um homem implacável com seus desafetos. Instintivamente, passou a cultivar certo temor pelo sobrinho, dono de um espírito independente. Não conhecia o relacionamento dos dois de perto, mas sua intuição lhe dizia que eram duas forças opostas, e, que uma colisão de personalidades era inevitável. Mas, nunca imaginou que seria quase mortal.

Depois da morte de Deborah, Joshua estava sempre em suas orações. Indagava a si mesma e a Deus o porquê de uma pessoa perder tantos entes queridos em um espaço tão curto de tempo entre um e outro. Chegou a temer que ele rompesse emocionalmente. A notícia que o sogro o culpava pelo acidente, a fez arrumar as malas e partir para Miami com o intuito de oferecer apoio, ainda que Joshua a tivesse pedido para permanecer em Terra Nova.

Ela só entendeu o porquê, de ele querer mantê-la afastada, quando viu o estado de angústia mental e emocional em que ele se encontrava.

Tomava medicações para dormir e controlar a ansiedade. Estava emaciado, quase não o reconheceu. Aceitou a vida, pois ela se impunha a ele. Ela sabia, em seu íntimo, que ele teria entregado a sua em troca da de Deborah. E, finalmente, constatar a atitude violenta, quase assassina, do sogro contra ele, tornava tudo mais assustador. Joshua estava em um redemoinho. E ela temia que ele perdesse por completo o rumo. E a vida.

Dois meses após sua chegada a Miami, em uma tarde quando estava ocupada com algumas tarefas domésticas, atendeu uma ligação do advogado de Joshua avisando que o sobrinho não voltaria para casa naquele dia. Ao pressioná-lo para obter mais detalhes, ficou chocada com o que ouviu: Joshua havia sido preso por porte de narcóticos.

Narcóticos? Drogas? Era isso? Sua confusão era tão grande diante daquela sombra hedionda que se agigantava sobre suas vidas, que ela precisou ter certeza dos significados. Sentiu que o chão se abria sob os seus pés. Milhares de questionamentos invadiram sua mente. *Será que ele havia se desestruturado a tal ponto que precisava de drogas para ir em frente? Quando aquilo havia começado? Como ele pudera fazer isso em meio ao processo a que era submetido? Como pudera fazer aquilo a si próprio? E a ela?*

— Foi uma armadilha, tia!

Ela ouviu, no dia seguinte, de um Joshua sombrio.

— Eu voltava do escritório, quando ouvi a sirene da polícia. Emparelharam comigo, e eu parei sem imaginar o que vinha depois. Um dos policiais me pediu que descesse do carro. Achei que era apenas um procedimento de rotina, mas ao obedecê-lo, ele simplesmente me jogou contra o veículo, me algemou, enquanto o outro entrava em meu carro para ‘revistá-lo’. Saiu de lá com cocaína, e disse que havia encontrado no porta-luvas.

A incerteza a assombrou. Ela desejava acreditar nele completamente, mas ele não era mais o mesmo. Charlotte estava paralisada dentro de um torpor de desesperança, só imaginando as consequências

daquele evento no processo de homicídio culposo que Raphael movia contra Joshua. De um momento para outro, seu sobrinho passara de um homem íntegro para alguém acusado por porte de droga e homicídio.

A sensação de que uma nuvem negra havia estacionado sobre suas cabeças a desorientou, e ela só conhecia uma forma de combater seu espírito alquebrado e as forças que os atacava: voltou-se para Deus.

Os policiais alegaram que além de porte de drogas, Joshua havia sido pouco cooperativo e eles tiveram que usar de força para contê-lo.

Nem mesmo, a descoberta de que um dos policiais envolvidos na prisão de Joshua já havia sido acusado de corrupção, e poderia ter plantado as evidências em seu carro, ajudaram na petição do advogado de suprimir as evidências contra Joshua. Ele foi condenado a pagar uma multa de \$1500,00 e teve sua habilitação para dirigir suspensa por um ano.

O humor de Joshua decaiu ainda mais. Implorou que Charlotte fosse embora. Tinha medo que na ânsia de atingi-lo, Raphael a machucasse. *‘E aí sim, estarei completamente só’*, concluiu ele. Charlotte ainda tentou argumentar que não viviam em um mundo sem leis. *Esse jogo é perigoso, tia, e ele sabe como burlar todas as regras. Por favor, pegue suas coisas e vá embora.* A angústia que provocava nele, tê-la por perto, e não saber como protegê-la, acabou por convencê-la.

Charlotte lembrava-se do dia que havia deixado Miami. Prestes a embarcar no avião, quase teve uma crise de lágrimas diante do portão de embarque. Não vira naquele instante, nenhum sinal tangível de que a sorte de Joshua estava para mudar, e orou para que a última pessoa de sua família com quem ainda tinha laços de afeto não fosse arrebatada de forma injusta.

Agora, tê-lo de volta, era um alívio. Mas ele não era mais o mesmo. A aflição não havia, apenas, envelhecido seu rosto, mas também, esmaeceu de seus olhos o brilho que antes conhecera. O brilho, que apenas a esperança pode proporcionar. Saiu de Terra Nova cheio de entusiasmo e certeza de que conquistaria sua cidade dourada. Era um jovem ousado e olhava para seus objetivos do alto de sua montanha de expectativas e sonhos, e agora, enconchava-se na velha cabana como se estivesse se escondendo de alguma vingança profética.

Na cidade, teria a ela, os velhos conhecidos, luzes e algum entretenimento. Tudo o que um homem jovem precisa, para infundir em seu sangue a velha e boa chama do vigor. Estaria rodeado de pessoas que o apreciavam e cuidariam dele.

Entrou na cabana e descobriu que não havia nem uma mesa onde pudesse colocar a comida que trouxera.

—Por que, Joshua? — perguntou confusa. —Não é bom que fique aqui. Se quiser, venha visitar, mas não more neste lugar.

— Eu sei que é aqui que eu devo ficar. Sinto que estarei seguro.

Ela franziu a testa.

— Seguro? Eu sabia... aquele homem ainda o ameaça.

Ele negou inutilmente, mas ela sabia que era verdade.

— Preciso recomeçar... e algo me diz que este é o lugar. Não se preocupe, vai dar tudo certo.

Ela sempre o ouvira dizer aquilo, e olha só onde ele tinha acabado, pensou. Mas não adiantava discutir. O conhecia bem, para sabê-lo.

Pegou uma toalha xadrez de mesa que trouxera, colocou-a sobre o chão da varanda e dispôs a comida sobre ela. Sentou-se em um dos degraus da escada e pediu:

— Sente-se aqui. Pelo menos venha comer alguma coisa.

Nisso ele obedeceu.

Leite e mel habituam o paladar à doçura, quando em abundância. O mimo fácil e acessível acaba por enfasiar, e o insólito e exótico despertam fascínio. Foi preciso sua alienação e distância do que era divino, para entender o quão importante era para a alma. Para o corpo. Agora, compreendia o que, antes, — cego que estava — não pôde enxergar. Como andara tão longe da face de Deus e sobrevivera?

O passar dos dias confirmaram que seu instinto estava certo, aquele era o lugar certo para ele. Quaisquer que tivessem sido seus planos iniciais, eles deram lugar a um imprevisto oportuno e valioso. Descobriu, que enquanto levantava os escombros da cabana na floresta, também conhecia um pouco melhor a si mesmo.

Os sons e as cores da natureza ajudavam a amenizar sua dor emocional, que por vezes, ameaçava engolfá-lo. Sentia prazer em estar ao ar livre, e contemplar à noite, o céu estrelado. A fragrância do musgo, das flores e da madeira aromática do cedro era revigorante. Sua vida urbana o havia afastado dos elementos vivificantes da terra, mas foi preciso, apenas, uma única imersão em Ajalon, para despertar sua memória. O odor penetrante e sedutor do sassafrás, não raramente, o atraía para o labirinto de árvores, cujas trilhas o conduziam, invariavelmente, para o encontro dos dois rios, e onde no início do outono, brotava uma lobélia à sua margem, vestida em fascinantes roupagens flamejantes. As águas cristalinas que desciam límpidas das montanhas lavavam as pedras que ficavam no centro da correnteza, deixando-lhes a superfície tão lisa, que refletiam nelas, o brilho do sol. As monarcas faziam seu voo dourado, anunciando que no casulo se operava o enigma da metamorfose. Aquele lugar de refúgio era um bolsão de glória, o relicário, onde ele recuperaria seu templo abandonado em seus fundamentos e construiria uma intimidade mística com o Criador, assim como seu pai o havia feito, antes dele.

Mergulhou na floresta e no silêncio dentro de si, buscando reconectar-se com os recantos inexplorados de sua própria alma — e redescobrir propósitos. Às vezes, a neblina envolvia as árvores ao nascer do dia e ele tinha a impressão de que uma aura sagrada pairava sobre Ajalon.

Pedaços de si renasciam a cada novo dia. E um lado de sua identidade, que ele não conhecia começou a emergir. Caminhava nesse terreno estranho de sua alma, ainda, às apalpadelas, mas sem recuos.

Descobriu na Bíblia do pai, outras passagens que haviam sido sublinhadas, e que reverberaram como se tivessem sido escritas, para aquele tempo, e destinadas a ele.

Só percebeu, que havia estado em um processo de cura, quando em uma noite, percebeu o ruído sutil de galhos sendo esmagados. Todos os seus sentidos ficaram em alerta. Subiu até o quarto e espiou pela fresta da porta. *Seus últimos anos haviam feito dele, um homem tenso e desconfiado*, pensou aliviado, ao avistar caminhando tranquilamente, próximo a luz alaranjada das lamparinas, um par de corças de rabo branco. Havia recuperado a audição de seu ouvido esquerdo.

Charlotte o visitava regularmente e notava com satisfação que sua aparência melhorava, ele estava mais tranquilo, mas ainda assim, ela discordava de seus métodos. Isolar-se abria as portas da mente para pensamentos bizarros e inspirava comentários maldosos nas pessoas. *Por que vive solitário?* Alcinhas eram inevitáveis. E a desagradavam profundamente. Joshua era para ela, o menino-sonho, o homem-herói, e o fruto maduro que poderia, ao fim da vida, ser reconhecido por ter cumprido sua vocação, e não um homem esquisito, antissocial e difamado.

— Baptiste perguntou por você. Sabe há quanto tempo está aqui, praticamente isolado?

Ele não estava contando o tempo, apenas, olhando para ele. Sempre ao meio-dia, o meio círculo transparente da lua aparecia em Ajalon, diante de sua cabana, e no fim do dia estava brilhante e prateada, exatamente sobre ela. Tornou-se uma presença regular. Movia-se sobre o domo da terra, mas permanecia em uma aparente recusa de seguir adiante em sua órbita circular, ao mostrar sua face completamente iluminada e concluindo seu ciclo. No início duvidou de seus olhos, de sua percepção e até, de seus parcos conhecimentos astronômicos. *Não era a lua*, debatia-se ferozmente com aqueles fatos, *talvez algum outro astro que desconhecia*. Depois de muito observar, teve certeza, era a lua — teimosa e obstinada —, contra todas as leis da natureza. Ela reinava naquele pedaço de céu.

Quando atravessava os limites de Ajalon, tudo parecia normal, — nova, crescente, cheia e minguante. O sol brilhava em Terra Nova. Mas voltava para casa, e lá estava ela. Imutável. Sem fases ou humores. Um sinal, de que havia algo de muito estranho com aquele lugar. Ou com ele. Talvez, com ambos. Sempre tivera a impressão, que estava fora do compasso do tempo, mas aquilo era demais. Ver corroborado um sentimento metafórico de forma tão transgressora, como a alteração das leis da natureza, era quase alucinante. *O que ele havia feito de tão errado?*

Comentou o fenômeno estranho com Charlotte, que descartou a possibilidade de forma incisiva. *Está enganado! Já te disse para deixar Ajalon!*. Percebeu seu erro ao ver sua expressão preocupada, que ele também compartilhou. *Só era o que faltava. Enlouquecer*.

Não levantou mais os olhos para contemplar a lua, desviou o olhar e tentou não pensar mais no assunto. Mas, sabia — no fundo de sua alma —, que seu tempo havia parado. Seu relógio quebrara-se. Só não ousava compreender.

Com a intenção de satisfazer Charlotte, bem como para contrariar as percepções inquietantes que

atingiam sua realidade, foi até a gaveta do criado mudo, pegou seu relógio e colocou-o no pulso.

—Pronto! De volta ao mundo real. Não é isso que quer?

—Ótimo. Agora encontre um lugar para ficar na cidade.

Isso é outra história, pensou.

—Vou voltar aos negócios. Começar a fazer alguns contatos.

Ela ficou animada ao ouvi-lo. E assim como disse, fez.

Mas o tempo passou, corria em alguns dias e se arrastava em outros. E para inquietação de Charlotte, Joshua não deixou Ajalon. Permaneceu em sua cidade de refúgio como um condenado, que teme a vingança, por qualquer passo, fora dos limites que lhe são impostos.

Ela se perguntava por quanto tempo ele iria permitir que Raphael cerceasse sua vida, por quanto tempo mais aceitaria a culpa que ele lhe impingira pela morte de sua esposa. Toda aquela penitência, por um estigma que não cabia a ele ostentar.

Até que chegou aquele estranho inverno. E tudo mudou.

Qual a macieira entre as árvores do bosque,

tal é o meu amado entre os filhos.

[Cânticos 2:3](#)

CAPÍTULO IV

TEMPO DE COLHER MAÇÃS

A casa de pedras elevava-se por trás do portão principal do 'Pomar de Maçãs de Baptiste'. Não era uma construção suntuosa, mas sólida. Perene, por assim dizer.

Quem passava pela estrada, sentia-se automaticamente atraído pela paisagem poética, com seus vários matizes de verde, rosa e vermelho. A coroa da propriedade era o pomar de maçãs. No zênite da floração, as pétalas diáfanas das flores polinizadas, lentamente passavam do rosa pálido para branco, e como um quadro de *Monet*, iludia os olhos com a visão impressionante de espumas de sabão, flutuando ao sabor da brisa, sobre os galhos retorcidos das árvores. A fragrância deleitava aqueles, que oportunamente passavam diante de seus portões.

Baptiste chegara da França vinte anos antes, e apesar de sentir falta dos olivais, lavandas e ciprestes, fez de Terra Nova seu lar. Investiu na terra sua energia, tempo e suor. Como uma árvore, sentia-se conectado e dependente dela, de seu cheiro, da textura granulosa debaixo de seus pés, de sua cor e seus elementos.

O pomar produzia maçãs que enchiam alqueires, se empilhavam em vagões e algumas eram prensadas para cidra. Todos os anos, Baptiste convidava as pessoas a fazerem parte do circuito renovador da terra, colocando em frente à sua propriedade uma placa sinalizadora: *Colha suas próprias maçãs*.

As pessoas afluíam para os pomares de maçãs de Terra Nova em um ritual anual de Outono, que junto com o Festival da Colheita fazia da cidade para os turistas, o que um pote de mel é para formigas.

Do terraço, nos fundos da casa, Baptiste olhou diretamente através do corredor central entre as árvores e contemplou a magnificente vista do que ele chamava de *meu Jardim do Éden*.

A despeito da fascinante e desinibida exibição de amor entre os elementos da natureza durante a primavera — quando as abelhas se enamoravam das flores castas das árvores —, e dos frutos gratos do outono, contemplar a transformação que se operava em um pé de maçã durante o inverno era, para ele, como ver o milagre silencioso da renovação. A neve surgia para coroar a estação. Como dizia seu poeta e escritor mor, ‘a neve é um acontecimento’^[1]. No inverno algo sobrenatural acontecia

debaixo dos lençóis brancos, invisível ao olhar mais relapso.

Ao ser despojado de toda sua glória, os galhos nus e retorcidos, quebrantados pelo inverno rigoroso, assumiam uma aparência lutuosa e fúnebre, que era, na verdade, apenas um preparo. Um rompimento com o passado. Um recolhimento dentro de um assombroso mistério, tênue ao olhar. Uma morte programada para a renovação, que ascendia numa cadência lenta e inexorável, através de uma fagulha invisível de energia, que atravessava toda a árvore, ateando-lhe uma chama. Brotava num princípio tímido e sem estardalhaços, mas quebrava por completo a casca velha e ineficaz da árvore para o novo ciclo.

A força divina determinada a prosseguir em seu ciclo vital, varava o envoltório dos galhos, — partindo-os — para permitir a passagem das pequenas pontas verdes, que lentamente se desenrolavam em arabescos de folhas, ordenadas ao longo dos galhos, como um pequeno exército da esperança se erguendo das cinzas. Mortos saindo de suas sepulturas em uma estranha ressurreição. Recomeçando.

Baptiste, já há muito tempo, desistira da religião, mas tinha que reconhecer os sinais de Deus quando via um milagre.

Seu pomar era seu pequeno paraíso, e sua fonte de renda. Mas não fora sempre assim. Depois de investir bastante naquele sonho, ele quase havia se tornado em sua maior frustração. O início foi bastante tortuoso, pois não tinha muita experiência. Havia trabalhado pouco tempo com maçãs antes de ter o seu próprio pomar, e sua maior arma ao pisar naquele terreno, foi sua obstinação, que embora fosse importante, não substituíra o conhecimento e a sabedoria necessários para lidar com um empreendimento daquele tamanho.

Fora ambicioso e ignorante, tinha que admitir. Quase perdeu tudo.

As pragas que tentavam assolar seu pomar a cada estação, com uma diferente estratégia e abordagem, quase puseram fim a sua paciência e investimento. A variedade de inimigos sempre foi tão vasta, que ele encheu cadernos e mais cadernos de anotações sobre pragas e seu controle. Tudo metodicamente datado para ser fonte de pesquisas eventuais, e claro, para poder reviver a agonia, dessa forma prevenindo novos ataques.

Mas, de todas as pestes que surgiram, nenhuma delas o enfureceu tanto quanto a mais indiferente e petulante de todas elas. Agia, com a certeza absoluta de seu instinto animal, de que o pomar havia sido plantado para seu mais puro deleite.

Em um verão em particular, quando seu empreendimento era incipiente, e suas árvores, agora frondosas e maduras, não passavam de jovens plantas com potencial, ele saiu para realizar a limpeza de um terreno. Quando passava com o ancinho em mãos, viu o animal garboso mastigando ramos novos de sua árvore. Baptiste parou no meio do caminho e interrompendo o que estava prestes a fazer, perseguiu a corça com seu instrumento de trabalho.

Ela saltou por sobre as plantas e escapou de sua fúria. Mas, a certa distância, parou e focou os olhos cheios de ressentimento no francês. *‘Era isso mesmo? Aquele animal vinha se repimpar no seu pomar e ainda achava ruim porque fora escorraçado? Só era o que faltava’*, pensou Baptiste. *‘Vem*

fazer estrago e quer que eu agradeça?’

—Não vou pintar um quadro seu! — gritou e agitou o ancinho furiosamente em sua direção, com o animal o observando a uma distância segura. Deixava assim, clara sua intenção, se ele pretendesse voltar.

Dois dias depois, algumas de suas plantas estavam arranhadas. Ele havia voltado. Atrevido! E continuou voltando, audaciosamente, durante algumas estações. Foi em uma conversa com um amigo, tempos depois de seu desafeto fazer estragos definitivos em algumas de suas árvores, que ele descobriu que, ‘corças tem uma atração irresistível por pés de maçãs e que ele deveria saber disso desde o início’. Por isso era premente, que ele construísse uma *cerca anti-corça*.

Veio dessa época, seu ódio mortal por essa espécie do reino animal.

Baptiste verteu o líquido âmbar em um copo e entregou para Joshua.

— Então, quer dizer que vocês estão tendo algo sério. E se houver alguém importante no passado dela?

Joshua transfixou-o com seu olhar.

— Você não me dizia que eu deveria superar o passado e começar a *existir* no presente? Eu estou fazendo isso e Lily também.

O que era preciso fazer para Joshua fincar seus dois pés na realidade? Pensou Baptiste.

— *Mon ami*, você está em apuros! Pula fora desse barco antes que ele afunde. — tirou a carteira de cigarros do bolso, pegou um e o acendeu.

— Pensei que você tinha dito que ia parar.

— *Tu est un idiot!* Acredita em tudo que te falam —, baforou a fumaça.

Joshua não ficava mais ofendido com Baptiste.

Assim que ele havia chegado a Terra Nova, Baptiste contratou pessoas para erguer sua casa e Joshua foi um dos candidatos ao emprego. Sua natureza ríspida e honesta causou-lhe estranheza no início, mas depois acabou por se acostumar e tornaram-se amigos.

— Estou pensando em começar a fumar charutos cubanos. Aí vou largar esses aqui — comentou casualmente.

— São mais caros e tão ruins para saúde quanto esses aí.

Baptiste ignorou o comentário.

— Você está dormindo com ela e perdeu a cabeça, não é? Quero ver quando ela for embora.

— Não... vou ser honesto. Pensei nisso, mas não. Acho que está na hora de fazer algo do jeito certo.

— *Dieu!* Então é pior do que eu pensava! Você está seduzido pela condição dela. Pelo anonimato de sua identidade. Você não está um pouco velho para amor platônico?

— Eu sinto algo forte por ela. Pela pessoa dela. Você está querendo me confundir. Fica dando uma de psicólogo! Fala de mim, mas vive aqui sozinho.

— Eu vivo aqui, *ocasionalmente* sozinho, ouviu bem?

— Não acha que está mais do que na hora de ter alguém para envelhecer junto com você? — Joshua resolveu devolver os conselhos que ele lhe dava.

Baptiste riu, revelando os dentes amarelados.

— Você tem umas ideias tão tradicionais e conservadoras sobre a vida. O máximo que eu envelheço ao lado de alguém é por uma semana.

Joshua se perguntava se Baptiste algum dia conseguiria mudar.

Um dia, ele o confidenciou que sua família era muito católica. Quando ainda era jovem foi enviado ao seminário pelos pais. No princípio, ele apreciara a vida eclesiástica, a contemplação que ela proporcionava. Antes, porém, de terminar o seminário, ele estava dando assistência a um padre em uma paróquia de uma pequena cidade do interior e conheceu Mônica. Uma jovem católica muito devota. Apaixonou-se por ela e percebeu que no fundo não tinha vocação alguma para tornar-se padre.

Foram muitos os conflitos dos dois.

Um dos padres — e seu confessor — acusou-o de estar sendo leviano, dando vazão a um ataque de luxúria. *Está sendo derrotado pela sua primeira tentação.*

Mas não era isso, ele a amava.

Baptiste abandonou o seminário e foi atrás de Mônica. Por ser muito dedicada aos princípios no qual havia sido criada, sensível a opinião dos pais e à sua fé, acreditou que havia desviado um homem de Deus de seu caminho. Ficou tão dilacerada por seu conflito que adoeceu. A família dela o culpou, e ele, por amor, se afastou. Correu para longe dela, da igreja, e de seus princípios. Deixou o passado para trás. Anos depois, soube que ela havia casado e tido filhos. Ficou com a sensação de ter sido expulso do paraíso.

Ele não pertencia a nada e a ninguém. Então, foi viver a vida mundana com intensidade, pois Baptiste não sabia viver nada superficialmente e era dado a extremismos. Ou era santo ou mundano. Mergulhava nas suas experiências, quer fossem alucinógenas ou reais. Abraçou o *carpe diem*.

No entanto, acabou por entender que aquele estilo de viver não era para ele. Não preenchia sua alma. Resolveu assentar a cabeça viajando com uma mochila nas costas e acabou em Terra Nova.

Vez ou outra, Joshua o pegava lendo livros de Santo Agostinho, mas conhecendo-o bem, duvidava que ele tivesse se arrependido de abandonar o seminário. Ele era apenas uma alma faminta de

espiritualidade. De Deus. Mas resistia a Ele bravamente.

— Tenha uma mulher, faça amor com ela, mas não se envolva, jamais! — disse Baptiste.

— Você está falando de luxúria. O que eu sinto por ela é algo que você já conheceu. Lembra-se?

Ele não gostou de Joshua trazer à tona algo que havia escapado de sua boca enquanto estava alcoolizado.

Confissões de bêbado eram sagradas.

Então, disparou em um surto de lógica, racional e inatacável:

— Você não acha bom demais que uma mulher bonita, inteligente, que sabe cozinhar e ainda por cima, desmemoriada, tenha caído do céu nos seus braços? Eu desconfiaria disso. Averiguaria cada detalhe. Ela pode ser casada. Já pensou nisso?

— Sabe, Baptiste, você sempre quis demonstrar a todos que é um espírito livre. Mas sabe o que eu acho? Você está amarrado a seu ceticismo como se fosse um dogma.

Baptiste olhou para ele balançando a cabeça e disse:

— Faça como você quiser, Joshua. Só não diga que não o aconselhei.

— Não queria seu conselho e sim seu apoio. Mas obrigado, mesmo assim.

Setembro encontrou Lily ávida por participar da coleta de maçãs no pomar de Baptiste. Na cidade não se falava de outra coisa. Outono, colheita, maçãs, tortas, cidras, celebração e danças. Todos almejavam pelo fruto prometido da renovação.

Joshua buscou a ela e Charlotte em um domingo pela manhã. Havia poucas pessoas na propriedade, mas a tendência era que ao longo do mês, à medida que a estação das maçãs esquentasse, o número de turistas aumentasse.

As árvores estavam carregadas com o fruto sazonado.

Havia alqueires enfileirados contra a parede da casa de Baptiste. Joshua pegou um, tomou a mão de Lily e levou-a até o pomar. Charlotte entrou na construção de pedra. Era um lugar fresco e convidativo.’

— Bem-vinda, Charlotte — cumprimentou-a Baptiste.

— Obrigada, Baptiste. Este lugar está uma beleza!

— É verdade.

Ele convidou-a a sentar-se à mesa que ficava no terraço e trouxe uma garrafa de cidra. Encheu dois copos com o líquido, colocou *canudos* de canela, serviu-lhe um e começou a bebericar o seu.

— Delicioso! Sua cidra é a melhor do mundo — disse ela.

Ele agradeceu-a. Então, olhou para o pomar e perguntou:

— O que está achando disso? — ele apontou para Joshua e Lily.

— Deus tem um jeito engraçado de curar as pessoas, não é?

— Deus?

Charlotte conhecia Baptiste. Seu cinismo, sua busca, e os conflitos entre um e outro.

— O amor tem um jeito de curar as pessoas, não é? — ela sorriu. — Melhor assim?

— Parece que eu sou voto vencido, não é mesmo? — balançou a cabeça.

— Baptiste, as pessoas tem que superar seus traumas e continuar, se não acabam aleijadas. Joshua é jovem, precisava ir adiante. E ela o tirou da concha.

— Eu preferia Jules. Ela, pelo menos, sabia o próprio nome.

— Você está dando muita importância a um nome. *Se a rosa tivesse outro nome ainda assim teria o mesmo perfume.*

— Acho que você está sendo simplista, pois o problema nesse caso não é só o nome, o contexto é completamente diferente. Não acha que a memória dela está demorando demais para voltar?

— As pessoas exalam aquilo que são, Baptiste. A identidade dela abarca a cozinheira que vai ao restaurante todos os dias e mistura sabores de forma singular, a mulher apaixonada que olha Joshua com os olhos brilhando e a quem ele chama de Lily, seu passado esquecido, assim como o futuro imperscrutável — olhou para ele significativamente e acrescentou. — Todos nós temos ausências. Uma aqui, outra ali. Elas vão sendo preenchidas aos poucos. Outras nunca serão.

— Minha preocupação é que, um dia a *ausência* dela apareça e leve-a para longe dele.

— É um risco — disse Charlotte pensativa. — Amar é sempre um risco.

— O que você está fazendo? — Lily sorriu e cobriu os olhos com uma mão.

Ele não se deu por vencido e continuou filmando-a. Então, ela decidiu olhar para o celular dele e sorrir. Escolheu uma árvore, colocou o alqueire embaixo dela e colheu sua primeira maçã. Depois mais outra.

— Vim aqui colher maçãs, Josh e não ficar fazendo pose para você.

Ele concentrou-se mais ainda no que fazia.

Ela pegou uma maçã, sorriu para ele e mordeu a fruta, demonstrando que não estava mais

desconfortável com a invasão dele. Então ele aproximou-se e beijou-a.

Lily sentou-se na grama onde havia alguns dentes-de-leão, Josh sentou-se ao lado dela e apertou o *play* do celular para ver o pequeno filme que havia feito. Então, virou o aparelho para que ela visse a si mesma.

Ela assistiu em silêncio àquelas cenas roubadas. E depois, mais outra vez. Parecia hipnotizada pela imagem em movimento. Tentava encontrar o ângulo que estava faltando. 'A mulher olhou para cima e encontrou os raios do sol, desviou os olhos do ofuscamento e novamente sorriu para a câmera.'

Duas crianças passaram correndo por eles. *Não sumam!*, a voz da mãe advertiu.

— Eu vim encontrar você — disse ela de repente.

— O que?

Ela sorriu e disse:

— Agora é minha vez. Me ensina a usar essa coisa — pediu.

Se havia algo com a qual ela não se sentia confortável era com eletrônicos. Celular e computadores era uma dificuldade que ela tentava superar todos os dias.

— Eu acho que de onde vim não haviam dessas máquinas — riu ela.

Ele mostrou como ativar a câmera, e ela começou a filmá-lo.

— Elas vieram juntinhas na minha mão — entregou uma maçã para Joshua e ficou com a outra.

Ele olhou para a fruta e disse:

— Parece verde.

Ela mordeu a dela e depois ofereceu a ele.

— Esta está madura.

Baptiste olhou para a maçã que estava na mão de Joshua.

— Deixa eu ver — pediu o homem mais velho. Provavelmente, não estava verde, ou ela não teria sido removida junto com a outra.

Analizou o fruto e concluiu que estava mesmo verde. Lily se enganara ao pensar que a havia colhido do mesmo esporão onde estava a madura. Separaria aquela para enviar ao mercado. A colheita das maçãs por visitantes era um evento bastante agradável, mas nem todos sabiam que frutos colher. Ele ficava sempre de olho para evitar desperdícios. Colocou a maçã sobre a mesa.

— Verde mesmo.

— Nem as frutas escapam à relatividade do tempo. Umas são afetadas mais que outras — observou Charlotte que dispunha uma travessa de sanduíches sobre a mesa.

O crepúsculo se aproximava e os quatro estavam no terraço de Baptiste. Joshua sentado sobre o muro baixo de balaústre e Baptiste e Lily à mesa. A última família a deixar o pomar, acabara de sair.

Baptiste resmungou.

— Logo ela amadurece. A Flecha do Tempo é fatal, sempre em direção ao caos para todos.

— Será que é mesmo assim? Sempre em direção ao caos? A Bíblia diz *que há tempo para tudo debaixo do sol. Tempo para morrer, sim, mas aí então, vem o tempo para nascer, o tempo para amar. Tempo para deixar de abraçar e depois para abraçar* novamente. Nem sempre se está em direção ao caos. São momentos finitos, que levam a um novo princípio — insistiu Charlotte em seu ponto de vista. — *Deus fará renovar-se o que passou.*

— O cair das folhas das árvores em preparação para o inverno, pode parecer caos, ausência de energia, morte, mas na verdade ela está se rearranjando para dar fruto outra vez. Talvez o tempo não seja tão fatal assim — disse Lily. — Só engana nossos sentidos. Estamos sempre indo em direção ao recomeço de um novo ciclo.

Joshua refletiu sobre aquelas palavras. *Recomeço*, era o que ele buscava. E naquele momento, sentiu que o queria ao lado dela.

— Vou provar o que estou dizendo, de forma incontestável — Baptiste pegou a maçã que estava sobre a mesa e pacientemente falou, olhando para Lily. — Ela não vai ficar mais verde a cada dia que passa. O efeito do tempo não é uma ilusão. A flecha do tempo vai em direção ao caos. Amadurecimento ou podridão, é isto que a espera.

Depois levantou os braços.

— Agora, vocês tem razão a natureza se renova. As estações tem um ciclo. O Tempo de Deus é perfeito, mas quando é que nós nos submetemos a ele? Quando é que conseguimos aceitá-lo e *pulamos* dentro dele? Nós vivemos pelo tempo dos homens. Gostamos de realizar de acordo com nosso cronograma. Estamos amarrados irremediavelmente a Flecha do Tempo. O caos nos espera.

Dizendo isso pegou a maçã e colocou-a sobre seu armário na cozinha.

Realmente, pensou Lily, *incontestável*.

—Vai ficar aqui em sua homenagem, Lily — disse Baptiste sorrindo, com o ceticismo brilhando em seus olhos. — E quando você vier me visitar novamente entenderá que não há nada de poético em relação ao tempo.

Ele havia tomado uma decisão, que sabia, teria fortes opositores. Já encontrara um: Dr. Brown. Foi ele, o primeiro a quem comunicou o que pretendia fazer, afinal de contas, ele era o médico de Lily.

— Josh, se você pedir a ela que se case com você, poderá estar interferindo com a recuperação dela. Você nem sabe se ela já não é casada! — olhou-o incrédulo. — Graças a Deus, ninguém em sã consciência casará vocês dois e ela não tem documento algum ou você realmente levaria a termo essa loucura.

Ele não aguentava mais aquela situação. Lily não mostrava melhoras. A memória dela era hermeticamente fechada, e ainda, se recusava a buscar tratamento em Atlanta com especialistas. A polícia ainda não tinha pistas sobre a verdadeira identidade dela, e o Dr. Brown tinha um conhecimento limitado sobre aquele distúrbio, mas já havia lhe garantido que era um trauma psicogênico e não devido à pancada como haviam sido levados a crer no início. Ela acessava, cuidadosamente, aquilo que não a incomodava.

— Nós apenas ficaremos noivos — disse cândido.

Dr. Brown jamais havia imaginado que sua tentativa de ajudar Joshua a colocar a cabeça para fora daquele poço de melancolia se tornasse em um tiro que sairia pela culatra. Acreditara que aquela desconhecida, logo recuperaria a memória — prognóstico normal de uma pessoa que bate a cabeça num acidente e não tem danos cerebrais —, mas não. Não foi assim com ela. A situação se arrastava. Quando ela não demonstrou sinais de recuperação, apenas acessando habilidades que havia adquirido no passado e executando-as automaticamente, começou a suspeitar que o trauma sofrido por ela fosse psicológico.

Agora, sentia-se culpado por ter contribuído para aquele relacionamento. Não sabia se aquele homem estava preparado para outra decepção. Jamais interferiria no destino das pessoas novamente, pensou ele. Agora, tudo o que podia fazer, era tentar remediar o que havia feito.

— Não conte comigo para levar isso adiante. Estou lhe avisando.

— Sabe o quanto sou grato, pelo que tem feito por nós... pelo que fez por mim. Mas, eu vou fazer isso. E ele já havia escolhido onde e quando: a noite do festival das colheitas.

Ela marcou de encontrar Joshua assim que deixasse o bistrô. Não queria que Charlotte ficasse só em um momento de tanto movimento. As mesas que haviam colocado na calçada haviam lotado e apenas após a meia-noite, é que ela viu uma brecha no tempo para encontrá-lo. A pista de dança do Festival da Colheita ficava apenas a uma quadra dali.

Viu ao longe, os vários cordéis de luz que trespassavam-se, como se fossem colares iluminados sobre um ajuntamento de pessoas. Seguiu até eles com o coração acelerado.

Ele a viu quando chegou. Hesitante. Com um vestido fluido e cinturado, cor de malva e uma rosa branca nos cabelos ondulados, alinhada à parte posterior da orelha direita. Procurou por ele.

A luz alaranjada das luzes conferia ao lugar um ar festivo e de encantamento. Alguns pares subiam ao tablado, outros desciam. A alegria estampava o rosto delas.

Ele rodeou o tablado. Lento e resoluto. Desviou das mesas, passou entre as pessoas tendo um único pensamento: alcançá-la.

Quando já estava próximo ela o reconheceu e sorriu.

Os olhos dela não deixaram os dele. Parecia que havia lançado um encanto sobre ela, hipnotizando-a. Ele sentiu a fragrância de flores.

Nada pediu ou falou.

Apenas aproximou-se dela, entrelaçou-lhe os dedos, e guiou-a até à pista de dança.

Eles se olharam, e então, ele passou uma mão ao redor da cintura dela, trazendo-a mais perto, e tomou-lhe a mão com a outra. Ela sentiu-se segura ali, e deixou-se guiar. Recostou a cabeça no peito dele e encontrou o que ansiava. Repouso.

A canção que os embalava falava sobre alguém que havia *finalmente* encontrado o amor.

— Lily...

Ela ergueu a cabeça. O olhar dele era penetrante.

Ele parou de se mover, soltou a mão dela e colocou-a no bolso tirando uma pequena caixa de lá. Abriu-a e revelou o aro dourado, que brilhava à medida que a luz incidia sobre ele. Ela olhou para ele com a respiração em suspenso.

Algumas pessoas ao redor perceberam o momento e sorriram.

Ele esperou pela reação dela. Então, ela estendeu a mão, para que o anel fosse colocado em seu dedo. Quando contemplou de forma mais demorada a própria mão, percebeu que o anel de filigrana não era um simples aro. Era uma flecha onde uma extremidade tocava a outra, formando um elo. A Flecha do Tempo não ia mais em direção ao caos. Ela era um ciclo que se renovava.

Extasiada com aquele instante, ela rodeou-lhe o pescoço com os braços e ofereceu os lábios para serem beijados.

Ao sentir o toque dos lábios dele, ela mergulhou na escuridão.

—Lily! Lily!— Joshua chamou-a apavorado.

As pessoas ajuntaram-se ao redor preocupadas, mas um homem começou a afastá-las.

Joshua tomou o corpo inerte e carregou-o para fora do tablado.

— Eu não sei, tia Charlotte. Ela simplesmente apagou. Oh, meu Deus! O que eu fiz?

O celular estava ao ouvido:

— Dr. Brown, por favor, venha ao restaurante de tia Charlotte.

Os olhos dela começaram a abrir. Ele teve medo. Será que o passado havia voltado? E ele? Ela se lembraria dele?

Ela o fitou:

— Joshua... O que aconteceu?

Ele respirou aliviado.

— Não sei. Você desmaiou.

— Sente alguma coisa? Dor?

— Não.

Ele a abraçou.

— Você vai desmaiar todas as vezes que eu a beijar?

— Acho que fiquei emocionada... — ela sorriu de leve, aliviando o peso da atmosfera. — Me desculpe. — Ele suspirou.

Dr. Brown chegou ao bistrô. O incidente foi adicionado ao prontuário de Lily, mas não acrescentou nenhuma informação ao que já sabiam. Ela não teve nem um *flash*, nem um elemento novo. Mas não descartaria aquele fato. Esperava que Josh tivesse destravado algum mecanismo de proteção que permitiria que as informações fluíssem. Talvez até aquele noivado, que tanto desaprovava, servisse para algo, pensou o médico. A memória da noiva poderia estar subindo a superfície. Certamente houve algum reconhecimento naquele evento.

— Estou ansioso para saber que notícia é essa que não pode esperar até amanhã. — Joshua sentou-se diante da tia e esperou pelo que ela tinha a dizer.

Havia um jornal diante dela, e ela o passou para ele, apontando-lhe uma história secundária que havia encontrado enquanto folheava as notícias daquele dia.

Tempestades severas produziram grande saraiva sobre os céus da área metropolitana de Atlanta durante esta manhã. As pedras de gelo variavam em tamanho. Houve relatos de que algumas possuíam dimensões de bolas de basquete e foram comprovadas por fotos enviadas por alguns moradores da área. Entre os danos provocados pelo vento catastrófico listam-se o capotamento de carros e avarias às casas das redondezas. A área ficou sem eletricidade. Estado de emergência pode vir a ser declarado devido aos prejuízos.

Joshua olhou para a tia com o semblante fechado.

— É bastante preocupante, mas eu já vi tempestades assim antes. Piores até — concluiu ele sem entender a urgência dela para que ele lesse o artigo.

— Você leu até o fim?

Ele voltou os olhos para o jornal, já meio impaciente.

Uma pessoa foi morta durante a tempestade, embora tenha sido considerado como uma vítima relacionada ao caos provocado pelo clima, apenas algumas horas depois. O proeminente Juiz Raphael Reding, do estado da Flórida e que visitava a cidade de Atlanta a negócios, foi pego de surpresa ao ter seu veículo atingido e capotado pelo vento. Seu assistente saiu do acidente com apenas algumas escoriações e já teve alta hospitalar.

O impacto da notícia foi tão forte, que Joshua teve que ler algumas vezes para absorver as palavras diante de si.

— Já imaginou o que seu ex-sogro fazia em Atlanta?

Ele olhou-a penetrante e respondeu:

— Qualquer que fosse o negócio dele, ele não vai poder concluí-lo.

Ela pegou na mão do sobrinho e disse:

— Finalmente esse passado não volta mais, meu filho — Charlotte olhou para ele e reconheceu em seu olhar o mesmo sentimento de alívio que a havia inundado quando leu aquela notícia.

Aquele tempo estava encerrado.

O inferno nunca se farta.

(Provérbios 27:20)

CAPÍTULO V

SOMBRAS

Lily não sabia o que pensar.

Controlava-se para não demonstrar o pânico diante da figura cinza. Inexata. Exceto por seus cabelos lisos e vermelhos e pelos olhos negros, que tinham o brilho de uma inteligência maliciosa, a mulher a sua frente era um quadro feito de resíduos de combustão — restos do passado. Desprendia cinzas, que em vez de flutuarem para longe e sumirem no ar, fazendo-a desaparecer, gravitavam ao redor dela, e eram forçosamente atraídas de volta a massa plúmbea com contornos de mulher.

Seus olhos de corvo pousaram sobre Lily, meio que hipnotizados. Lily pressentiu ver neles quase uma revelação. Reconhecimento, talvez? Os lábios frios dela curvaram-se em um meio sorriso.

— Lily, esta é Adrianna. Uma velha conhecida.

Adrianna desviou os olhos de Lily para Joshua, quando ele disse *uma velha conhecida*.

Lily estendeu a mão, esperando pela outra, que estendeu a sua em resposta. Uma mão fria e lisa, que lhe deixou traços de poeira cinzentos na palma da mão. Lily quis limpar, mas não o fez, por educação. Apenas encarava a mulher numa tentativa de adaptar a mente àquela visão.

— Olá, Adrianna.

— Adrianna, esta é Lily. Minha noiva.

Joshua puxou uma das poucas cadeiras de madeira que tinha na cabana para Lily.

— Querida, sente-se aqui.

Lily percebeu a reação dela ao ouvi-lo. Ainda estava processando, e medindo Lily. Josh foi pegar o café que estava fazendo.

— Que bom ouvir que você está refazendo sua vida, Josh.

Estava mentindo. Lily soube. Ela não estava nem um pouco satisfeita.

— Então, Lily, onde vocês se conheceram?

Joshua veio em seu auxílio, mas ela foi mais rápida.

— Aqui mesmo, em Terra Nova.

Joshua entregou uma caneca de café para cada uma delas. E para evitar qualquer desconforto à noiva decidiu omitir os detalhes de como haviam se conhecido.

Adrianna bebericou seu café.

— Eu era muito amiga da esposa de Joshua, Debbie. Fui a primeira a saber da gravidez dela — falava casualmente, como se estivesse sem assunto.

Joshua nunca soube daquilo. Se era o pai, merecia a primazia. Afinal, ela e Deborah eram amigas ocasionais — de temporada. Quando se afastavam, se esqueciam. Quando se aproximavam iam a festas. Não havia nenhum código de lealdade entre elas. Nenhum pacto de solidariedade. Eram mais colegas para o *happy hour* que qualquer outra coisa. Ele era o marido, e pai da criança. *Isso não pesava?* Então, percebendo que estava pensando como se o tempo tivesse voltado e Deborah estivesse diante dele, afastou o pensamento. *Não importava mais.*

Ele se apoiou no balcão da cozinha e ficou ouvindo os relatos da visitante, cujo tema revolviam-se sobre sua falecida esposa.

—Debbie...— suspirou ela. —Foi uma das mulheres mais esfuziantes que já conheci.

—Você pretende ficar por muito tempo na cidade? — perguntou Josh, tentando mudar o assunto. —As celebrações da colheita acabaram de começar. E você sabe, vamos precisar de muitos turistas para devorar as tortas de maçã este ano. Essa foi uma das melhores colheitas que já tivemos.

—Ora Josh, não sou turista — ela se levantou. —Vim para ficar! — disse cortante.

Com um sorriso, caminhou para ele, dando as costas a Lily. Deixava um rastro de cinzas no chão de madeira, à medida que caminhava. Mas não demorava muito para que as cinzas a acompanhassem como seguidores leais, enfileirados e organizados, juntando-se novamente a ela. Perturbador!

Lily não gostava do que via e menos ainda do que ouviu.

Josh não disfarçou a surpresa.

—Você vem morar aqui? Em Terra Nova?

Ela inclinou a cabeça para o lado pensativa.

—Aconteceram certas coisas durante esses últimos anos, que me fizeram pensar em recomeçar minha vida. E eu queria um lugar familiar, com pessoas amigáveis. Porque não, Terra Nova? Sabe Lily? — tornou seu olhar para ela. — Conheço Josh desde os meus quinze anos. Tenho parentes aqui e sempre vim passar minhas férias na cidade. Ele era um daqueles adolescentes altos e desengonçados. Aparelho nos dentes. Mas depois, adeus patinho feio.

Joshua se sentiu desconfortável. *O que ela estava tentando fazer?*

—Tem notícias de meu primo? — perguntou, tentando novamente mudar o assunto.

—A última vez que o vi foi há dois anos. Estava arrasado — ela se virou para Lily com uma expressão enigmática.

—Confesso que perdemos o contato há algum tempo. A última vez que nos vimos foi quando fui à Atlanta resolver alguns negócios, há uns cinco anos, mais ou menos. Disse que tinha recebido propostas de negócios em Montana. Depois disso... nunca mais.

—Aconteceu alguma coisa a seu primo, Josh? — perguntou Lily ao ver a expressão séria no rosto dele.

—Ele teve uma perda muito traumática.

A mulher cinza analisava Lily com seu olhar arguto, deixando-a mais desconfortável.

—De onde você é Lily? — perguntou Adrianna.

E balançando a cabeça enquanto ria de leve e apertava os olhos, como se estivesse cismada com algo, continuou:

—É que tenho a sensação... mas não... não pode ser. Pensei que a conhecia.

—Sou da Califórnia.

A resposta de Lily fez Joshua encará-la. Não sabia o porquê de ela ter dito aquilo. Acreditava que ela era da Geórgia. Pensava assim por causa da placa do carro, mas claro, que aquilo não queria dizer nada. Será que era uma informação verdadeira a que acabara de dar ou tinha dito aquilo apenas para não sentir-se inadequada durante conversa em que estavam engajados?

—Ah! Adoro a Califórnia. Estive lá duas vezes. Bem, Joshua, vou voltar para a pousada. Já sabe que tem uma nova vizinha — riu. —Terra Nova é tão pequena que todo mundo é vizinho, mesmo dos que estão fora da cidade. Lily, foi um prazer conhecê-la.

Pegou a bolsa e caminhou em direção à porta, seguida por Joshua e Lily.

Entrou no carro estacionado em frente a cabana e partiu.

Lily sentiu-se aliviada com a ausência dela. Josh a abraçou e beijou-lhe carinhosamente no rosto.

—Você veio para ficar comigo?

Ela olhou para ele. Seus olhos estavam úmidos.

—Eu quero ficar com você pra sempre — sussurrou ela, com uma emoção que não soube de onde veio. —Mas ainda preciso saber algumas coisas sobre mim.

Ele suspirou. Sabia que ela tinha razão, mas tinha dias que tudo o que queria era a presença dela. Que não fosse embora. Que fosse toda e completamente sua. E nesses momentos uma sombra pairava sobre ele. *Será que era o único homem em sua vida?*

—Lily, você é da Califórnia?

—Talvez. Simplesmente saltou da minha boca.

Califórnia, pensou ele. *Pode ser um começo, mas era longe. Teria que colocar um investigador particular. Mas valia a pena para resolverem aquele mistério.*

Lily ouviu o pio de uma coruja. Parecia anunciar que era a hora da escuridão. A noite lhe pareceu mais trevosa. Arrepiou-se e abraçou Joshua em busca de proteção. Algo não estava certo, e ela teve medo.

Lily quis compartilhar com Joshua sobre a forma como vira Adrianna, mas sabia o quão bizarro era. Tantas peças faltavam no quebra-cabeça de sua memória, que ela não queria que ele pensasse, que a loucura a estava preenchendo. *Depois de tê-lo achado*, não queria perdê-lo. Pois no turbilhão de perplexidades que girava ao seu redor, ele era a única peça que encaixava. A única que era firme.

Que tipo de lei se operava naquela mulher? De quais elementos seria formada? O que havia em sua composição para que a enxergasse daquela forma. E em seus próprios olhos? O que os compunham para que possuísse tal visão? Talvez sua mente, fraca pela pancada que havia sofrido, tivesse produzido um novo distúrbio: alucinações! Talvez, pensou ela, falasse com Dr. Brown. Mas depois analisou melhor e acreditou não ser uma boa ideia. Decerto ele compartilharia com Joshua e com Charlotte.'

Sentiu-se só diante daquele dilema. Mas, no fundo sabia que precisava se debater com aquele monstro sozinha. Sem Joshua. Ou talvez jamais emergisse de seus calabouços. O que quer que fosse que tivesse de vir à luz, ela queria que surgisse, ainda que fosse brutal.

Dr. Brown havia declarado que talvez, não fossem laços mecânicos e orgânicos que aprisionassem sua memória. Sua tomografia estava normal. Não haviam danos permanentes em seu cérebro. Nenhum dos outros exames a que havia sido submetida demonstravam alterações. Ela apreendia o que estava ao seu redor com facilidade, era uma mulher perspicaz. Ele havia jantado no bistrô e escolhido uma receita que fora preparada por ela. Que ela *sabia* como fazer. Dr. Brown havia olhado para ela intrigado. *Seu cérebro está brincando conosco, Lily*. Aquilo não fez com que ela se sentisse bem.

Então, lembrou-se de como Adrianna havia olhado para ela. Do que ela disse. *Pensei que a conhecia*. Teve certeza, que se já a tivesse visto, não havia sentido a mínima afinidade.

Uma frase louca espocou em sua mente: *Que venha a verdade!*

A verdade era algo que queria e temia, não só por si mesma, mas por causa de Joshua. E se ela o machucasse. Ela soube quando o conhecera que algo de terrível havia acontecido com ele. E não queria ser a pessoa a impingir-lhe sofrimento novamente. Amava-o! Mas precisava saber quem era, ou melhor, *quem havia sido* antes de ser Lily.

Levantou-se e foi até o espelho. Tocou sua imagem invertida com as mãos. *Ela era a responsável por resolver o enigma de sua vida. Era sua charada, sua missão. E não seria devorada.*

Adrianna tentava pensar em alguma explicação plausível para um fato tão incomum.

Não, não podia ser ela!

Talvez um parente distante. Sósia. Alguma maluquice do destino. Além do mais, era muito mais jovem do que deveria ser.

Ela disse ser da Califórnia. Era isso! Alguém daquelas bandas que parecia com 'ela'.

Entretanto, o que mais a deixara perplexa foi a manifestação em si mesma. Não gostava do inexplicável. Vê-la foi como reviver um instante. Como se um momento estivesse de volta num 'ajuste de contas'. Bateu na madeira.

Pare com isso, Adrianna. Você não é uma mulher supersticiosa, pensou alto. Foque no que você veio fazer aqui.

Joshua.

Ela o conheceu quando eram adolescentes, ali mesmo em Terra Nova quando visitava parentes. Desde então, sempre *ajudava* o destino a conspirar a favor deles. Quando morava em Miami ela chegou perto de conquistá-lo, mas então, ele conheceu Deborah.

Uma mimada que tinha tudo o que o pai podia comprar. Uma hedonista, que apenas o quisera por capricho. Sentia-se poderosa em fazer Josh de marionete. Manipuladora, não se preocupava com os sentimentos de ninguém. A não ser com os de um magnatazinho do setor do petróleo, a quem não conseguia controlar, e que como ela, não tinha escrúpulos. Joshua nunca soube. Mas, ela sabia de todos os detalhezinhos sujos. Bruce era um sádico que adorava fazer as pessoas de tolas. Tinha muito dinheiro e o usava de forma maléfica. Deborah acreditou ser páreo para ele, e de início, ele permitiu que ela pensasse assim. Mas, depois fez dela uma bonequinha *envuduzada* pelo brilho de seu poder e carisma maligno. O filho, que ela carregava, talvez, nem fosse de Joshua.

Adrianna descobriu as sabotagens de Bruce para destruir a empresa de Joshua, apenas para 'brincar' — afastar o tédio. Deborah encarou as articulações de seu amante de forma rasa. Nunca alertou Joshua. Acreditava que estando em apuros financeiros, ele se voltaria para seu pai e se tornaria mais ofensivo nos negócios. Conhecia tudo. Infiltrara-se na vida de Deborah, com esse objetivo. Saber. Vigiar. Ficar perto dele. De Joshua. Ela bem que quis avisá-lo. Desmascarar Deborah. Mas ele não a quis por perto.

Quando soube do acidente que a matara, estava em Atlanta, pois por um tempo, fora proibida pela polícia de deixar a cidade até que investigações, que envolviam a ela e seu amante em um caso policial e mal terminado, fossem concluídas.

Mas o tempo passou. Muita coisa mudou. Sua situação financeira foi de mal a pior. Tentou entrar em contato com Joshua e não conseguiu. Soube através da prima que ele estava se tornando em um 'esquisito, isolado no meio do mato'. A tia vivia preocupada com sua alienação, e assim ele se

manteve por anos.

Agora ela estava ali. Não o perderia para ninguém mais.

Lily a viu através do biombo perfurado.

A mulher cinza sentou-se em uma mesa de frente para a janela de vidro voltada para a rua.

O garçom que a serviu trouxe seu pedido:

—Você quer preparar esse, querida? — perguntou Charlotte.

—Claro!

Lily leu o pedido. A recomendação da casa: *Confit de pato, e torta de maçã caramelizada servida com sorvete de vanilla, de sobremesa.*

Algo a instigou a ir até lá.

Parou ao seu lado e contemplou-lhe o perfil clássico. E cinza.

Quando ela levantou a cabeça para identificar quem estava parada a seu lado, Lily pode ver o assombro em seus olhos.

'Ela a temia? Por quê?', perguntou-se.

Lily sorriu gentilmente:

—Vim sugerir-lhe um vinho para harmonizar com seu pedido. Que tal uma taça de *Cabernet Sauvignon*.

—Quem é você? — perguntou Adrianna na iminência de uma crise histérica.

Lily ficou confusa e constrangida com seu jeito agressivo. Não se lembrava dela?

—Adrianna, não se lembra de mim? Lily! — disse em voz baixa para não chamar a atenção dos outros clientes. —Nos conhecemos na casa de Joshua.

A outra olhou para o lado na tentativa de se recompor.

—Claro, Lily. É que por um momento... O que faz aqui? Vestida assim? — por 'assim', ela quis dizer, com o uniforme de *chef*.

—Eu ajudo Charlotte, a tia de Joshua. Vou preparar seu prato.

O rosto da outra estava congelado.

—Pode ser? Digo *Cabernet Sauvignon*? Ou você tem outra preferência.

—Tanto faz — disse sem expressão.

—Está bem.

Lily voltou a cozinha.

Que estranho!, pensou Lily.

Preparou o prato e chamou o garçom para que o levasse.

Menos de dois minutos depois, ele voltava com a bandeja e a comida intocada.

—A cliente não está mais lá.

—Sr. Ketch?

—Sim.

—Aqui é o policial Cartwright. Como tem passado?

—Bem, obrigado.

—Poderia vir à delegacia de polícia para conversarmos?

—Claro. Esta tarde.

Um sentimento de inquietude pairou sobre Joshua.

Ao chegar à delegacia de polícia Joshua foi convidado a sentar-se diante da escrivaninha do policial.

—Encontramos o registro do veículo no Departamento de Veículos da Georgia. Está no nome de Karina Amat al-Yasu — tocou uma tecla do computador e diante dele surgiu a imagem de uma mulher morena de traços árabes. Nada a ver com Lily.

—Algum endereço, contatos telefônicos?

—Sim. Aqui está. Ela mora em Atlanta.

Joshua anotou-o.

—Obrigado, policial Cartwright.

—Então, o que você está me dizendo é que essa moça sofreu um acidente e Joshua a resgatou. Mas ela não lembra de nada? Há quanto tempo faz isso? —Adrianna conversava com Sybill, uma amiga de seus tempos de adolescência.

—No início do inverno. Acho que uns oito meses mais ou menos.

—Depois de todo esse tempo ela continua desmemoriada?

—Eu não sei os detalhes... se ela se lembra de algo ou não. Só sei que Lily não é seu nome.

Adrianna não acreditava no que ouvia.

—Ah, escuta só essa. Ela estava vestida de noiva quando ele a encontrou. Não é surreal? A mulher em plena nevasca vestida de noiva. Seria até romântico se não fosse, super estranho.

Adrianna olhava a amiga meio que hipnotizada. Não falou nada. Nem uma palavra. O sangue havia lhe fugido do rosto.

—Você está bem, Adrianna?

—Não pode ser! — levantou-se do sofá e levou uma das mãos à cabeça.

—Adrianna, você está bem?

Em vez de respondê-la, pegou sua bolsa e deixou a casa da amiga sem nada dizer, deixando-a perplexa com sua atitude.

Aquilo só podia ser um pesadelo.

Ela andava de um lado para o outro dentro do quarto de dimensões mínimas na pousada. Parecia uma fera enjaulada.

Não podia ser ela! Não havia lógica naquele absurdo! Mas por outro lado, tinha sua aparência. Claro que havia sósias no mundo. Porém, quando a viu no restaurante! O impacto foi colossal!

Tinha que saber mais sobre aquela mulher que se interpunha em seu caminho, trazendo ecos do passado e estava a um passo de roubar-lhe o futuro.

Pegou o carro e quando ia passando em frente ao bistrô viu-a ao lado do carro de fornecedores que desciam caixas e mais caixas. Ficou observando. Desceu do carro, mas esquivou-se para não ser vista. Lily usava um vestido floral que ia até o joelho. Os cabelos estavam em um coque. Não era o tipo de estilo que esperava dela. Então decidiu ir até lá e inventar uma desculpa para o ocorrido do dia anterior.

Lily a viu, e deixou de sorrir.

Adrianna aproximou-se dela e foi tirando os óculos do rosto. Inclinou a cabeça um pouco para tomar tempo e encontrar 'humildade' o suficiente para se desculpar, foi quando notou ao lado do tornozelo direito, o sinal.

Num milésimo de segundo ela decidiu esquecer o pedido de desculpa. Olhou friamente para Lily e disse:

— Você não vai sair dessa. Pensa que me engana? Conheço você bem demais. Vou te desmascarar sua bandida. Nem pense que vai ficar com ele.

A mulher cinza deu-lhe as costas, atravessou a rua e entrou no carro.

Lily estava trêmula.

— O que foi minha filha? Está passando mal?

Charlotte pegou um copo de água e entregou a ela. Mas ela não conseguiu segurá-lo. Dos lábios entreabertos saíam pequenos gemidos. Ela abraçou o próprio corpo e abaixou-se no chão. Estava em estado de choque.

— Lily! — Charlotte tentou abraçá-la e levantá-la. — Glenn, ligue para Josh! Rápido. Peça para vir até aqui.

— Não, por favor! — foi o que conseguiu dizer entre os espasmos do corpo.

A mulher fez um gesto por cima do ombro para que o outro se apressasse.

— O que aconteceu, querida... — perguntou suavemente. — Você lembrou-se de algo? É isso?

— Eu fiz uma coisa horrível, Charlotte! Horrível! Josh vai me odiar!

Josh apareceu no restaurante como um raio, e quando viu o estado de Lily temeu por ela.

Ela estava abaixada, encolhida no canto da parede. Seu estado era lamentável. A tia provavelmente já tinha tentado levantá-la, mas não conseguiu, então ficou lá ao lado dela, sussurrando palavras de consolo. Ele foi até onde ela estava. Pegou-a no colo, colocou-a sobre o balcão da cozinha, e abraçou-a forte. Tentava conter os tremores do corpo dela.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Eu prometo a você que tudo vai ficar bem. — sussurrou ao ouvido dela.

Ele a abraçou por cinco minutos, quando finalmente ela começou a chorar.

— Tia Charlotte, chame o Dr. Brown, por favor — pediu Joshua.

— Não... — soluçou Lily.

— Lily, ele vai nos ajudar.

— É melhor levá-la para casa, Joshua. Tome a chave. Direi a ele para ir até lá.

Ele carregou-a até o carro, e foi em direção a casa de Charlotte.

Adrianna viu quando a caminhonete de Joshua partiu.

'Se ela pensava que sairia daquela história como se nada tivesse feito estava muito enganada. Ela iria pagar!'

— Ela vai dormir um pouco depois do remédio. Não vai conseguir ser coerente enquanto estiver em crise — disse o médico.

— Crise? O que quer dizer? Ela vai ficar bem, não é?

— Claro, Josh. Mas algo de muito significativo pode ter sido desencadeado. Pode ser bom, esclarecedor, mas também pode ser chocante e lançá-la em um estado mental bastante instável. Mas, vamos esperar, está bem?

— Está bem. Obrigado.

O médico saiu, e Josh sentou-se ao lado dela.

Ficou olhando o perfil quase infantil. As pálpebras dela tremiam, assim como os cílios. Parecia estar lutando para abrir os olhos. Ele deitou-se ao lado dela, abraçou-a e colocou os lábios nas bochechas dela, beijando de leve. Então sussurrou:

— Eu vou ficar do seu lado. Eu prometo.

Uma lágrima brotou do canto externo do olho dela.

Ele olhava com o semblante grave para a escuridão da noite através da janela.

— Foi isso que aconteceu — disse a tia. — Eu estou tão preocupada Josh.

— Tia, o que quer que ela tenha feito, eu vou apoiá-la. Ela agora é outra pessoa.

— Eu sei — olhou-o preocupada. — Vou preparar um chá para nós, e nem pense que você vai tomar café. Não depois dos acontecimentos. Camomila, é isso. Vai nos acalmar.

Josh seguiu a tia até a cozinha.

— Não sabe se ela viu alguma coisa antes desse incidente?

— Não. Foi o Glenn que a levou para dentro.

A mulher colocou a xícara de chá diante dele.

Josh suspirou e olhou para ela.

- Vou dormir em seu sofá hoje está bem?
- Nem pensei em você voltar para casa neste estado.
- Tia, depois de amanhã, se ela estiver melhor vou até Atlanta. Tenho uns negócios a resolver por lá
- disse ele omitindo os verdadeiros motivos.
- Você vai demorar?
- Ainda não sei. Mas ligo para avisar.

Lily abriu os olhos e viu Joshua.

- Bom dia, minha flor favorita.

Ela não respondeu.

- Está melhor?

Ela sentou-se na cama.

- Acho que sim.

- Só um minuto que vou buscar seu café da manhã.

- Não estou com fome.

Ela queria estender a mão para ele e implorar que ficasse ao lado dela. Estava com tanto medo. Medo de si mesma. Mas não o fez. Ele não merecia aquilo. Ser responsável por uma mulher cheia de trevas dentro de si.

- Você precisa se alimentar.

Oh, Deus! Joshua não merecia estar ligado a uma mulher como ela.

Ele foi à cozinha e trouxe uma bandeja com o café da manhã.

Ela olhou e não tocou.

- Eu vou ter que dar na sua boca? — perguntou ele suave.

Ela começou a comer. Pois sabia que ele teria coragem de fazer aquilo. Não comeu nem metade do que tinha diante de si e começou a falar:

- Josh... eu... eu não sei como vou dizer isso.

- Lily, eu não acho uma boa ideia você falar agora. Dr. Brown virá aqui hoje à tarde para examiná-la. Depois que ele sair, nós conversaremos, está bem?

Ele sentou-se ao lado dela. Olhou bem dentro de seus olhos e ela desviou o olhar. Ele pegou a mão

dela e entrelaçou os dedos nos seus. Ela encostou o rosto no braço dele e chorou. 'Ela ia perdê-lo quando ele soubesse'. Ele passou o braço sobre o ombro dela e puxou-a para ele. Deixou que ela chorasse.

Lily dormiu, ainda sob o efeito do remédio.

Josh ligou um número em seu celular e saiu do quarto.

— Oi, Glenn. Posso falar com você?

— Sim, claro.

Glenn era um filipino que trabalhava para sua tia fazia mais de três anos. Além do salário, a tia permitia que ele morasse em um apartamento minúsculo que havia em cima do apartamento. Antes disso havia trabalhado por um tempo em um navio. No dia que atracaram no porto da Flórida, deu um jeito de ludibriar os seguranças do porto e ficou nos Estados Unidos.

Ele contou a Joshua que antes de entrar em colapso, Lily estava bem, até que conversou com uma mulher branca, de cabelos ruivos e curtos, que aparentava uns quarenta anos. Ela saiu dirigindo um Cherokee prata depois de terminar a conversa com Lily.

Adrianna. Havia sido ela!

'Afiml o que ela havia dito a Lily? Ah, mas ele iria descobrir.'

O médico verificou sua pressão. E depois começou a conversar com ela.

—Você se lembrou de algum fato importante? Seu nome?

Lily olhou para Joshua. Então, balançou a cabeça em negação.

—Alguma coisa fez você sentir-se ameaçada?

Ele acenou que sim.

—Acho que... acredito que fiz algo muito ruim.

—Você acha? Ou sabe?

—Sei.

—Humm... e você saberia dizer o que foi?

—Não, mas eu sei.

—Entendo, Lily. Quero que continue a tomar esses remédios. Vai ajudá-la a descansar e diminuir a ansiedade. E, se você se lembrar de algo concreto, quero que faça o seguinte. Anote. Até mesmo um sonho que tenha. Tudo. Alguma coisa ou elemento que veja e que lhe cause ansiedade. Está bem?

Anote tudo.

Saiu do quarto e Josh o seguiu até a sala e perguntou o que poderia ter acontecido.

— Onde quer que essas memórias dela estejam escondidas elas vão começar a pipocar. E isso pode ser assustador para ela.

— Ela disse que sabe que fez algo ruim. Ela pode estar certa?

— Logo ficaremos sabendo. Mas, no momento em que ela tiver certeza, é que saberemos de que nossa Lily é feita. Vai ser um encontro de águas e pode ser perturbador.

— Preciso viajar amanhã, mas não sei se devo deixá-la.

— Ela precisa de alguém para ficar de olho nela. Mas também não tem de ser vinte e quatro horas, pois pode stressá-la. Vá. Faça o que tem de fazer. Se Charlotte precisar de mim ela poderá me chamar.

— Sabe que lhe devo muito, não é Dr. Brown? O senhor fez muito por mim.

— Claro, que sei. Coloquei você numa grande encrenca.

Joshua sorriu.

Dr. Brown deu-lhe uma tapinha nas costas e foi embora.

Adrianna foi até a sala de estar da pousada.

Ele estava sentado na poltrona. E se levantou ao vê-la.

—Eu estava esperando você — disse ela.

Ele a observou com os olhos estreitados e então disparou.

—Eu tô aqui, tentando entender qual é a sua.

Ela cruzou os braços e não permitiu que ele dominasse a conversa. Olhou-o séria e mudou o rumo da conversa, para ele.

—Ela é tão diferente de Deborah... o que você viu nela? — perguntou em voz baixa.

Ele não respondeu a pergunta. Mas o pensamento fluiu de seus sentimentos. Nunca havia feito comparações entre elas. Ele vivera um momento ao lado da esposa, agora seu caminho era completamente diferente. Porém uma coisa era certa: ao lado de Deborah, sentia-se fraco, mas ao lado de Lily era forte.

—O que você quer aqui, Adrianna?

—Vamos conversar no meu quarto, Joshua. Aqui não é o lugar.

—Pode ser aqui mesmo. O que você fez para deixar Lily tão alterada?

—Lily?!! Sabe, você sempre me impressionou. É... esse seu jeito de conseguir se iludir. Nunca enxerga um palmo a frente do nariz. Primeiro foi a Deborah... agora *Lily* — falou dando ênfase ao nome da mulher por quem demonstrava aversão. — Você nunca procura a verdade, não é?

— Que verdade? A sua? Não estou interessado. Fique longe dela, está bem? — disse nervoso.

— Joshua, sua Lily é uma criminosa. Você não sabe do que ela é capaz — disse calmamente. — Eu conheço *Lily*.

Disse ela, enfatizando a última palavra de forma irônica.

—Você está mentindo.

—Eu vou provar para você. Só tem umas coisinhas que eu preciso... — ela não sabia ainda como explicar aquele *fenômeno* que a intrigava e a frase saiu incerta. — Eu só preciso juntar algumas provas e pronto.

Ele riu.

—Você não sabe... eu já entendi. Você... você é baixa mesmo, não é? Percebeu sua fragilidade e imprecisões e falou mentiras para desestabilizá-la. Eu só não entendo o porquê. Ela não te fez nada. Olha só...

—Eu, baixa?! — ela o interrompeu agressiva. — Sua mulher com os casinhos dela é que era baixa. Mas, ou você não via ou se fingia de cego. Sabia que um dos amantes dela era quem sabotava sua firma? — ela suspirou sem paciência. — Eu te poupei antes, mas não vou mais fazer isso. E vou provar que sua *Lily* é outra farsa.

Ele estava chocado! Aquela mulher só podia ser louca, pensou.

Ela percebeu que tinha abalado ele.

— Você sabe que é verdade.

Ele saiu da sala e dirigiu-se ao carro.

Ela foi atrás dele, tentou segurá-lo.

— Não encosta em mim.

— Está bem. Eu entendo. Você precisa digerir isso!

— Sabe, sua atitude insidiosa nunca me passou despercebida. Mas, finalmente, você assumiu abertamente quem, realmente, é.

Ele entrou no carro e foi embora.

Adrianna ficou furiosa consigo mesma, por ter deixado escapar as histórias que conhecia a respeito de Deborah. Ela estava morta. Não era mais um problema para ela, mas não aguentou quando ele a

ofendeu. Iria demorar para que a perdoasse por aquilo, mas ela pensaria em algo depois. No momento, tinha que concentrar-se naquela inimiga surreal que tinha surgido entre eles.

Se colocasse de lado o calendário, tudo era coerente e se encaixava bem. Mas aquele elemento chamado tempo... quem viveria sem ele? Ele estragava seus cálculos, tornando-os falaciosos. Já havia refletido sobre a natureza absurda e incomum daquele fato. Buscara resolver a questão de forma racional. E racionalmente, pensou ela, Lily era uma estrategista tão ou mais exata que ela própria. 'É claro que ela havia planejado aquilo tudo, inclusive os mais absurdos detalhes. Como ela havia encontrado Joshua? Justo ele? Seria uma vingança? Estava se fazendo de desmemoriada a fim de comer seu prato frio e com mais satisfação?'

Seu processo de pensamento fazia com que atribuisse à rival um poder quase transcendental.

Continuasse a pensar daquela forma e toda a credibilidade que ela queria passar a Joshua iria por água abaixo. Mas como resolver a velha questão do tempo? Como o convenceria? Tinha que existir uma explicação. Ela pensaria em algo.

Digitou um número em seu celular e esperou:

— Oi, quando é que você chega? Ah... perfeito. Você não vai acreditar nos seus olhos quando a ver. Te vejo amanhã.

Sua arma mais eficaz estava chegando.

— Lily, eu vou viajar amanhã, mas se precisar de mim sabe que pode me ligar. Tia Charlotte pode te ajudar, o Dr. Brown, e o Glenn, também. Baptiste é mais difícil de achar, por isso nem vou deixar o contato dele. Ele deixa o celular dele pelos cantos e nunca atende quando a gente precisa.

— Não se preocupe, eu vou ficar bem.

Lily começava a divisar um plano. Quando se sentisse melhor, partiria de Terra Nova. Talvez, até mesmo, enquanto Joshua estivesse fora.

Tocou o rosto dele e sentiu o coração apertar.

— Eu tenho certeza de uma coisa, Joshua. Eu amo você.

— Eu também amo você.

Joshua partiu logo cedo para Atlanta.

Durante o trajeto, pensou na conversa que tivera com Adrianna.

Buscou nos recônditos da memória por pistas. Examinou eventos passados. Detalhes de sua vida ao

lado de Deborah, que descortinasse a verdade diante de seus olhos. Talvez, tivesse se deixado levar pela paixão que tinha pela mulher. Ela sabia como tocar as cordas de seu coração. Talvez, o que Adrianna tivesse dito fosse um fato, mas ele jamais teria certeza. Em seu pior momento com a mulher, ela estava fora de si. Houve um nome, mas ele jamais pode pedir-lhe explicações.

Não sabia dizer se havia existido amor entre eles. Fora loucamente apaixonado por ela, ao ponto de casar-se, sabendo que tinham poucas chances de permanecerem juntos, mas se deixara levar pela fantasia. Depois de terminar diversas vezes o relacionamento, bastava ela ligar prometendo que mudaria, que ele voltava. A necessidade que tivera dela quando a conheceu deu o compasso, — e como havia precisado dela!

Ela quis casar e eles casaram. Para ele, restou administrar o erro que havia cometido, mas ainda assim, teve esperança de que daria certo.

Ele era embevecido por sua personalidade flamejante. E fora justamente, essa característica—descontrolada —, de Deborah que tinha matado a ela e ao bebê. Por pouco não havia morrido também.

Mas aquele era um capítulo da sua vida que havia acabado. Ela foi um advento em sua vida com um desenlace traumático.

Entrou na rua indicada no endereço dado pelo policial.

Procurou pelo número e parou diante de uma casa elegante e que aparentava ser habitada por pessoas de classe média alta. Apertou a campainha. Uma senhora de uns setenta anos atendeu a porta. Tinha traços bastante marcantes. Percebeu que era estrangeira.

— Bom dia. Essa é a residência de Karina Amat al-Yasu?

— Quem deseja saber?

— Ela não me conhece. Meu nome é Joshua e venho tratar de um carro que está registrado no nome dela e foi encontrado próximo a minha casa.

A mulher pareceu surpresa.

— Minha filha não mora mais aqui. Ela casou e mudou-se para um outro bairro. Um momento — Desapareceu no interior da casa e depois voltou. Entregou-lhe um papel onde estava escrito um endereço. — Aqui está. Fica a uns quarenta minutos daqui.

— Obrigado, senhora.

Quando Joshua chegou à casa de Karina Amat al-Yasu, já era esperado.

Uma mulher não muito diferente daquela que o tinha atendido anteriormente, apenas mais jovem, abriu a porta. Havia um homem ao seu lado e Josh supôs ser seu marido.

— Olá. Em que posso ajudá-lo?

— Olá. Meu nome é Joshua Ketch. Eu moro em uma cidade chamada Terra Nova, que fica aproximadamente umas 2 horas ao norte de Atlanta. Bem, há mais ou menos uns 8 meses eu encontrei o seu carro próximo a minha cabana. Ele rodou durante uma nevasca...

O casal olhava para ele um tanto abismados.

— Entre, Sr. Ketch — convidou o homem.

— Obrigado.

— Meu nome é José Dias. Karina é minha esposa.

— Muito prazer.

Convidaram-no a sentar.

Todos pareciam bastante desconfortáveis.

— Então, encontrou meu antigo carro, Sr. Ketch. Mas... havia alguém nele?

— Na verdade esse é o motivo para ter vindo procurá-la. Sim, havia uma pessoa.

Começou a procurar por palavras.

— Encontrei essa mulher inconsciente e sem memória alguma. Temos procurado por pistas já faz algum tempo, mas apenas o encontramos agora.

— Uma mulher?

— Sim.

Karina olhou para José.

— Esse assunto é bastante delicado para minha esposa, Sr. Ketch. Envolve uma história que a abalou muito.

Joshua olhou para Karina.

— Na verdade, Sr. Ketch. O carro já não era meu. Eu o vendi a uma amiga. Mas, na época por falta de tempo, ela acabou por adiar o registro do carro em seu nome, e, então, o meu permaneceu. Um dia desapareceram, ela e o carro, sem deixar vestígios.

Joshua sentiu-se aliviado. Era *Lily*.

— Lily. É assim que nós a chamamos. Ela vai ficar tão feliz.

Karina olhou para ele tristemente e balançou a cabeça.

—Não, Sr. Ketch. Provavelmente estamos falando de pessoas diferentes. O nome de minha amiga era Cecília Oliveira e ela desapareceu há quase treze anos atrás. Não há oito meses.

O coração de Joshua afundou. Ele havia acreditado que finalmente resolveria sua vida com Lily. Que era o fim daquele mistério.

Karina levantou-se do sofá, foi a outro cômodo e depois voltou com uma foto.

— Tiramos essa foto no dia em que saímos para comprar seu vestido de noiva. Eu, ela e tia Clara. Ela estava radiante porque ia casar-se — lembrou triste.

'Clara' — Joshua reconhecia aquele nome.

— Infelizmente, a tia de Cecília faleceu sem jamais ter tido notícias dela. Para ela foi devastador. Tínhamos suspeitas bastante graves em relação ao noivo dela. Foram encontradas provas no apartamento dela de que alguém havia tentado drogá-la. O carro de Cecília sumiu, mas a falta de mais evidências, e de um corpo acabou por esfriar o caso. Tentei manter viva a esperança, mas depois de um tempo...

Karina pegou o porta-retrato e mostrou-o a ele. Apontou a moça sorridente entre ela e uma senhora de cabelos grisalhos. Usava um vestido elegante azul claro. Os cabelos escuros e soltos emolduravam um rosto em forma de coração onde se destacavam olhos amendoados. Olhos cor de avelã.

— Esta é Cecília.

— Esta é Lily — disse Joshua emocionado.

Joshua parou o carro diante de uma Galeria de Artes.

Karina e José haviam parado o carro antes para indicar a ele o local.

— Este era o *Cecilia's*. Era a vida dela.

Joshua olhou para o prédio, que agora estava reformado. Não havia nenhuma evidência física da memória de Lily ou Cecília, mas ele teve uma súbita sensação de *déjà vu*, como se já tivesse estado ali, antes. Era um longo e vibrante eco. Talvez, estivesse apenas impressionado com a dimensão daquela história. Talvez, fosse apenas uma ilusão dos seus sentidos, diante de tantos fatos irrefutáveis, como a forma, como seus caminhos estavam entrelaçados, mesmo antes de se conhecerem, sem jamais terem se visto. E todas aquelas pessoas envolvidas eram tão próximas a ele.

Sentiu a urgência de voltar à Terra Nova. Adrianna estava próxima demais de Lily e a conhecia, enquanto que Lily estava vulnerável pelo esquecimento.

— Sr. Ketch, amanhã partiremos com o senhor. Quero ver este milagre de perto.

Dormente e esquecida sob a terra, a semente espera até que os elementos necessários para acordá-la do sono da morte operem o grande milagre: A ressurreição.

Os ingredientes misteriosos da natureza derramam-se sobre ela, interagindo e rompendo seu casulo protetor, desvendando o mistério encapsulado e fazendo-o insurgir com uma força positiva, capaz de varar a escuridão de seu substrato em busca da luz do sol. Seu despertar é cheio de esperança de tornar-se aquilo que deve ser, embora esteja distante, ainda, por vários tempos, de saber o quê - ela ainda não sabe. Mas sabe, que reviveu da morte precisamente para isso. O broto cheio de vida e potencial, percebe-se então, acompanhado, cercado de outros, que como ele venceram a morte através da mesma amálgama **misteriosa**, soprada pelos ventos. Eles aproximam-se e debruçam-se sobre a jovem planta, crescendo com ela, exercendo sua proteção diligente contra tudo e contra todos. Envoltos em sua postura, são flexíveis para se curvarem e rodearem o desabrochar da vida, mas com o tempo, recalcitrantes a seu crescimento e duros em sua obstinação. Estão, também, em busca de sua missão. Jovem e solitária, a planta sente-se extasiada ao perceber-se cercada de atenção, ainda que, sinta as ferroadas desabridas do elo. Entrementes, no soalheiro, percebe que proteção não há, e na tempestade é arremessada sobre dentes que rasgam e machucam sua pele tenra. O elo é, na verdade, mortal. Os espinhos exercem fielmente sua missão: sufocar e impedir que a planta descubra que frutos virá a dar.

Qual o lírio entre os espinhos, tal é meu amor entre as filhas.
Cânticos 2:2

CAPÍTULO VI

O SÉTIMO DIA

E*la olhou-se no espelho retrovisor interno do carro* e como de costume, deu atenção especial às olheiras que tanto a incomodavam. Suspirou, abriu o nécessaire que continha a maquiagem e retocou-as rapidamente. Passou um *gloss* transparente e amarrou os cabelos em um rabo de cavalo. Saiu rapidamente do carro e correu em direção aos fundos do restaurante, mas ao chegar no meio do caminho percebeu que havia esquecido a bolsa. Voltou para buscá-la.

Estava atrasada cinco minutos, o que não era de seu feitio, mas o gerente do banco a havia chamado para conversarem: seu pedido de empréstimo havia sido aprovado.

Por anos, havia trabalhado arduamente em outros restaurantes e economizara cada centavo, para poder, enfim, ter o seu próprio — muito bem aceito pela vizinhança —, que havia recebido boas recomendações de uma revista *Gourmet* local.

Ao ler a nota em voz alta para os três funcionários, sentiu que o esforço de anos, havia sido finalmente recompensado: *Comida saborosa, ambiente familiar, acolhedor e um leque variado de aperitivos, como as costeletas de cordeiro crocante, acompanhadas com um exótico molho à base de Shiraz, mel e Ras El Hanout— tradicional mistura de especiarias marroquinas. Não se deve furtar o prazer de apreciar o delicioso Salmão à Magdalene, especialidade da casa. Funcionários simpáticos.*

Haviam comemorado com um bom vinho e muitas risadas.

Não era nenhuma ingênua. Sabia que era um começo e ainda tinha que trabalhar bastante. Mas agora, era seu cardápio, seus ingredientes, sua personalidade. Estava no auge de sua produtividade criativa e fazia experimentos testando sabores e texturas. Sonhava com aromas.

Cada elogio dos seus clientes era celebrado e ela começou a perceber que o compasso de sua vida adquiria uma harmonia equilibrada e doce aos seus sentidos.

Evidentemente, haviam cobranças, nem tudo eram flores ou aplausos. Era um pouco frustrante quando algum cliente fazia voltar um prato ou reclamavam de um serviço, mas era algo que estavam aprendendo a administrar sem atirar pedras uns nos outros. Ao invés de olhares críticos e comentários ácidos, apoiavam-se mutuamente sem permitir que a atmosfera se tornasse irrespirável.

Por anos, havia trabalhado com *Chefs* exigentes e mal-humorados, e embora tivesse buscado se adaptar — por força da necessidade —, aos gritos e ameaças, sentia que seu trabalho era afetado negativamente. *Alimento é sagrado*, falava com um brilho nos olhos para a tia. *Não pode ser feito de qualquer forma. Temos que colocar uma energia boa nele, enquanto o preparamos.*

— Você é uma idealista! — dizia Clara — Realmente acredita que em todo o restaurante que for os cozinheiros pensarão assim?

Ela sorria.

— Claro, que não. Por isso está convidada a ser minha cliente regular e VIP, com refeições totalmente grátis — olhou significativamente para a tia e disse: — No meu restaurante quero que as pessoas degustem o momento, não apenas uma refeição.

O *Cecilia's* era pequeno e acolhedor. Ficava na esquina de uma rua movimentada no coração de Atlanta. Ela e seus assistentes estavam sempre muito ocupados — para sua felicidade —, e a maioria de seus clientes tornava-se assídua. Resolveu investir o dinheiro do empréstimo em um ajudante extra, algumas mudanças na decoração, mobília nova. Mas, ainda tinha dúvidas sobre, aumentar ou não, o espaço físico do salão central. Não queria modificar o perfil do restaurante, de acolhedor e intimista para algo maior, e que acabasse diluindo a atmosfera que havia criado. Sua clientela apreciava tanto o cardápio quanto o estilo.

Planejava inaugurar um serviço de *buffets* para casamentos e jantares a domicílio, — sempre mantendo seu conceito. ‘Iria amadurecer a ideia’, pensou

Assim que chegou a cozinha, colocou o avental e cobriu a cabeça.

— Tem uma pessoa te esperando. Falou que você enviou um *e-mail* para ele pedindo detalhes sobre um serviço de contabilidade de que está precisando — declarou Marcia.

Cecilia espiou entre as duas bandas da porta *saloon* que separava a cozinha do salão principal e viu-o sentado em uma das mesas ancorada à parede. Sentava-se, elegante e confortavelmente, com as pernas cruzadas e parecia analisar o restaurante. Ficou imaginando o que estaria pensando.

Ela foi até ele, que ao percebeu de quem se tratava, levantou-se cortês e abriu um sorriso simpático, que lhe franziu de leve os cantos dos olhos.

— Sr. Monterrey?

Ele estendeu a mão para ela e disse:

— Sim, Armando Monterrey.

O Sr. Armando Monterrey não se parecia muito com o contador que ela havia imaginado. Devia ter uns trinta e poucos anos. Olhos escuros, pequeninos e cabelos castanhos claros, com reflexos dourados — que lhe pareceram artificiais —, em um corte moderno. Alto e de porte atlético, era bastante atraente. Tinha-se a impressão que havia acabado de chegar de férias do Caribe ou Miami, devido ao bronzeado.

Percebeu que também era avaliada, e instintivamente passou a mão no cabelo.

— Deseja beber algo? Um suco, água, vinho...

— Vinho, por favor. Branco.

— Claro! — foi até a cozinha e pediu que Tommy lhes servisse. — Água para mim.

Armando puxou a cadeira para que sentasse e então, acomodou-se na mesma posição em que estava antes, que a princípio, ela achou descontraída demais para uma pequena reunião de negócios.

— Então, em que posso ajudá-la, Sra. Oliveira?

Enquanto ele bebericava seu vinho, ela explicou que era proprietária e Chef do restaurante. Sua contadora havia mudado para outro estado recentemente e ela procurava alguém para substituí-la. Antes de mudar-se, havia deixado uma lista com nomes de contadores com quem poderia entrar em contato, e o seu constava entre eles. Omitiu, que desde que enviara os *e-mails*, ele fora o primeiro a responder, e até o momento o único, que mostrara interesse na função.

Explicou que estavam na iminência de começar uma reforma. Tinha folha de pagamento de funcionários e pretendia fazer novas contratações, pois aproximava-se a alta estação. Não sabia ainda se seriam funcionários temporários ou permanentes. Ele mudou a posição do corpo, e inclinou-se mais em sua direção.

Ela reclamou com um sorriso desarmado, que achava trabalhos burocráticos enfadonhos e a deixavam frustrada, mas ela tentava mantê-los bem organizados.

Anne, sua antiga contadora, não era apenas uma profissional competente, sempre tinha um tempo para ouvi-la e aconselhá-la, e de certa forma, Cecilia manteve com ele a mesma dinâmica — franca e aberta —, que conservava com ela, recebendo empatia em retorno.

Armando sorria de leve. Havia um brilho em seu olhar, que ela não soube discernir de pronto. Balançava a cabeça. Respondia e também fazia perguntas, que Cecilia achou pertinentes.

De repente, mudando o foco da conversa, questionou:

—Sra. Oliveira. É de descendência espanhola?

Ela enrugou um pouco a testa, pega de surpresa com a pergunta pessoal.

—Oh, não! Portuguesa. A família de minha mãe emigrou para os Estados Unidos antes de eu nascer. Meu pai era americano. Mas eu adotei o sobrenome dela. Acho bem significativo.

— Sra. Cecília Oliveira, não é isso? Posso chamá-la Cecilia? — perguntou com um sorriso que levantava apenas um canto de seus lábios. — Isso é, se não causar nenhum desconforto com seu marido.

— Sim... claro, quero dizer, não... não sou casada, pode me chamar Cecilia — disse um tanto desconcertada.

— Então, Cecilia, você encontrou a pessoa certa. Também posso auxiliá-la em questões

administrativas.

Cecilia levantou as duas mãos como que para impedi-lo de prosseguir.

— Infelizmente, Sr. Monterrey...

— Armando.

— Armando, no momento, não posso pagar por esses serviços também.

— Meu preço é razoável. Seu estabelecimento não me parece um grande desafio, não me leve a mal, o que quero dizer, é que já trabalhei com empresas bem mais complexas. Tenho tempo para passar aqui uma vez ou outra e ajudá-la com a administração. Veremos se funciona. Se não, você dispensa meus serviços. Vai ser meu bônus para você. Que tal? — olhou-a de um jeito que a fez corar.

Ela sorriu, e pensou que parecia bastante conveniente. Ele era uma pessoa agradável. E ela sentia-se sobrecarregada. Por que, não?

—De acordo, então.

—Você não acha que está indo rápido demais? Você o conhece a pouco tempo. Cinco, seis meses?

Cecilia e Karina voltavam da Feira Agrícola que ficava a duas quadras do restaurante.

Ceci bebeu um pouco de suco verde e depois sorriu.

— Eu acho que já está mais do que na hora. Ele me ajuda bastante com o restaurante e eu gosto dele. É educado e carinhoso. Eu ainda quero ter filhos, sabia? Amiga, meu relógio biológico é como uma guilhotina sobre minha cabeça, prestes a decepá-la. Tenho que agir e rápido.

— Você está exagerando. Ainda nem fez trinta anos. Se tiver dificuldades para engravidar, existem técnicas bastante eficazes para ajudá-la. Sabe o que eu acho? Não tem que pular nesse relacionamento como se fosse uma desesperada.

Cecilia deu um suspiro exasperado.

— Karina, você é independente demais! Não liga se casar hoje ou nunca. Não deseja filhos como eu. Sua família é grande, acolhedora, e o Steve está *on hold*. Na hora que você quiser, ele se arrasta a seus pés. Meu caso é outro. Não é todo dia que encontro alguém que preenche meus critérios, e ainda por cima, quer casar.

— Preenche seus critérios? Meu Deus, você fala como se ele tivesse respondido a um anúncio seu em uma agência matrimonial! Procura-se homem alto, sensual e que saiba administrar um restaurante.

Cecilia sorriu.

— Foi bem melhor que isso. Ele caiu do céu!

— Nem tente me enganar. Você não está apaixonada por ele. Isso é mais uma conveniência para você que qualquer outra coisa — olhou para a amiga ingênua, que tinha encontrado um homem experiente, mundano e satisfeito por estar com a faca e o queijo na mão. — O que me preocupa, é que desde que ele apareceu você está mudando o conceito do seu restaurante e sua forma de trabalhar. Aquele lugar tinha sua cara, mas agora... E isso em prol de quê? Aumento do fluxo de caixa? Aumento de faturamento? Isso é tão pouco você. Sei lá o que foi que ele fez para te convencer. Você sabia tão bem o que queria...

Karina Amat al-Yasu era uma brasileira de origem árabe. Franca e intrometida, dava conselhos não solicitados quase todo o tempo. Seu relacionamento com Steve era um vai e vem constante, irritando a família tradicional, que queria vê-la casada a todo custo.

Tinha uma pequena loja de bijuterias, próxima ao restaurante de Cecilia, mas não era um negócio próspero ou organizado. Na verdade, era só mais um dos hobbies de Karina. O pai já a havia ajudado a sair do vermelho financeiramente, muitas vezes. Cecilia sempre a perguntava como uma descendente de árabe podia ser tão ruim de negócio. Ela ria e dizia que era a exceção à regra.

Era muito espiritualizada e de certa feita decidiu entrar em um seminário, pois sentia que Cristo tinha planos para ela neste sentido. Não passou nem seis meses. Achou enfadonho e desistiu. Disciplina não era seu forte, e odiava a monotonia. Abandonou a loja, e passou quatro meses em uma missão na África como voluntária em um hospital infantil, para o horror da família. Quando voltou, parecia mais responsável. Estava mudada, Cecilia percebeu. Mas ainda era Karina.

Devido a estabilidade e segurança que a família lhe proporcionava, não conhecia muito dos tropeços da vida e Cecilia não acreditava que ela era a pessoa mais adequada para dar-lhe conselhos, embora tivesse que admitir, que ela tinha um bom faro em relação as pessoas. E já o provara várias vezes. Mas ainda assim, os comentários dela a respeito de Armando a irritavam. O que insinuava? Que ele estava com ela por dinheiro? Ela não era rica.

Trabalhava desde cedo e tivera poucas oportunidades para sonhar. Ajudava a mãe e o irmão super protegido, que quando tornou-se mais velho insistiu em simplesmente, não trabalhar. Ele queria dedicar-se aos estudos, mas não era nem um pouco brilhante.

O pai havia morrido quando Cecilia tinha dez anos e a situação financeira da família, desde então, havia sido um deus-nos-acuda. Quando fez 22 anos, sentiu em seu âmago a urgência por mudanças. E foi isso que fez. Arrumou as malas e mudou-se para Atlanta a fim de ficar mais perto da tia, que vivia em uma cidadezinha próxima.

A mãe ficou um tempo ressentida com sua decisão. Mas Cecilia percebeu que sua resolução havia surtido um efeito bastante saudável em sua família. A mãe não aguentou sustentar o irmão sozinha por muito tempo, e obrigou-o a arrumar um emprego.

Foram muitos os desafios para terminar o Curso de Gastronomia e por um longo tempo, acreditou que ter seu próprio restaurante era um sonho distante. Impossível. Mas agora, que o havia realizado, pensou que podia sonhar mais. Ir um pouco mais além. Queria uma família. Filhos. Um companheiro. Afinal, não estava pedindo tanto da vida. E ela parecia, finalmente, estar conspirando a seu favor.

Armando era atraente e agradável. Não era um ‘príncipe encantado’, mas era real. Ela havia desistido de seus ideais líricos tarde demais e talvez por isso, seus relacionamentos anteriores não houvessem dado muito certo.

O que experimentava agora era o mais próximo a um arranjo romântico, que já tivera em toda sua vida. E havia reciprocidade. Sentira-se lisonjeada quando ele expressou o desejo de levar o relacionamento a um nível mais sério. Estava decidida a ser feliz com Armando. A amá-lo. Ia dar certo, pensou com otimismo.

— Karina, este restaurante é de onde tiro meu sustento, vai ser meu futuro — e alfinetou — não um passatempo, como sua loja de bijuterias.

Jogou o copo descartável em uma lata de lixo em frente ao restaurante, e disse à amiga que havia cruzado os braços, aborrecida, diante de suas palavras.

— Nos vemos depois.

Ao entrar no restaurante, olhou-se no espelho veneziano com moldura dourada, que estava pendurado na parede texturizada em um tom rosa pálido. Arranjou de leve os cabelos escuros e ondulados, como se quisesse posicionar uma mecha de forma mais atraente. O brilho estelar em seu dedo anular encheu-a de prazer. Num gesto corriqueiro, alisou o vestido preto, básico e elegante, com um decote em V. Após anos, sentia-se uma mulher novamente. Desejada.

Enfim, a vida lhe sorria.

Cecilia estava exausta.

Há muito tempo, não sabia o que era uma folga. Havia aumentado a estrutura do restaurante, e a contratação de uma pessoa a mais, foi relegada a um segundo plano. Armando acreditava que naquele momento, podiam esforçar-se mais e deixar novas admissões para o futuro. Mas, Marcia, sua assistente, havia reclamado por estarem trabalhando quase o dobro, e praticamente sem descanso. A situação ficou tensa, pois Armando ouviu-a e acabaram discutindo. Nesse dia, ela recusou-se a fazer hora extra. Removeu o avental sem dirigir uma única palavra à Cecilia e deixou o restaurante.

Armando ficou furioso, mas Cecilia relevou e instou com ele, para que fizesse o mesmo. Pediu que não fosse tão intransigente. Marcia tinha filhos e precisava de um tempo com eles. Ele fez alusão à demissão, em procurar alguém que se ajustasse aos horários. Foi então, que ela teve sua primeira discussão com o noivo. Ele não podia demitir Marcia. Elas duas se entendiam na cozinha. Ele deveria entender o quanto isso era importante para manter a sintonia entre os funcionários harmoniosa. Não se encontra fácil um assistente, que se encaixa tão bem ao seu ritmo e modo de trabalho. Aquilo era um restaurante, não uma indústria alimentícia mecanizada, sentenciou aos ouvidos impacientes dele. Marcia se alinhava ao conceito de seu restaurante e não iria demiti-la.

Ao final daquele desentendimento, ele deixou-a só, sem dizer uma palavra. Ficou lívido de raiva.

Ela sentiu culpa por suas palavras acaloradas. Não fazia seu gênero pular em uma discussão daquela forma como se estivesse defendendo território. Esperava que as pessoas se submetessem à razão quando estavam equivocadas. Sozinha no restaurante, olhou para o que ele havia se tornado em tão pouco tempo e perguntou-se, se Marcia e Karina não estariam certas. Seu restaurante não era mais como havia planejado. Até mesmo as cores da parede tinham sido escolhidas por um design de interiores contratado por Armando.

— Temos que pensar grande, querida! Deixe um profissional fazê-lo! — havia dito, convencendo-a de sua verdade.

Suspirou cansada. Realizou todo o *check list* para o fechamento do restaurante, desligou as luzes, ligou o alarme e finalmente dirigiu-se a porta dos fundos.

O despertador tocou e ela saltou da cama. Pouco tinha descansado.

Alguns minutos depois o celular tocou:

— Oi, tia Clara! Estou bem.

Ela ouviu a voz do outro lado e respondeu:

— Não tenho tido tempo de visitá-la, mas assim que tiver, levarei Armando para conhecê-los. Como está Christine? Oh, mesmo? Fico feliz por ela. Abrace a todos por mim. Tchau.

Queria ter mais tempo para visitar a tia, mas acreditava, que ficaria cada dia mais improvável. Iria começar a organizar os preparativos de seu casamento. Não seria nada ostensivo, mas queria que fosse especial.

Avisou a mãe, que disse, que assim que a data fosse confirmada, combinaria com Jesse, para saber se ele poderia acompanhá-la. A Geórgia era do outro lado do país, reclamou ela, mas Cecilia era sua única filha, então faria o esforço.

O interfone tocou, e ela atendeu:

— Sim, é do apartamento de Cecilia. Entrega para mim? Estou abrindo.

Ao abrir a porta, deparou-se com um grande ramalhete de rosas e flores do campo.

O bilhete dizia: ‘Desculpe-me por ontem, querida. Armando.’

Ela sorriu. Sua primeira briguinha havia sido superada, de forma bem romântica.

Era um bom sinal.

Ela chegou de bom humor ao restaurante.

— Bom dia, Marci! — tocou-a com gentileza no ombro. — Sobre ontem... eu conversei com Armando. Vamos pensar em uma forma de ajustar seu horário de uma maneira mais satisfatória.

Ao contrário de Cecilia, Marcia não parecia feliz. Cruzou os braços e encostou na bancada lateral da cozinha.

— Cecilia, quando você me contratou, eu não estava apenas aceitando um emprego. Eu comprei sua ideia. E, nós desenvolvemos nossa estratégia de trabalho para aquela ideia inicial.

— Marcia, eu entendo que você esteja tendo um pouco de dificuldades de se adaptar. Mas mudanças de planos acontecem.

— Você mudou completamente o seu foco. Duvido que se identifique com isso aqui — e exasperada acrescentou. — Você tem razão, mudanças acontecem, mas eu não vou me adaptar a isso. Você sequer percebeu que os clientes, que conquistamos, logo no início e, que apreciavam o restaurante sumiram. Lembro-me, que você tinha tempo para receber as pessoas, observar e cumprimentar aqueles que voltavam. O cardápio está sendo alterado, e acredite, daqui a pouco, nem as receitas que você criou vão estar nele.

Cecilia começou a irritar-se.

— Marcia, isso é um negócio. Acho que você está muito sentimentalista. Precisamos avançar, crescer. Armando até está pensando em futuramente criar uma franquia.

Marcia suspirou indignada.

— Nossa! Você está uma mulher de negócios. Franquia?

— Espera aí! Será que dá para você dá uma esticadinha nesta mentalidade? Eu quero crescer. E quero ao meu lado pessoas com garra para isso!

— Você acha que eu não quero que seu restaurante cresça? É isso? Que estou querendo sabotar o seu sucesso? Foi essa a atitude que você viu em mim durante todo este tempo?

— Não foi isso que quis dizer.

— Diga para Armando, que para ter uma franquia faz-se necessário uma identidade. E nós estamos completamente perdidas dentro desta cozinha, fazendo o que é preciso. Dando mais que uma esticadinha para satisfazer a fome voraz de seu administrador por dinheiro. Se é para trabalhar dessa forma, você vai precisar aumentar o salário das pessoas ou então buscar pessoas não tão qualificadas, que trabalhem como você quer.

— O que está dizendo? Sua tática para pedir um aumento é bastante emocional.

— Não, Cecilia. Estou dizendo, que você vai precisar de uma nova auxiliar.

— Você não está falando sério, não é mesmo?

— Estou. E já disse o que penso.

— Olha, vou falar com Armando para saber o que ele tem a dizer.

— Não vou repetir o que acabei de dizer. Vou só te dar um mês para encontrar alguém para o meu lugar. E estou fazendo isso pelos velhos tempos.

— Se é assim que você quer.

A partir daí o trabalho das duas transcorria em silêncio.

Não em um silêncio concentrado. Absorto. Imerso nos ingredientes. Produtivo. Mas um arrocho na garganta que tornava os mínimos movimentos em algo laborioso e estafante, que drenava a energia das duas.

Um mês depois, Marcia os deixou. Armando realizou entrevistas e contratou um assistente com um perfil empreendedor, mais adequado as necessidades do restaurante. Tommy, pouco tempo depois, seguiu Marcia.

O restaurante, agora, tinha uma nova gerência em Armando. Um novo perfil. Cecilia apenas cozinhava.

— Me desculpe, Tia Clara. Eu sei, eu sei. Não, claro que não a estou evitando, que ideia! Sei que uma hora e meia não é grande coisa. E sabe como gosto de visitá-la. É que estou realmente ocupada. Acredita nisso? Ainda nem tive tempo de escolher o vestido. Já tenho algo em mente. Vou marcar uma data para Karina ir comigo ver modelos. Se a senhora quiser vir, ficarei muito feliz, — ela escutou o que a tia tinha a dizer pacientemente. — Claro, que tem espaço para a senhora, não vai atrapalhar. Armando tem o apartamento dele.

Correu até a mesa, pegou a agenda e começou a folheá-la.

— Domingo é um dia super corrido no restaurante, mas na segunda vou falar com Armando para me dispensar. Acredito que Victor dá conta sozinho do trabalho. Segunda é um dia mais tranquilo. Oi? Não tia... não é Armando quem decide se vou folgar ou não, é que realmente é muito trabalho, e ele tem organizado nosso cronograma. Então, se a senhora poder, venha domingo à tarde. Passa a noite aqui, e segunda-feira iremos as compras. Que tal? Vou esperar. Beijos.

Desligou o celular e foi vestir-se para ir ao restaurante.

Ao chegar, Armando já estava lá. Tomava uma xícara de café acompanhado de uma mulher. Assim que a viu, ele levantou-se e foi até ela:

— Cecilia, venha conhecer uma velha amiga de adolescência, que chegou a pouco na cidade. Adrianna, esta é Cecilia.

A mulher levantou-se da mesa e esticou a mão de forma cordial para Cecilia, que a cumprimentou.

— Como vai, Cecilia? Tão bom conhecê-la! Armando fala tanto de você. Bem, é claro. — disse num

sorriso.

— Olá, Adrianna! É um prazer conhecê-la, também.

Armando transferiu as xícaras de café, da mesa com dois lugares para a de quatro, instando-as a sentarem. Então, foi pegar um café para Cecília.

— Então, está de passagem pela cidade? — perguntou Cecília.

— Na verdade vim para ficar. Você sabe, tem um momento na vida da gente que temos que nos aquietar, e acho que aqui é o lugar. Passei a maior parte de minha vida aqui, depois viajei, morei em outros estados e agora estou de volta.

— Eu sei como é.

Armando chegou, colocou o café diante de Cecília e sentou-se.

— Querida, Adrianna está procurando um lugar para morar, aqui em Atlanta, mas ainda não encontrou. Você sabe que essas coisas levam um tempo. Aí, pensei se você não poderia acolhê-la em seu apartamento por uns dias.

Cecília incomodou-se com o oferecimento de seu refúgio a uma estranha, mas tentou não demonstrar.

— Meu *apartamento*, você quis dizer — fez uma piada, mas que, pelo visto, não teve graça, pois ninguém riu, apenas ficaram constrangidos. Para remendar a rotura, explicou de forma cordial. — Não me leve a mal, Adrianna, meu apartamento é muito pequeno. Nós até podemos, nos apertar lá, mas é que minha tia vem domingo e vai ficar comigo uns dois dias. Talvez depois disso... — disse sentindo-se cada vez mais desconfortável com os olhares.

— Sua tia? Você não havia me dito que ela vinha. — Armando replicou sem disfarçar a irritação na voz.

Cecília respirou fundo.

— Falei com ela hoje.

Adrianna tentou sair elegantemente da situação:

— Cecília, fico até constrangida diante de você. Não quero importunar — falou desculpando-se, e Cecília sentiu que ela estava sendo genuína, o que a deixou envergonhada. — Eu posso continuar na pousada onde estou. Não há problema. Em alguns dias, provavelmente, já terei encontrado algo para mim.

— Olha só, não quero te passar a impressão que não sou hospitaleira. Se depois que minha tia for embora, você ainda precisar, meu apartamento, ele está a sua disposição.

Adrianna olhou-a com um sorriso e disse:

— Obrigada.

Elas passaram por algumas lojas de noivas.

O dia não podia ser melhor para aquela procura. Ensolarado, temperatura agradável, e suas companheiras, ideais. Confiáveis, honestas e de extremo bom gosto, não a deixariam cometer um fiasco na escolha de seu vestido. Passaram toda a manhã entre véus, vestidos, tiaras, sedas, cores pastéis, pérolas e cristais.

Toda a atmosfera dava a Cecilia uma excitação que lhe subia a espinha. A preparação para o ritual, sua transição para uma nova vida, e o clímax, quando duas pessoas que se amam dizem, ‘sim, eu aceito’. Sempre havia sonhado com aquele momento.

A escolha, em meio a uma profusão de belos vestidos de noiva, gerou indecisões, mas Cecilia já tinha *o perfeito* em sua mente. E o encontrou. Um vestido em renda perolada, com cauda capela e adornado com transparências e delicadezas, em estilo *vintage*. Uma relíquia, que lhe caia fluida, como água a banhar-lhe o corpo. Ela admirou a textura e cor do vestido sobre sua pele clara. Contemplou sua imagem longamente, em frente ao espelho, depois de vesti-lo. Quando chegou diante de seu júri, percebeu pelo olhar que havia sido aprovada.

— Perfeito! — disse a tia.

— Lindo! — a amiga, tão difícil de agradar, sentenciou.

A noiva de pés descalços girou diante das amigas cheia de alegria.

— É esse!

Alfinetes foram espetados no tecido para marcar os ajustes necessários. E comentários do estilista de como lhe caia bem o vestido, aumentaram mais ainda sua confiança. Sentiu-se *a noiva*. Completa em todos os aspectos.

Ao deixarem a loja, pararam em um *Café* bastante agradável diante de uma fonte, onde pousavam pássaros, e algumas crianças jogavam moedas com desejos, por estímulo dos pais. Escolheram uma mesa que ficava bem em frente à obra de arte, esculpura em estilo espanhol. O esguicho de água que projetava-se para cima e caía em borrifos para os lados, cintilavam à medida que o sol refletia sobre ele. Acrescentou àquele dia, um ar de celebração. Ao observar as crianças, ponderou sobre as pessoas que passavam por ali e impulsionadas por suas ilusões, cediam à fantasia de que suas esperanças em uma moeda fariam com que desejos se tornassem realidade.

Viu-se passeando ali com os filhos que teria um dia.

Num rompante, levantou-se e foi até o local. Olhou através da água onde peixinhos alaranjados, vermelhos e azuis nadavam, e viu moedas brilhando em seu fundo. Uma moeda acobreada de um *penny* havia pousado sobre uma pedrinha, e ela se pegou imaginando, se ao menos, aquela pessoa havia realizado seu desejo.

Uma garotinha loira, com os cabelos trançados, jogou uma moeda e perguntou a mãe se isso faria ela ganhar o cãozinho que havia visto no *petshop*. A mulher sorriu e disse que não era tão fácil assim. Um anjo teria que tocar as águas bem na hora que ela jogasse a moeda, aí sim, o seu pedido poderia se realizar. Ela colocou a ponta do dedo na boca, pensativa. Foi até um homem, que lia um livro,

sentado em um banco próximo e falou algo para ele. Voltou com mais duas moedas, para aumentar suas chances. Apertou-a forte com olhos fechados e então jogou a primeira. Correu para o outro lado da fonte e repetiu o ritual.

Cecilia não pode deixar de rir. A mãe da garota estava em apuros.

Notou o garçom aproximar-se de sua mesa com os pedidos então, juntou-se a Karina e a tia.

Enquanto serviam-se, Clara perguntou-lhe sem rodeios:

— Você o ama?

Cecilia respirou fundo e pensou um pouco.

— O que é o amor, tia? É tão intangível, tão difícil de conceituar. Armando é um bom companheiro. Isso não é o bastante?

A mulher magra, elegante e de cabelos prateados tinha compaixão em seu olhar, e Cecilia não gostou.

— Ceci, você tem certeza que é isso que quer? É isso o que você estava procurando?

— O que eu procurava não existe. Temos que nos adaptar ao que a vida nos oferece. E acho que estou com sorte — ela suspirou impaciente com o rumo da conversa. — Vocês sempre disseram que eu estava sozinha por ser muito sonhadora e romântica. Quando eu mudo, vocês se desapontam — retrucou na defensiva.

Karina estava, surpreendentemente, calada. Deixou Cecilia desconfiada. Mas, afinal, o que ela esperava? Sabia dos sentimentos de Karina em relação a Armando, e já haviam discutido por causa disso. Não esperava sua aprovação.

— Ora, minha querida, nunca quis que você mudasse sua essência. O que eu esperava, era que acrescentasse um pouco de realismo às suas aspirações, só isso.

— Quando ela diz realismo não está falando em problemas — ironizou Karina.

Cecilia pensou que tinha demorado bastante, para ela, finalmente, manifestar seus pensamentos.

— O que de concreto, vocês tem contra ele? Tia, a senhora acabou de chegar. Não o conheceu a fundo. Karina, eu sei. O acha um interesseiro. Como se eu fosse uma milionária esperando alguém para me dar um golpe.

— Ele está tentando fazer você esquecer quem é, e o que quer. É disso que não gosto nele — arrematou a tia.

— Tia, eu quero me casar com Armando. Gosto dele e acredito que temos pontos em comum. Ele tem sido de grande ajuda para mim. Eu aprecio a preocupação de vocês, mas acho que estão agindo como amigas super protetoras.

A mulher deu uma tapinha na mão de Cecília com sua mão delgada, onde havia uma aliança e um anel com uma pérola no dedo anular.

— Quero que seja feliz. Vou orar por você.

Permaneceram juntas até às 15 h e depois se despediram. Karina foi para sua loja. Tia Clara voltou para sua cidade e Cecilia para sua casa, pois ainda tinha muito a ser organizado.

— Olha, Adrianna, se você ainda precisar de hospedagem, minha tia já partiu.

A mulher olhou para ela de forma aguda. Quase como se a estivesse perscrutando. Cecilia sentiu-se desconfortável. Mas então, ela sorriu amigável.

— Claro, Cecilia. Fico agradecida por você me aceitar em sua casa. Estou precisando, sim.

Cecilia pegou as chaves e entregou a ela.

— Aqui, pode levar suas coisas.

— Aquela sua amiga é árabe ou judia?

— É árabe. Bem, ela nasceu no Brasil. Mas é árabe.

— Ela não gosta muito de mim. Eu percebo naquele olhar atravessado dela, querendo me fuzilar. Devia se juntar a um desses grupos radicais. É isso! Ela me pareceu membro de um desses grupos. Tive até medo.

Cecilia quis ignorar o comentário, mas sentiu-se no dever de retrucar.

— Ela é cristã.

— Mas aposto que é do tipo radical. Todas essas pessoas religiosas são meio loucas. É bom tomar cuidado.

A outra decidiu não entrar em discussão sobre a palavra ‘todas’.

— Na verdade, não é do estilo dela ser radical, em nada. Ela é legal — *A não ser com Armando e você*, pensou.

Cecilia verificava alguns livros de contabilidade do restaurante e estava com dificuldades de entender algumas escritas. A conversa de Adrianna a distraíndo, dificultava ainda mais.

Então, ela aproximou-se da mesa.

— Não é Armando quem deve cuidar da parte burocrática e enfadonha? — perguntou com um tom irônico, enfatizando as últimas palavras.

Por um momento Cecília ficou estática. Aquelas palavras eram dela, mas o porquê de estarem na

boca de Adrianna a intrigou. Então levantou-se e encarou a mulher a sua frente.

— Foi Armando quem te disse isso? Que eu não gosto da parte burocrática e enfadonha?

Percebendo o tom de confronto, Adrianna sorriu, e assumiu uma postura defensiva.

— Como assim, Cecilia? Todo mundo detesta este tipo de trabalho. O que quis dizer é que tem sorte por ter o Armando para fazer isso para você. Afinal, o seu mundo é entre as panelas... para sorte dele. Queria eu ter essa vocação. Afinal se pega um homem pelo estômago. Não é isso que dizem? — sorriu.

— Eu espero que você encontre sua vocação logo, Adrianna — disse sem volteios e sentou-se, voltando-se para os livros à sua frente.

A hóspede parecia à vontade em sua residência, pois um mês havia se passado e Cecilia não ouviu nenhum comentário sobre ter conseguido um lugar para onde ela pudesse se mudar. Não parecia nem mesmo estar procurando por um.

Cecilia não conseguia entender como ela se mantinha, pois também não trabalhava. Talvez, pensou ela, tivesse vendido alguma propriedade na Flórida. Mas ainda assim, da forma como gastava, torraria suas economias em pouco tempo.

Quando o vestido de noiva finalmente ficou pronto e Cecilia chegou com a grande caixa branca com laço de cetim rosa, Adrianna insistiu em dar uma espiada.

— Nossa, deixa eu ver! Adoro vestidos de noiva.

Quando Cecilia, cuidadosamente, removeu o tecido rico e o estendeu sobre a cama em encantamento, percebeu novamente o sorriso que destoava do olhar.

— Diferente... — foi o que conseguiu dizer.

— É *vintage*.

Sentiu, de repente, que não deveria ter compartilhado aquele momento de excitação e esperança com ela. Sonhos são delicados. Devem ser manuseados com cautela e gestados em segredo. Poderia ter sido mais discreta ao chegar em casa. Deveria ter apreciado o vestido de forma reservada. Mas agora era tarde, pensou com desgosto.

Ela inclinou levemente a cabeça para o lado, com uma ruga no meio da testa e comentou:

— Sabe, seu vestido é bonito. Mas parece uma peça de antiquário. Não tinha nada mais sexy?

Cecilia percebeu onde ela queria chegar.

— Tinha vários estilos. Mas esse é o meu. Os pensamentos e a poesia que me despertam, fazem com que eu me sinta sexy e desejada.

— Eu disse isso, querida, pois conheço o Armando desde adolescente. Sei qual é o tipo dele.

— Bem, eu acho que o tipo dele sou eu.

Ela preparava o molho que acompanharia a carne que assava no forno, quando sentiu o braço forte e sensual rodeando sua cintura. Armando delicadamente beijou seu pescoço.

Ela sorriu, virou-se para ele e encontrou seus olhos escuros. Ele segurava uma taça de vinho na mão e beijou de leve sua testa.

— Sabe, que para mim você é a melhor Chef do Estado da Geórgia, não é mesmo?— pegou a colher da mão dela, mergulhou-a no molho escuro e avermelhado que ela preparava e experimentou. De forma quase que instintiva, cuspiu todo o conteúdo para fora, com uma expressão de repulsa no rosto. Passou o dorso da mão sobre a boca e perguntou irritado:

— O que é isso?

— É um molho de carne... à base de ervas e ameixa — gaguejou. —Você sempre gostou dele — exprimiu entre magoada e preocupada.

— Eu espero que você não esteja perdendo a mão, querida. Afinal, é uma cozinheira, não pode se dar ao luxo de perder sua vocação, não é mesmo? Preciso ir. Nos vemos no restaurante.

Largou a taça sobre a mesa e saiu do apartamento sem maiores explicações, abandonando Cecilia a sentimentos de pesar e confusão.

Os clientes afluíam ao restaurante, e com eles os pedidos.

Não haviam mesas vazias, para orgulho de Cecilia.

Victor era rápido e eficiente, isso ela tinha que admitir. Mas era carrancudo, e não eram poucas as vezes em que discordavam sobre um ingrediente ou outro. Era mais um cozinheiro grosseiro, que um conhecedor de gastronomia. Não fazia uso das especiarias que tinham no restaurante. Seu preparo das receitas não tinha um toque especial, um aroma diferenciado. Faltava a mágica, que ela achava que todo prato merecia.

Às vezes, classificava-o mais como um cozinheiro ocasional de lanchonete — apenas tentando ganhar uns trocados até, finalmente, descobrir seu rumo na vida—, do que como um *Chef*. *‘Porque você usa tanto mel em suas receitas? Nem todo mundo acha agradável o coentro sabia? Com esse gosto de sabão, eu até consideraria tê-lo em meu banheiro, por mim seria abolido desta cozinha’*. Ela sorria placidamente e dizia, *não desta*. As perguntas e comentários inoportunos começaram a agastá-la. Sentia falta de Marcia, uma *Sous Chef* [\[2\]](#) de primeira categoria.

Armando entrou na cozinha, e numa explosão jogou um prato dentro da pia. Lily assustou-se com a violência. Sentiu-se revivendo uma situação parecida, quando trabalhara em um de seus antigos empregos.

— Quem fez o Salmão à Magdalene?

— Fui eu — disse ela, agarrando o avental e sentindo-se inexplicavelmente insegura.

— Cecilia — segurou-a pelos ombros e falou como se ela fosse uma criança — Por que mantém no cardápio uma receita que não sabe elaborar? Quer nos arruinar?

— Mas esta receita é minha especialidade... nunca errei. Eu... eu a criei — gaguejou.

Ele foi até a pia, pegou um pedaço do peixe com a mão e praticamente o abanou diante de seu rosto, para que experimentasse. Cecilia nunca o havia visto tão agressivo. Quase ameaçador. Submissa, ela abriu os lábios e permitiu que ele colocasse a carne branca em sua boca.

Inacreditavelmente, ela havia encharcado o peixe com pimenta e não existia a mínima possibilidade de sentir os outros sabores. A massa folhada estava crua por dentro. Cometera erros primários. Ela não conseguiu engolir o bocado e colocou-o para fora.

— Mas eu não fiz isso!

Victor levantou as mãos na defensiva e disse:

— Cecilia, você sempre faz essa receita, não eu.

Era verdade, pensou ela.

Desvencilhou-se de Armando, saiu da cozinha, foi até o cliente e humildemente desculpou-se, prometendo que aquele erro não aconteceria novamente. Ele escolheu outro prato: *filet mignon* com batatas fritas. Saiu descontente e deixou Cecilia envergonhada.

Quando aqueles incidentes começaram a ocorrer com mais frequência que o normal, ela comentou com Karina, que estava com medo de realmente estar perdendo suas habilidades culinárias. Sempre se congratulava por seu talento para criar molhos e misturar temperos. Era respeitada em seus antigos trabalhos por esta habilidade. Recebera menção honrosa nesta disciplina ao terminar seu curso. ‘Uma *saucier*^[3] com criatividade especial’, elogiara sua professora de culinária francesa, que era tão difícil de agradar. O que estava acontecendo? Havia perdido a sensibilidade no paladar? Estava com medo de preparar sua especialidade na cozinha. Nunca errara o ponto de uma massa.

— Bobagem, essas coisas acontecem com qualquer cozinheiro. Cecilia, você não está perdendo o conhecimento que adquiriu, da mesma forma como um pianista não desaprende seu instrumento. É uma fase. Passa.

Em um fim de dia, particularmente estressante, quando todos já haviam saído, Armando ficou sentado em uma das mesas com sua costumeira taça de vinho e pediu para que ela sentasse com ele.

— Posso te perguntar uma coisa, Cecilia?

Ela não respondeu. Ficou apenas esperando.

— Você não tem confiança em mim?

— O que?

— Você andou mexendo nos livros da contabilidade dia desses, que eu sei. Por acaso acha que estou te roubando?

— De onde você tirou esta ideia? Jamais pensaria isto a seu respeito — foi quando se lembrou que Adrianna a viu analisando os livros e ficou brava — Foi ela, não foi? Está fazendo intrigas! Quero ela fora de meu apartamento amanhã, está me ouvindo? Amanhã sem falta. E outra coisa, Armando. O fato de eu averiguar os livros de contabilidade de meu restaurante não tem nada a ver com desconfiança. Apenas quero manter-me informada. Tenho este direito.

Levantou-se, foi até a cozinha e saiu pela porta dos fundos. Na metade do caminho lembrou-se que havia esquecido a bolsa e voltou para pegá-la.

No dia seguinte, Adrianna deixou seu apartamento logo cedo.

Cecilia levantou-se um pouco mais tarde para evitar o confronto. Não sabia para onde ela ia, nem queria saber. Quando viu o apartamento livre daquela presença, respirou aliviada.

Foi até a geladeira e pegou um pouco de suco de laranja. Ligou a cafeteira e foi ler as correspondências. Sua tia havia lhe enviado algo e ela estava para abrir quando sentiu suas bochechas esquentarem. Levou a palma da mão ao rosto para tocá-la e sentir a temperatura, mas sua mão não conseguiu chegar. Parecia estar a anos-luz separada de seu corpo.

Cecilia teve uma súbita sensação de estranhamento espacial, como se não estivesse ‘lá’. Ao tentar levantar-se, seus pés atravessaram o tapete e ela acreditou que cairia no apartamento do piso inferior. Então, agarrou-se desesperadamente ao sofá. As paredes começaram a dar-lhe a impressão de estarem vivas. Primeiro, formaram depressões que se tornaram em ondas e depois, saliências petrificadas de onde surgiram rostos. Diabólicos, eles riam dela e falavam palavras maléficas. *O que estava acontecendo? O lugar estava assombrado!* Decidiu correr até a porta. Seu pé afundou no primeiro passo e no segundo. Para cada passo que dava, tinha que fazer um esforço colossal. Os rostos começaram a sair da parede e vir em sua direção. Então, antes que alcançasse a maçaneta da porta, olhou de relance para o espelho e não viu a si mesma. Mas uma massa disforme e monstruosa. A visão horripilante devorava-a. Um abismo a invadia sem misericórdia.

Berrou histericamente e perdeu os sentidos.

Ao voltar a si, estava rodeada por Armando, Karina e dois paramédicos, chamados pela vizinha, uma

senhora de uns setenta anos, que disse ter se arrepiado ao ouvir seu grito.

—Parecia um uivo de lamento — disse a mulher ainda espantada. — Olha, — apontou os pelos do braço —, ainda arrepio só de lembrar. Pensei que fosse algo pior. Um assassinato.

Karina segurava a mão gelada da amiga.

—A senhora fez uso de alguma substância entorpecente, remédios? Usou alguma erva? — perguntou um dos paramédicos, impaciente.

— Não — murmurou Cecilia com dificuldade, sentindo a língua pesada como chumbo e a cabeça desnorteada.

Karina ficou preocupada.

Então Armando interferiu.

— Ela só está cansada. Pode deixar que cuido dela.

— Se ela está assim, é porque *você* a faz trabalhar incansavelmente. Exige demais dela, Armando! — disse Karina furiosa.

Ele a fuzilou com o olhar.

— Está sempre a se intrometer entre nós — disse entredentes, com raiva mal contida.

— Ela é minha amiga. Ainda vou abrir os olhos dela.

A tensão do ambiente era cortante. Estranhável. Um soluço escapou dos lábios de Cecilia. Nascido do medo da experiência que havia tido e do embaraço de ser vista tão vulnerável por pessoas que não a conheciam, tornou-se convulsivo.

— Água... — a vizinha sussurrou para si mesma. — Um pouco de água com açúcar vai fazer-lhe bem. — Foi até a cozinha e voltou rapidamente ainda misturando a porção, que em sua opinião trariam a serenidade de Cecilia de volta. Ajudou-a a segurar o copo, enquanto o levava aos lábios trêmulos.

Quando notaram que ela estava mais controlada, um dos paramédicos pediu a Cecilia que descrevesse o que havia sentido, e Karina e a vizinha a ouviram com espanto.

— Senhora, é importante que veja um médico especialista — recomendou evitando cuidadosamente a palavra psiquiatra. — E é claro, precisa descansar. É premente que ela seja avaliada, entendeu? — disse sério, olhando especialmente para Karina, que ficou assombrada com a insinuação que pairava sobre suas palavras e olhar.

Os paramédicos deixaram o apartamento, e Karina instintivamente os seguiu, deixando Cecilia com Armando, e com a vizinha que se prontificou a fazer um chá de camomila e permanecer ali, até que Cecilia estivesse mais confortável.

Karina desceu as escadas correndo e abordou o paramédico que havia falado com ela. Não gostou das palavras dele, mas inspirou-lhe confiança.

— Por favor, espere.

Ele virou-se para ela.

— O que acha que aconteceu com minha amiga? Sei que talvez seja o que parece... mas, ela não é usuária de drogas.

Ele aproximou-se dela sério.

— Senhora, isso não é uma simples crise de nervos, e tampouco cansaço. Não estou dizendo que pessoas com stress não fiquem histéricas, chorem, e em casos extremos até queiram se suicidar. Mas sua amiga teve alucinações. Entenda. Ou ela usou *algo* diferente do normal ou está apresentando os sintomas de uma doença mental. É bom tomar precauções e ficar de olho nela.

Karine cruzou os braços diante do corpo. A informação pantanosa deixou-a abalada.

— Ela não tem família aqui. — falou seguindo um encadeamento de pensamentos inquietantes. — Quero dizer, sou amiga dela. Ela está noiva daquele homem, que está lá em cima, mas acho que seria importante outra presença.

— Aqui, tome meu cartão, se eu puder ajudar, é só me ligar — ele tocou-a no braço e disse. — Você tem razão. Ela precisa de um familiar por perto, mas mais importante é ter alguém que se importe com ela. E de fê. Casos assim, devem ser enfrentados de forma correta, o mais rápido possível, quando ainda são incipientes.

Ela ainda digeriria toda aquela situação.

— A tia dela — lembrou-se. — Vou entrar em contato com ela — olhou para o cartão que ele havia lhe dado e disse — Obrigado, José.

Ele sorriu e entrou na ambulância.

— Se cuidem, hein!?

Karina retornou um sorriso pálido. Ao ver o veículo se afastando, não esperou mais. Pegou o celular e ligou para a tia de Cecília, que chegou naquele mesmo dia.

— Meu Deus, o que aconteceu com você, minha querida? — perguntou a tia preocupada com a mulher *quase desconhecida* diante de seus olhos.

Armando ainda estava no apartamento lavando algumas louças sujas de Cecilia e juntando o lixo. Havia algo nele, que não permitia a Clara impressionar-se com suas atitudes, por mais samaritanas que parecessem.

— Já estou indo, querida — ele aproximou-se e beijou-lhe a testa. — Darei um jeito de sair do restaurante mais cedo para vê-la.

Quando descia as escadas cruzou com Karina.

— Não precisava importunar a tia dela. Eu e Cecilia podemos resolver nossos problemas. Somos um casal. Você e Clara estão interferindo em nossas vidas.

—Como é? — perguntou intrigada diante das palavras dele. — Estamos falando da saúde dela. Vou chamar Clara, quantas vezes achar necessário — dito isso, continuou subindo as escadas.

Ao chegar ao apartamento foi direto para o quarto e encontrou Clara junto à amiga. — E aí, Ceci, está melhor?

A moça colocou a mão sobre a boca, tentando impedir que as emoções aflorassem descontroladas.

— Estou com medo. Não consigo mais cozinhar direito e agora isso! Me sinto tão insegura. Há algo de muito errado comigo — seus olhos estavam imensos, inundados de terror. — Estou com medo de estar enlouquecendo. Eu não sei se posso evitar isso. Acho que preciso de ajuda.

Ela sussurrava de forma perturbadora e um sentimento desagradável deixou Karina arrepiada. Quase podia ver a mulher inquieta, de cabelos desalinhados, olhar perdido e alma em profundo desalento andando de um lado para o outro pelo quarto, sussurrando lamentos, murmurando incoerências, à espera de apenas um convite do desespero para que permanecesse de vez. Deixou o quarto e foi até a cozinha para pegar um pouco de água, respirar outro ar e aliviar a angústia que prendia seus pulmões.

— Ora, pare já com isso! — a voz de Clara soou forte, quebrando a atmosfera funesta, como um anjo soando um clarim. — Você é uma mulher saudável, está ouvindo Cecilia Oliveira? Mas precisa se cuidar, está trabalhando demais, além de estar preocupada com a organização da cerimônia de seu casamento. Não tem quem aguente tanta pressão, filha. Você precisa descansar, agora.

— Vou indo, Clara. Até amanhã, Cecilia.

— Obrigada por me ligar, Karina — disse Clara.

Ela sorriu e deixou o apartamento.

Clara olhou preocupada para a moça de olhos fechados, encolhida sobre a cama fria. O dia havia sido cansativo, ela deitou-se sobre a *chaise longue* e caiu em pesado sono.

— Por que não vem passar uns dias comigo? Cristina vai amar tê-la por perto. Saia um pouco daqui. Seu tio adora pescar. Podemos ir com ele. Respirar ar fresco. Andar de pés descalços sobre a grama. Vai ser bom para você relaxar um pouco — sorriu benevolente.

— Tia, eu fico agradecida com seu convite, mas não posso. Prometo que irei visitá-la antes do casamento — seu olhar adquiriu um brilho embaciado. — É isso! Farei minha despedida de solteira lá.

Clara suspirou frustrada com a resposta frívola de Cecilia diante de um momento crucial como aquele, quando ela deveria recuar e não avançar com a mesma resolução. Levantou-se da cadeira e abandonou a xícara de café pela metade. Massageou a nuca dolorida por um instante.

A sobrinha olhou-a sentindo-se culpada, pois ela havia passado a noite desconfortável por sua causa.

Clara olhou-a séria, cheia de apreensão pelo rumo estranho que a vida de Cecilia tomava. Não queria fazer premonições sombrias, mas temia por sua saúde se continuasse naquele caminho. Com aqueles planos. Sua cisma em consolidar um pacto com um homem que parecia uma torneira vazando e a empobrecia aos pingos angustiava Clara.

A despeito de suas tentativas, não conseguiu convencer a sobrinha a acompanhá-la, mas pelo menos, durante os dias em que Clara permaneceu em Atlanta, não permitiu que se aproximasse do restaurante e fez de tudo para que Armando não se sentisse à vontade no apartamento.

Fizeram uma visita a um médico conhecido da família de Karina, que a examinou e apenas prescreveu uma medicação para ajudá-la a relaxar e deu recomendações superficiais sobre não beber ou tomar o remédio e dirigir.

— Cecilia, você precisa se aproximar mais de Deus — disse Clara e tirou de sua bolsa, uma pequena Bíblia de capa preta, do tamanho da sua mão. — Este é meu presente para você. Não adianta eu te dar conselhos de como levar sua vida. Você precisa entender o porquê de estar aqui neste mundo, e só então, poderá tomar as decisões certas em sua vida. Lembre-se. Quando sua alma necessitar de orientação, peça com sinceridade e Ele lhe mostrará o caminho certo. Aquilo de que você, realmente, precisa saber. E quando descobrir, aceite e abrace seu caminho, pois por mais difícil que lhe pareça, ele foi designado para você.

Por um instante, Cecilia achou que a tia estava enigmática demais.

Então, olhou para a Bíblia em sua mão e um misto de orgulho e ressentimento nasceu em seu coração. O médico havia afirmado, que provavelmente tudo o que passara havia sido resultado de grande estresse. De sua rotina pesada. Não percebeu nenhum alarme em sua postura, fora até blasé. E ele sabia do que estava falando, afinal era um especialista. Sua tia era boa e gentil, mas queria afastá-la de Armando, o homem com quem ela queria terminar os seus dias, e que a ajudava em sua luta diária. Ele não era perfeito, mas quem é? Engoliu o que pensava, pois não queria ser grosseira.

—Obrigada pelo presente, tia. E acima de tudo por ter permanecido comigo durante esses dias — assim dizendo, beijou-a no rosto afetuosamente.

Quando voltou ao restaurante, Cecilia percebeu que algumas coisas estavam mudadas. Vitor havia feito como desejava a tempos. Livrou-se do coentro. Sumiu com algumas especiarias. Seu congelador estava cheio de molhos prontos e industrializados.

Mas ela não se deu por vencida. Jogou tudo no lixo na frente dele e chamou um dos garçons que ajudava na limpeza.

— Vá ao mercado e me traga 3 feixes de coentro fresco e também em grãos.

Victor, com seu permanente ar de troça, perguntou:

— Tem certeza que já está bem para trabalhar?

Cecilia foi até ele e disparou:

— Victor, este restaurante me pertence. Espero que entenda que me deve respeito, assim como eu o respeito.

Ele levantou os dois braços em rendição. Gesto habitual seu, que a irritava e demonstrava sua intolerância a confrontos.

Armando beijou-a carinhosamente.

— Saudades de você — abraçou-a. — Está melhor?

— Estou sim — disse ela sentando-se à mesa preferida do noivo.

Ele, como de hábito, tinha papéis à sua frente. De repente, ela percebeu o quanto era afortunada. Não sabia o que teria feito sem a sua ajuda para lidar com toda aquela responsabilidade, durante aquele momento de crise. Tomou suas mãos entre as suas e beijou-as.

— Obrigada, Armando.

— O que é isso Cecilia, eu não fiz mais que minha obrigação.

— Não, não é verdade!

Ele acariciou seu rosto. Sorriu e fez um ar de que havia se lembrado de algo.

— Tem alguns papéis que você precisa assinar, mas se não estiver disposta agora, podemos deixar para outra ocasião.

— Que papéis?

— Coisas do restaurante... e bem... gostaria de pedir-lhe algo.

— Sim...

— Adrianna conseguiu um apartamento para alugar. Você sabe, eles fazem uma série de exigências. Pediram um fiador. Eu tentei ajudá-la, mas eles não quiseram. Meu apartamento é alugado. E eu, sou seu empregado. Mas como proprietária deste restaurante você se torna a pessoa ideal.

— Armando — disse ela exasperada ao ouvir o nome da mulher. — Pensei que ela já havia arrumado um lugar e saído de nossas vidas. Afinal, onde ela estava esse tempo todo?

— Em uma pousada — explicou brevemente. — Eu entendo você, Cecilia. Mas eu não tenho coragem de abandonar uma amiga à própria sorte. Ela não tem ninguém nesta cidade. Entenda o meu lado, querida. Se Karina precisasse de você, tenho certeza que você a ajudaria.

— Promete que depois disso não terei que colocar meus olhos sobre ela mais?

— Ela vai ter que se virar depois disso — disse ele levantando uma das mãos em sinal de promessa.

Ele entregou a caneta e ela assinou as três vias de um contrato de aluguel e outros documentos relativos ao restaurante.

— Obrigada, querida.

A polícia estava diante de seu restaurante, e um súbito temor lhe sobreveio.

Ao entrar, viu Armando conversando com um dos policiais.

— O que aconteceu?

— O restaurante foi invadido e eu dei falta de alguns objetos e dinheiro.

— Porém — disse o policial —, não há sinais de arrombamento. Eles entraram pela porta dos fundos, que estava aberta.

— Meu Deus! O alarme não tocou?

— Não — Armando respondeu lançando-a um olhar crítico. — Você esqueceu-se de ligá-lo ontem à noite.

— Espera aí! Eu me lembro perfeitamente de ter acionado o alarme e fechado as portas do restaurante ontem.

— Nós já assistimos o vídeo de segurança, Ceci.

Ela foi acompanhada até o escritório de Armando e assistiu boquiaberta quando deixou o restaurante sem acionar o alarme, e ao adiantarem o filme, viu quando duas pessoas mascaradas entraram pela porta dos fundos e levaram utensílios de valor, produtos alimentícios e ainda passaram na caixa registradora. Tranquilamente.

O que era mais intrigante era que, apesar de ter seus momentos de distração, havia feito o *check list* no dia anterior. Passo a passo. Era tão vívido em sua memória quanto o vídeo à sua frente. O que havia acontecido?

— Vamos tentar encontrá-los senhora, mas devo dizer para não esperar muito — o policial falou.

Quando os policiais saíram, Cecília olhou para Armando arrasada.

— Eu não sei o que está acontecendo. Eu tinha certeza de ter fechado tudo e ligado o alarme.

— Não se preocupe, Ceci — disse, abraçando-a. — Essas coisas acontecem. Nós vamos recuperar o que perdemos.

Ela estava tão cansada que queria apenas ficar ali, nos braços dele.

— Vá para casa e descanse por hoje. Eu cuido de tudo aqui. Já avisei a Victor que não vamos abrir.

— Você vem depois?

— Claro — beijou-lhe a testa. — Mais tarde te encontro no apartamento.

Quando chegou ao apartamento, Armando, nem de longe, lembrava o suporte emocional que fora para ela, naquela manhã. Estava tenso. Usava palavras negativas, começou a ter premonições sinistras e fazia acusações veladas. *Desde aquele dia, você mudou...*, dizia com referência ao colapso que tivera, fato do qual, ela não gostava de rememorar. Alternava entre compassivo e acusador, confundindo-a.

O dia havia sido estressante e ela estava infeliz e cansada. Arrependeu-se de tê-lo chamado até ali.

— Armando eu preciso descansar. E prefiro não mais falar a respeito disso, hoje.

Foi até a cozinha e fez um chá de ervas. Esperava que tivesse um efeito relaxante. Enquanto bebiam, ele sugeriu que ela voltasse a usar a medicação que seu médico havia prescrito, para aliviar a ansiedade. *Vai lhe dar mais foco no que faz*, observou ele. Cecilia não gostava de sentir-se dependente de remédios, mas acreditou que daquela vez estava certo. Ela colocaria a cabeça no lugar e voltaria a ser a Ceci de sempre. Ultimamente, sentia-se constantemente cansada e sem energia para começar o dia. Qualquer notícia inesperada a estremecia.

Ela removeu o edredom da cama e largou-o no chão de tão cansada. Alguns minutos depois sentiu o colchão ceder pelo peso de Armando, a última coisa da qual teve consciência antes de pegar no sono.

Foi como se tivesse fechado seus olhos apenas um segundo, quando ouviu o som agudo de um instrumento que não saberia definir, mas parecia a buzina disciplinadora de um quartel. Seu coração pulou e sua mente e corpo cansados acordaram. Ela abriu os olhos, que mais pareciam chumbos de tão pesados e olhou para o despertador ao lado antes de checar o que podia ser aquilo.

Os números verdes do mostrador digital alertavam que era meia-noite em ponto.

Armando ainda dormia profundamente. O ruído não o havia acordado.

Quando estava a ponto de levantar-se para checar se havia algo de anormal pela casa, viu um grande cachorro negro com a boca entreaberta, onde se podia ver dentes afiados e ameaçadores. Ele os rangeu para ela e avançou em sua direção, subindo em sua cama. Estava sem saída. Gritou desesperada e Armando virou-se para ela irritado. Uma de suas sobrancelhas escuras e bastas estava erguida, dando-lhe um ar de escárnio.

— Armando, esse cão vai me atacar!

— Claro, que não, Ceci! Eu o trouxe para nossa proteção.

Sua alma desperta acordou-a em um sopapo inquieto.

Sentou-se na cama ainda com o coração aos pulos. Armando dormia profundamente. Não havia cães em seu quarto, mas a impressão do sonho persistia. Levantou-se ainda insegura e foi em busca de água para tentar aliviar seus nervos, que estavam à flor da pele.

Engoliu sofregamente e percebeu as mãos ainda trêmulas. Fechou os olhos um instante e então foi ao banheiro, abriu a pequena porta espelhada e de lá retirou dois comprimidos, que engoliu sem pensar: precisava dormir, conseguir descansar.

No dia seguinte, acordou com o aroma do café invadindo seu quarto. Armando já havia acordado. Havia lhe trazido uma xícara do líquido quente.

— Está bem? — perguntou.

— Sim. Resolvi seguir seu conselho e voltei a tomar os remédios.

— Bom saber disso. Você sabe... às vezes me excedo por preocupar-me com você. — disse compungido. — Ontem... eu sei que disse coisas que não devia e peço desculpas... mas sabe que são verdadeiras. Porém, você não deve se preocupar mais que o necessário. Eu estou aqui.

Cecilia sentia-se atordoada pelo rumo que sua vida tomava, mas acreditava que no final, tudo acabaria bem.

A correria no restaurante recomeçou, bem mais intensa que o normal. Cecilia ainda sentia no corpo e na mente o peso que os incidentes do dia anterior haviam trazido.

No meio da tarde o celular, no bolso de seu avental tocou.

— Olá Cecilia. É Andrew Samuels, gerente do banco.

— Ah... olá, Sr. Samuels.

— Poderia passar aqui amanhã?

Cecilia rolou os olhos.

— Claro! Pode me adiantar o assunto?

— As parcelas de seu empréstimo estão atrasadas.

— Parcelas atrasadas?

— Sim. Faz mais de três meses que elas estão em atraso. Tentei falar com você, mas não consegui. Você precisa vir até aqui. Eu a espero amanhã.

— Está bem.

Ela digitou um número no celular rapidamente.

— Armando. Por favor, me ligue assim que receber esta mensagem.

Voltou sua atenção para seus afazeres. Um dos alarmes do forno disparou e ela o desligou. O ambiente esfumaçado pelo vapor das panelas deixando a cozinha extremamente quente fez seu corpo suar estranhamente. Ela desabotoou o primeiro botão da gola de seu uniforme e foi até o salão principal em busca de alívio. Clientes sorriam enquanto conversavam e saboreavam a comida, — um burburinho irritante, como o zunido de abelhas prestes a atacar. O ruído metálico dos talheres sobre os pratos e copos se tocando em brindes frágeis e desnecessários a incomodaram, agredindo sua sensibilidade. Colocou as mãos sobre os ouvidos e voltou apressada para a cozinha. Passou por Victor e atravessou a porta dos fundos como um raio. Desnorteada, atravessou o estacionamento e ao chegar na calçada sentou-se no meio-fio e soluçou sem saber porquê.

Uma mulher passava e abaixou-se ao seu lado.

— Você está bem? Precisa de ajuda?

Não obteve nenhuma resposta.

Outra pessoa juntou-se a primeira e começou a chamar a emergência. Victor apareceu e ao assistir a cena, ligou para Armando. Quando a ambulância chegou, ela tentou reagir e dizer que estava bem. Levantou-se, mas era patente seu estado de desolação.

— Querida, o que está havendo? — perguntou Armando, de repente ao seu lado.

Ela se virou para ele e o abraçou buscando abrigo.

Ele conversou com os paramédicos e se responsabilizou por seu cuidado.

— Pode deixar, eu cuido dela.

O médico disse que era importante, que ela descansasse. Havia tido um colapso nervoso.

— Você precisa de cuidados. Cuidados profissionais. É para o seu bem, Cecilia. — dirigiu-se à mulher de ombros caídos e olhar assustado.

Abriu a gaveta e tirou um cartão de lá.

— Aqui — entregou-o a Armando. — É um lugar bastante agradável, e acredito que o seguro de saúde que ela possui possa cobrir os primeiros dias.

Armando leu o cartão e colocou-o no bolso.

— Obrigado.

— Tome um comprimido destes por dia, se sentir que precisa — entregou a Armando uma caixa com duas pílulas amostra grátis. — Vai ajudar até vocês fazerem admissão nesta clínica. Você vai melhorar, Cecilia. Estou aqui, à sua disposição.

Pararam em frente a uma construção antiga, com características góticas. Jardins um tanto cinzentos rodeavam toda a mansão. Cercas vivas revelavam espinhos pontiagudos. Trepadeiras, heras e arbustos escalavam sem esforço as paredes seculares. E pássaros mudos pousavam nas janelas. Tudo bastante austero.

Viu uma silhueta encarando-a da janela do primeiro andar, mas o reflexo do sol incidente sobre o vidro impediu-a de distinguir, se era homem ou mulher. Apesar de impecável, Cecilia não achou o lugar agradável. Enquanto subia os degraus de pedra que já haviam sido bastante pisados, e apresentavam depressões deixadas pelo tempo, suas pernas começaram a resistir em seguir adiante, seus pés presos ao chão, no que ela foi, prestimosamente, ajudada por Armando.

Ele colocou a mala de roupas de Cecilia no chão e a recepcionista relanceou o olhar para a pequena bagagem um tanto irônica: — Ela não terá tantas necessidades por aqui. Nós vamos providenciar roupas para ela, iguais as dos outros pacientes.

As mãos de Cecilia estavam geladas e úmidas. Sentia-se letárgica, mas ainda assim, notou que pessoas de semblantes frios, vestidas de branco passavam a todo instante por ela, embora não fossem roupas de paz. Não havia nenhuma emanção de bem naquele lugar. Os elementos, as pessoas e a atmosfera eram completamente incongruentes com o que se propunham a realizar: oferecer um lugar de descanso a quem estava desorientado pela vida.

Numa busca por proteção, ela buscou a mão dele.

— Vai ficar tudo bem, querida — sussurrou.

Foram abordados por um daqueles seres, que habitavam aquele lugar, e que foi apontado para cuidar do bem-estar de Cecilia. A mulher tinha cabelos brancos, puxados para trás rigidamente, num coque sério. Nenhum fio saía do lugar. Nenhuma ondulação sobre o topo de sua cabeça. Suas mãos eram ossudas, cobertas com veias aparentes que saltavam sob a superfície de sua pele, formando um mapa de caminhos tortuosos. Anéis de prata cobriam os dedos de ambas as mãos. Dirigiu-se a eles com informações sobre as regras do lugar. Suas palavras eram como pedras sem emoções.

De forma desprendida, Armando passou Cecilia para as mãos da mulher. Confiou-a a ela, — uma desconhecida —, como se fosse um pacote sem valor.

O olhar de Cecilia buscou os dele, mas não encontrou nem uma chama. Ainda assim implorou.

— Não me deixe aqui — sussurrou.

Lágrimas silenciosas corriam por sua face.

— Vai ficar tudo bem, querida — ele sorriu. — É para seu bem. Venho te visitar. Não se lembra das palavras do médico? Precisa descansar!

O rosto inexpressivo da mulher esboçou um rasgo nos lábios, que era para ser um sorriso. As mãos

que pareciam garras em sua pele a levaram sem cuidado.

A cor azul da entrada ia esmaecendo e tornando-se cinzenta, à medida que adentravam o prédio, até que chegaram a um quarto de paredes brancas, onde havia apenas uma cama e uma mesinha de metal.

Suas roupas foram removidas de forma grosseira e desrespeitosa e ela foi vestida com uma camisola de cor indistinguível. Ao ser deixada a sós por um momento, foi que ela pode, sem muita objetividade, avaliar o cômodo. Era escuro. Tentou abrir uma das janelas para que a luz entrasse e encontrou grades. Começou a arfar. *Ela não precisava ficar trancafiada ali. Aquela alienação não iria trazer sua cura.* Procurou pela figura de Armando na alameda. Quis gritar por ele, para que viesse buscá-la, mas ele já havia desaparecido. Levou uma das mãos ao peito. O ar começou a faltar-lhe. Seu corpo dobrou-se em angústia e ela foi ao chão.

Seu desespero era tão imenso, que não percebeu que a porta de seu cárcere foi aberta e a mulher que havia lhe recepcionado entrou. Pousou uma bandeja ao lado de sua cama e por um momento apenas a encarou, sem um pinga de fagulha de empatia. Suas mãos estavam escondidas nos bolsos de seu uniforme branco.

— Todos que chegam aqui são como você. Esperam que eu os levante — tomou um dos braços letárgicos de Cecília e puxou sem nenhuma delicadeza, forçando-a a levantar-se.

Com rudeza a fez deitar-se na cama e então puxou um de seus braços, amarrando-o com o torniquete. Cecilia levou a outra mão até o elastic, numa tentativa de impedi-la de medicá-la. Queria que lhe explicasse que tratamento era aquele, saber o que seria feito com ela.

A hostilidade fria da mulher não conhecia termos. As mãos de Cecilia foram empurradas, enquanto a mulher murmurou um *talvez mais tarde tenhamos que contê-la, não toleramos doentes agressivos por aqui.* Ceci sentiu a ferroadada em seu braço.

— Isso vai fazer com que se sinta melhor. Mais calma.

Ela bem que quis dizer que não era daquilo que precisava, e sim sair dali. Mas seus lábios não conseguiram pronunciar nenhuma palavra. Olhou no fundo dos olhos da outra mulher, queria pedir um pouco de compaixão, mas sentiu-se afundando em um pântano de sensações imprecisas. Seu corpo e sua alma estavam presos, sem que pudesse reagir. Havia perdido toda sua autonomia. Estava entregue a pessoas que não conhecia, e que não a conheciam, a não ser através das palavras de Armando e do médico.

Quando todo o líquido da seringa já corria nas veias de Cecília, a mulher acariciou seus cabelos de forma gentil, mas o gesto era vazio de ternura. Suas últimas palavras antes de sair e trancar a porta atrás de si, foram como um sopro gélido de desesperança.

— Parece um passarinho preso em uma gaiola.

Cecilia fechou seus olhos, tomada pela confusão e vazio. O tecido de sua vida estava rasgado.

Ela estava morta.

Karina andava de um lado para o outro na cozinha do restaurante, quando o viu entrar.

Armando suspirou irritado ao vê-la.

— Ela estava aí fora e insistiu em esperar — Victor deu de ombros.

— Onde está Cecilia, Armando? Disseram-me que ela não se sentiu bem há dois dias atrás e eu fui ao apartamento visitá-la, mas não a encontrei. A vizinha disse que a viu saindo com você e ela mal se aguentava em pé.

— Exato, ela precisa de cuidados profissionais. O médico recomendou sua internação imediata.

E ao concluir a sentença, pegou-a de surpresa ao tomá-la pelo braço, e praticamente arrastá-la até o salão. Karina ficou indignada com o tratamento, e puxou o braço bruscamente. Quando ele percebeu que ela estava na iminência de reagir— e muito mal—, levantou uma das mãos e levou um dedo até os lábios, olhando em direção à cozinha, como que querendo discrição para o que ia falar.

— O médico disse que ela poderia tornar-se perigosa para si mesma— sussurrou. — Ela precisa descansar.

— Não precisaria se você não a fizesse trabalhar como uma escrava!

Ele ficou indignado.

— Eu a ajudo aqui, não você! Pensa que não sei que você trabalha como hobby? — expeliu uma risada sarcástica, que mais parecia uma bolha de enxofre. — Que são os seus pais que te levantam dos teus tombos financeiros? Cecília me contou! Aí você acredita que a vida é assim para todo mundo. Fácil!

Karina sentiu-se magoada por ter sido descrita pela amiga daquela forma.

— Você fala de dinheiro como se desse um grande duro por ele, não é mesmo? — ela não deixou barato. — Onde está Cecília? Vou visitá-la amanhã.

— Negativo — rebateu taxativo.

Ele franziu a testa e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Ela precisa de repouso. Você não vai até lá.

— Você não é parente dela, Armando. Vou conseguir uma autorização para vê-la agora, com as pessoas que tem direito a dá-la. A mãe e a tia dela.

Pegou o celular.

— Elas não sabem onde Ceci está.

— Humm...bem, nesse caso, vou ligar para a polícia primeiro. Você percebe que, o que fez, pode ser considerado crime? Como podemos chamar isso, hein? Sequestro, cárcere? Posso descobrir outros nomes — estreitou os olhos.

Ele franziu os lábios.

— Vamos, me dê o nome da clínica — pressionou.

Ele escreveu o nome, a contragosto, num papel e o entregou a ela.

— Vou conversar com Cecília sobre sua atitude. Não está sendo amiga dela. Apenas tenho feito o que o médico recomendou.

—Sei.

— Olá, José, tudo bem? Não sei se lembra de mim. Karina. Você me deu seu cartão, durante uma intercorrência na casa de uma amiga.

Ele ficou em silêncio por uns segundos do outro lado da linha, mas depois disse:

— Claro, Karina! Me lembro de você, sim!

Ela explicou toda a história para ele, e o que ouviu, arrepiou sua espinha.

— Aquele lugar é perigoso. Dá um jeito de tirar sua amiga de lá. Já houveram muitas denúncias, inclusive de ex-funcionários, mas eles sempre conseguem fazer manobras para manterem as portas abertas. As pessoas saem pior do que entraram.

‘Meu Deus, com quem Cecilia foi se meter?’, pensou ela.

— Você não tem esse direito, Armando. Não é casado com ela ainda. O que o motivou a fazer algo tão vil?

—Vil? — ele encolerizou-se. — Eu estava cuidando de sua sobrinha! Tenho recomendações médicas para isso.

— Mas não é uma decisão que você possa tomar só.

— Cecilia teve um colapso, não tinha condições de tomar decisão alguma. Eu busquei o melhor para ela.

— Eu sou família dela. Ela também tem uma mãe. Nós deveríamos estar à par desse seu projeto — interpôs firme.

— Meu projeto? — ele bufou e deu-lhe as costas impaciente, mas voltou-se novamente encarando-a e apontando-lhe o dedo agressivamente. — Eu não planejei os problemas mentais de sua sobrinha e também não sou o médico dela. Médico, esse, que foi recomendado pela família de Karina. E quanto à mãe de Cecilia, ela não dá a mínima para a filha.

Clara aproximou-se dele, olhou-o nos olhos e disse numa voz suave.

— Nunca mais tente fazer algo desse tipo sem minha autorização.

— Cecilia e eu vamos nos casar, Clara. Eu vou cuidar dela e não vou mais tolerar sua intromissão em nossas vidas. Você não vê? Cecilia está muito mal e pode atentar contra a própria vida. Isso não consegue te sensibilizar?

Clara cruzou os braços.

— Augusta e eu já decidimos removê-la da clínica — mentiu, pois não tivera coragem de relatar à mãe de Cecilia o estado em que a filha se encontrava. Conversaria com a irmã depois.

Ao chegar ao lugar onde Cecilia estava internada, temeu. Não acreditou que Armando tivera a coragem de deixá-la ali. Ainda que apenas quatro dias tivessem se passado, ficou a imaginar as consequências na sobrinha. Antes de chegar à clínica, havia questionado se era razoável e saudável a sua decisão de levá-la para casa. Sabia o quanto Ceci estava fragilizada. As palavras de Armando de que ela havia *se tornado perigosa para si mesma, e que não tinha condições para usufruir de independência de forma segura*, introduziram algumas dúvidas nela. Pensou, inclusive, em apenas dar uma olhada para ver as condições do local e o efeito sobre ela. Cecilia precisava de aconselhamento, e talvez, profissionais conseguissem alcançar onde ela havia falhado.

Porém, seu primeiro passo dentro daquele lugar sombrio, diluiu todas as suas dúvidas. Soube, intuitivamente, que a sobrinha jamais deveria ter entrado ali. Cecilia estava dopada por remédios, e quando seus olhos embaçados e sem brilho não a reconheceram, seu coração afundou. *Aquilo não era repouso.*

Removeu-a contra a orientação da equipe de saúde mental da casa de repouso, que a responsabilizaram por quaisquer problemas que pudessem vir a ocorrer depois.

Clara levou Cecília direto para sua casa. E lá, ela permaneceu por alguns dias, sob o olhar e conselhos da tia.

— O que eu quero é que abra seus olhos.

Cecilia ficou em silêncio diante das palavras da tia. Sua experiência na clínica havia sido aterradora. Jamais conseguiria colocar em palavras o que havia sentido e experimentado. Sua alma fora tão constrangida, que um medo avassalador eclodiu dentro dela afogando suas certezas: o de perder a si mesma e não mais se encontrar. Desconhecer de vez o caminho da lucidez.

Naquele lugar, sem nenhum governo sobre si mesma, e alienada de seu mundo, um sentimento de vulnerabilidade se instalou. Perguntava-se, se um dia, conseguiria novamente reencontrar sua confiança. Durante grande parte de sua vida, fora uma mulher independente e segura de seus passos, mas ultimamente parecia precisar de um mapa para não se perder dentro das fronteiras de si mesma, e aquele lugar infeliz colocara um aleijo dentro dela, que não sabia, se conseguiria em algum momento futuro, deixar para trás.

Foi de Armando a decisão de interná-la. Ela sabia. E sentimentos dúbios emergiram em relação a ele, mas também se perguntava o que ele poderia ter feito. Talvez, pensasse que estava lhe fazendo um bem, afinal havia sido orientado por um médico.

Para aumentar ainda mais sua ansiedade, lembrava-se que tinha um restaurante para levar adiante. Estaria fechado?

Estava a mais de um mês na casa da tia e precisava voltar para Atlanta. Retomar sua vida de onde parara. Dar seu primeiro passo de volta para casa. Corajosamente.

Clara falou, aconselhou, calou e orou por ela. Sabia que ela tinha que ir embora, então deixou. Abraçou-a longamente alguns minutos que ela partisse:

— Qualquer coisa é só ligar. Vou estar aqui esperando.

— Eu sei. Você é um bálsamo na minha vida.

— Estou tão feliz que esteja de volta, meu amor — quando foi beijá-la, ela virou o rosto inexpressivamente. Ele percebeu um pouco alarmado, a rejeição dela. — Cecilia, o que você teria feito em meu lugar? — perguntou na defensiva. — Por favor, me diga? — implorou.

— Não vamos falar sobre isso agora, está bem? Recebi uma ligação do Sr. Samuels, gerente do banco, afirmando que a minha situação financeira é bastante delicada. Por que o empréstimo não está sendo pago?

Ele olhou-a irônico.

— Cecilia, este restaurante mal paga os funcionários. Estamos com problemas no caixa. Depois houve o assalto, sua... — ele escolheu com cuidado suas palavras. — Seu afastamento...

— Sei o que houve e que nos causou alguns prejuízos e aborrecimentos, mas o Sr. Samuels ligou-me antes do meu *afastamento*, e apenas um dia depois do roubo para dizer que não pagamos o empréstimo há três meses. Trabalhamos demais, o restaurante está sempre cheio. Onde está o dinheiro?

— Espere um momento? Está me acusando de quê? Eu estou sempre tentando equilibrar as contas deste restaurante. Só que ele não dá o lucro esperado. Aquilo que começa errado Cecilia, tem poucas chances de dar certo.

— Meu restaurante não começou errado! E ele sempre se pagou e aos funcionários.

— Espero que se lembre, que quando começamos esta sociedade você já tinha uma dívida com o banco. Você pegou o empréstimo e não eu! Você superestima seu restaurante.

Cecilia percebeu que ele usou a palavra ‘sociedade’.

— Nós somos sócios?

—É uma forma de colocar as coisas, já que divido com você as preocupações — rebateu. — Praticamente, trabalho exclusivamente com você. Abri mão de outros clientes.

— Certo. Tudo bem — não queria discutir com ele. — Temos que dar um jeito nisso. Quero ver os livros, para ver onde podemos cortar gastos e buscar novos fornecedores. Por favor, deixe-os sobre a mesa antes de sair. Vou levá-los para casa.

O inverno prometia ser bastante rigoroso naquele ano.

Abriu o guarda-roupa e viu a caixa branca com laço de cetim em uma das prateleiras, e a dúvida instalou-se de vez em seu coração.

Pegou um casaco mais pesado e voou para o restaurante. Tinha muita coisa a fazer naquele dia.

Quando chegou, Armando a esperava na porta dos fundos. Achou invulgar sua atitude. Ele nunca a esperava ali.

Depositou um beijo em seu rosto, meio desconfiado de sua reação e depois puxou-a para dentro por causa do frio.

— Bom dia, querida.

— Bom dia. Aconteceu alguma coisa?

— Não, só queria dizer que não poderei ficar hoje, pois tenho algumas pendências a resolver com respeito a documentações de antigos clientes. Ligaram-me com alguma urgência. Mas será apenas hoje.

— Armando, eu preciso de você aqui. Estou preocupada. Precisamos cortar gastos e tem algumas escriturações contábeis que não estou entendendo. É como se houvessem discrepâncias.

Ele a olhou com braços cruzados.

— O que você quer dizer com discrepâncias? Se não entende pergunte, mas não invente palavras que nascem da sua desconfiança.

— Armando! Estou pedindo que me ajude a resolver isso! Não desconfio de você.

— Está bem. Amanhã eu prometo que discuto isso com você.

Saiu de cenho carregado e sem olhar para trás.

O dia transcorreu normalmente.

Ela passou a maior parte do tempo debruçada sobre papéis. E deixou Victor atender os poucos clientes que apareceram no restaurante.

Por mais que tentasse, não conseguia ver coerência naqueles livros. Ou ela era muito ignorante ou Armando havia cometido erros graves. Talvez, mais constrangedor que isso: ele poderia ser terrivelmente incompetente para o cargo que exercia.

Victor fechou a cozinha, saiu mais cedo e deixou-a sozinha. Até que ela entendeu que não tinha sentido permanecer ali quebrando a cabeça. Armando deveria estar lá para explicar-lhe o que estava acontecendo.

Colocou os livros na gaveta do pequeno *console* de madeira do salão principal e foi embora para casa. Precisava descansar.

Antes de deitar olhou para o lado e viu o presente de tia Clara. Tomou-o nas mãos e em seu coração fez uma simples prece. Abriu a Bíblia e seus olhos caíram sobre o trecho que dizia: ‘Sua verdade será o teu escudo’.

Repetiu a frase em voz alta para si mesma. O que significava aquilo? Procurou ler o contexto e lembrou-se que já havia ouvido aquele Salmo. Salmo 91. Mas leu aquele pequeno fragmento sob uma outra luz.

Como sua tia havia lhe instruído, pediu a Deus pela verdade, pois parecia que era aquilo que Ele a levava a crer que precisava.

Seu último pensamento antes de cair no sono foi até meio bobo. "Que venha a verdade!"

Ela acordou desorientada com o despertador.

Não. Não era o despertador. Olhou o relógio e ainda era madrugada: 3:22 h.

Tateou o escuro em busca do celular. Estava dormindo tão tranquilamente. Quem deveria ser àquela hora?

— Ceci?

— Armando?

O coração disparou. Ele nunca a ligava àquele horário. — O que há?

— Tem que vir ao restaurante, agora!

— Por que? — perguntou ela, já se levantando. — O que está acontecendo Armando?

Ela podia ouvir aos fundos o som de sirene, vozes de comando.

— Venha! Ele pegou fogo.

Cecilia colocou roupas pesadas por cima do pijamas. Calçou sua bota e saiu pela noite fria. Mal conseguia acertar a chave na ignição por causa das mãos trêmulas.

Antes até, de chegar à rua do seu restaurante já pode perceber os sinais de destruição. Todos os seus sentidos estavam aguçados pelo infortúnio. A fumaça, a cor alaranjada das chamas que subiam aos céus escuros e o reflexo da luz vermelha e intermitente do giroflex que se projetava pela atmosfera e asfalto da circunvizinhança indicando perigo. A sirene, que a cada segundo de sua aproximação ficava mais estridente. Sua vida desmoronava. Ela estava mais fria que o tempo lá fora. *Deus dai-me forças.*

Assim que fez a curva deparou-se com o cenário horrível e caótico. Viu Armando lá, parado ao lado do carro dos bombeiros. Braços cruzados. Só observando seu restaurante — seu sonho construído com tanto empenho e sacrifícios —, em chamas. Saiu do carro, correu até ele e lançou-se sobre seu peito.

— Faça alguma coisa Armando! — lágrimas vertiam de seus olhos.

— O que? — ele a pegou pelos ombros, pois notou que desfalecia. — O que disse?

— Salve meu sonho — implorou ela, soluçando.

Ele olhou-a sem piedade.

— Quer que eu me lance em meio às chamas para salvar seu restaurante? É isso? Enlouqueceu?

Um dos bombeiros percebeu seu estado lamentável e aproximou-se:

— Calma, senhora. Apenas nós temos autorização para entrar ali. É muito perigoso! E poderia ter sido pior se não tivéssemos sido chamados logo no início pelo segurança do prédio da frente. Seu alarme não disparou.

Cansada, ela afastou-se daquele homem, que só via a si mesmo, e não tinha nenhum conforto para dar-lhe naquele momento. Olhou para o rosto de pedra —inexpressivo—, sobre o qual as chamas do fogo que consumiam seu restaurante lançavam sombras e começou a perceber o que já devia ter compreendido antes.

Sentou-se no chão, abraçou o próprio corpo e chorou como uma criança desconsolada, enquanto via as chamas alaranjadas e destruidoras lamberem seu restaurante.

Pela manhã, Karina ficou sabendo o que havia acontecido e correu até o restaurante, achando apenas a casca oca e preta de fuligem.

A placa que elas haviam posicionado na frente do restaurante com tanto entusiasmo estava pendurada apenas de um lado. Apenas as últimas letras não haviam sido danificadas pelo fogo e podiam ainda ser lidas: lia's.

Tudo era caos.

Correu até o apartamento de Cecilia após avisar Clara. A amiga estava de cama e sonolenta, dopada por medicações. A vizinha havia corrido em seu socorro. Como de hábito, também lhe passou todo o relatório.

— Essa menina precisa de muita oração. Nunca vi nada parecido. Tantas coisas estranhas acontecendo em tão pouco tempo. Aquele noivo dela nem deu as caras.

Cecilia estava de olhos fechados.

Karina aproximou-se da cama e sentou-se em sua beirada.

A velha senhora sentou-se do outro lado em silêncio e fez uma cara de contrição.

Ceci abriu os olhos. — Por que Karina? Meu restaurante era tudo que eu tinha — e assim passou o dia. Crises de choro e sono agitado. Clara chegou e mais uma vez se colocou ao lado da sobrinha, como um anjo a guardá-la.

Armando apareceu à tarde, enquanto ela dormia. Apenas perguntou-lhes como ela estava e foi embora. Ninguém se deu ao trabalho de pedir que ficasse.

À noite, Ceci acordou com os fogos de artifício. Começavam um novo ano. Sua tia estava em um colchão, colocado no chão ao lado de sua cama. Ela ressonava. Cecilia fechou os olhos e voltou a dormir.

Clara acompanhou Cecilia ao médico, dessa vez, recomendado pela Sra. Hannings, a vizinha, que o conhecia da Igreja do bairro. Ele orientou-a seriamente sobre a necessidade de procurar suporte terapêutico.

Deu-lhe o cartão de um colega.

— Geralmente, esses episódios traumáticos podem desencadear distúrbios mais sérios quando já existe uma história pregressa de disfunção mental — fazendo alusão às crises anteriores. Virou-se para Clara, como se Cecilia não tivesse condições alguma de tomar decisões e disse. — Eu entendo que a experiência de sua sobrinha em uma clínica foi ruim, mas existem lugares com bons profissionais, que podem ajudá-la até que consiga melhorar.

Até então, Cecilia estava apática, quase etérea. Sem estar lá. Mas ao ouvir as palavras do homem à sua frente falou firme.

— Eu jamais voltarei a uma clínica de repouso!

— Está bem, Ceci — Clara ficou agradecida pela reação.

O médico olhou-a conciliador e disse:

— Eu entendo. De qualquer forma não se constranja em me ligar, caso precise — olhou para Clara e declarou: — Ela precisa de apoio neste momento. Digo, apoio presente, me entende?

A mulher acenou, mas só pôde permanecer com Ceci por mais um dia. Tentou levá-la para sua casa, mas a sobrinha decidiu ficar. *Não, se preocupe, tia. Não tenho mais como trabalhar. Agora é repouso absoluto.* Clara prometeu que voltaria em uma semana e conversou com Karina, que comprometeu-se a ficar ao lado da amiga. Mas a tia de Cecilia sabia que a outra tinha sua própria vida e ligou para a irmã, pedindo-a que viesse.

— E o noivo dela? — perguntou a mãe. — Ele não pode olhar por ela?

Clara, sempre soube que o relacionamento de Augusta com a filha era complicado, mas ainda assim, explicou o quanto era importante que Ceci estivesse rodeada de pessoas que a amparassem naquele instante. Ela precisava voltar para casa e não queria Cecilia só por muito tempo. Armando era um homem ocupado com seus negócios, ela disse, abstendo-se de compartilhar seus sentimentos sobre ele com a irmã.

— Vou fazer o possível para chegar aí, semana que vem — disse seca.

Cecilia contemplou através da janela o círculo suave que envolvia a lua, como se fosse um anel prateado.

Aquela visão, inexplicavelmente, fez com que se sentisse mais melancólica do que já estava.

Clara havia viajado e sua mãe ligou para confirmar que seu voo já estava marcado.

Armando tinha vindo visitá-la. Sua presença a incomodou. Quando ele saiu, ela trancou a porta e decidiu trocar a fechadura. Algo havia mudado nela em relação a ele. Quando se sentisse melhor conversariam. Deu um longo suspiro.

O remédio começou a fazer efeito e ela adormeceu.

Eram três horas da tarde quando o interfone tocou.

— Sim.

— Srta. Cecilia Oliveira?

— Sim, sou eu.

— Somos da CSA. Poderíamos falar um instante a respeito do incêndio em seu restaurante?

— Desculpe...CSA?

— Companhia de Seguros de Atlanta.

Cecilia franziu a testa.

— Claro... terceiro andar — e acionou o botão para destrancar a porta.

Uma mulher de cabelos escuros e de semblante sério estava à porta acompanhada de um homem baixo e atarracado, que vestia um terno escuro e de corte e qualidade duvidosa. Ela deu um meio sorriso e mostrou sua identificação a Cecília que convidou-a a entrar.

Eles entraram no apartamento e Cecília sentiu-se um pouco constrangida, pois há alguns dias não organizava o local.

— Sente-se, por favor — disse apontando o sofá.

— Obrigada.

Eles se entreolharam um pouco desconfortáveis, pois Cecília parecia confusa diante da presença deles.

— Acredito que sabe os motivos de estarmos aqui.

— Houve um incêndio em meu restaurante há cinco dias atrás... — Cecília deixou o resto da frase em suspenso, esperando a outra completá-la e esclarecer a visita, para que ela não parecesse tão ignorante em relação à presença deles, pois era exatamente assim que se sentia.

A mulher lhe dirigiu um sorriso que deveria ser de simpatia, Cecília pensou, mas não teve esse efeito.

— Sim. Seu sócio entrou com o pedido de U\$ 400.000,00 do pagamento da apólice, para cobertura de danos sobre propriedade.

— Meu sócio?

— Sim — ela disse, colocando um óculos de grau oval sobre o rosto.

Folheou uma papeleta, lendo seu conteúdo e semicerrando um pouco os olhos.

— Sim. O Sr. Armando Monterrey. Ele tem 60% de sociedade com você no restaurante Cecilia's, correto?

Cecília mexeu-se no assento, desconfortável, e mudou de posição. Pensou em negar veementemente. Mas segurou a língua. A situação exigia auto- controle.

— Posso dar uma olhada, por favor?

Os dois a observavam atentamente. Cecília percebeu, mas não deixou-se constranger e estendeu a mão para pegar os papéis. A mulher os entregou.

Cecília começou a percorrer o documento com os olhos em uma leitura dinâmica e sentiu seu coração acelerar. Os papéis do seguro afirmavam que Armando Monterrey sócio majoritário do restaurante

detinha 60% de sociedade.

— Acredito que leu o contrato de nossa Companhia de Seguro antes de assinar — e mostrou a Cecilia um papel assinado por ela. — Assim que vocês acionam o Seguro, dá-se início um processo de investigação para que haja o recebimento, ou não, do valor.

Cecilia começou a perguntar-se, se havia realmente assinado aqueles papéis ou se sua assinatura fora obtida por meios sub-reptícios. Armando tinha acesso a todas as informações a seu respeito, até a senhas de banco.

A funcionária da companhia de seguros tirou alguns papéis de sua pasta e apoiou-os sobre ela para melhor escrever.

Cecilia percebeu que era um questionário.

— A senhora foi a última a sair do restaurante naquele dia?

— Temos que fazer isso agora? Quero dizer ainda estou abalada com o que aconteceu a meu restaurante. Poderiam voltar outro dia? Não me sinto bem para falar sobre isso ainda.

Cecilia ainda tentava se acomodar a descoberta, e percebeu que se fizesse algum comentário, inadvertidamente, poderia ter mais problemas no futuro do que já tinha agora.

— Entenda, Sra. Oliveira. Quanto mais tempo permanecermos neste estágio, mais atrasos haverá para o pagamento.

— Sim, claro... entendo. Por favor, deixe os papéis que darei uma olhada, assim que sentir-me melhor. Preciso falar com Armando.

— Nós já começamos esta parte do processo com ele. Ele tem sido bastante cooperativo.

— Acredito... — dizendo isso, levantou-se obrigando a mulher e seu guarda-costas a fazerem o mesmo. Era evidente que essa era a função do homem. — Voltem depois e conversaremos.

Caminhou até a porta, e abriu-a.

Eles saíram e a mulher olhou-a com seu sorriso congelado.

— Melhoras, Sra. Oliveira.

Cecilia fechou a porta e encostou a testa sobre a madeira.

Seu noivo era um estelionatário. Meu Deus, o que devo fazer?

Armando entrou no apartamento. Parecia tenso.

— Você está melhor? Fiquei preocupado ao ouvir sua mensagem ontem à noite. Desculpe, por não retornar. Foi um dia bastante tumultuado. Parece abatida. Está tomando sua medicação?

— Então, quer dizer que somos sócios? — perguntou ela, jogando os papéis da CSA sobre a mesa.

Ele olhou para ela, depois inclinou levemente a cabeça e levou a mão à testa, pressionando-a com as pontas dos dedos.

— Cecilia, eu te salvei! Você estava despencando ladeira abaixo e eu estendi minha mão.

Ela ficou incrédula diante daquelas palavras.

— Você é uma sonhadora que não entende nada de negócios! Só porque faz comidas com nomes esquisitos, pensa que algum dia teria cacife para figurar entre os grandes Chefs deste país? — Armando removeu a última máscara que ainda mantinha. — Pensou que ia estampar uma revista gastronômica importante, só porque um folheto de bairro da Geórgia publicou duas linhas, elogiando uma receita sua, que qualquer um é capaz de fazer?

Quis perguntar como haviam se tornado sócios, mas estava claro para ela. Ela era uma sonhadora, que havia confiado nele. Completamente.

Então, fez outra pergunta crucial. Uma pergunta, da qual suspeitava da resposta, mas queria ouvir dele. Sentir a punhalada final.

— Armando... o incêndio... foi proposital?

— Talvez, sim — arqueou uma das sobrancelhas com ar de enfado e acrescentou. — Ou talvez, você tenha esquecido de tomar alguma precaução na hora de deixar o restaurante e o sistema de alarme falhou. Você anda muito nervosa ultimamente — insinuou de forma inescrupulosa a evidência que tinha contra ela: sua falta de equilíbrio. — Mas isso, meu amor, não vem ao caso. O seguro vai tomar conta disso. Vai tomar conta de nós.

Ela sentiu-se enojada. Estava diante de um criminoso.

Há quanto tempo ele planejava isso? Desde que a viu? Ele viu nela uma presa fácil? Começou a suspeitar que o roubo de seu restaurante também havia sido planejado por ele. Não sabia como ele havia feito para que ela aparecesse no vídeo como uma pateta, que deixa as portas do restaurante abertas, mas não duvidava mais do que ele era capaz.

Abriu a famigerada pasta de documentos falsos diante dela.

— É melhor assim: você ciente de tudo. Pelo menos, fará as escolhas certas de forma consciente. Tudo que eu fiz foi para ajudá-la. Olha. Assina isso aqui, pois eu vou tomar as últimas providências para recebermos o valor do seguro. Você pode começar outro negócio, se quiser. Nós dois juntos — sorriu paternalista. — Não se preocupe com as perguntas que vão fazer a você. São apenas formalidades. Vai dar tudo certo, querida.

Ele era o homem mais insensível que ela já tinha visto.

Desde a madrugada que as sirenes bradaram, vibrando a sensível membrana de seus tímpanos com seu som estridente, algo se rompeu dentro dela, levando-a a uma melhor percepção dos eventos ao seu redor. Sua alma começou a despertar de um longo sono.

Acordar, de um sono repleto de fantasias, em um pesadelo, é bom e aproveitável apenas depois — quando visto em retrospectiva —, de uma distância segura. Curada. Mas, o instante em que seus olhos são forçosamente abertos para a realidade, é atroz. Os fatos esmurravam suas emoções, e ela lutava para reprimi-las, a fim de não gritar no rosto daquele monstro, tudo o que pensava dele.

A realidade brutal despiu Armando diante de seus olhos frágeis. E não havia tempo para digeri-lo. Sua pele que tanto havia ansiado pelo seu toque, se arrepiou em repulsa diante daquela alma pegajosa e doente. Seu sorriso, bestialmente charmoso, deu-lhe a impressão de serem presas pontiagudas sujas de sangue. O seu. Da morte de sua inocência, que tanto lutara para preservar. Compreendeu que para lidar com ele naquele momento precisava continuar fingindo-se de cega. Não podia afrontá-lo, pois estaria encurralando a si própria.

Deveria manter a Cecilia inócua e simplória no palco daquele enredo de horror. Seu instinto de sobrevivência fez com que calasse as emoções, a indignação e a insanidade, que estava bem a seu lado, ameaçando-a, esperando um único estalo, um único instante de vacilo. Já havia perdido seus sonhos, não podia perder a si mesma.

Esperava que a besta insensível diante de si, não notasse que o papel tremia em suas mãos. Então, entrou na loucura dele e disse, numa total mudança de rota, de falas e de tom. — Vou preparar um café para nós dois. O seu é *cappuccino*, certo? Passei esses últimos dias sem café por recomendações médicas. Mas sinto que estou precisando de doses altas de cafeína — e assim dizendo, dirigiu-se a cozinha, fingindo não notar seu olhar estupefato.

— Pensei que você não estava se sentindo bem. Se quiser eu preparo — disse ele solícito.

Suas pernas estavam tão trêmulas quanto suas mãos. Todo o seu corpo era uma massa mole e fraca que ela tinha que esforçar-se para carregar. *O peso da verdade sobre a fraqueza de seu espírito*, pensou.

Olhou para ele, e disse calmamente, quando na verdade queria gritar:

— Vai ser bom para mim fazer alguma coisa, meu amor.

— Não está brava comigo, Ceci?

— Por que estaria? — deu um sorriso tão forçado que seus músculos faciais pareciam que iam partir-se com tanta tensão.

Então, virou-se para não encará-lo e acabar se descontrolando. Estava só e não era páreo para ele. Encontrou forças e disse:

— Você merece o que conquistou.

Queria ele fora dali. E só de pensar que teria que sentar-se e tomar café com ele deu-lhe angústia. Mas focou-se em seu papel.

Pegou duas canecas. Encheu a sua com café puro e a dele com *cappuccino*.

Conseguiria negar-se a assinar os papéis?

Avaliou suas chances de enfrentá-lo e sair direto para a polícia sem que ele a impedisse. Poderia gritar e a velha Sra. Hannings escutaria e chamaria a polícia. E se ele tentasse incriminá-la? Será que havia forjado provas para isso? Os investigadores do seguro poderiam descobrir que o incêndio havia sido criminoso e acreditarem que ela estava envolvida. Os livros com a contabilidade do restaurante haviam sido queimados. Mas, ainda que tivesse acesso a eles, a polícia acreditaria que ela desconhecia o que se passava em seu próprio restaurante? Era o quê? Uma estúpida ou inocente? Ambos, pensou ela, e acrescente-se ao fato, o agravante que era apaixonada por um cretino. Ou pensara que era. Mas isso não seria aceito como evidência de que estava limpa naquele caso.

A sua, era a velha história da rã, que está em uma panela com água no fogo, e não se dá conta que a temperatura está aumentando perigosamente e vai cozinhá-la. Em vez de pular fora, tenta se adaptar, até ser tarde demais.

Ele sentou-se confortavelmente à mesa, começou a avaliar alguns papéis calmamente, e bebericou seu *cappuccino*. Tão lógico, frio, calculista. Agia de forma tão desembaraçada dentro de suas atitudes inescrupulosas e fraudulentas, que duvidou que aquele homem tivesse uma alma.

Ficou observando cada gesto detestável dele, e que um dia ela havia achado elegante e sóbrio.

— O seu, é o melhor *cappuccino* de toda Geórgia — elogiou descaradamente.

Ela esperou. Iria cuspir o líquido quente fora, e ter um chilique de almofadinha Dom Juan? Claro, que não, concluiu. ‘Não sem minha assinatura’, ponderou.

Ela voltou ao quarto e deitou-se, pois estava muito fraca.

Recostou-se nos travesseiros e engoliu o líquido revigorante. Ouviu quando ele arrastou a cadeira. Vinha a seu encontro. Uma caneta em uma mão e os papéis do seguro na outra. Não tinha saída. Ela iria dar sua assinatura e aval ao crime de Armando.

Iria à polícia depois e contaria toda a história.

Ele apoiou os papéis em seus livros de culinária. Sentou-se ao lado dela. Sorriu de leve e sussurrou:

— Assine.

Quando ela terminou, o celular dele tocou:

— Ah, oi! — relanceou o olhar sobre ela e afastou-se. — Sim, está tudo bem.

Ele foi até a cozinha e ela inclinou-se para segui-lo com os olhos. Abriu a geladeira e tirou algo de seu interior, ainda com o celular na mão. Depois de desligá-lo, fez algo que ela não pode precisar o que era. Devolveu o item à geladeira.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou a ela casualmente, como se, se importasse.

Ela pegou uma revista, que fingiu folhear.

— Não.

Ele voltou ao quarto.

— Sua tia vem hoje?

— Vem amanhã, logo cedo — mentiu.

— Volto em algumas horas, para ver como está passando.

Beijou-lhe a testa e saiu.

Ela levantou-se e foi em busca da bolsa e celular. Precisava falar urgentemente com Karina. Não os encontrou.

Foi até à porta e estava trancada e sem a chave. *Meu Deus, ele ainda não havia terminado.* Começou a entrar em pânico. Bateu na parede de conexão com o apartamento da Sra. Hannings e gritou por ela. Ou ela não a ouviu ou não estava em casa.

Foi até a janela pensando em chamar alguém que estivesse na rua, mas ele estava lá, parado, e não passava ninguém no momento. O frio havia mantido as pessoas em suas casas. Falava novamente ao celular sem se mover.

Então, ela viu que ele entrava novamente em seu prédio.

Correu até a cama.

Ele abriu a porta e entrou.

— Querida, mudei de ideia. Vou ficar mais um pouco com você.

Abriu a geladeira e veio até ela com um copo na mão.

— Beba um pouco de suco de laranja. Precisa para se fortificar.

Ela entendeu.

— Armando, acabei de tomar café quente. Não quero suco gelado, está muito frio. Obrigada pela gentileza, querido.

— Vou preparar-lhe algo quente para beber.

Se ao menos achasse o celular. Levantou-se e procurou-o em baixo dos lençóis. Abriu a gaveta do criado-mudo. Foi até o banheiro. Depois até a janela, e avaliou a altura. Não sabia se pular seria uma boa ideia.

Ele chegou com uma caneca fumegando. Café com leite.

— Tome. Vai sentir-se melhor.

Ela sentou-se e ainda tentou argumentar:

— Eu já bebi muito café.

— Como você espera melhorar desse jeito? Beba e eu vou preparar algo para você comer. Deixe eu cuidar de você, querida, está bem?

Ela assentiu. Quando ele deu as costas, ela derramou o líquido quente atrás da cama e soube que encharcara o tapete. Ele não perceberia.

E agora? O que devia fazer? Fingir mal-estar? Desmaiar? Ele não era estúpido a ponto de não perceber se ela havia morrido ou não. Se era esse seu intento.

Ele voltou e pegou a caneca. Olhou para seu interior e sorriu.

— Vai sentir-se melhor.

Ela deitou-se e então colocou a mão sobre a cabeça.

— Armando, acho que não estou me sentindo bem — franziu e tocou a testa. — Sinto-me tonta.

— Deite-se, que vai melhorar, Ceci.

— Acho melhor levar-me ao hospital.

— Você só está cansada. Deite-se! — ordenou, o frio príncipe das trevas.

Ela obedeceu. E foi gradualmente fechando os olhos.

— Ela não teve a reação que você disse que teria, mas apagou — disse ele ao celular. — Está bem. Estou esperando.

Cinco minutos depois ele abriu a porta.

— Tem certeza que colocou a quantidade certa de cada substância? — perguntou Adrianna.

— Exatamente como você me orientou.

— Assim não vai sair como planejamos — retrucou impaciente andando de um lado para o outro, de repente parou. — Já é a segunda vez que temos que mudar de planos... estou ficando cansada disso. Mas... podemos fazer melhor. Vamos vesti-la de noiva e jogá-la pela janela. Ninguém vai duvidar que ela cometeu suicídio. Ela já tem um histórico de desequilíbrio, e depois do incêndio... puff, não aguentou — ironizou. — A noiva que se jogou pela janela — e assim dizendo, abriu o guarda-roupa, de lá tirando a caixa que continha o vestido de noiva.

Removeu-o de seu interior sem cuidado. Estendeu-o diante de si e olhou no espelho.

— Vestido horroroso!

Então, virando-se para ele comentou debochada.

— Estou te salvando de uma noiva que ia vestir isso.

— Não temos tempo para isso —exasperou-se.— Vamos manter o plano original, está bem? Vamos vesti-la. Quando Karina chegar e vê-la, vai perceber que algo está errado. Dessa vez vão interná-la e jogar a chave fora. Atirá-la pela janela pode levantar suspeita. Vão realizar exames.

— E daí? Vão perceber que ela era chegada numa viagem e resolveu voar com seu vestido horroroso de noiva.

— Não, Adrianna!

— O que é? Está com pena dela? Vou logo avisando, quando ela for internada eu quero a parte dela do seguro, viu? E nada de quarenta por cento, meu amor. É 50 - 50!

— Tenho acesso às contas. Vamos pegar todo o dinheiro da apólice e sumir. Mas de forma discreta, sem alardes. Como combinamos. Faço uma primeira visita, para que vejam que me importo e depois partiremos. Quando ela sair do hospital já estaremos longe.

Eles começaram a vesti-la.

— Mais tarde, ligo para Karine, para que venha dar uma olhada nela e ver se está precisando de algo.

Adrianna tomou a mão de Cecilia e começou a remover o anel.

— O que está fazendo?

— É um belo anel de diamantes. Não vamos desperdiçá-lo neste dedo.

— Finalmente, descobro algo do qual você não entende nada. É uma imitação bem feita, não é mesmo?

Cecilia ouviu quando a porta foi fechada.

Levantou-se rapidamente e começou a procurar a chave do carro. Foi até a cozinha e uma ideia perpassou sua mente. Arrancou o anel do dedo e enterrou-o no açucareiro. Quando se dirigia à sala, esbarrou na prateleira de temperos, fazendo-os caírem. Um deles derramou-se sobre o tecido de renda, mas sua urgência a fez ignorar o pequeno incidente.

Encontrou as chaves jogadas no canto do sofá.

Olhou pela janela para saber se eles ainda estavam lá. Havia partido, mas podiam decidir voltar e as ruas estavam desertas, caso precisasse de socorro.

Estava terrivelmente frio.

Lançou um olhar fortuito à imagem no espelho. O vestido perolado era completamente inadequado para o momento. Tornou-se bizarro, como que uma mortalha. Havia sido vestida para a morte. Colocou um sobretudo, cachecol, gorro, calçou botas e pegou suas luvas.

Então, lembrou-se de algo que a fez correr até o quarto. Do lado da cama, estava o pequeno livro de

capa preta. Pegou-o e enfiou no bolso.

Não trancou a porta, desceu as escadas sem olhar para trás.

Nas encruzilhadas da vida — onde se tomam as mais importantes decisões—, carências e fomes são estimuladas mais intensamente. Ela havia se deparado com um lauto repasto de porcarias, e o devorou. *Logo eu, pensou, uma sensível e experiente Chef. Gourmet. Sensível a sabores e aromas. Não senti o cheiro podre da fraude.*

Fora fígada como um peixe que morde uma isca. E aquele que a havia pescado também tinha fome. A dele era voraz. Implacável e destruidora.

Armando não tinham convicções. Nenhumzinha. Apenas vivia o momento e tirava proveito do que a vida lhe pusesse à frente. Fosse o que fosse. Despojava suas vítimas para saciar sua ganância enquanto dava asas à sua preguiça. Mas Cecilia notou que Armando era uma marionete. Não tinha a inteligência necessária para planejar, e a paciência para gestar. Era tacanho de espírito. O que ele tinha de sobra era carisma e um sorriso charmoso que reservava a mulheres como ela, pensou, alimentando uma feroz amargura contra si mesma.

Sua fala era mansa e sedutora para conquista e monótona e fria, quando já tinha dado cabo de suas vítimas. Mas, não tinha nenhuma ínfima centelha de inteligência superior. Sua mente era rastejante, até quando, em sua arrogância, acreditava em sua superioridade. *Como não enxergara?* Agora se revolvía em ânsias de vomitá-lo. Odiava a si mesma por não ter enxergado o que estava diante de si, tão escrachadamente. Sua tia e Karine a haviam avisado, mas ela havia ignorado seus conselhos e os sinais evidentes.

Naquela dupla insultuosa, o verdadeiro *svengalli* era Adrianna. Maliciosa e astuta, ela havia planejado e ele executara seu plano. Selaram um pacto profano, e sua vida era o pagamento. Ela nunca foi tão importante, fundamental, e ao mesmo tempo, infeliz na vida. A vítima, — inocente e útil.

Eram amantes? Há quanto tempo? Vasculhava sua mente em busca das evidências que lhe escapara antes. Agora, porém, não importava mais.

Ela dirigia ferozmente pela rodovia I-75, enquanto sondava os últimos acontecimentos de sua vida. Na casa de tia Clara encontraria o refúgio e sabedoria necessários para tomar as decisões certas.

Nunca imaginara que estava lidando com pessoas inescrupulosas e perigosas. Acreditava que era amada, ou pelo menos, apreciada.

Atravessou o perímetro, e atingiu a Junção 575.

Aumentou o aquecedor do carro.

Percebeu que o vento começou a soprar forte. Reconhecia aqueles sinais. Havia estado tão desligada do mundo exterior durante a última semana, que não se informara sobre o tempo. Tentou sintonizar o rádio em alguma estação meteorológica, mas desistiu, tão grande era seu nervosismo. Focou-se na estrada e seguiu a via, que já lhe era familiar,

Vinte minutos depois entrou em uma via secundária que dirigia-se para o leste.

Um cobertor branco-acinzentado cobria o céu, e uma névoa leve começou a encobrir o horizonte. Não demoraria muito para que a visibilidade da estrada ficasse comprometida e o frio insuportável. Ela temeu. Não queria permanecer encalhada em algum ponto da estrada quando a neve começasse a cair.

A despeito de sua razão avisá-la que acelerar era imprudente foi o que decidiu fazer, mas foi impedida pela visão repentina de galhos e troncos caídos no meio da estrada. Parou o carro.

O que significa isso? Será que voltar seria sua única opção? Bateu furiosa, com as mãos espalmadas contra a direção do carro. Voltar para Atlanta não era boa ideia com um tempo daquele. Sem falar, que teria de enfrentar Armando, completamente desarmada, sem saber ao certo as cartas que ele tinha escondido na manga. Estava em apuros. Sem saída.

Começou a manobrar o carro para dar a volta. O veículo lhe servia bem, mas não era equipado para enfrentar aquele tempo.

Foi então, que viu uma outra estrada, secundária à que estava. Era muito estreita. Leu a placa: 'TERRA NOVA - 30 KM'. Aquilo era melhor que voltar. Esperaria lá, até a nevasca passar e entraria em contato com a tia.

Deu marcha à ré e seguiu por ela.

Para aumentar sua inquietação, viu o primeiro floco de neve tocar o vidro. E depois outro e mais outro. Começou timidamente, mas sabia como iria avançar.

Ligou o limpador de para-brisas.

A cadência das palhetas, lembravam-na o pêndulo de um relógio invertido, cujas engrenagens haviam sido rearranjadas, fazendo-as trabalhar em um eixo que orientava para uma verticalização contrária, ajustando seu tempo em um outro nível.

Dirigia com um olho na estrada, estreita e sinuosa, e outro na margem em busca de alguma sinalização. Luz. Fumaça em uma chaminé. Sopa. Café fresco. Chocolate quente. Vida.

Por mais dramática que fosse a situação, conseguiu rir do despropósito de seus pensamentos. Como podia ser tão prosaica em um momento como aquele? Almejava conforto, quando na verdade a única coisa na qual deveria pensar era em sua sobrevivência. *Oh, Deus, me ajude! Mais uma vez...*

O carro iniciou uma subida através de uma estrada sinuosa, espiralada e diferente de qualquer outra, que já tivesse passado. Na ânsia de fugir de Armando, acabara tomando uma decisão que se provava letal. Até mesmo em um dia ensolarado, pensaria duas vezes antes de pegar aquela rota. Ficou pessimista.

A neve lhe dava a sensação de que a estrada flutuava debaixo do carro. Apertou o volante com tanta força, que os nós de seus dedos embranqueceram.

Repentinamente, saltando do nada, uma corça atravessou seu caminho, assustando-a.

Ela enfiou o pé no freio. Percebeu o erro tarde demais.

Lutou inutilmente para controlar o velho Chevrolet.

Ele deslizou. Rodopiou, num compasso vagaroso. Dilatado. E na dança fatal, que pareceu uma eternidade, ela pode enxergar o animal parado, elegantemente, na margem da estrada. Olhando-a. E no escrutínio de seus grandes olhos escuros e acetinados pode ver refletida a si mesma, mergulhando em uma imensidão escura, riscada por partículas luminosas — aceleradas por uma força invisível —, que, ora desviavam-se, ora dividiam-se e ora colidiam, explodindo e liberando uma energia que atravessava seu corpo em ondas.

Contemplou quatro rodas imensas da cor do berilo passando por ela, sem jamais ultrapassá-la. Uma roda dentro da outra, e simultaneamente elas se voltavam para as quatro diferentes direções da terra, *e para quaisquer das quatro direções do vento para onde iam, era para adiante, nunca para trás*. Não recuavam em seus propósitos. A roda que movia-se a seu lado, colocou-se diante dela e olhou-a, com seus vários olhos, cheios de luz, assombrando-a. Envolvendo-a. Fazendo-a única naquela jornada. Um ciclo dentro do outro, um terminando e outro começando, até que o último —além do firmamento, mas próximo de seus olhos—, tocava *Um com a aparência de homem*. Mas, não era esse o círculo que lhe estava determinado naquele momento. Não era esse o percurso que completava. Ainda não era essa, a Providência que lhe tocava a existência.

Sons de ruflar de asas, giraram, numa sinfonia ascendente, através dos caracóis de seus ouvidos, fazendo com que ondas suaves tocassem seu cérebro. E a fumaça aromática invadiu os seus sentidos, impregnando os fios de seus cabelos com um perfume de santidade.

'Quando podemos finalmente compreender as respostas as nossas orações? Saber que foram respondidas, embora, não da forma como pedimos? É uma longa e árdua jornada. Espinhosa. Solitária. Completa e totalmente pessoal. Um mergulho em águas profundas. Não era para crianças. Embora fosse necessário sermos como uma. Não na infantilidade, imaturidade ou birras. Mas na pureza do olhar. Se víssemos a Deus, como um adulto O enxerga, acreditaríamos que Ele usa de levandades humanas. E aí estava nosso tropeço. Era necessário luz. *Se a luz que há em ti são trevas, quão grandes trevas serão*. Precisava acender meus olhos. No mais profundo recôndito de meu ser, num lugar, onde não há necessidade de ensinamentos, pois lá, simplesmente, *sabe-se*, eu compreendi: meu mundo precisou ser destruído, para que eu pudesse nascer de novo.'

Ó filhas de Jerusalém, pelas corças e gazelas do campo eu vos conjuro: não desperteis, não acordeis o amor, até que ele o queira!

Cantares 2:7

CAPÍTULO VII

ELE SABE O FIM DESDE O PRINCÍPIO...

U*m vago estado de melancolia se instalou em Lily.*

Cruzou os braços diante do peito e os esfregou tentando encontrar algum conforto com o gesto. Charlotte logo se levantaria, então, fez café fresco. Enquanto pegava água para a cafeteira, olhou através da janela para os fundos da propriedade.

O sol levantava-se no horizonte deixando o céu flamejante com pinceladas que iam do laranja ao vermelho. ‘*Céus vermelhos pela manhã, eram presságio de mal tempo*’, ponderou.

Lily atravessou a porta da cozinha e caminhou até o lago que ficava nos fundos da propriedade. Respirou o ar fresco do dia. Viu quando uma folha alaranjada se desprende de uma árvore e plainou suavemente, durante sua queda a seus pés. *Um caminho leva a outro caminho.* Ela abaixou, pegou uma pedrinha de bordas arredondadas e jogou-a sobre a superfície do lago, formando ondulações que foram aumentando em sua circunferência até, finalmente, perderem a força e desaparecerem nas muitas águas.

Como imaginou, o firmamento foi transmutando e as primeiras gotas de chuva começaram a cair do céu. Ela apressou-se em busca de abrigo na casa de Charlotte. O flash azul e um estalido elétrico culminaram no estrondo de um trovão, que fez seu peito vibrar. Outro flash chicoteou uma das árvores, provocando um barulho ensurdecedor.

Quando alcançou a porta da cozinha, viu Charlotte tomando uma xícara de café.

— Bom dia, Lily.

— Bom dia, Charlotte.

— Parece que o dia hoje vai ser tempestuoso.

— É verdade.

— Vou ao restaurante mais cedo, para fazer uma relação dos produtos que estão faltando — disse Lily.

Charlotte ficou agradecida. Na noite anterior, sentiu que suas articulações começavam a incomodá-la.

Esperava não estar no começo de uma crise de reumatismo. Desde o ano anterior não apresentava aqueles sintomas.

O céu escureceu. E prometia permanecer daquela forma durante o resto do dia. Lily pegou seu carro, ano 95, que já havia sido reparado das avarias do acidente e partiu para o restaurante. Joshua, às vezes, perguntava se ela tinha mesmo certeza de querer dirigi-lo. Ele olhava para o carro, cruzava os braços e perguntava com uma ruga na testa.

— Como você conseguiu chegar a Terra Nova, dirigindo isso aí?

— Não seja tão desaforado, Joshua — defendia a lata velha.

Lily sorriu diante da reminiscência. Já começava a sentir falta dele. Pensou em ligar, mas depois de sua crise no outro dia, não queria perturbá-lo em seus negócios. Acabaria se tornando a *namorada-problema*, que não desgrudava um segundo, — se já não o era. Fez uma careta diante do pensamento.

Parou diante do sinal vermelho e esperou pacientemente. Tentou não pensar que estava em meio a uma tempestade um tanto quanto assustadora. O sinal abriu. Ela dirigiu mais dois quarteirões e estacionou diante do restaurante. Desceu do carro e correu até a porta dos fundos. Assim que entrou, alcançou o interruptor, acendeu a luz da cozinha e procurou uma toalha para enxugar-se. Só então, começou a trabalhar.

Assim que terminou de examinar o inventário, abriu e fechou armários e fez anotações. De repente, a luz acabou. Ela procurou por velas na cozinha, mas não encontrou, então, foi até a cristaleira no salão principal do restaurante. Abriu a primeira gaveta e achou-as. Colocou-as em um pequeno castiçal de prata, que se bifurcava em duas ramificações, e as acendeu.

Ao caminhar de volta à cozinha, como se uma força a atraísse, ela levantou o castiçal e iluminou as paredes do restaurante. Jamais havia sentido curiosidade de passar os olhos por aquelas fotos. Mas a atmosfera era convidativa.

Viu Joshua bem mais jovem, entre um casal já maduro — que ela presumiu que fossem seus pais —, e Charlotte. As mulheres tinham os traços faciais parecidos, porém, a mãe dele era mais alta e magra. Elegante. O homem era uma cópia quase perfeita de Joshua, sendo mais velho. Uma família feliz, pensou. Ficou contemplando o semblante atraente do homem que amava e um leve sorriso elevou os cantos de sua boca.

Lentamente, aproximou a vela da próxima foto. Joshua com um grupo de amigos diante de um veleiro. Seu sorriso congelou. Viu Adrianna entre eles. Havia um outro jovem ao lado dela. Sua imagem estava um pouco distorcida, oscilante. Uma incógnita. Estava lá, pois a via, mas ao mesmo tempo, flutuava translúcida. Acreditou que o reflexo das velas provocava o efeito estranho. Mudou a luz de posição. Não adiantou muito. Talvez o problema fosse na imagem, que tivesse saído desfocada mesmo, pensou.

Ouviu a porta da cozinha bater. Havia esquecido de fechá-la. Seria Glenn? Dirigiu-se até lá, e ao perceber o movimento de uma pessoa em sua direção, levantou as velas para enxergar melhor. Suas

mãos começaram a tremer ante a visão da figura fantasmagórica. Não havia face, apenas os contornos de um homem cheio de escuridão.

Ela deu um passo para trás, e buscou ar. Pousou o castiçal sobre a mesa e ponderou sobre o que realmente estava vendo. Ouviu o riso sinistro e cavernoso, como se estivesse subindo das partes inferiores da terra. Ele pinçou, com os dedos, o pavio aceso de uma vela, apagando-a. Depois, fez o mesmo com a outra.

Lily recuou aos tropeções, virou-se e correu pelo salão do restaurante em direção à porta da frente. A energia voltou antes que ela a alcançasse.

— Olá, Cecilia. Aonde vai com tanta pressa? Não vou nem mesmo receber um beijo de boas-vindas?

Ela parou.

Foi como ouvir um réquiem ominoso que arrepiava os cabelos da nuca.

Congelou-se naquele instante, captando o som e a energia. Totalmente humana. Não era de outro mundo, mas daquele. Ou melhor, do mundo que um dia ela havia deixado para trás e estava a um passo de recuperar. Teve certeza de que não ia apreciar muito aquele momento: seu passado de volta tentando arruinar seu presente. Mas era necessário.

Corajosamente, voltou-se para a sombra com forma ambígua e incerta, que gradualmente foi adquirindo feição, cor, e contornos bem estabelecidos na sordidez. A história foi se reconstruindo em sua mente. Tijolo a tijolo. Aquela voz decodificou algo em seu cérebro. Mas o nome dele permaneceu criptografado, como se estivesse em uma dimensão inalcançável. Sua língua bem que tentou pronunciar, mas seu cérebro a impediu. Era um caminho fechado. Conexão desfeita. Desentrelaçamento completo.

Ela identificou o homem que personificava uma antinomia. A oposição da presença dele à dela era imensa. Duas leis completamente incompatíveis. Dois elementos tão inconciliáveis que buscou uma forma de eliminá-lo de sua frente. Mas era impossível.

Então, ela mergulhou em escuridão.

Um trovão soou, reverberando pelas paredes do restaurante, e, de pronto, acordou Cecilia. Ela abriu os olhos e ele estava lá, bem ao lado dela. Analisando-a.

Bem que ele poderia pertencer a um mundo discordante ao dela. À um pesadelo. Mas era real. De carne e osso.

— Sabe... eu já considerei todas as possibilidades — disse ele, lenta e reflexivamente.

Ele tocou seu rosto, e ela esquivou-se.

— Mas, pensando bem, doze anos não fariam muitos estragos a sua pele ou feições. O que mais me

impressiona é que você me superou — ele comprimiu os olhos, enrijeceu os lábios e pareceu a ela mais ameaçador do que já era. — Eu tenho que admitir. Você veio para o meio da minha família, e se ofereceu para meu primo. Eu jamais cogitaria a possibilidade de você conquistá-lo. Você não é o tipo dele. É o oposto da mulher vibrante com quem ele se casou. Mas parece, que você tinha uns truquezinhos na manga, não é mesmo? — arremessou a primeira pedra.

Lentamente, algumas peças foram preenchendo espaços vazios da memória de Cecilia. Encaixando-se para completar o perfil daquela figura sinistra. Não se lembrava de tudo. A recuperação era parcial. Mas recebeu o necessário para seu aprendizado sobre aquele ser torpe à sua frente. Lembrou-se de suas lágrimas, perdas, desespero, angústia. Mas o nome... O nome desprezível permaneceu num lugar de degredo em sua mente. Soube, também, que ele era parceiro de Adrianna num golpe para roubá-la de seus sonhos e de si mesma.

Informações paralelas e transversas corriam soltas pelas avenidas e becos de seu cérebro, em bilionésimos de segundos.

Aquele homem era transparente para ela. Emanava uma energia dantesca.

— Sabe, eu posso te colocar na cadeia — disse ele ameaçadoramente, aproximando o rosto do dela.

Será que ela estava novamente acuada por ele?

Então, numa sondagem profunda percebeu, que ele é quem estava contra a parede. Ela se lembrava. Era ele o culpado, e não ela. Ele não estava ali em busca de justiça, mas por vingança: ela havia estragado seus planos. Só que não fugiria outra vez. Lutaria. Mas, primeiro, precisava encontrar uma forma de sair dali.

Ele se levantou, deixou-a no chão e sentou-se em uma cadeira próxima. Cruzou as pernas com seu jeito característico. Bem à vontade, dentro de sua pele que escamoteava quem ele realmente era.

— Finalmente te reencontrei. E logo onde? Debaixo do meu nariz! — riu contrafeito.

Uma lufada de vento escancarou a porta dos fundos, e a água começou a espalhar-se pelo chão do restaurante.

Ela se levantou e quando começou a dirigir-se até a cozinha, ele se pôs de pé e bloqueou-lhe o caminho.

— Você está achando que vai sair daqui assim? — perguntou ele.

— Vai terminar o que você começou? É isso?

— Ele pode até não terminar, mas eu sim — ouviu a voz feminina vindo da cozinha.

Então, Lily a viu.

— Você não vai sair impune de tudo o que fez, Cecilia! Nos colocou numa imensa encrenca em Atlanta, enquanto você estava aqui, assumindo uma nova identidade e se apossando da vida alheia.

Cecilia. Ela fora Cecilia, um dia.

Mas todas aquelas informações velhas lembradas não podiam ser celebradas naquele momento. Estava diante de pessoas que haviam tentado destruí-la e que ainda tinham pretensão de fazê-lo.

— Eu não me apossei da vida de ninguém, Adrianna.

— Não mesmo, ‘*Lily*’? — perguntou irônica. — Você entrou na vida de Joshua, com uma história e identidade mentirosa.

Cecilia não perdeu seu tempo explicando qualquer coisa que fosse a ela. Não iria refutar suas informações falsas. Menos ainda, dignou-se em esclarecê-la, que Joshua não lhe pertencia, como ela parecia acreditar. Estava lidando com mentes tão transtornadas, que seria impossível racionalizar com elas, pois tratavam as circunstâncias de acordo com seu compasso amoral. Nada do que dissesse surtiria o menor efeito. Poderia até resultar em maior perigo para ela.

— Eu não vou ficar aqui — disse Cecilia tentando passar por eles.

— Você vai sair daqui direto para cadeia — disse ele.

Todos os sentidos de Cecilia ficaram em alerta. Não podia sair dali com eles.

Ele segurou o braço dela com violência e começou a arrastá-la em direção à porta.

— Não.

— Cale-se!

— O que está acontecendo aqui? — ouviram de repente.

— Ajude-me, Glenn. Essas pessoas estão tentando me machucar.

— Essa mulher é uma criminosa, Glenn — disse Adrianna. — Vamos apenas levá-la à delegacia.

— Não é verdade, Glenn. Por favor, não deixe que eles me levem.

Glenn pegou seu celular.

— Vou ligar para a polícia e eles poderão vir aqui checar esta história.

O homem, tomou o telefone da mão dele com agressividade.

— Não é necessário — disse, corroborando seu ato e olhando para Adrianna.

— Por favor, devolva meu celular... espere aí... — disse o ajudante de Charlotte — eu reconheço você. Você é o homem da foto.

— É, sou o primo de Joshua.

— Humm... então deve esperar ele chegar. Não pode levar Lily, assim. Dona Charlotte também não vai gostar. Por favor, meu celular — estendeu a mão esperando pelo aparelho.

Ele hesitou, mas depois decidiu entregar.

Cecilia puxou o braço. Percebeu que eles não arriscariam fazer o que queriam, depois de Glenn os

terem visto, a não ser que decidissem acabar com ele também. Mas ela percebeu, que seria um imprevisto para o qual não estavam preparados.

Glenn fez uma ligação para a polícia.

— Por favor, poderiam mandar uma viatura até o Bistrô *Nouvelle Saveurs* à Rua 34, esquina com a 43.

Depois Glenn ligou para Charlotte pedindo-a que viesse ao restaurante imediatamente.

— Temos uma situação bastante incômoda aqui — afirmou ele ao celular.

Cecilia percebeu o suor cobrir a testa do homem e sua troca de olhares com Adrianna. O desconforto deles ficou patente. A atmosfera na sala era de suspeição. Dez minutos depois, viram dois policiais na porta da frente do restaurante. Glenn foi abrir.

— Boa tarde, policiais.

— Boa tarde. Qual o motivo de vocês nos terem acionado?

Adrianna se aproximou rapidamente deles.

— Quero prestar uma queixa contra essa mulher — apontou para Cecilia. — Fraude financeira, incêndio criminoso e falsa identidade.

— Isso não é verdade, policial — defendeu-se Cecília.

— Espera. Você não é a moça que foi encontrada por Joshua Ketch? A que teve amnésia?

Antes que ela respondesse, Adrianna disse impaciente:

— Ela nunca teve amnésia. Tudo não passou de armação para se misturar entre as pessoas dessa cidade e se esconder aqui.

— Um momento, qual é o seu nome, senhora?

— Adrianna Thompson.

— Sra. Thompson, eu quero ouvir a história da moça a quem você está acusando.

— Sim, eu sou a mulher que Joshua encontrou. Mas todas essas acusações são mentirosas. Foram eles que me roubaram, colocaram fogo em meu restaurante e me drogaram.

Charlotte chegou ao restaurante. Preocupou-se, ao ver o cenário com a presença da polícia e perguntou:

— O que está havendo aqui? — foi então que o viu. — Armando? Você por aqui? — tentou sorrir, mas tudo que conseguiu, foi fazer uma expressão surpresa.

— Olá, Charlotte. Senti sua falta.

— É bom vê-lo, Armando. Mas o que está havendo? Por que a polícia está aqui?

— Minha noiva tem muito que explicá-la não é mesmo?

— Não sou noiva deste homem.

— Lily? O que há?

— Cecilia, Charlotte. O nome verdadeiro dela é Cecilia. E ela é uma criminosa procurada pela polícia de Atlanta.

— Eu não sou criminosa! Charlotte, por favor, acredite em mim. Eles estão mentindo.

— Por que Armando disse que você é noiva dele?

— O quê? — os olhos de Cecilia encheram-se de lágrimas. Ela apenas ouvia zumbidos. Sua mente começou a enevoar-se.

— Por que ele disse que você é noiva dele?

— Não sou, Charlotte... eu fui.

Charlotte levou a mão a boca chocada com aquela informação.

Cecilia podia imaginar o que ia em sua mente. Olhou ao redor desnorteada. Precisava sentar-se. Não podia apagar agora. Precisava enfrentar a realidade por pior que fosse. Virou-se para o policial e disse:

— Eu não sou uma criminosa. Investigue. Meu nome é Cecilia Oliveira.

— Isso mesmo! Investigue-a. Eu e Armando somos suas vítimas. Comece conosco. — Adrianna retrucou.

— Charlotte. Tudo o que peço é que acredite em mim. Eu só me lembrei que fui... noiva deste homem agora.

Charlotte olhou para ela desapontada. Virou-se para Glenn e pediu para que colocasse um aviso na porta do restaurante. *Não abriremos hoje.*

Cecilia acompanhou os policiais até a delegacia e deu seu depoimento. Foi liberada, e avisada para não sair da cidade, até que os fatos fossem apurados. Entrariam em contato com a polícia de Atlanta, para informar que Cecilia Oliveira havia sido encontrada, e estava disponível para prosseguimento de qualquer investigação pendente sobre ela. Quase treze anos depois.

Ao deixar a delegacia, já era noite. Cecilia não sabia o que fazer. Nem para onde ir. Estava só e confusa. Quão doce fora seu esquecimento. Mas ainda não tinha a mínima ideia do que acontecera a ela durante os anos de apagão em sua vida. Para ela, fora apenas uma viagem de algumas horas de Atlanta a Terra Nova. Mas quem acreditaria naquilo, se até mesmo para ela era inacreditável. Joshua? Ele faria perguntas que ela não saberia responder. Tia Clara, lembrou-se. Ligaria para sua

tia. Voltou para a delegacia.

— Policial Cartwright, o senhor permitiria que eu fizesse uma ligação?

Ele olhou-a sério e colocou o telefone diante dela.

— Só uma — enfatizou com o dedo indicador.

Cecília discou o número da tia. O telefone chamou três vezes. Uma voz masculina atendeu. Tio Harry. O que diria?

— Alô? — a voz do outro lado repetiu.

— Tio Harry?

Ele ficou mudo por um instante.

— Cecilia?!

— Oi, Tio Harry.

— Cecilia! Meu Deus! É você mesmo? Onde você esteve?

Ela ficou muda, pois não sabia o que dizer.

— Eu estou em uma cidade chamada Terra Nova, tio Harry. É uma longa história. Preciso falar com vocês pessoalmente. Poderia falar com tia Clara, por favor?

Ele não respondeu de pronto.

— Clara morreu, Cecilia. Faz mais de oito anos.

— Onde ela está agora, tia Charlotte?

— Ela foi para a delegacia, Joshua.

— Tia, vá buscá-la. Quando eu chegar nós conversamos.

— Eu estou confusa. Por que ela veio atrás de você? Quero dizer... ela veio atrás de você, não foi? Ela quis se vingar de Armando? Joshua, ela é noiva de Armando!

— Tia, quando eu chegar, nós conversaremos. Apenas, vá buscá-la.

Ela desligou o celular.

'Meu Deus, o que está acontecendo? Será que joguei meu sobrinho nos braços de uma mulher de má-fé? Por que ela faria isso? Será que planejou tudo com tanta frieza? Deus, me mostre a verdade.'

Pegou a chave do carro e foi até a delegacia.

Uma chuva fina começou.

Ela parou em frente à delegacia, saiu do carro e correu até a entrada.

— Boa noite, Policial Cartwright. Onde está Lily?

— Lily, Cecilia, vocês bem que podiam se decidir. Ela saiu já faz uns dez minutos.

— Para onde? Ela disse alguma coisa?

— Não. Apenas fez uma ligação para uma tia. Depois saiu.

— Obrigada.

Charlotte não sabia em que direção ir. Mas depois da indiferença com que a havia tratado, ela não estava indo para sua casa. Foi na direção da estrada que levava a cabana de Joshua. Seu farol iluminou uma pessoa à margem da estrada. Charlotte parou ao lado da mulher e baixou o vidro.

— Lily! Por favor entre no carro.

Ela não parou, continuou andando.

Charlotte engatou uma primeira. E depois segunda.

— Por favor, Lily. Vamos conversar. Não me faça descer e andar ao seu lado. Não nessa chuva. Não vai fazer bem para meu reumatismo.

Lily parou e entrou no carro. Ficou olhando para frente. Não disse uma palavra.

— Vamos para casa. Você precisa trocar essa roupa ou vai acabar adoecendo.

Ao chegarem em casa, Charlotte pegou uma toalha e estendeu para ela. Seu rosto estava pálido, e ela não levantou os olhos. Sentia-se humilhada. O constrangimento que pairava entre elas era insuportável.

— Acho que deve descansar. Joshua chega amanhã.

— Obrigada.

— Vou preparar um chá para nós duas.

— Não precisa, Charlotte. Amanhã, depois que eu falar com Joshua deixarei sua casa.

Charlotte suspirou.

— Amanhã conversaremos sobre isso, está bem? Agora eu preciso de um chá. E você também.

Tomaram o chá em silêncio e foram descansar.

— Nós vamos sustentar essa história. Simples assim — disse Adrianna para Armando. — Ela não tem explicações para ter sumido por tanto tempo. Mas eu tenho. Culpa.

— Charlotte ficou desconfiada dela — Armando falou reflexivo. — Mas eu estou impressionado. Ela não mudou nada. Melhorou até.

— Bobagem. Tratamentos estéticos. Ela passou bastante tempo remoendo como voltar. Planejando.

Armando olhou-a de forma aguda. Aproximou dela, puxou-a pela cintura e abraçou-a. Ela sorriu e ele aproximou o rosto do dela.

— Você não está com ciúmes de Joshua, não é? Já superou sua paixão juvenil por ele? — perguntou quase num sussurro.

— Paixão juvenil? Nunca senti nada desse tipo por ele.

— Ora, por favor, Adrianna. Passaram-se anos e você ainda nega? Nunca se conformou por tê-lo perdido para Debbie — riu provocativo.

— É você quem está com ciúmes — ela acariciou seu queixo e depois beijou-o sedutora nos lábios. — E não há razão para isso. Você é muito melhor que ele.

— Eu sei que sou melhor que ele — afastou-se dela, limpou os lábios com as costas das mãos e acrescentou frio. — Mas eu não tenho ciúmes de ninguém.

Saiu do quarto, e deixou Adrianna só.

Ela cruzou os braços e suspirou impaciente. Estava cansada de mudar de planos, todas as vezes, que Cecilia fazia um movimento inesperado ou aparecia alguma outra interferência, pensou exasperada. Se aquele ajudante de Charlotte não tivesse aparecido, ela já estaria livre de Cecilia. E de Armando também.

— Você está me dizendo, que lembrou-se de toda a sua vida, com exceção dos doze anos anteriores a sua chegada em Terra Nova?

Foi extremamente doloroso, para Cecilia perceber a nota de descrença na voz de Charlotte. Mas o fato de um hiato tão prolongado e importante de sua vida permanecer nebuloso, fazia com que sua história parecesse inverossímil, ainda mais, que seu maior detrator pertencia a família de Joshua. E Adrianna conhecia a ele e a sua falecida esposa há anos. Cecilia percebia sua desvantagem. Gostaria de ter uma explicação lógica para aquele entremeio misterioso, mas não tinha. O porquê de ter ido parar justamente ali, entre aquelas pessoas, tão interligadas as de seu passado, era mais intrigante ainda.

Todos os elementos daquela situação atípica davam a impressão de que Cecilia havia premeditado tudo. Coreografado cada passo, e orquestrado a logística de forma precisa. Ela percebia que sua situação era desanimadora, e seu sofrimento, a fez querer abandonar tudo. Ceder a covardia e fugir. Pediu a Deus, forças para continuar.

Charlotte julgava seu encontro com Joshua surreal, por ele ser tão próximo do homem de quem havia sido noiva. Então, tomou coragem e fez a pergunta mais importante de todas.

— Você se aproximou de Joshua para vingar-se de Armando?

A simples menção daquele nome desencadeava em Cecilia um extremo desconforto. Sua mente parecia entrar em curto circuito. E ela mesma, por algum motivo estranho, não conseguia pronunciá-lo. Era como cavar uma sepultura para trazer à vida alguém que não merecia ser lembrado.

— Eu não planejava vir para Terra Nova, Charlotte. Eu estava buscando refúgio na casa de minha tia. Mas por causa do clima, houve uma total reviravolta em meu trajeto. Meu acidente não foi proposital, se é isso que você quer saber. Tampouco, planejei que Joshua passasse ali, justamente naquele momento e me resgatasse. Não tenho esse poder. Eu juro, não sei por que eu vim parar nessa cidade. Não sei por que viajei por apenas algumas horas e se passaram quase treze anos. Acredite em mim, você não está mais confusa que eu.

As palavras de Cecilia tocaram Charlotte profundamente. Teve a impressão de que ela falava a verdade. Mas, tinha que admitir que sua história mais parecia um episódio da série *The Twilight Zone*^[4]

Então elas ouviram o barulho do motor de um carro.

Charlotte foi até a porta da frente e atendeu ao policial Cartwright.

— Bom dia, senhora. A senhora Oliveira se encontra?

Cecília apareceu na porta.

— Entre, policial Cartwright.

Ele explicou a Cecilia, que entrou em contato com o departamento de polícia de Atlanta, e que no dia 7 de Janeiro de 1999, seu desaparecimento foi comunicado pela senhora Karina Amat al-Yasu. Por algum tempo, houve alguma repercussão do caso na mídia, algumas pessoas foram investigadas, inclusive Armando Monterrey, que foi denunciado por um familiar da desaparecida, como potencial responsável. E foi também sondado por fraude financeira em seu restaurante. Várias possibilidades foram levantadas, mas por falta de evidências, seu caso foi considerado como uma fuga e não desaparecimento.

— Não existe nenhuma denúncia de crime contra a senhora. Portanto, é livre para ir e vir. A senhora não consta mais como desaparecida nos cadastros da Geórgia, e provavelmente, seus familiares e amigos já estão cientes disso.

Cecilia lembrou-se de Karina. Talvez, agora, ela fosse pensar, que Cecilia havia fugido para não enfrentar a derrocada de seu restaurante. Tinha que entrar em contato com ela, mas nem imaginava como explicar aquela história. Tudo o que sabia, era de seus motivos para ter abandonado Atlanta, às pressas, naquele dia de inverno.

O som da campainha tirou-a de seus devaneios.

Charlotte foi atender e voltou com Adrianna e Armando.

Cecilia estava mais confiante. Mas, percebeu que eles não haviam desistido de incriminá-la. Como

dizem, *a melhor defesa é o ataque*, e Adrianna conhecendo bem a máxima, a usaria, por medo que Cecilia decidisse denunciá-los primeiro.

— Queremos saber quais providências o senhor vai tomar em relação a esta mulher, policial Cartwright. Ela usou de uma falsa identidade e cometeu crimes em Atlanta.

— Não há nenhuma denúncia contra ela em Atlanta. E até o momento, a senhora é a primeira a levantar a acusação de falsa identidade.

Charlotte interferiu.

— Adrianna, foi Joshua, quem começou a chamá-la de Lily. Em nenhum momento ela inventou uma identidade para si própria.

— Charlotte, você é uma mulher inocente. Não conhece o poder de manipulação dessa aí. Ela quis incriminar Armando ao fugir de Atlanta. Todos que a conheciam, sabiam que ela tinha envolvimento com drogas e sempre foi uma mulher mentirosa e perturbada. Já foi internada em um hospital psiquiátrico.

— Isso não é verdade! Vocês tentaram me drogar.

— Ah, mas é claro! Nós somos responsáveis por tudo que lhe aconteceu não é mesmo, Cecilia? Nós a trouxemos para cá, também? Por onde você andou durante quase treze anos? Nós a raptamos? — perguntou Armando irônico.

— Já chega! — Charlotte interferiu, pois começava a ficar nervosa com aquela história. — Armando e Adrianna, o policial já esclareceu algumas coisas, e acredito que por hora, é o suficiente. Precisamos de um tempo para digerir essa história.

— Só quero alertá-la, Charlotte, que está com uma mulher perigosa em sua casa e pior, em seu restaurante. Ela colocou fogo no dela, sabia? Imagine o que não poderá fazer com o seu — alertou Armando.

— Por favor, Armando...conversaremos depois. — pediu Charlotte.

Então, ele e Adrianna acompanharam o policial Cartwright, e se foram.

— Me desculpe por fazê-la passar por tudo isso, Charlotte.

— Me enganei a seu respeito, Lily ou Cecilia. Achava que você seria apenas um motivo para mexericos passageiros nesta cidade, mas não, você vai fazer história em Terra Nova.

— E agora? O que vamos fazer?

— Vamos usar os livros da contabilidade do restaurante, que foram resgatados pela companhia de seguros contra ela. Vamos ameaçá-la!

— Adrianna, será que não caiu sua ficha ainda? Nenhum de nossos planos deu certo! O melhor que temos a fazer agora, é cair fora antes que ela nos acuse de tentativa de assassinato.

— Você sabe todo o trabalho que tive, para planejar cada detalhe, apenas para você estragar tudo? Se você a tivesse jogado pela janela naquele dia, como eu te disse para fazer, não estaríamos passando por nada disso. Estaríamos na Europa, gozando de umas boas férias, com o dinheiro da apólice de seguros.

— Estaríamos na cadeia, isso sim! Você acha que não investigariam? Eles não pagaram até hoje, e eu detinha 60% do restaurante. O que eles conseguiram resgatar dos livros travou completamente o recebimento desse dinheiro.

— Eu não vou embora de Terra Nova, Armando. Cecilia é quem vai — disse Adrianna determinada.

— Ah... finalmente você assumiu! Só há um motivo, para você ter decidido ficar nesse fim de mundo.

Adrianna ignorou suas palavras e deixou-o só no quarto da pousada.

Era uma e quinze.

Charlotte e Cecilia mal haviam tocado em suas refeições, quando ouviram a porta se abrir. Não era do feitio de Joshua entrar na casa da tia daquela forma, mas as circunstâncias o impediam de ser polido.

Quando o viu, Cecilia não soube o que fazer. Se corria até ele e o abraçava ou se esperava ele dizer que não queria vê-la nunca mais.

— Senti sua falta, Lily!

Ela saiu de sua imobilidade, foi até ele e o abraçou.

— Eu também.

Então, viu através de sua visão periférica que ele estava acompanhado de algumas pessoas. Reconheceu a mulher.

— Karina?!

— Cecilia, minha amiga. Quanto tempo!

As duas se abraçaram e choraram.

— É tão bom te ver bem. E viva!

Ainda que estivesse emocionada por vê-la, estava também ansiosa, pois sabia que teria que dar explicações que não tinha.

— É tão bom revê-la, minha amiga. Que bom que está aqui!

— Você não mudou nada, Ceci. Como pode ser isso?

— Ora, você também não mudou!

Charlotte convidou todos para se sentarem.

Cecilia foi apresentada ao esposo de Karina, o paramédico que a atendeu quando teve sua primeira 'crise' pós-Armando.

A amiga tentou falar sobre tudo o que havia acontecido durante aqueles treze anos após seu desaparecimento. Dos esforços de Clara para encontrá-la. Da surpresa desagradável ao descobrir, que Armando havia se tornado sócio do restaurante, o que levou-as a pressionar os policiais a investigá-lo de forma mais agressiva.

Quando surgiram suspeitas de que o incêndio havia sido criminoso, os investigadores da Companhia de Seguros de Atlanta vasculharam os escombros do restaurante, encontrando alguns livros da contabilidade dentro de um móvel, que havia sido, apenas parcialmente, danificado. Dessa forma, descobriram, que haviam contas fraudulentas.

Todas as tentativas de Armando de colocar as mãos no dinheiro do seguro falharam. O desaparecimento de Cecilia foi um agravante a mais, para impedir o pagamento da apólice, pois Karina e Clara, como duas paladinas da justiça, entraram em contato com a companhia de seguros e relataram que acreditavam ser Armando, o responsável pelo sumiço de Cecilia e pelo incêndio. E o dinheiro da apólice era o motivo. Dinheiro, o mais hediondo de todos os motivos.

Armando ficou furioso, e, a princípio, tentou incriminar Cecilia. Alegou, que ela fora a responsável por fechar o restaurante naquele dia, e que vinha apresentando episódios de desequilíbrio mental.

Karina, Clara e o Sr. Samuels, — gerente do banco de Cecilia na época —, informaram a polícia como ela sempre havia lidado com suas responsabilidades financeiras de forma prudente. Mas, depois que a administração do restaurante foi assumida pelo Sr. Armando Monterrey, o Sr. Samuels tinha muitas dificuldades de entrar em contato com ela para resolver suas pendências. Anne, antiga contadora de Ceci, foi localizada para prestar informações, e Marcia e Tommy, ex-funcionários do restaurante, também ajudaram nas investigações.

Clara era incisiva, ao dizer que o restaurante sempre fora o sonho da sobrinha, e ela jamais o destruiria. Mas, havia sido alienada de sua administração após a chegada do novo contador. Infelizmente, diante do relacionamento afetivo que mantinham, não foi difícil para Armando manipular Cecilia. Algum tempo depois, foram realizadas investigações para apurar a legitimidade dos documentos que davam a Armando sociedade no restaurante, e foi atestado que a assinatura era verdadeira. Clara ficou arrasada, pois sabia que aquela evidência poderia pesar à favor de Armando.

Quando uma mancha deixada por um líquido derramado sobre um tapete no apartamento de Cecilia foi encontrada, alguns testes foram realizados, e Clara foi informada de que eram vestígios de uma droga alucinógena.

— Cecilia nunca usou drogas. Não era seu estilo — Karina havia dito ao detetive da polícia.

Mas, Armando soube usar o colapso que Cecilia teve para lançar dúvidas sobre ela, principalmente quando ele mencionou que ela tinha alucinações, e comprovou, através de laudos médicos, que ela já havia sido internada para manutenção de sua integridade física.

Karina e Clara passaram anos tentando desfazer a rede de mentiras e decepção que Armando havia criado ao redor de Cecilia, e que usou como arma para denegrir sua imagem.

Anos se passaram e jamais ficou provado que o Sr. Armando Monterrey fosse culpado por seu desaparecimento. Suspeitas de que Cecilia houvesse *causado* seu próprio desaparecimento não foram descartadas e deixaram sua família revoltada.

Armando passou um longo tempo, tentando convencer a polícia de que ele é que havia sido vítima de um golpe, e depois, quando o caso esfriou, ele sumiu de Atlanta.

Sempre houveram questões não respondidas que mantinham os policiais de mãos atadas em relação a Armando, ou ainda, incapazes de ver alguma coerência na culpabilidade de Cecilia. Ainda que insanidade fosse uma explicação legítima. Se ela havia incendiado seu próprio restaurante, por que não havia esperado o dinheiro do seguro sair, antes de sumir no mundo? Teria tido tanto trabalho para não ficar com nada? E se Armando detinha a maior parte da sociedade, e ela assinou um documento dando-lhe poderes para dar entrada no seguro e receber o dinheiro, sem necessidade de qualquer interferência sua, qual seria a vantagem para Cecilia, de sumir a fim de implicá-lo? A não ser que tivesse sido coagida, mas a data em que o documento havia sido assinado era bem anterior ao incêndio, e ela poderia ter mencionado algo com a tia, ou mesmo ter ido à polícia. Poderia, é claro, — no fim das contas —, ter sido um caso de sedução e morte.

Eram muitas perguntas difíceis, e com respostas vagas. Pouco os aproximava da verdade. Mas, um detalhe bastante importante, era determinante naquela história. Se Armando era mesmo o responsável pelo desaparecimento da noiva, não haviam provas. E nem corpo.

Cecilia nunca foi encontrada. O tempo passou. E a polícia arquivou o caso. Karina, Clara e Augusta contrataram um detetive particular para investigarem a vida de Armando e também para tentar achá-la. Foram descobertas algumas informações bem inquietantes a respeito de Armando, mas nenhuma pista de Cecilia.

— Minha mãe...ela já está sabendo que eu apareci? — perguntou Ceci.

— Sabe sim. Ao que parece, estará chegando em Atlanta essa noite. Infelizmente, sua tia faleceu há alguns anos.

— Eu soube.

Os olhos de Cecília encheram-se de lágrimas. Não teve a oportunidade de voltar a ver sua tia viva. Ela sempre torcera tanto pela sua felicidade. Cecilia queria que ela soubesse que sentia-se completa ao lado de Joshua. Queria dizer, que agora, tinha certeza de amar o homem que estava ao seu lado, mas não houve tempo.

— Ela sabia, Ceci.

Cecilia olhou para a amiga.

— O quê?

— Alguns meses antes de seu falecimento, eu falei com ela e ela me disse que tinha certeza que você estava viva e que iria aparecer. Você sabe como ela era. Tenho que confessar, que eu não acreditei. Mas ela estava certa. Tinha um sexto sentido tão forte. Depois me ligou no meio da noite e disse: Cecilia está viva. Até acreditei que você tinha aparecido, então, ela falou que havia sonhado com você e Ezequiel diante de um rio, e, por isso, tinha certeza que você estava viva — riu da lembrança.

— Na época, acreditei que ela estava se iludido para conviver com a dor.

— Ezequiel?

— Sim, o da Bíblia.

Cecilia sorriu.

— Minha tia era especial.

Cecilia segurava a mão de Joshua, e Karina concluiu que todo aquele mal, havia trazido algo bom.

— Eu ainda não me lembro do que aconteceu durante esses anos todos, Karina.

Contou o que aconteceu em seu último dia em Atlanta. Em como descobriu que seu ex-noivo havia se tornado seu sócio através de alguma artimanha e detinha a maior parte do restaurante. Dos planos dele e de Adrianna em fazê-la parecer louca ao drogá-la e vesti-la em seu vestido de noiva. Relatou sua fuga tresloucada para a casa da tia e sua chegada a estrada de Terra Nova. Depois, tudo que sabe, é que acordou na cabana de Joshua. Sabia o quanto era absurda sua história. Mas era tudo.

Os treze anos, anteriores de sua vida, eram um completo mistério. Ela não sabia se os havia vivido, e se os vivera, não sabia aonde ou o que fizera.

Cecilia olhou para Joshua querendo que ele entendesse que não tinha explicação. Precisava que ele acreditasse nela. Tinha medo que ele pensasse que aqueles dois criminosos, realmente estavam certos, e ela era louca.

Intimamente, desde o momento em que saíra da delegacia no dia anterior, uma serenidade tomou conta dela. Não sabia o que se passara com ela naqueles anos, mas sabia que não tinha nada a temer. Tinha confiança de que Deus estava no controle daquela situação, daquele absurdo, ou quem sabe, daquele milagre.

Sua única preocupação era Joshua. O que ele estaria pensando?

Foi então, que se deu conta, que assim como todo o resto, também não podia controlá-lo. Teria que confiá-lo a Deus.

Joshua a abraçou e disse:

— Eu sempre soube que Deus havia deixado um mistério em minha porta, só não sabia o quão grande ele era.

— Amiga, nós não compreendemos os caminhos de Deus. Quem sabe um dia, você se lembra de algo. O importante é que você conseguiu se livrar de uma trama, que nós desconhecemos qual seria o desfecho, se tivesse dado certo, mas que poderia ter sido fatal. Agora, você é a Cecília que sua tia sempre quis que fosse.

Charlotte e José estavam silenciosos. O impacto da história os havia impressionado. Então, a tia de Joshua quebrou o silêncio:

— Estou pensando, se conto ou não essa história para minhas amigas no chá da quinta-feira.

— Não! — disse Joshua e Cecília em uníssono.

— Charlotte, suas amigas vão querer me internar, isso é, se o Dr. Brown não o fizer antes.

— Meu amor, eu acho que ele vai te dar alta. E agora que eu sei que não corro o risco de me tornar bígamo, acho que podemos nos casar.

— Depois de tudo o que eu disse, você ainda quer casar comigo?

— Se você contou essa história para me assustar, e me fazer desistir, não conseguiu.

Cecilia olhou longamente para ele e disse suavemente.

— Eu amo você, Joshua.

Elas se avaliaram um pouco e depois se abraçaram. As emoções entre elas sempre foram contidas.

A mãe perguntou como estava, e não se mostrou admirada diante de sua história. Dos seus anos perdidos ou esquecidos. A vida é cheia de mistérios, não é mesmo?, afirmou Augusta.

Já vivera o suficiente para saber daquilo. A forma como ela veio para os Estados Unidos e depois conheceu seu marido, anos antes, foi cheia de *coincidências* estranhas, mas que ela nunca examinara mais a fundo, pois de que adiantaria? Isso pertencia aos arcanos indecifráveis de Deus.

Revelou, que quando Karina ligou para ela dando-lhe a notícia de seu aparecimento, foi como se uma nuvem negra tivesse sido removida de sobre sua cabeça. Não havia nada pior que um filho desaparecido, nem a morte, disse ela. É como velar em um velório sem corpo, todos os dias. Não há sossego.

O irmão não viera, pois não podia fazer gastos excessivos. Estava desempregado e agora tinha um filho. Seu sobrinho era lindo e esperto, disse a mãe de Cecilia. Suas vidas ainda eram bastante restritas financeiramente, mas conseguiam ir adiante.

Lembrou a filha de que se não os tivesse deixado provavelmente não teria passado por tantas provações.

— Você poderia ter aberto um restaurante de comida portuguesa por lá mesmo. Nós a teríamos

ajudado. Mas você insistiu em ficar mais próxima de Clara — *do que de mim*, omitiu. — Mas, graças a Deus, você está viva. Como dizem, Deus trabalha de forma misteriosa, não é mesmo? E o canalha de seu ex-noivo? Já está na cadeia?

Quando Cecilia disse que ele estava ali na cidade de Terra Nova, sua mãe ficou chocada. Ela explicou, que fazer quaisquer acusações contra ele neste momento, só traria mais dor de cabeça para ela mesma. Não tinha provas de que ele havia tentado drogá-la. Quanto ao incêndio do restaurante, era mais complicado ainda. — Você está me dizendo que não pode fazer nada contra ele? É isso?

Ela olhou para a mãe desanimada.

— Posso. Mas preciso de provas, que não sei se tenho. E ele pode dizer que eu pedi para ele colocar fogo no restaurante... é algo muito complicado. Eu não sabia que ele estava me roubando, que tinha afundado meu restaurante em dívidas — falou angustiada. — Eu nem mesmo sabia que tinha dado 60 % de meu restaurante a ele. Não tenho orgulho de dizer que deixei ele tomar conta da minha vida.

A mãe segurou a mão dela em apoio.

— Vamos pensar em algo, minha filha.

Cecilia sabia que havia sido enrolada de forma tão elaborada, que não havia nada a fazer. Não poderia reaver o restaurante, nem o dinheiro que perdera. E pior, Adrianna e seu comparsa ficariam impunes. Era surpreendente, como pessoas daquele tipo iam passando pela vida, destruindo e roubando os outros sem nada, nem ninguém que os impedisse. Tinha sorte de estar viva, e de não ter acabado em um hospital psiquiátrico, como eles planejavam, passando o resto de seus dias duvidando de si mesma.

Joshua levantou a cabeça ao ouvir a porta de seu escritório ser aberta. A visita inesperada o surpreendeu.

Ele encarou Armando. O seu sorriso não disfarçava a hostilidade que estampava seu olhar.

— Então, primo. Caiu de amores pela minha noiva? — perguntou com a cabeça levemente inclinada para o lado.

A atitude de Armando era óbvia. Sempre fora um narcisista, que vivia completamente fora da realidade, mas nunca imaginou que aquele traço de sua personalidade o levasse a total falta de integridade, menos ainda a criminalidade.

— Foi bom você aparecer. Me poupou o trabalho de procurá-lo. Não vou dar voltas. Como você, vou direto ao ponto. Fique longe de Lily. Você e Adrianna.

— Quem você pensa que é para me dizer o que fazer?

— Nós vamos nos casar, Armando. O que você e Adrianna fizeram a ela é digno de alguns anos de cadeia e eu estou disposto a colocar vocês lá, caso, persistam em persegui-la.

Os músculos da mandíbula de Armando se enrijeceram.

— Ela te enganou direitinho, não foi? Sua vida amorosa é tão repetitiva. As mulheres sempre conseguem te enganar com facilidade.

Joshua abriu a gaveta da escrivaninha e tirou alguns documentos de lá.

— Sua ficha criminal na Flórida é vergonhosa. Fraude de cartão de crédito, roubo de cheques, falsificação de assinatura. Foi pego roubando joias de uma joalheria, cuja dona, você namorava. *Tsi, tsi...*— Joshua balançou a cabeça. — Você é um reincidente persistente.

Armando avançou beligerante em direção a Joshua, para arrancar dele aquelas evidências, mas o ele foi mais rápido e esquivou-se.

— Você acha realmente, que se levar esses papéis eu não tenho como consegui-los novamente? — jogou as provas sobre Armando. — Pode ficar com essas. E tem mais uma coisinha. Eu sei que você fraudou os livros de contabilidade de Lily.

— Ela me pediu! — ele vociferou.

— Mentira sua! Você a manipulou se aproveitando do afeto dela para fazê-la assinar papéis, lhe conferindo sociedade! Você já tirou demais. Já chega! Não insista. Lily pode decidir contar a polícia o motivo de seu desaparecimento, e ela não está só.

— Cuidado com o que você diz, Joshua.

— Não me ameace.

Armando deu as costas a Joshua, mas antes de sair parou um instante e baixou a cabeça pensativo. Voltou-se para ele, mais uma vez, e disse com um meio sorriso.

— Só porque você viu a terra prometida, não quer dizer que vai entrar nela.

— Então é isso — concluiu Joshua.

Olhou o amigo de soslaio. Esperou por algum comentário rabugento. Cético. Mas não veio nada. Ele permaneceu, singularmente calado, já que, sempre encontrava um jeito de criticar seu relacionamento com Lily.

Enumerava todos os motivos pelos quais não daria certo. O atormentava. Enchia-o de dúvidas. Pois bem, ela não havia cometido nem um crime, nem era casada, como ele havia suspeitado. Houve alguém, sim. Seu primo. Mas na verdade, ele pertencia ao seu passado.

O silêncio de Baptiste continuava. Talvez, fosse resultado de uma profunda decepção por todo seu presságio pessimista não ter acontecido.

— Então, ela era noiva de seu primo.

— Isso mesmo.

Os olhos de Baptiste se estreitaram.

Ele levantou-se da cadeira e foi até a cozinha. Não demorou muito.

— Coisas estranhas tem acontecido por aqui.

Pousou uma maçã verde clara sobre a mesa diante de Joshua.

— Muito estranhas.

Joshua enrugou a testa diante da atitude misteriosa. Perguntou-se, por que ele removeria uma maçã verde do pé. Logo ele, que era tão cioso ao colhê-las para evitar desperdícios.

— Lembra-se quando Lily colheu essa maçã? Ela ainda estava verde naquele dia. Mas, não tanto.

Colocou o chapéu de palha sobre a cabeça e saiu para o pomar. Joshua pegou a maçã e o seguiu. A casca era de um verde brilhante, sem manchas. E já fazia mais de três meses. Estava enganado, pensou.

Baptiste marchava determinado no meio dos corredores do pomar. Então, repentinamente parou, e olhou para Joshua.

— Está vendo?

Joshua começou a se preocupar com Baptiste. Talvez, estivesse passando por alguma crise.

— Vendo o quê?

— Joshua, eu não tenho pés de maçãs verdes. Não são variedades que cultivo em meu pomar — e apontando para uma árvore ao seu lado acrescentou. — Eu esperei que os frutos desta árvore amadurecesse como as outras, mas a cada dia que volto aqui estão mais verdes. E num certo momento, simplesmente congelaram no tempo. Nenhuma delas amadureceu, caiu ou apodreceu. Por meses tenho olhado para esta maçã em minha cozinha — apontou para a fruta nas mãos de Joshua —, torcendo todos os dias para ela ter amadurecido ao menos um pouco. Fico procurando o menor sinal de que ela ao menos apodreceu. Mas, em vez disso, alguns pés de maçã de meu pomar tem sofrido este mesmo fenômeno.

Joshua contemplou a copa da árvore carregada de frutos. Todos verdes. Esperando a estação certa para amadurecer. Ele pegou o fio da meada. Não iria descrer do que estava diante dos seus olhos, pois não era mais uma questão de fé, mas de comprovação de evidências. Aquilo não era pura coincidência. Sentiu-se despertar em uma outra dimensão. As maçãs esperavam o tempo certo, o suspiro divino para prosseguirem em seu ciclo natural. Preservadas num escaninho sagrado. Na eternidade. Joshua compreendeu. E o ceticismo de Baptiste foi, finalmente, vencido pela experiência.

Cecilia estava destinada a ser uma noiva de inverno.

Os preparativos deixaram a ela e Charlotte ocupadas. Karina prometeu se reunir as duas, e mais uma vez, fazer parte do ritual da noiva com Cecília. Afirmou que desta vez seria diferente. Se Clara estivesse ali, não faria a pergunta que a havia deixado tão irritada a 13 anos atrás. *Você o ama?* Aquele era um questionamento dispensável agora.

O vestido de noiva tornou-se em um grande dilema. O vestido dos sonhos de Cecília, escolhido com tanto carinho, para casar-se com seu maior erro, mas, que no final, fora vestida com ele que havia encontrado o amor de sua vida. Resquícios de canela ainda impregnavam as tramas minúsculas da renda. Vestígios do passado. Ainda tinha dúvidas. Usá-lo ou comprar um novo?

A data se aproximava, e dependendo de sua decisão teria que escolher um vestido às pressas na única loja que havia em Terra Nova. Parou diante dela enquanto voltava do Banco, e no momento em que observava na vitrine um manequim vestido com trajes nupciais, percebeu uma leve nuvem de cinzas sobre sua cabeça. Suspirou e dirigiu-se para o restaurante.

Alguns fenômenos ainda a perseguiam: sabia quando Adrianna estava por perto e o nome de seu ex-noivo ainda era impronunciável.

Não entendia, nem conseguia compartilhar aquilo com ninguém, nem mesmo com Joshua. Sua lealdade já fora testada. Excessivamente. Aquele era um segredo só seu.

Todos os dias orava. Pedia a Deus que mandasse aquelas pessoas que haviam lhe causado tanta dor para o mais longe possível dela. Terra Nova era pequena demais para que habitassem juntos.

Desviou seus pensamentos para os preparativos da cerimônia. Não teria nenhuma sofisticação a não ser pela louça inglesa de Charlotte, pois ela insistira. Baptiste cederia o pomar. Se alguma neve caísse, não seria nenhum incômodo. Iriam para a adega. Escolhera a cor lavanda para a ornamentação e damasco para o recheio do bolo. Três músicos tocariam e cantariam para aquecer os convidados. Dançariam ao som das cordas do violino e à luz de velas em um dia frio. Não poderia haver nada mais romântico, pensou. Um sentimento de paz a envolveu.

Joshua pediu um café forte. Olhou em volta e viu que todas as mesas estavam ocupadas, então tomou seu lugar em um dos bancos que restavam ao redor do balcão.

Removeu o boné e passou a mão sobre a massa de cabelos fartos.

O dia estava frio. Parecia que o inverno chegaria mais cedo. Seus ventos sempre lhe traziam revelações ou novidades, ele refletiu. Mas este último ano havia sido atípico. Sobrenatural era a palavra certa.

Sua recente experiência no pomar de Baptiste só não havia superado o surgimento de Lily em sua vida, ainda que tivesse um forte pressentimento que estivessem interligados. De alguma forma as maçãs pareciam explicar o mistério de Lily para ele. E o mais inacreditável, para o cético Baptiste, também.

Terra Nova e Ajalon pareciam ser lugares onde o sobrenatural acontecia naturalmente, para aqueles que se dispunham a ver.

Em sua volta para a Geórgia estava repleto de dor.

Foi uma transição cheia de questionamentos e sem esperança. Tudo o que buscava era um refúgio onde pudesse encontrar paz e algum significado para a vida. Era insuportável viver sem um motivo. Vasculhou seus caminhos antigos em busca do sagrado. Do que havia deixado ali quando saiu para conquistar o mundo, cheio de sonhos e certezas, tão certo que era capaz de tudo, sem precisar se apegar a suas crenças de infância.

De ouvidos selados aos apelos de Charlotte, ele partiu, recusando-se a considerar qualquer palavra sua. De muitas maneiras, ele alcançou o que queria, e até mais. E quando começou a perder, a vida não foi nenhum pouco compassiva.

Ao voltar a sua cidade natal, parecia estar retornando ao seu ponto de partida, mas começou a perceber que não era o lugar onde tinha começado. Ele, tampouco, sabia onde estava, nem sabia mais o que queria. Seus objetivos haviam mudado. Não pensava mais em futuro. O passado não o atraía mais. Queria apenas viver um dia de cada vez. Estabeleceu uma rotina e caminhou seguro nela, esperando encontrar um dia o que os pais tiveram. Um relacionamento satisfatório com Deus.

Os pais eram felizes e possuíam uma força que sempre havia admirado, mas à medida que Joshua cresceu, a fé deles pareceu-lhe irreal. Intangível. Não conseguia alcançá-los. Ele precisava de um Deus que fizesse sentido. Era tolo, pensava agora. Não podia palpar a Deus com suas mãos. E Ele não estava disposto a utilizar o mapa que Joshua havia traçado. Era Deus e não homem. Não estava encerrado em suas limitações e o provaria. O chocaria ao mostrá-lo quem Era.

Quando os pais morreram ele manteve os ensinamentos que haviam deixado, mas a fé deles era, para Joshua, um símbolo apenas, quase uma fantasia. Não havia encontrado eco nele, até voltar para Ajalon e *descobrir os tesouros da escuridão e as riquezas encobertas*. Elas sempre haviam estado ali, mas seu ceticismo e arrogância o haviam impedido de ver.

Charlotte tentou de todas as formas tirá-lo de Ajalon e levá-lo para a cidade, mas de tanto resisti-la, ela cansou. Ele sabia que aquela terra que seus pais haviam comprado, e que ele havia ignorado por anos era o melhor lugar para estar. Um lugar misterioso, de revelações e onde sentia-se seguro. Foi onde encontrou Deus, *glória em vez de cinzas*, e finalmente Lily. Tinha certeza de que ela não havia simplesmente surgido em sua vida. Ela viera até ele. Aquele encontro não havia sido acidental. Em Ajalon ele havia abandonado seu esquite silencioso.

Estava tão absorto em seus pensamentos que não percebeu a mulher a seu lado. Ao vê-la, seu primeiro impulso foi pegar seu café e sair. Porém, tomou a decisão de não dar a ela o prazer de evitar as ruas e recantos de sua própria cidade para não encontrá-la. Iria tratá-la de acordo com sua insignificância, ignorando-a.

— Eu queria me desculpar pelas coisas que eu disse. Eu sinto muito, pelas coisas que disse sobre Deborah.

Joshua olhou através dela.

— Não. Você não sente.

Ela encostou-se à mesa e cruzou os braços.

— Você vai mesmo casar com ela, não é?

Ele ignorou a pergunta e preparou-se para deixar o lugar.

— Quer dizer que você está colocando um fim a nossa amizade, porque eu tentei abrir teus olhos?

Ele a olhou com desprezo.

— Você forjou uma amizade cheia de interesses maldosos, da mesma forma como junto a Armando tramou, para se aproveitar da confiança de Lily — colocou o boné na cabeça e levantou-se. — Mantenha uma boa distância de nós.

Cecilia olhou mais uma vez a imagem refletida no espelho e virou-se para deixar o Salão de Beleza. Não se lembrava da última vez que frequentara um, mas percebeu que precisava mudar um pouco. O corte irregular lhe deu um ar mais leve.

Atravessou a rua e caminhou até o cruzamento próximo ao restaurante. O dia estava frio, mas agradável. Colocou as mãos no bolso para aquecê-las. A luz avermelhada do fim de tarde lhe dava uma sensação agradável. '*Céus vermelhos no crepúsculo... amanhã o dia vai ser bom*'. O sinal abriu e ela passou.

Ao chegar a um bloco de distância do restaurante, distraída em seus pensamentos, não notou o homem saindo de um carro prata, estacionado logo na esquina. Apenas caiu em si, quando ele tapou sua boca e nariz, arrastando-a para dentro do veículo.

Viu a mulher que não abandonava suas cinzas na direção do carro.

Ela chutou o banco do carro em movimento, mas a mão que cobria metade de seu rosto não desistiu do ataque. Ela começou a ficar sem ar e acreditou que ele iria sufoca-la até a morte. Fechou os olhos e pediu a Deus para viver. Foi seu último pensamento, antes de cair na inconsciência.

— Joshua, Lily está com você? — perguntou Charlotte.

O sangue dele gelou.

— Ela foi ao salão de tarde, disse que voltava logo e ainda não chegou. O expediente já começou e o restaurante está cheio. O celular dela não atende.

— Já ligou para sua casa? Talvez ela esteja lá.

— Já liguei e ninguém atende.

— E no salão?

— Me disseram, que ela saiu de lá faz mais de uma hora e comentou que vinha para cá.

— Oh tia, eles a pegaram!

— Meu Deus, Joshua! Eles quem? Você está me assustando.

— Armando e Adrianna.

— Eles não fariam isso, Josh. Não depois de tudo. Eles não arriscariam ser presos. Armando me disse, que ia se endireitar.

— Não... foram eles — disse agoniado. — Ele me avisou e eu não dei importância. Ligue para a polícia. E ore para que eu saiba o que fazer.

Cecilia estava de volta a cabana de Joshua.

Suas mãos e pés amarrados. E a boca tapada com uma fita adesiva prateada. Ouviu a voz de Armando. Ele falava com Adrianna e ela fechou os olhos para que eles não percebessem que seus sentidos haviam retornado.

— Não! Põe fogo nessa joça logo, e vamos dar o fora. Você nunca segue meus planos à risca, é por isso que deu tudo errado desde o início. Eu tive o maior trabalho para conseguir passaportes falsos e agora você coloca tudo a perder — ela andava de um lado para o outro agitada. — Não sei porque fui me juntar a um amador como você!

Armando pegou o braço de Adrianna com violência.

— Não me provoque! Estou cheio de sua arrogância.

Ao ouviu a palavra 'fogo', Cecília entrou em pânico e começou a tentar soltar os braços. Notou que estava largada próximo ao fogão à lenha e procurou algum objeto pontiagudo ao seu redor que pudesse auxiliá-la.

Adrianna percebeu seu movimento. Abruptamente, puxou o braço que Armando segurava e foi até ela.

— Acordou, foi?

Pegou uma garrafa de plástico branca e foi em sua direção. Abriu a tampa e começou a espalhar gasolina ao seu redor.

— Eu já disse que quero Joshua aqui! — gritou Armando descontrolado, agarrando-a pelo braço e

tomando a garrafa de sua mão. Depois, deu-lhe um safanão.

Cecilia ficou aterrorizada. Naquele momento perturbador, compreendeu o porquê da cinza fria que se apegava àquela mulher e que passou a fazer parte de sua essência. Era um ser que se opunha à renovação da vida. Para ela, toda a esperança estava perdida. Tomada pelo ressentimento e inveja, todas as fagulhas que lhe tentassem trazer o fogo que aquece a alma, morriam em sua descrença, em si mesma e em uma força superior e criadora. Assim, usava o fogo — elemento vivificador —, para trazer destruição.

Armando a avaliou com os olhos vidrados.

— A culpa é toda sua Cecilia. Se não tivesse vindo para o meio de minha família, isso não estaria acontecendo. Como teve a coragem de se envolver com meu primo? — cuspiu as palavras sobre ela, ao mesmo tempo em que pegava o celular do bolso e discava um número.

O ódio estava nos ígneos olhos de Adrianna.

— Oi primo! Estamos lhe fazendo uma visitinha. Poderia ter a educação de vir nos receber. Precisamos ter uma conversinha. E se trouxer a polícia, você não vai mais ver *Lily* — desligou o celular sem esperar resposta.

— Você é burro, Armando! — gritou Adrianna. — É claro, que ele vai trazer a polícia!

Ela correu até a porta para sair, mas ele a impediu. Ela tomou o rosto dele entre as mãos, olhou-o nos olhos enlouquecidos e tentou fazê-lo raciocinar.

— Se formos agora, nós escaparemos.

— Calma, Adrianna. Ele não vai arriscar a vida dela. E eu preciso... eu preciso fazê-lo entender que ele não venceu.

Adrianna afastou-se dele, aproximou-se da porta de madeira e esmurrou-a frustrada.

Joshua chegou a cabana e todas as luzes, que de costume ficavam acesas, estavam apagadas.

Desceu do carro e começou a subir os degraus da varanda. Orou a Deus pedindo que lhe desse sabedoria e livramento naquele instante. Abriu a porta e logo viu Armando de pé no centro da sala.

— Você chegou! Foi rápido — disse em voz baixa e rouca.

— Onde está Lily, Armando?

— Não conheço nenhuma Lily. Você conhece Adrianna?

Então apontou a poltrona de couro verde para ele.

— Sente-se — ordenou.

Joshua caminhou até lá e quando ia sentar-se viu Lily no chão, toda amarrada. Foi em sua direção, mas Armando bloqueou-lhe o caminho. Porém ele chegou perto o suficiente para sentir o cheiro forte de gasolina. Percebeu que estava lidando com pessoas completamente descontroladas.

— Armando, vamos esquecer tudo isso! Vocês podem ir embora. Eu tenho algum dinheiro...

— Não, Armando! Não o ouça! — retrucou Adrianna.

— Adrianna, você veio até a mim, um dia desses, para falar em amizade. Por que está fazendo isso?

— Eu me lembro do que falei, e também das suas palavras. Agora é tarde.

— Não, não é. Agora é o momento de provar que realmente sua amizade é verdadeira.

— Sente-se, primo — ordenou Armando, empurrando-o na poltrona. — Estava se sentindo vitorioso, não é mesmo? Achou que ia levar minha mulher fácil assim?

— Fique com ela, Armando. Se você a quer, então fique com ela! Mas não tome nenhuma decisão que o faça se arrepender depois. Você já a amou. Leve-a de volta para Atlanta com você, se é isso que quer.

— Ora, pare com essa cena lamentável, Joshua. Não seja absurdo. Cecilia não o quer, ela quer ficar com você! — Adrianna vociferou.

Aquelas palavras foram o estopim, no ar carregado de violência, sobre o temperamento volátil de Armando. A zombaria na voz dela atingiu sua vaidade doentia com força esmagadora.

Ele voltou-se para Adrianna, agarrou-a pelo pescoço e começou a agitá-la.

— Mas ela já me quis. E muito! — gritou.

Joshua correu até Lily e tirou-a de perto da gasolina.

— Pare Josh! — Armando gritou. — Solte minha mulher agora está ouvindo? — falava como se estivesse disputando um brinquedo. Soltou a garganta de Adrianna, que colocou as mãos sobre o pescoço dolorido e afastou-se dele.

Joshua não parou, mas então ouviu um clique metálico. Havia uma arma apontada para ele. De novo.

— Eu disse para afastar-se de minha mulher.

Cecilia foi colocada sobre a poltrona. Josh levantou os braços e tentou racionalizar com ele.

— Permita ao menos, que eu solte os pés de *sua* mulher, Armando. Não deve mantê-la presa, se realmente a ama.

Ele olhou para Cecília e depois para Joshua, então disse:

— Eu não a amo! Mas me pertence e não permito que ela fique com você.

Então, mirou e atirou em Cecilia.

Como se segundos se transformassem em minutos, Joshua viu e ouviu tudo em uma sequência lenta e mortal. O dedo puxando o gatilho, o estampido, a chama alaranjada, fumaça e a bala indo em direção a cabeça de Lily.

Ao sentir o impacto da bolha morna passar por ele, jogou-se diante dela, gritou e caiu.

Ao ver o sangue de Joshua, Cecilia caiu de joelhos a seu lado com o grito preso na garganta pela fita adesiva. Armando ficou olhando indeciso, sem saber se atirava novamente para acertar Cecília. Mas a luz alaranjada e inconstante que invadiu a cabana o fez desistir. Labaredas de fogo dançavam na varanda. Ele correu até a porta para sair e a encontrou trancada. Tentou arrombá-la, mas não conseguiu. Viu através da janela que o fogo não o permitiria passar por ali. Frenético, procurou sua saída pela porta dos fundos, apenas para descobrir que toda a cabana havia sido rodeada com combustível e o fogo se alastrara com rapidez. Estavam encurralados.

O ruído do motor de um carro afastando-se da cabana o fez soltar um palavrão. Sua comparsa o estava abandonando na cena do crime. Então, ele desapareceu escada acima.

Cecilia procurou onde a bala o havia atingido. Inclinou-se sobre seu tórax e viu que movia-se. Buscou ao seu redor algo com que pudesse soltar-se, quando o viu abrir os olhos. Ele sentou-se e levou a mão ao ombro, de onde vinha o sangramento, mas ao perceber o fogo, esqueceu a dor que o estocava. Removeu a fita adesiva da boca dela, foi até a cozinha e trouxe uma faca para desamarrá-la.

— Você está muito ferido?

— Não muito — disse, mas a expressão de seu rosto desmentia suas palavras.

— O fogo já cercou tudo — disse ela. — Ele saiu pelo primeiro andar.

A fumaça escura começou a invadir a cabana e o fogo estilhaçou o vidro das janelas.

— Molhe um pedaço de tecido na cozinha e coloque-o sobre o nariz. Volto já.

Ele correu escada acima e percebeu que Armando havia pulado da varanda do quarto. Percebeu o perigo em imitar a façanha dele. Molhou uma toalha no banheiro. Pegou um cobertor grande e desceu.

— Temos que passar pelo fogo ou vamos morrer sufocados aqui.

Os olhos dele lacrimejavam.

Quando Joshua preparava-se para abrir a porta, ela foi empurrada com violência por fora.

Um homem coberto entrou na cabana, mas Joshua não o reconheceu. Ele pegou Lily, cobriu-a e fez um gesto para ser seguido. Abaixaram a cabeça e atravessaram as chamas. Por estar ferido, Josh tropeçou e rolou pelas escadas, aterrissando na terra fria e úmida. Sentiu mãos jogarem algo pesado sobre ele. Um cobertor.

— Lily! — chamou, mas não ouviu resposta.

— Lily! — gritou.

— Calma, Joshua ela está bem — virou o rosto e viu dois policiais, um deles Cartwright. Charlotte estava ao lado de Lily. Ouviu sons de sirene. Então, ele fechou os olhos.

— Josh, me parece que você vai precisar de fisioterapia para recuperar o movimento deste braço, afinal já é seu segundo ferimento nele em um curto espaço de tempo. Perdeu bastante sangue e aspirou fumaça. Terá de ficar em observação — disse Dr. Brown. — Mas estará novo em folha para o dia de seu casamento.

— Que tal? — perguntou para Lily. — É uma boa notícia, não?

— A melhor que já tive nesses últimos tempos — ela beijou-o de leve nos lábios.

Cecilia tinha o semblante cansado. Sentou-se à beira do leito hospitalar, onde Joshua estava deitado e perguntou ao Dr. Brown.

— Quando posso levar meu noivo para casa, Doutor.

— Vou avaliá-lo novamente amanhã e então vamos decidir, está bem?

— Está bem.

Dr. Brown deixou-os a sós.

— Me preocupei bastante com você — ela acariciou o rosto dele. — Graças a Deus, este pesadelo teve um fim.

Ele a abraçou com o braço bom, e suspirou.

— Finalmente. Parece que agora, estamos prontos para começar.

—Sem interferências — Lily sussurrou e beijou-o novamente.

Adrianna foi interceptada quando se aproximava de Atlanta e presa por tentativa de assassinato. Ao saltar da varanda, Armando não conseguiu o alcance que planejava, ultrapassou as chamas e caiu sobre uma ravina, que estava fora de seus cálculos. Fraturou o fêmur direito, e nem mesmo o medo das chamas, que espalhavam-se pelas folhas e galhos de árvores do desnível o fez superar a dor e levantar.

As queimaduras em seus braços e face foram superficiais, mas a fumaça que inalou teve um efeito tóxico grave. Permaneceu um longo tempo hospitalizado, antes de ser transferido para a prisão.

Após atender a ligação de Armando e dirigir-se a cabana naquela noite, Josh deixou Charlotte de sobreaviso, que avisou a polícia na mesma hora.

Ao se aproximarem da cabana e verem o fogo, os bombeiros foram acionados, mas os policiais decidiram iniciar o resgate, pois temeram não encontrá-los com vida se esperassem.

Pouco restou da cabana, para consternação de Joshua. Ela havia sido planejada e construída por seu pai. Suas impressões digitais estavam em todos os lugares. Ele andou sobre as cinzas e escombros de madeira enegrecidas cheio de tristeza.

O cheiro de queimado ainda enchia suas narinas. Lily o observava de longe, preocupada. Tinha medo que se ele tivesse que se curvar mais uma vez, não aguentasse, e acabasse por quebrar. Ela o viu desaparecer entre o que havia restado da cabana, e começou a segui-lo, por medo que tudo acabasse por desmoronar sobre ele, mas desistiu no meio do caminho. Ele sabia melhor e precisava daquele momento apenas para ele.

Alguns minutos depois, ele saiu. Parou diante dos degraus de pedra da varanda, que continuavam lá, intocáveis, apenas cobertos por fuligem. Instintivamente, olhou para cima. A lua não estava mais lá. Esperou que ele completasse a *tarefa* que lhe havia sido determinada para, então, seguir seu ciclo. Ele faria o mesmo. Seguiria em frente.

Sua *longa* noite havia acabado.

Ele se aproximou de Lily, trazendo consigo a Bíblia de seu pai. Algumas páginas estavam chamuscadas, talvez não fosse possível lê-la, mas ele poderia mantê-la como um pequeno tesouro. Joshua estava emocionado, e ela o abraçou. Ficaram assim por algum tempo, depois, afastaram-se e entraram na caminhonete. Lily do lado do condutor, pois ele se recuperava.

— Eu vou reconstruí-la, a partir dos degraus — ele disse, com a expressão um pouco melhor. — Mas, vamos morar em Terra Nova. Perto de tia Charlotte.

Ela ficou mais aliviada ao perceber que o ânimo dele estava melhor.

—É uma boa ideia, amor.

O tempo torna-se o inimigo, quando se é incapaz de reconhecer as estações da vida. Que há um momento para tudo. Para plantar e para colher. Tempo de se arrancar o que foi plantado. Para chorar e para sorrir. Tempo de luz, e de escuridão.

E em todos os tempos a Providência trabalha. Sua profundidade e altura muitas vezes a meter medo, de tão inescrutáveis. Mas seus olhos, em todos os lugares, dá a certeza que o caminho pode, muitas vezes, ser embaraçoso, mas se há confiança no Deus Eterno, é seguro que a missão sera cumprida.

Deus nunca desiste de Seus planos.

Lily caminhava com seu vestido de renda perolado através da adega ornamentada. Recendia a canela, não mais uma lembrança do passado, mas sua união para o amor. Pendurado no teto, um candelabro de roda rústico iluminava o ambiente.

Os doze pontos de luz dispostos no círculo de madeira, davam um ar de mistério ao ambiente. Joshua a esperava com um sorriso nos lábios.

A neve caía suavemente sobre Terra Nova. Os caminhos tornavam-se brancos novamente.

Lily não conseguia alcançar todas as coisas que haviam se passado com ela, nem tudo lhe era compreensível. Sabia, porém, que precisava superar sua triste experiência, e os sentimentos que os terríveis encontros que tivera, haviam provocado. E, embora não fosse fácil, era necessário perdoar e desentrelaçar-se deles, para que o tempo os tornasse em uma névoa indistinta em seu passado, incapaz de afetar sua vida dali por diante.

Eles haviam planejado o mal contra ela, *mas Deus* a lançou em Ajalon — o lugar da corça —, caminho que leva a Terra Nova.

EPÍLOGO

AQUELE *QUASE* ENCONTRO...

J*oshua sentia-se massacrado.*

O enterro de seu pai havia drenado sua energia. Seu voo sairia de Atlanta para Miami aquela noite, mas ele decidiu deixar Terra Nova mais cedo. Não queria ficar mais nenhum minuto ali. Cada canto da cidade lembrava seus pais e o tempo que passara ao lado deles. Sua mãe falecera dois anos antes e agora, eram só ele e tia Charlotte.

Ao chegar em Atlanta, começou a dar voltas e entrar em ruas desconhecidas. Sentiu fome. Então, decidiu parar e comer alguma coisa. Estacionou o carro na Luckie Street, e não muito distante dali avistou a roda-gigante por trás da fachada vermelha do Tabernáculo, que quando iluminada sinalizava o grande ciclo da vida. O homem tinha seu tempo, mas Deus, também tinha sua vez.

Foi preciso apenas alguns passos para avistar um restaurante bem na esquina. Era pequeno e aconchegante, ao estilo do Bistrô de sua tia.

Relanceou os olhos na identificação sobre a porta: *Cecilia's*.

Começou a ler o menu que estava sobre um suporte de madeira, logo na entrada do restaurante. Parecia atraente. Decidiu pedir a recomendação do *chef*: Salmão à Magdalene.

Foi então, que seu celular tocou.

— Oi, querido.

— Oi, Deborah.

— Estou em Atlanta.

— Em Atlanta? O que faz aqui? Eu já estou com o voo marcado para Miami.

— Não aguentei esperar, e vim te encontrar.

— Quando chegou? Onde você está? — as perguntas fluíram sem esperar por respostas.

— Em um *Café* — deu-lhe o endereço. — Não tem como você errar. É um lugarzinho bem charmoso

com uma fonte bem na frente.

— Estou indo.

Uma moça de cabelos escuros se aproximava da porta para atendê-lo. Ele não quis dizer que havia desistido de entrar, então, esquivou-se rapidamente e saiu em direção ao carro.

Ao chegar ao *Café*, encontrou Deborah. Ela havia escolhido uma mesa que ficava bem em frente à fonte. Não estava só.

— Olha só quem eu encontrei.

— Armando? Quanto tempo não te vejo. Mudou-se para cá?

— É. A Flórida não me atraia mais — disse blasé.

Para Joshua, ouvir alguém dizer aquilo da Flórida era estranho, especialmente se vindo de alguém como Armando, que sempre amara o conjunto de elementos que representava aquele estado: sol, dinheiro, consumo e gente bonita e despreocupada.

Ele explicou, que estava abrindo um escritório de contabilidade e estava prospectando alguns clientes.

— Amanhã, vou me encontrar com a proprietária de um restaurante — ele riu. — Vai ser minha primeira grande cliente em Atlanta.

Deborah sorriu e o desejou boa sorte.

Antes de irem embora ela chamou atenção para a fonte. Queria que fizessem um pedido. Aquilo não pareceu bem para Joshua. Sua namorada parecia ainda não ter percebido que ele acabara de perder o pai e não estava num clima tão descontraído como o dela. *Aquilo era bastante inapropriado*, pensou exasperado.

— Vamos. Só uma moeda — insistiu, achando que estava agradando.

Ele achou uma no bolso e estendeu-a a ela, ansioso por partir.

— Não! — disse ela. — Joga você! E faz um pedido.

Se Armando não estivesse ali, ele, com certeza, explicaria a ela o quanto estava sendo inconveniente. Ele jogou o *penny* sem nenhuma vontade, nenhum desejo. A única coisa que queria, era que o Deus de seus pais mostrasse a ele o que fazer de sua vida dali por diante, e jogar uma moeda dentro d'água dificilmente lhe daria alguma inspiração.

Ela riu como uma criança.

— O que você desejou? — perguntou curiosa.

Nada, pensou ele. Então, olhando-a azedo argumentou:

— Se eu te disser, não vai se realizar, não é?

-
- [1] Victor Hugo
- [2] Na nomenclatura gastronômica francesa, *Sous Chef* é o *Chef* Assistente, braço direito do *Chef* Executivo
- [3] *Chef* responsável por carnes e molhos.
- [4] Série de televisão americana conhecida no Brasil como Além da Imaginação.